



RACHEL
VAN DYKEN

Disco

SUMA
de letters

RACHEL
VAN DYKEN

o Risco

Tradução
Flora Pinheiro



Copyright © 2014 by Rachel Van Dyken

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Dare

Capa

Marcela Perroni

Imagem de capa

Felix Wirth/Latinstock

Copidesque

Carolina Vaz

Revisão

Emanuela Gonçalves

Sheila Louzada

Carolina Rodrigues

CIP- Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D995r

Dyken, Rachel Van

O risco [recurso eletrônico] / Rachel van Dyken; tradução Flora Pinheiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2015.

recurso digital (A aposta)

Tradução de: *The Dare*

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

239p. ISBN 978-85-8105-307-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. I. Pinheiro, Flora. II. Título. III. Série.

15-24632 CDD: 813

CDU : 821.111(73)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Nota da autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Epílogo](#)

Para vovó Nadine, que, convenientemente, se esquece de se autocensurar desde que fez oitenta anos. ;) **Nota da autora**

Acho que nem preciso dizer: esta série não existiria sem minha verdadeira avó, vovó Nadine.

Ela é maravilhosa. Quero ser igualzinha a ela quando crescer, sério. Nunca conheci outra mulher de oitenta e sete anos que fique tão bem de batom vermelho e salto alto. Juro que ela tem mais energia do que eu. Na última vez que fomos juntas a uma sessão de autógrafos em outra cidade, desabei em um banco e ela ficou tentando me arrastar para os pontos turísticos. É claro que me agarrei ao banco com ambas as mãos e tentei resistir, mas não tem como discutir com vovó. Ela tem poderes secretos que tornam impossível vencer uma discussão, então acabei fazendo o que ela queria e fiquei cheia de bolhas nos pés no dia seguinte.

Até hoje reservo um lugar especial no bloco de notas do celular para as pérolas de vovó e fico feliz em dizer que, toda vez que fala algo inapropriado, ela faz uma pausa e diz: "Você não vai colocar isso no livro, vai?". *lol* É muito bom saber que vocês a amam tanto quanto eu.

Este vai ser o último livro da série A Aposto... ou será que não? Estou deixando tudo bem amarradinho, mas não tenho muita certeza de que vovó está disposta a parar, então acho que ela vai

acabar me arrastando para uma nova aventura que renderá mais três livros.

Muito obrigada pelo apoio à série! Como sempre, é possível seguir minhas aventuras no Facebook (Rachel Van Dyken), no Wattpad (Rachel Van Dyken), no Twitter (@RachVD), ou se juntar ao grupo Rachel's New Rockin Readers para ter acesso a trechos inéditos e participar das discussões.

E, se você amou o livro, por favor, faça uma resenha. Se não gostou, faça também. Resenhas me ajudam, mesmo que nem sempre sejam só elogios. :)

Amo todos vocês!

Abraços,

RVD

Prólogo

Formatura do ensino médio, 2000

Alisei o vestido branco e sedoso que minha mãe havia comprado para mim. Char me olhou com ceticismo enquanto analisava o vestido e, depois, meu rosto.

— Tem certeza de que ele convidou você?

— Char! — Revirei os olhos. — Pela segunda vez, sim, ele me convidou semana passada, na aula de biologia.

Como se eu fosse esquecer um dos pontos altos da minha vida no ensino médio. O cara por quem eu era apaixonada tinha falado comigo, e não foi sobre algo idiota, como pedir para eu fazer seu dever de casa ou passar um bilhete para a gostosona da sala. Foi porque ele reparou em mim.

Eu sabia que as roupas novas estavam funcionando. Era a única explicação. Eu tinha trocado a calça jeans velha por uma nova, de marca, e comprado algumas camisetas da Abercrombie.

— Mas você tem certeza? — A voz de Char estava aguda, o que significava que ela estava estressada.

— Por que você não para de me perguntar isso?

Char enrolava no dedo uma mecha do cabelo escuro e ondulado.

— É só que eu juro ter escutado que ele ia com a Jessica.

— Bem... — Passei um pouco de perfume e suspirei. — Você escutou errado. Então, como estou?

Char sorriu.

— Linda. Parece uma princesa de contos de fada.

Tonta de alegria, uni as mãos enluvadas. O tema do baile de formatura era preto e branco. Eu estava usando um vestido tomara que caia branco, com corpete brilhoso à la Cinderela, e luvas pretas.

Não conseguia conter a empolgação. Eu iria ao baile de formatura com Brett Xander, que era simplesmente o cara mais gato da escola. E ele tinha me convidado! Quer dizer, eu não era uma completa nerd, mas também não estava no topo da pirâmide social da escola. Tinha sido escolhida como oradora e era presidente dos Futuros Líderes de Negócios dos Estados Unidos. Mas ele havia reparado em mim, tinha me convidado, e, no dia anterior, quando me ligou para confirmar tudo, eu quase morri.

A campainha soou.

Desci as escadas correndo, quase tropeçando no último degrau, respirei fundo e abri a porta.

— Beth. — O sorriso de Brett era estonteante, fazia meus joelhos fraquejarem. — Você está linda.

Umedecendo os lábios, soltei algo bem parecido com um suspiro sonhador e ofereci o braço.

Tinha dito aos meus pais que se eles tentassem tirar uma foto que fosse eu jamais me casaria nem lhes daria netos. Então os dois, relutantemente, ficaram no escritório, permitindo-me aproveitar aquele momento sozinha.

— Então, está pronta? — Brett me deu o braço e começou a me guiar para a limusine à espera.

Uma limusine.

Suspirei outra vez.

Incapaz de formar uma frase coerente, assenti enquanto ele abria a porta. O banco macio de couro era muito convidativo. Talvez eu fosse receber meu primeiro beijo? Ou um gole de vinho?

Ou...

— Oi, Beth! — cumprimentou-me um coro de vozes.

Hã? Entrei na limusine e quase engasguei com a própria língua. Quatro garotas estavam sentadas comportadamente lá dentro, tomando refrigerante. Todas eram da minha turma de biologia. Nenhuma era popular. Acho que eram ainda menos populares do que eu.

Confusa, olhei para Brett, procurando uma resposta, mas a porta foi fechada na minha cara.

— Ele não vai com a gente? — perguntei, começando a entrar em pânico.

— Você está de brincadeira, não é? — Uma das garotas riu. — Brett Xander? Aqui dentro com a gente? Respirando o mesmo ar? Hã, não. Essa é a boa ação dele do ano. Ele estava precisando de nota em biologia, e parece que a srta. Sims tem um fraco por todas nós e por todo o nosso empenho na aula. Ela ofereceu pontos extras para ele caso fizesse algo legal pelo departamento, e, conhecendo Brett Xander, dá para imaginar o que foi que ele decidiu fazer.

— A gente? Então ele vai o quê? Levar todas nós para o baile?

— Não — respondeu a mesma garota, bebendo o refrigerante. — Ele nos busca em casa com uma limusine, vai com a namorada em outra e nos acompanha até a festa. Mas pelo menos nós todas vamos poder dançar uma música com ele. Afinal, todo mundo sabe que ele vai ser o rei do baile.

— Sei.

Umedeci os lábios e me perguntei se deveria ou não me jogar da limusine, mas, assim que decidi abrir a porta, o carro começou a andar.

De repente meu vestido parecia apertado demais e eu me sentia uma idiota. Afinal de contas, quem iria querer ficar com uma supernerd controladora com uma predileção por gatos? Não Brett Xander. Eu devia estar louca em pensar, por um segundo que fosse, que ele prestaria atenção em mim.

— Ei, quer um refri? — Uma das garotas jogou uma lata de Pepsi para mim. Eu a peguei, mas a larguei no banco.

— Não, obrigada.

Deixei de lado o longo discurso sobre o fato de refrigerante causar câncer e, em vez disso, prestei atenção nas minhas luvas pretas. As luvas pelas quais minha mãe tinha pagado trinta dólares, animadíssima por eu ter um encontro.

Eu não podia voltar. Não podia ir para casa e contar a verdade.

Um dia, algum cara mais gato que Brett iria reparar em mim. Eu ia garantir que isso acontecesse. Não ia virar a louca dos gatos nem a garota que passa a faculdade inteira sem dar uns amassos.

Só precisava encontrar o cara certo.

Um que não partisse meu coração em um milhão de pedaços.

Ou que não fosse tão bonito.

Melhor dizendo: um que não fosse mais bonito do que eu.

E alguém em quem eu pudesse confiar.

Então, basicamente, eu não podia sair com nenhum advogado, médico, modelo, celebridade ou bombeiro. E, acima de tudo, nunca poderia me casar com um político.

Quer dizer, ninguém fica tão desesperada assim.

Capítulo 1

— A senhora está sendo acusada de sequestrar um senador dos Estados Unidos. Como se declara?

Vovó Nadine deu um sorrisinho. Amadores. Ela piscou para o agente do FBI e respondeu, atrevida:

— Ora, culpada, é claro.

Beth

Minhas pernas doíam pra caramba, minha cara estava enfiada em um travesseiro macio que cheirava bastante a político rico, e eu me lembrava nitidamente de ter comido pelo menos três biscoitos. Ou será que tinham sido quatro?

Soltando um grunhido, tentei me mexer, mas todo o meu corpo, e também meu cérebro, diziam que seria uma péssima e dolorosa ideia. Tentei me mexer mesmo assim.

E gritei.

Não deu para evitar.

— O quê...? — Uma voz grave ecoou de algum lugar debaixo de mim.

Fechei os olhos.

— Não adianta fechar os olhos, já sei que você está acordada.

— Isso é um sonho — murmurei, minha voz soando rouca e estranha. — Sou um produto da sua imaginação. Juro. Em dois segundos, você vai sentir...

— Vergonha — completou a voz. — Não era isso que você ia dizer? Uma vergonha gigantesca e avassaladora?

Abri os olhos.

— O quê? — E percebi que deveria tê-los deixado fechados.

Sério. São as pequenas coisas da vida que acabam com a gente. Feche a boca. Feche os olhos.

Finja que não viu nada. Merda. Algumas coisas a gente não esquece.

E aquele rosto?

Aquela boca?

Os olhos azuis e brilhantes?

O cabelo loiro cortado na altura do queixo?

Aquilo tudo ficaria guardado para todo o sempre na minha memória, até o dia em que eu morreria sozinha, com meus gatos.

— Eu estava brincando. — O sr. Sexy deu uma risadinha. — Só disse isso para deixar você mais à vontade.

Sim, porque estar deitada em um completo desconhecido usando nada além de um sorriso praticamente dizia: *Ei, eu adoraria ouvir umas piadas. Mal posso esperar!* Agarrei os lençóis mais do que depressa e me afastei dele, dando uma joelhada acidental no pobre coitado.

Depois de alguns palavrões, o corpo musculoso dele se afastou para o lado oposto da cama.

— Você sabe que não pode contar isso para ninguém, não sabe? — disse ele.

Como se eu estivesse realmente tentada a procurar a imprensa para falar sobre meu estado de nudez atual.

— Isso o quê? — Tentei usar uma voz bem aguda e irritante, como a das garotas burras na TV.

Basicamente, estava me fazendo de idiota.

— É sério?

Ele se virou, e uma covinha apareceu no lado direito de seu rosto quando ele me olhou, divertido.

Dei uma risadinha.

Bom, eu não falei que era boa em me fazer de idiota. Sou química, pelo amor de Deus! O mais perto que já cheguei de me fazer de idiota foi permitir que um cara apertasse os botões do elevador para

mim porque ele achava que conseguiria sexo por ser tão cavalheiro. Acredito que o episódio tenha incluído brincar com o cabelo e piscar para ele.

Pois é, era assim que eu flertava.

— Bem... — Dei de ombros. — Acho que eu devia... hã... ir embora.

Por que eu não conseguia me lembrar de nada da noite anterior? Nunca tinha feito isso. Eu realmente NÃO era esse tipo de garota. Rapidamente, peguei meu sutiã do chão, meu vestido de madrinha da cadeira — merda, meus sapatos estavam no banheiro, e parecia que alguém tinha vomitado neles. Ótimo, será que o vômito era meu? Será que eu tinha ficado bêbada?

— Você costuma fazer isso?

Aquele homem sexy, que era um colírio para os olhos, segurou meus braços. Foi aí que aconteceu. Não, não o que você está pensando. Quem me dera fosse assim tão fácil “ele me agarra em seus braços, eu me derreto toda, fico perdidamente apaixonada e me caso com o clone do Chris Hemsworth no dia seguinte, em Las Vegas”.

Nada disso. Essas coisas não acontecem comigo.

Mais uma vez:

Não sou esse tipo de garota.

Não passo a noite com caras.

Correção. Nunca passei a noite com um cara. Nunquinha. Nunca mesmo. Nunca, jamais. Será que ficou claro o bastante? Por São Batman e São Robin, será que eu estava começando a suar? Será que eu estava me deixando ainda menos atraente diante daquele deus do sexo? E por que ele estava invadindo meu espaço pessoal?

Fechei os olhos para invocar as lembranças da noite anterior.

O vestido de madrinha, padrinhos gatos, vovó me oferecendo uma bebida. Bolo, dança, vovó me oferecendo mais uma bebida, depois Jace e eu dançando, rindo, entrando em um carro e... Ah, merda.

Biscoitos.

Maldito político Jace!

Ele tinha crescido desde a última vez que eu o vira. Correção: tinha crescido e virado o tipo de homem tão lindo que dá vontade de chorar. Nunca contei a ninguém sobre aquela noite — a noite em que ele praticamente salvou minha alma de ser destruída pelo *quarterback* do time da escola. Era assim que eu demonstrava minha gratidão? Só o havia encontrado uma vez na vida! Uma vez! De todos os políticos safados que poderiam me levar para a cama, por que tinha que ser Jace?

O mesmo Jace que, segundo vovó Nadine, precisava ser consolado depois que minha irmã, Char, partiu seu coração em vários caquinhos.

Bem, eu o consolara direitinho. Tinha certeza de que não era a intenção da vovó que eu seduzisse o padrinho e depois fosse embora correndo.

Dormir com um político praticamente fazia de mim uma meretriz.

Ótimo, eu tinha perdido a virgindade com um homem que, algum dia, seria presidente. Monica Lewinsky e eu deveríamos ser amigas no Facebook. Mas, pensando bem, duvido que Monica fosse virgem quando ela e Bill...

— Ouviu o que eu disse?

— Ouvi. — Assenti. — Claro que ouvi. — Tinha certeza de que eu iria para o inferno por mentir assim.

— Ótimo, então vamos arrumar tudo.

Arrumar tudo? O quê? Parecia até que estávamos fazendo alguma atividade ilegal naquele quarto de hotel. O que tinha acontecido com o Jace que conheci na escola? Aquele que resgatava donzelas em seu cavalo branco?

— Acho que é o melhor a fazer. — Jace soltou um palavrão e pegou o celular. — Só não saia do quarto. Pelo amor de Deus, não saia. Tenho que chamar os seguranças. Mas primeiro preciso de um banho. Coma um biscoito. Sei que você gosta.

— O quê?

Eu me virei para encará-lo. Por inteiro. Outro momento da minha vida em que eu deveria ter ficado de olhos fechados, em vez de ficar babando.

A única coisa cobrindo sua nudez era uma cueca preta. Tudo mais naquele corpo estava à vista para ser admirado. Olhei bastante. Ei, não me julgue. Além disso, quando é que eu teria outra chance de ver a perfeição tão de perto? Nunca tinha visto um cara com um abdome tão definido, nem com braços que pareciam mais largos do que minha cabeça. Parecia que o sr. Senador tinha uma pequena obsessão com a boa forma; não que eu estivesse reclamando.

Duvidava muito que qualquer um reclamaria daquele tanquinho maravilhoso diante de mim, em toda a sua glória digna de um modelo.

— Beth? — Jace deu um sorrisinho. — Está acordada ou é sonâmbula?

Virei a cabeça de repente para encarar aqueles olhos entretidos.

— Estou acordada. Desculpe, qual era a pergunta?

— Quer um biscoito? — Jace deu outro sorrisinho. — Você ficou chorando agarrada a uma caixa deles, ontem à noite.

Era oficial: eu precisava reescrever a noite passada. Eu tinha perdido a virgindade com um político safado e chorado agarrada a uma caixa de biscoitos? Onde estava a justiça, meu Deus?

Aquilo não era justo! Não era...

— Acho que sobraram alguns, estão ali no canto. — Ele apontou para o frigobar.

Sentindo-me subitamente faminta, fui até lá, ainda seminua, e peguei a pequena caixa. Ótimo, eu havia consumido metade do meu peso em algo que muito provavelmente me causaria câncer em uns cinco ou sete anos. Maravilha. Joguei a caixa no chão.

— Não estou com tanta fome.

— Mas deveria estar, depois de todo aquele exercício.

— Como assim? — Eu me virei tão depressa que tive que me apoiar no frigobar para recuperar o equilíbrio.

Jace pegou uma blusa e a jogou por cima do peito musculoso e bronzeado.

— Calma, Beth, não foi isso o que eu quis dizer. — Os olhos deles brilhavam, divertidos.

Ha-ha, muito engraçado. Mantive a testa franzida e até apoiei as mãos na cintura, só para mostrar que não tinha gostado do comentário.

Com uma piscadela, Jace agarrou a caixa meio vazia, pegou um biscoito e o balançou em frente ao meu rosto.

— Você estava com fome. Eu ofereci um biscoito. Você disse que não queria.

— E daí? — Dei de ombros.

— E daí que a razão para você recusar era porque não tinha feito nenhum exercício, então eu me ofereci para...

Ergui uma das mãos.

— Acho que sei como essa história termina.

— Beleza.

Jace comeu o biscoito que havia balançado diante de mim, depois outro, o que me deixou com água na boca. Aquele maldito fã de Clinton!

— Mas você me dispensou. Disse que agachamentos funcionavam tão bem quanto... Bem, você sabe. — Ele pigarreou. — Então você começou a... — Ele balançou o biscoito no ar e deu um sorrisinho.

— Por favor... — Mordi o lábio inferior e fechei os olhos. — Por favor, não diga que me exercitei nua só para comer um biscoito.

— Está bem. — Ele comeu outro biscoito e foi para o banheiro.

Suspirei aliviada quando ouvi o chuveiro sendo ligado.

Estava prestes a deitar em posição fetal quando ele gritou:

— Você comeu cinco biscoitos e, de acordo com seus cálculos extraordinários, concluiu que trinta agachamentos por biscoito compensavam todas as calorias consumidas, embora não parasse de falar alguma maluquice sobre como exercícios não impediam o câncer. Então começou a falar um monte de besteira e finalmente apagou depois de gritar "Morram, células mutantes, morram!" — Ele

fez uma longa pausa para rir. — Ah, e deu um soco no ar. Acho que estava tentando ser dramática.

Depois disso, silêncio total.

Eu queria morrer.

— *That's what you get for waking up in Vegas* — cantou uma voz vinda do chuveiro.

Ótimo, agora ele estava me sacaneando com uma música da Katy Perry.

As coisas não podiam ficar piores.

Capítulo 2

— *Culpada?* — *O agente do FBI soltou um longo suspiro e pegou a xícara de café. — A senhora entende que pode ser presa?*

Vovó deu de ombros.

— *Não seria a primeira vez que vou para o xilindró pelo bem maior.*

— *Pelo bem maior?* — *perguntou o homem, olhando-a com desconfiança.*

— *Ora, mas é claro. Passei alguns meses na prisão russa depois da Guerra Fria. Era espiã, e fui acusada de envenenar um oficial do governo. Mas nunca conseguiram provar. Passei um negocinho para a boca do cara durante um beijo ardente. — Ela pegou a bolsa de estampa de leopardo. — O*

senhor aceita uma pastilha de menta?

Jace

— Ótimo, vão escrever *papa-anjo* no meu túmulo — gritou Beth, interrompendo minha interpretação de Katy Perry ao entrar no banheiro.

Eu estava tentando descontraír um pouco o clima, até que ela começou a ter um ataque de pânico no meio do cômodo. Fiquei me perguntando quanto tempo Beth levaria para perceber que eu estava tomando banho, pelado, enquanto ela se balançava para a frente e para trás no meio do banheiro como se estivesse prestes a sofrer um colapso nervoso.

— Não acredito que tenho trinta anos e ainda não consigo tomar boas decisões!

Alguma coisa, acho que um sapato, foi arremessado na parede. Mais palavrões. Nossa, como ela ficava gostosa xingando.

— Por que eu não posso simplesmente ficar bêbada e mandar mensagens? Peraí. As pessoas ainda fazem isso? Filho da...

Mais sons de batida. Então, silêncio.

Para ser sincero, o silêncio me deixou mais nervoso do que o ataque. Com a gritaria eu podia lidar. Sou um político, afinal de contas. Lido com pessoas que berram e reclamam todos os dias da vida. Mas o silêncio? Era minha kryptonita. O Super-Homem ia trombar na Lua se Beth não conseguisse se recompor.

Os olhos dela eram mais verdes do que eu lembrava. Não que minha memória fosse lá essas coisas, e já haviam se passado dez anos desde a última vez que nos víamos. Dez anos, e eu ainda não conseguia tirar aqueles malditos olhos da cabeça. Por instinto, levei a mão à nuca e toquei a cicatriz.

Ela podia muito bem ser uma placa vermelha de *Perigo*. Da última vez que encontrara Beth, eu tinha ido parar no hospital.

Então tivemos um caso de uma noite. Grande coisa. Isso acontecia o tempo todo.

Quer dizer, não comigo. Mas era *comum*. Tinha que ser, não é? De que outra forma Hollywood produziria tanto filme sobre casos de uma noite em Las Vegas e todos os Ashton Kutchers se apaixonando pelas Cameron Diazes?

Fechei os olhos para evitar as lembranças. Merda. Aquele vestido idiota foi minha perdição.

Tinha me lembrado do baile de formatura. Tinha me lembrado de seu perfume doce, e, depois de uns drinques, era tarde demais.

— Vou morrer. E aí vou arder no inferno — choramingou Beth.

Bem, pelo menos ela voltara a falar.

Pigarreei e deixei de lado os arrependimentos passados, enterrando-os bem fundo no meu cérebro, onde ficavam as caixas cobertas de teias de aranha.

— Peraí. Por que você vai morrer?

O chuveiro deve ter abafado a pergunta, porque a maluca continuou falando.

— Melhor dizendo: primeiro eles vão gravar no meu túmulo *Amava muito seus gatos, aquela papa-anjo piranha*.

Desliguei o chuveiro, peguei uma toalha, enrolei-a na cintura e saí.

— Ainda não entendi.

Eu me encolhi quando ela quase escorregou em uma poça que tinha se formado por causa dos meus pés molhados. Ops.

— Só... — Beth respirou fundo algumas vezes, massageando as têmporas. — Só me ajude a ligar o chuveiro, depois pode ir.

— Não gosta de tomar banho? Não sabe abrir um chuveiro? A água quente é ali. — Apontei para a torneira da direita. — A fria é essa aqui. — Apontei para a da esquerda. — Quer mais moleza? Vai ter que comer mamão com açúcar.

O estômago de Beth roncou. Ela ficou vermelha.

— Ah, então a senhorita não gosta apenas de biscoitos, mas também de qualquer doce?

— O chuveiro é chique demais — resmungou Beth, mudando de assunto. — Só me ajude, e aí esse pesadelo vai acabar de vez e eu vou poder ir para casa e beber vinho até morrer.

— Morte por coma alcoólico. Muito elegante. Você daria uma ótima política.

Beth estreitou os olhos.

— Só me ajude com o chuveiro, não preciso de conselhos sobre a minha carreira. Estou muito feliz curando o câncer, obrigada.

— E como está se saindo?

Eu me apoiei no batente da porta, me divertindo com a conversa um pouco mais do que deveria.

— C-com o q-quê?

Os olhos dela iam do meu peito nu à minha boca.

— Com a cura do câncer.

— Eu, hã...

— Uau, dá para ver que a humanidade está em boas mãos. É incapaz de ligar o chuveiro em um hotel chique e responde a todas as minhas perguntas com “hã”.

— Deixa pra lá. — Ela suspirou, irritada. — Sai da frente. Eu dou meu jeito.

— Ah, isso eu quero ver. — Ri enquanto a observava entrar no chuveiro.

— O quê?

— Você *dando...* seu jeito — provoquei.

— Você foi assim tão babaca ontem à noite ou eu estava tão bêbada que nem notei?

— Culpar a bebida — entrei no chuveiro com Beth e coloquei a mão por cima da dela — passa a impressão de que você não teria dormido comigo se não fosse o álcool.

— E...? — Ela respirou fundo, a mão tremendo sob a minha.

— E... — virei-me devagar para a direita, saindo do caminho — ...o álcool não teve nada a ver com isso.

A água quente jorrou do chuveiro bem em cima de Beth e seu lençol branco. Tive que morder o lábio para não rir de sua expressão horrorizada enquanto o lençol ficava colado e transparente em seu corpo nu.

— Fora daqui! — gritou ela, histérica.

— Já vou, já vou. — Ergui as mãos, ainda rindo, enquanto saía do chuveiro.

Eu podia jurar que a ouvia falando sozinha enquanto pegava as roupas da noite anterior e começava a me vestir. Talvez tivesse sido

bom botar aquilo para fora.

E toda aquela história de ficar bêbado e dormir com uma das madrinhas do casamento do meu melhor amigo?

Bem, eu nunca tinha feito isso antes, mas talvez devesse ganhar um desconto por já conhecer a garota antes de ir para a cama com ela. Não é? Hein?

Na minha experiência limitada, sexo casual normalmente resultava em manhãs constrangedoras, quando a pessoa se dava conta de que não estava pronta para um relacionamento. Isso em geral envolvia o cara tentando sair da cama sem acordar a fera, e esta, ao notar os movimentos do macho, acordando de um salto e partindo para o ataque sem nem pensar na incapacidade do cara de sentir qualquer coisa além das garras afiadas da fêmea afundando em sua pele.

Quase sempre havia lágrimas, às quais se seguiam gritos. E, se o cara desse sorte, a garota cairia fora gritando obscenidades. Se ela não fosse embora, o cara acabava com uma bolsa de gelo firmemente pressionada em seu melhor amigo.

É, *aquele* melhor amigo.

Dou uma risada.

Então essa minha noite de sexo casual? Não tenho do que reclamar.

Embora eu pudesse jurar que Beth ainda estava falando sozinha no banheiro, pelo menos ela não estava gritando comigo ou tentando arrancar meus olhos. Mas, pensando bem... Fiz careta ao mover o ombro para a frente e para trás, estalando as costas. O que será que tinha acontecido na noite anterior? Estava tudo tão confuso... Minha única lembrança era beber, depois assistir a Beth comendo os biscoitos. Só me lembro da parte dos biscoitos porque ela estava

linda enquanto os comia. Sei que isso vai soar meio esquisito, mas é verdade. Ela não se apressava, saboreava um a um.

E, cada vez que ela mordida um biscoito, eu podia jurar que sentia aquela mordida da cabeça aos pés.

Beth sempre teve *alguma coisa* especial, além de ser linda, é claro, com seus cabelos brilhantes e seus olhos de gato. Ela me atraía. Era assim desde os meus dezessete anos. Merda, parecia que eu tinha dezessete de novo. Meu corpo com certeza reagia como o de um moleque dessa idade.

Nosso breve encontro no baile de formatura não deveria ter sido breve, o que me deu mais uma dica de por que passar a noite com ela fora uma péssima ideia. Nosso último encontro? Não havia terminado bem. Ficava claro que o sentimento não era mútuo. Eu mais parecia um adolescente bobo apaixonado, e ela não ficou nem um pouco impressionada. Foi até bom não ter rolado nada. Vê-la de novo trouxe à tona os velhos sentimentos. Mas que merda! Era para aquilo tudo ficar enterrado. Eu já tinha vinte e oito anos. Era um adulto. Um senador, pelo amor de Deus. Apertei o ponto entre os olhos. O problema era que não conseguia me lembrar dos detalhes da noite anterior.

O que devia ser mau sinal.

Mas, pensando bem, eu não estava nem um pouco de ressaca. Não sentia sequer dor de cabeça.

Na verdade, tirando os músculos doloridos, eu me sentia ótimo.

Que seja. Dando de ombros, fui procurar minha pasta. Então parei.

Por que diabos eu não estava com a minha pasta? Os detalhes voltaram de uma vez. Estava hospedado com a família Titus para o casamento, o que significava que minha pasta ainda estava lá, e eu

estava... ali? De quem era mesmo aquele quarto de hotel? Porque com certeza não era meu!

Cocei a cabeça, depois passei a dar tapas no meu próprio rosto, tentando ativar a memória. Mas não funcionou. Talvez Beth soubesse...

Certo. Tudo o que uma mulher quer ouvir: "Ei, você é gostosa, mas eu não me lembro nem de como você é pelada. Mesmo depois de acordarmos juntos desse jeito. Obrigado pela diversão? Ah, e, aliás, de quem é este quarto?".

Era melhor escrever *Jake Titus* na minha testa de uma vez e encarar a humilhação.

Eu não era um playboy bilionário como Jake. Era responsável. Controlado. Caramba, eu era o senador mais novo que o Oregon já teve!

E foi aí que a realidade me acertou em cheio, com uma força tão grande que fiquei desesperado, olhando em volta em busca de um saco de papel.

Mas que merda.

Aquilo iria parar no jornal.

Se eu não conseguia me lembrar de ter ficado bêbado e ido parar naquele maldito hotel, provavelmente também havia sido descuidado com todo o resto.

Olhei o relógio de pulso. Seis da manhã. Soltando um palavrão, peguei o celular e fiz uma careta. Quinze chamadas não atendidas.

Nunca coloco o celular no silencioso.

Mas também nunca fiz sexo casual, nem beijei uma garota sem saber seu sobrenome ou saí por aí na manhã seguinte usando as roupas da noite anterior depois de uma farrá, como Jake. Então quem sabe eu estivesse virando uma nova página. Ou quem sabe a promiscuidade de Jake o tivesse deixado no instante em que ele fez os votos, para então ser transferida para mim.

Merda. Agora eu estava com medo de ter sido possuído? Pelo quê? Pela necessidade de trepar com qualquer mulher em um raio de quinze quilômetros?

Ouvi alguém pigarreando. Ergui os olhos. Beth estava de pé, enrolada em uma toalha branca e felpuda, o cabelo preto colado no pescoço e nos ombros.

Correção: não era qualquer mulher em um raio de quinze quilômetros. Era ela. Só ela.

— Qual é o seu sobrenome? — perguntei, precisando da distração, enquanto Beth mudava o peso do corpo de uma perna torneada para outra.

Beth estreitou os olhos.

— Você está brincando, não é?

— Estou?

É. Definitivamente, era a primeira vez de muitas coisas. Por exemplo, eu não era apenas o primeiro da família a entrar para a política: também seria o primeiro a morrer antes de completar trinta anos.

Como ela me mataria?, eu me perguntei. Sufocado? Jogado pela janela?

— Por que você está tão pálido? — Beth andou devagar até mim.

— Eu, hã... — Merda. Fiquei sem resposta. Passei toda a minha carreira falando, mas naquele momento não tinha o que dizer. As palavras fugiram. Minha atenção estava toda no movimento de seus lábios. Fantástico. Primeiro queria ser o biscoito que ela estava mordendo, e agora estava obcecado por seus lábios.

Mas eles tinham um tom rosa tão natural...

Que me lembrava chiclete.

Eu amava chiclete. Eles me acalmavam durante os discursos.

Senti que Beth teria o mesmo efeito, se eu pudesse prová-la uma única vez.

Sexo casual. Sexo casual. Quem sabe, se eu continuasse a repetir essas palavras para mim mesmo, meu corpo entendesse a mensagem. Eu não iria a lugar algum se ficasse perdido naqueles lindos olhos verdes ou olhando para aquela bunda maravilhosa. Precisava de um compromisso estável, um relacionamento do qual as duas partes se beneficiassem de forma igualitária. Não uma mulher tentadora e fogosa de olhos verdes que comia biscoitos às três da manhã e chorava ao descobrir que eram de manteiga de amendoim, não de chocolate.

— Jace? — Beth estendeu as mãos e segurou meu queixo, olhando bem nos meus olhos.

— O que você está fazendo? — Dei um passo para trás.

— Sou médica. — Ela revirou os olhos.

Médica uma ova. Eu lembrava muito bem que o trabalho dela era mexer com doenças. De jeito nenhum eu iria deixar aquelas mãos chegarem perto do meu rosto. Mas, pensando bem, elas provavelmente deviam ter passado por outras partes do meu corpo, durante a noite.

Nota mental: *esfregar a esponja com força no próximo banho.*

— Você é química. É bem diferente. — Afastei a mão dela.

— Então você sabe que sou química, mas não sabe meu sobrenome?

— Você murmura a tabela periódica enquanto dorme e fica falando sobre a cura do câncer.

Lembra? Não é preciso ser nenhum Sherlock Holmes para desvendar o mistério, querida.

Além disso, parte da tarefa que a adorável vovó Nadine havia me passado tinha sido coletar informações sobre Char e sua família. Aquela mulher era louca, não queria deixar passar nenhum detalhe. No fim das contas, quebrei pelo menos quatro leis para conseguir as informações de que ela precisava. Mas eu estava em dívida com ela. Vovó Nadine tinha me ajudado em um momento difícil.

Eu me lembrava de Char, da época da escola, já que tínhamos mais ou menos a mesma idade. Mas Beth? Eu me lembrava dela por razões completamente diferentes...

— *Você está bem?* — *perguntei, aproximando-me da linda garota de vestido branco.*

Eu não costumava ser muito corajoso em eventos de outras escolas. Afinal de contas, era quarterback do time rival. Tentava não chamar atenção. Mas minha prima precisou de um par para o baile de formatura, e eu não tive como negar.

— *Estou.* — *Ela fungou e olhou para as mãos.* — *Obrigada.*

Aquele momento me transformou no homem que sou hoje, e não por ter acontecido alguma coisa especial, como fogos de artifício iluminando o céu ou música romântica enchendo o ambiente. O

acontecimento me definiu porque foi a primeira vez na vida em que as lágrimas de uma garota me afetaram para valer. Queria ajudá-la, e eu nem sequer a conhecia. Fiquei furioso porque ela estava chorando e também fiquei furioso por me importar tanto.

— *Quer dançar? — Estendi a mão.*

Ela olhou para minha mão como se eu tivesse acabado de lhe oferecer maconha.

— *Só uma dança — insisti. Por que me importava tanto?*

— *Tudo bem. — Ela se levantou. — Só uma dança.*

Eu não sabia que minha boa ação voltaria para me assombrar. Mas como podia saber, naquela época? O olhar vigilante de vovó Nadine já estava fixo em mim como aquele maldito olho de Sauron, em *O senhor dos anéis*.

— *É tudo culpa dela — resmunguei em voz alta.*

Tendo feito minha boa ação do ano, eu estava pronto para sumir de vista de toda a família Titus e suas maluquices. Quanto mais cedo fosse embora, mais fácil seria. Lógica pura.

— *Se você continuar falando comigo como se eu fosse uma criança, vou lhe dar uma razão para me chamar de querida. Vou enfiar o pé no seu lugar mais querido. Entendeu?*

— *Você é sempre tão bem-humorada de manhã? — Eu me afastei da fera. Sim, estávamos de volta aos xingamentos. — Ou o tratamento é privilégio meu?*

— *É privilégio seu. — Ela andou irritada até o vestido de madrinha largado na cadeira e o pegou com um movimento raivoso. — E dos outros políticos em quem eu não votei.*

— Você não votou em mim? — A pergunta escapou antes que eu pudesse impedir. Fiquei esperando a resposta, desanimado.

— Não. — Beth sorriu, parecendo se divertir com meu choque. — Mas, para ser sincera, não moro em Oregon.

Idiota. Foi dada a largada. O desafio foi lançado. O jogo ia começar. Ela entrou no banheiro outra vez.

Capítulo 3

— Com todo o respeito, a senhora cometeu um crime federal. Não acredito que uma pastilha de menta vá resolver o problema. E, pela última vez, não, seu cachorro não pode servir como testemunha de seu bom caráter.

— É só porque ele é francês, não é? — Vovó assentiu com ar de quem sabe das coisas.

Beth

Eu precisava de um saco de papel e da chance de fazer tudo outra vez, no estilo de *De volta para o futuro*. Me recostei na porta e respirei fundo algumas vezes antes de abrir os olhos.

Jace.

Tinha que ser Jace. De todos os malditos homens solteiros naquele casamento, meus ovários tinham que decidir se jogar dentro da calça dele? Sério? Será que eu estava tão desesperada assim?

Não fazia sentido! Passei a maior parte do banho tentando entender a lógica da situação em que me encontrava.

Era porque ele tinha me salvado alguns anos antes? Será que eu ainda estava apegada àquele amor perdido? Para ser sincera, se ele não tivesse fugido como um menininho apavorado, eu

provavelmente teria fugido. Fiquei aterrorizada, senti coisas que nenhuma garota de dezoito anos deveria sentir. Passei a maior parte do primeiro ano da faculdade pensando naquele beijo. Pensando nos lábios dele colados aos meus e me perguntando o que teria acontecido se Jace tivesse ficado, em vez de ter saído correndo.

Mas ele foi embora, e eu nunca mais o vi.

Só no ano seguinte me dei conta de que ele não frequentava minha escola.

Enfie o cabelo atrás da orelha, constrangida. Será que ele tinha me reconhecido?

Será que sabia quem eu era?

Por que nunca nada normal acontecia comigo? Eu poderia ter esquecido qualquer outro cara —

mas não ele.

Meus olhos ardiam, meu corpo doía, eu estava morrendo de fome e parecia que tinha sido atropelada por um caminhão. Respirando fundo para me acalmar, busquei em minha mente as lembranças da noite anterior.

Nós dois estávamos no casamento.

Nós dois tínhamos bebido.

Será que ele se lembrava de alguma coisa? Ou eu era a única idiota comedora de biscoitos que apagara no meio da noite de diversão?

Eu não ia surtar. Não podia surtar. Ha-ha. Estava oficialmente ficando maluca. Ligar para minha irmã não era uma opção. Ela não só ficaria bem desapontada como também devia estar ocupada fazendo as malas para a lua de mel.

Dando um passo para longe da porta, estendi o vestido com delicadeza em cima da privada e olhei para ele.

Aquele vestido tinha me traído.

Vovó Nadine tinha prometido que ele faria milagres. Ela literalmente disse: "Beth, confie na vovó. Ela já cuidou de tudo para você".

Cuidou de tudo uma ova.

Eu deveria ter percebido que vovó Nadine tinha uma carta na manga. Afinal de contas, a mulher se metia na vida de Deus e o mundo, pensando que sabia o que era melhor para todos. Parecia um cupido, mas usava estampa de leopardo em vez de corações e, mesmo em seu pior dia, conseguiria deixar a CIA no chinelo.

O vestido fez cara feia para mim.

Fiz cara feia de volta.

O tecido brilhoso lembrava meu vestido de formatura. Era branco e parecia digno de uma princesa. Senti meu estômago embrulhar com a lembrança...

— Quer dançar comigo? — Brett estendeu a mão.

Depois de pegar meu queixo, que tinha caído no chão, e recuperar o fôlego, segurei a mão dele e me inclinei contra seu peito ao som de "Crazy", de JoJo e K-CI, que saía dos alto-falantes.

Eu não acreditava que estava dançando com Brett Xander. Tentei parecer calma e controlada, mas meu coração martelava de forma irregular. Eu me afastei e sorri.

— Obrigada por fazer isso por todas nós.

— Sem problema — respondeu ele, parecendo realmente sincero. — Quer dizer, não me formar teria sido uma droga.

— Não se formar?

— É. — Ele revirou os olhos. — Meu castigo por ter sido um vagabundo nos últimos quatro anos veio na forma de uma professora idiota dizendo que eu precisava aprender a ser menos egocêntrico.

Infelizmente, meus pais concordaram. Então, além de receber uma caralhada de dever extra para melhorar as notas, tive que fazer trabalho voluntário.

— E que trabalho voluntário foi esse? Convidar todas as nerds da aula de biologia para sair?

— Claro que não! — Ele riu.

Eu relaxei na mesma hora.

— Foi escolher as meninas que eu sabia que não teriam par e trazê-las para o baile de formatura. Quer dizer, sem ofensas, Beth. Você é meio sexy de um jeito nerd e retraído de bibliotecária sexualmente frustrada, mas é inteligente e intimidadora demais para algum cara querer sair com você.

— Sou inteligente demais? — repeti, atordoada. Quer dizer, eu sabia que ele era um babaca por fazer o que fez sem perceber como aquilo afetava as outras garotas, mas mesmo assim... Ele queria me dar lição de moral? E em uma noite especial?

— Bem, é. — Brett assentiu e me puxou para mais perto. — Talvez, se você fingisse ser um pouquinho mais burra, as pessoas gostassem mais de você.

— As pessoas?

— É. — Ele parecia um pouco constrangido. — Quer dizer, não são só os caras que saem de perto quando você passa pelos corredores.

As pessoas acham que você está a um passo de virar a Carrie, a estranha, e matar todo mundo da escola.

— Certo. — Meu lábio inferior tremia. — Mais alguma coisa?

Ele estreitou os olhos.

— Nossa, você está aceitando isso muito bem.

— Sim. — Mentira. Pura mentira.

— Acho que ajudaria ter uns peitos maiores. Mas pode ser que você ainda não tenha terminado de crescer. Acontece.

A música terminou. Brett se inclinou para me dar um beijo na bochecha.

— Mas, ei, você até que é bem maneira para uma nerd. Obrigado pela dança.

Fiquei parada, sem reação, no meio da pista de dança. Eu me sentia incapaz de chorar, de sentir ou de fazer qualquer coisa que não olhar para baixo, para o vestido branco, e desejar que, pelo menos uma vez, eu fosse a princesa, e não o patinho feio.

— Beth! — Jace bateu à porta. — Se você já acabou de surtar, nós precisamos ir embora.

— Está bem.

Sequei o rosto e apertei o vestido nas mãos. Não era mágico. Era no máximo um lembrete de que eu não havia mudado desde a formatura, em 2000. Era uma perdedora. Uma pária de peito pequeno que preferia matemática e ciência ao Facebook.

— Beth, estou falando sério. A situação não está nada boa.

— Calma! — gritei, irritada por ele estar me apressando. Xinguei, enfiei o vestido, preendi o cabelo molhado de qualquer jeito em um rabo de cavalo e abri a porta do banheiro. — Para que a pressa?

Jace ergueu o celular. Na tela estava escrito *Vovó Nadine*.

— Alô? — gritou uma voz, bem alto. — Jace! Beth! Andem logo! Vovó já cuidou de tudo!

— Essas são as últimas palavras que muitas pessoas escutam. — Jace assentiu. — Mas não temos escolha.

— Não temos escolha? O quê? A máfia está atrás da gente ou coisa do tipo?

— Pior.

— Duvido muito.

— Veja você mesma. — Ele apontou para a TV. Havia repórteres em frente ao hotel, e todos pareciam bem animados.

— O jornal? — perguntei. — Por que isso seria pior do que...

— Fomos informados de que o senador levou uma prostituta para o quarto por volta da meia-noite e ainda não saiu! O que levanta a dúvida: será que o senador realmente deixou para trás o passado negro? Fontes próximas da ex-noiva do senador dizem que a infidelidade de dois anos atrás quase destruiu a carreira dele. Um novo escândalo não fará bem ao mais jovem senador da história do estado. Será que a falta de escrúpulos em sua vida pessoal teria repercussões em sua vida pública?

— Já chega. — Arranquei o controle remoto das mãos de Jace, que estava paralisado, e joguei o objeto na cama. Ótimo. Não só havia perdido a virgindade para um político, mas também tinha virado

uma prostituta. Peguei o celular dele e resmunguei: — Vamos ter uma conversinha depois.

Vovó bufou.

— Mas, primeiro, tire a gente daqui.

— Diga as palavras mágicas.

— Hã... por favor? — Cutuquei Jace, tentando fazê-lo voltar a se mexer.

— Não *essas* palavras.

Fechei os olhos e deixei que as imagens mentais do meu escritório sereno e imaculado trouxessem a paz de volta a meu espírito. Não funcionou. Eu precisava pensar em *The Vampire Diaries*.

Damon Salvatore. Damon Salvatore. Damon Salvatore. Ah, lá estava minha serenidade!

— Não sou adivinha. Que palavras a senhora quer que eu diga?

Vovó riu.

— Ora, obrigada, é claro!

— Pelo quê?

— Como foi a noite? — Ela deu uma risadinha, soando como uma colegial. — Homens com poder parecem ter um jeito especial de...

— Obrigada! — praticamente gritei. — Agora nos tire daqui.

— Entendido.

O telefone ficou mudo.

Olhei para Jace em busca de alguma luz, mas ele parecia travar uma batalha perdida com a gravata enquanto tentava tirá-la do pescoço.

— Pare com isso. — Afastei a mão dele. — Você vai acabar se enforcando desse jeito.

Ele deu de ombros.

— O quê? — Afrouxei a gravata. — Sem respostas engraçadinhas?

— Não estou achando muita graça de nada — respondeu ele, seco.

Eu dei um tapa nele. Nunca disse que era boa em lidar com emoções.

— Por que você fez isso?!

— Por você ter cantado Katy Perry. — Abri um sorriso. — Agora pare com isso, sr. Senador.

Vamos sair deste hotel sem aquela vagabunda magricela dar a notícia no jornal da noite.

— Vovó?

— A repórter.

— Dá para entender minha dúvida — comentou ele, no momento em que alguém bateu à porta.

— Fique aqui.

— Isso parece um filme cheio de clichês — murmurei sozinha, arrancando o esmalte da unha com os dentes.

— Ah, merda. — Jace olhou pelo olho mágico e disse *merda* mais cinco vezes antes de abrir a porta, bem devagar.

Por que ele estava tão perturbado? Por que...

— Ah, merda — repeti. Não havia nenhuma outra palavra no mundo que se encaixasse tão bem.

Então eu a repeti.

Assim como Jace.

Vovó deu de ombros e tirou os óculos escuros.

— Vamos começar a festa!

Capítulo 4

— *Sim. Estou seguro de minha masculinidade. E, pela última vez, cachorros não sabem falar.*

— *Foi o que Jake disse.*

— *Jake?*

Vovó assentiu.

— *Ele duvidou de mim uma vez. Uma única vez.*

O agente do FBI ficou um momento em silêncio, então perguntou:

— *A senhora também sequestrou Jake?*

— *Não, mas quase o matei. Já tinha até arranjado uma pá.*

O agente cuspiu o café que tomava.

— *A senhora quase o matou?*

— *Por sorte, quando me consultei com Deus, Ele disse que cuidaria do assunto. Quer saber o que Ele tem a dizer a seu respeito?*

Jace

Lembranças da minha ex-noiva interesseira, Kerry. Lembranças de que me afoguei em uma garrafa de uísque e que ameaçavam voltar. Ela só tinha me usado, por causa da minha fama, e, quando descobri sua incapacidade de manter as pernas fechadas, ela foi aos jornais e distorceu toda a história.

Minha reputação quase foi arruinada. E meu coração nunca mais foi o mesmo. Minha gravata parecia muito apertada, e o quarto, muito pequeno. Por sorte, Beth impediu que eu me estrangulasse, e, por um segundo, aproveitei o momento.

A sensação do toque dela.

A ideia de que alguém de fato se importava mais comigo do que com minha conta bancária ou minha capacidade de lhe comprar presentes.

Mas, acima de tudo, a preocupação estampada em seu rosto enquanto ela me ajudava. As pessoas não costumavam se preocupar com meus sentimentos. Eu era um político, logo, não tinha sentimentos. Apenas opiniões com as quais apenas quarenta por cento de Oregon concordava.

Talvez eu estivesse projetando a imagem que tinha dela do passado. Quem saberia que tipo de pessoa ela havia se tornado? Até onde eu sabia, a garota do colégio podia ter sumido havia muito tempo. Eu não era mais a mesma pessoa, e a culpava um pouco por isso. Beth tinha me feito acreditar em magia, até aquele acidente mudar tudo.

Vovó botou as mãos na cintura.

— O que vocês dois estão esperando? Precisamos sair daqui! — Ela jogou duas sacolas de lona para nós e entrou no quarto. — Troquem logo de roupa.

— Trocar de roupa? — perguntamos, Beth e eu em uníssono.

Vovó pegou a caixa de biscoitos aberta e comeu um, os olhos fechados enquanto mastigava.

Várias migalhas caíram em sua echarpe de estampa de leopardo, que funcionava como um guardanapo.

— Então? — Vovó abriu os olhos e nos encarou.

Eu queria me esconder atrás de Beth ou sair correndo, mas algo me manteve parado. Talvez fosse curiosidade ou, quem sabe, desespero. O que quer que fosse, era chato pra caramba.

— Posso saber por que você está usando... — Beth engoliu em seco — isso?

— Ah, isto aqui? — Vovó deu uma risadinha, ergueu a mão e soltou um miado. — Sou uma gata.

— Percebemos. — Tossi para esconder a risada. — Mas nós não deveríamos passar despercebidos?

— Gatos têm sete vidas.

— Obrigada, sra. Wikipédia. — Beth deu um sorriso tenso.

— As pessoas amam gatos e também me adoram. É o plano perfeito. Eu também sou famosa, sabiam? Eles não vão nem notar vocês saindo pelos fundos quando eu aparecer no saguão. Vou doar uma quantia enorme de dinheiro para o zoológico de Portland. Eles vão pensar que é uma ação de publicidade, e, bem... agora não preciso mais organizar uma coletiva de imprensa.

Fiquei em silêncio, pensando. Será que ela era louca ou será que finalmente tinha caído da cadeira de balanço e batido a cabeça? Estava prestes a ligar para Travis e implorar para ele interná-la em

um asilo. Ela não representava um risco apenas para a sociedade, mas também para si mesma.

— Tirem a roupa.

Bem, se o macacão colado com estampa de leopardo não tinha sido loucura suficiente, aquela instrução certamente era.

Balancei a cabeça.

— Como é?

Vovó revirou os olhos e pegou outro biscoito.

— Vocês não vão conseguir passar despercebidos de smoking e vestido de madrinha.

Está bem, a Mulher-Gato tinha razão. Olhei para Beth, que já estava examinando o conteúdo da sacola de lona que vovó lhe entregara. Ela tirou de lá uma calça jeans e uma camiseta branca.

Seguindo a deixa, abri minha própria sacola e encontrei roupas o suficiente para passar pelo menos duas semanas de férias em um paraíso tropical. Peguei uma bermuda de praia.

— E precisamos disso por quê?

— Sem perguntas — ralhou vovó.

— Como você conseguiu todas as nossas roupas tão depressa? — perguntou Beth. — Quer dizer, elas não estavam na casa dos Titus? Ou, no meu caso, na mala do carro alugado? — Beth pareceu assustada. — O carro alugado!

— Está esperando lá fora. — Vovó enfiou outro biscoito na boca e examinou as unhas. — Sério

— ela começou a mastigar —, parece que vocês dois não confiam em mim. Vovó sabe o que é melhor para vocês, e isso é tudo o que precisam saber.

— Você está usando a roupa da Mulher-Gato — comentei.

Na verdade, era a roupa da Mulher-Gato com estampa de leopardo, um longo rabo preto, uma echarpe combinando e um gorro preto que parecia pertencer a alguém prestes a cometer um assalto.

— Depressa! — Vovó bateu o salto de leopardo e olhou para o relógio. Que também era de leopardo. Aquela mulher devia ser acionista da empresa criadora da estampa.

Beth resmungou baixinho e foi para o banheiro com as roupas. Em minutos, saiu de lá parecendo a realização dos sonhos de um homem. A camiseta branca estava um pouco justa no peito, a calça jeans skinny era rasgada em alguns lugares e o All Star preto e branco a fazia parecer mais jovem. Não que eu fosse comentar aquilo em voz alta, ou ela arrancaria minhas bolas. Ao que parecia, idade era um assunto delicado. Não que eu achasse que ela parecesse mais velha. Mas, pensando bem, eu não andava muito bom nos meus julgamentos. Decidi que o silêncio era uma boa opção.

Fui ao banheiro e vesti uma camiseta preta e uma calça jeans que eu não lembrava ser tão apertada. Na verdade, aquela calça não era nem um pouco familiar. Paciência. Peguei o cardigã e optei por não usar gravata. Quando saí de lá, vovó, ou a Mulher-Gato maluca, já estava conosco havia quinze minutos.

— Muito bem. — Vovó bateu as mãos, o que não fez barulho, já que ela estava de luvas. Precisei desviar o olhar. Encará-la era como reviver a vez em que comi cogumelos, na faculdade. Uma experiência que jurei nunca repetir.

— Está na hora.

O elevador fez barulho ao chegar ao saguão. Vovó apertou o botão de play do iPhone e se virou para nós para dar uma piscadela.

— Saiam pela porta lateral, tem um carro esperando lá fora. Vejo vocês em alguns minutos.

Agora deixem a vovó assumir os holofotes.

As portas se abriram.

E a música de *O rei leão* começou a tocar. Vovó saltitou pelo corredor e depois dobrou em outro.

Devo ter ficado boquiaberto quando ela começou a rebolar de um jeito que nenhuma mulher de oitenta e seis anos deveria saber fazer — e no ritmo perfeito da música. O flash das câmeras foi nossa deixa.

— Vamos lá. — Agarrei a mão de Beth e andei depressa até a porta lateral.

Como vovó dissera, o carro alugado estava ligado, e um senhor de blusa havaiana aguardava ao volante.

— Entrem!

Ele não precisou pedir duas vezes. Beth e eu nos enfiámos no banco de trás e mal tivemos tempo de colocar os cintos antes de o velho enfiar o pé no acelerador, fazendo o Chevy Malibu gemer em protesto.

— Hã... — Beth apertou minha mão com tanta força que ela quase ficou dormente. — Senhor, aonde está nos levando?

— Ao aeroporto.

Beth soltou minha mão, relaxando.

— Que alívio!

— Nem me diga.

O homem passou pelo sinal já no amarelo e pisou fundo no acelerador outra vez, mal conseguindo passar no seguinte.

— Se importa de ir um pouco mais devagar? — perguntei.

A resposta do homem foi aumentar o volume da música. Mas que sorte: “Womanizer”, de Britney Spears, começou a tocar, e, obviamente, o motorista doido sabia a letra inteira.

Chegamos ao aeroporto em dez minutos. Eu não sabia muito bem por que estava lá, a não ser para ajudar Beth a tirar as tralhas do carro. Estava oficialmente reconsiderando tudo que já pensara saber sobre casos de uma noite. Nenhum deles devia acabar com a avó do seu amigo aparecendo fantasiada de leopardo. A não ser que você estivesse doidão com alguma substância ilegal, o que eu tinha noventa e nove por cento de certeza de não ser o caso.

Sempre havia aquele um por cento de dúvida, ainda mais quando vovó Nadine estava envolvida.

— Bem... — Entreguei a mala a Beth. — Foi divertido.

Assim que aquelas palavras saíram da minha boca, achei que levaria um tapa.

Beth arqueou as sobrancelhas.

Tentei outra vez:

— Quer dizer, noite passada. Os biscoitos e, hã... o exercício. — Ah, meu Deus. Aquilo só estava piorando as coisas. — E...

— Apenas pare. — Beth ergueu a mão. — E obrigada por lembrar que consumi aquele tanto de calorias na sua presença e

imediatamente depois vomitei no meu sapato.

A preocupação me acertou em cheio no estômago.

— Você vomitou?

— Não é esse o ponto — respondeu Beth, entredentes. — Só me dê a minha sacola, e eu vou embora. Obrigada pela melhor noite da minha vida.

— Sério? — Senti meu rosto se iluminar.

— Ai, isso é tão típico! Eu estava sendo sarcástica, sr. Senador.

Franzi a testa.

— Você pode me chamar pelo meu nome.

— Nossa, que gentil da sua parte, *sr. Senador*. Muito obrigada. Sério. Agora, se não se importa, vou voltar para casa e tentar esquecer a fantasia de leopardo, os repórteres, os biscoitos e...

— Eu?

Por alguma razão, aquilo me irritou. Ela estava fugindo. Como assim? Será que ela não se lembrava de mim? Não se lembrava do beijo? Da dança? De nada? Tinha sido um beijo e tanto, e por que é que eu estava pensando nisso agora? Qual era o problema dela? E qual era o meu problema, caramba? Droga, eu ia ter um ataque de pânico. Olhei para Beth, surpreso, esperando que ela dissesse alguma coisa como "Ah, se lembra daquela vez que você enfiou a língua na minha garganta? Ainda sonho com isso. Quer ter filhos comigo?". Está bem, talvez isso fosse um pouco demais, mas, pelo amor de Deus! Passei anos obcecado por ela! Até fui hospitalizado! O mínimo que ela podia fazer era reconhecer que tínhamos um passado juntos. Só isso. Talvez até um aceno de cabeça ou uma

piscadela. Espera aí! Ela estava piscando e também pareceu estreitar os olhos. Ela lembrava!

— Vejo vocês lá! — gritou o motorista insano, jogando a sacola de lona na minha cara antes que eu pudesse protestar.

E, com isso, arrancou com o carro.

Beth e eu ficamos olhando para ele, confusos, enquanto eu me perguntava se ela ia comentar alguma coisa sobre o que acontecera entre nós.

Estava prestes a abrir a boca para falar quando ouvi o toc-toc atrevido de saltos se aproximando na calçada. Eu tinha passado a reconhecer aquele som como uma presa ao notar a presença de um predador.

Fechei os olhos e esperei.

Quando o som ficou mais alto, eu rezei. E finalmente entendi por que as pessoas rezavam. Para se proteger de vovós fantasiadas de leopardo que pensam que sabem cantar rap. Para salvar minha alma de ser possuída por seu neto galinha e igualmente insano. E para não ser arrastado para o drama da família Titus.

Por alguma razão.

Mesmo sabendo que eu não era da família de vovó Nadine.

O horror preencheu todo o meu ser, e a suspeita se transformou em paranoia. A certeza preencheu todo o meu corpo, meus ossos e até mesmo minha alma, se é que isso era possível... Eu era o próximo alvo.

E aquilo não acabaria bem.

Capítulo 5

— Onde ele está? — O agente do FBI soltou um suspiro. — Só me diga onde ele está.

Vovó abriu um sorriso.

— Imagino que ele possa estar em muitos lugares.

— Onde, senhora?

— Lá onde o sol não bate.

O homem cuspiu café outra vez.

Ah, aquela estava se revelando uma tarde maravilhosa!

— Minha paciência está sumindo.

— Meu batom também. E daí? Já sei. — Vovó se inclinou para a frente. — Vamos fazer uma aposta.

— Eu não faço apostas, senhora.

— Bem — vovó tamborilou os dedos na mesa —, talvez seja hora de começar.

Beth

Vovó se aproximou, dessa vez sem a fantasia de leopardo. De alguma maneira, ela conseguiu trocar a roupa por um moletom da Victoria's Secret e se materializara em um passe de mágica.

— Vamos lá. — A velha senhora agarrou a mão de Jace.

— Não. — Jace se manteve firme. — Escute, eu agradeço pela, hã... ajuda, vovó, mas daqui para a frente posso me virar sozinho. Eu moro aqui. Não vou entrar nesse aeroporto para cair em uma armadilha, acabar em um avião para Las Vegas e me casar. Não farei

parte das suas artimanhas e muito menos serei manipulado. Vi o que a senhora fez com Jake. Eu até *ajudei*. Mas não desta vez, vovó.

— Tem certeza? — perguntou ela, um sorriso caloroso surgindo no rosto enrugado, mas belo.

— Tenho.

— Tudo bem. — Vovó pegou o celular e digitou alguma coisa, então o enfiou de volta na bolsa.

— Vamos tomar algo na Starbucks. Beth, quer um café? Posso até colocar uma dose extra de vodca.

Acompanhar vovó significaria me separar de Jace, mas também significaria tomar bebidas alcoólicas às sete da manhã. Bem, quem era eu para julgar? Enlacei o braço no dela e a segui para dentro do aeroporto.

Só por curiosidade — juro que não foi mais do que isso — olhei para trás, na direção do meu caso de uma noite, também conhecido como Thor, ou sr. Senador. Ele olhava para mim, com um sorrisinho no canto da boca. Eu queria voltar correndo. E, mais do que tudo, queria me lembrar da sensação de ter os lábios dele colados aos meus, porque a lembrança do colégio não bastava. Ele era jovem na época, e a passagem do tempo era assim mesmo: destruía as lembranças até as pessoas só se recordarem de um breve contato e de como isso mudou a vida delas para sempre.

Aquele contato mudara completamente minha noção de como um beijo deveria ser.

Transformara toda aquela história de beijo de novela em algo possível. Em dez minutos, Jace atingira minhas expectativas e me fizera elevá-las, levando-as a um patamar que homem nenhum poderia atingir.

Ele me fizera querer esperar pelo príncipe encantado. E, a cada ano que o príncipe não aparecia, eu me afundava mais em mim mesma. Porque, ao contrário das outras mulheres, eu sabia que era possível. Tinha experimentado tanto o resgate quanto o beijo de "felizes para sempre", e, mesmo que eu tivesse apenas dezoito anos, a lembrança ficara comigo.

Por um fio.

Esperava que nossa noite juntos pusesse fim à maldição que ele lançara em mim no último ano da escola. Viu? Viu só, Beth? Ele não é perfeito. Se eu olhasse com atenção, veria que Jace mancava de leve, e podia jurar que ele tinha uma pequena cicatriz na sobrancelha. E não podemos esquecer que ele provavelmente sofria de gases e mau hálito.

Fechei bem os olhos. Se precisasse, eu o imaginaria sofrendo de uma doença incurável! Ele precisava sumir da minha cabeça; só então eu conseguiria seguir com a minha vida e encontrar o Príncipe Encantado ou adotar um gato da raça calico que eu chamaria de Charlie.

Se não superasse logo aquele homem e a fantasia que havia criado, eu acabaria me tornando uma daquelas mulheres estranhas que perseguem celebridades, experimentando suas roupas e joias, convencidas de que estão em um relacionamento de verdade.

Eu não ia virar uma daquelas mulheres.

Eu me recusava a ficar maluca.

Então continuei andando.

E não olhei para trás outra vez.

Nem mesmo quando o desejo de fazer isso pareceu causar um tremor em todo o meu corpo.

Senti um embrulho no estômago. Era assim tão errado querer viver em um conto de fadas? Qual era o problema de querer mais? Será que eu estava sendo punida por querer que o cavaleiro da armadura brilhante também tivesse alma? Os homens que eu conhecia eram tão tímidos que quase choravam quando eu os cumprimentava ou tão entediados que eu ficava pensando em equações durante a conversa. E os muito bonitos? Bem, eles sempre agiam como Jake, o marido de Char. Tudo bem que ele tinha curado a natureza de galinha ao se apaixonar, mas ainda assim. Quando os bonitões não eram gays, eram conquistadores desalmados, incapazes de se importar com outro ser humano.

Eu queria um dos bons. Queria saber como era, pelo menos uma vez na vida adulta.

Só uma vez, antes de desistir.

Eu estava com trinta anos, mas já percebera que, se até o momento nenhum homem tinha se interessado por meu verdadeiro eu, era melhor mergulhar de cabeça no trabalho em vez de ficar na torre esperando o resgate.

— Bráulio! — gritou vovó, bem alto.

Horrorizada, ergui os olhos.

O nome do atendente era Bráulio.

Senti o rosto corar.

— Bráulio! Bráulio! Bráulio! — continuava repetindo vovó, enquanto eu discretamente tentava me afastar. Mas vovó esticou o braço magro e me puxou de volta para perto dela. — Há quanto tempo! Eras! Como vão as crianças?

— Estão bem. — Bráulio sorriu e deu de ombros. Ele parecia ter uns quarenta anos. — Não tenho do que reclamar. O que posso fazer

pelas senhoritas?

— Dois especiais do dia tamanho *grande*. No capricho, se é que você me entende.

— Beleza.

Bráulio pegou dois copos *grandes* e começou a preparar as bebidas. Então, quando o outro atendente não estava olhando, pegou uma garrafinha de um armário e colocou uma dose em cada copo.

Fiquei boquiaberta. Achei que ela estivesse brincando. Achei que fosse piada. Tipo, “vamos encher a cara, ha-ha!”. Não achei que realmente fosse tomar vodca!

Ele finalizou as bebidas com chantilly e deslizou os copos em nossa direção.

— Quanto é o estrago? — Vovó se inclinou sobre a caixa registradora e sorriu.

— Você sabe que o especial é de graça, Nadine. Sempre. — O homem piscou e segurou a mão dela, beijando-a com gentileza antes de assentir para mim e chamar o próximo da fila.

Vovó me entregou uma das bebidas e tomou um longo gole da outra.

— Como é que você acabou de pedir uma coisa que não consta do cardápio?

— Ah, consta sim. — Vovó colocou a mão no meu braço. — É um pouco complicado. É um cardápio secreto só para mim. Howie sabe do que eu gosto.

— Você está falando de Howard Shultz, o dono da Starbucks? — Ela estava brincando, certo?

Será que era uma pegadinha da TV? Já sei. Eu devia estar em um daqueles programas de câmera escondida! Era a única explicação plausível.

— Ah, lá estão eles! E bem na hora.

Vovó tomou outro gole enquanto Travis, Kacey, Jake e Char entravam apressados no aeroporto, sem saber que a merda não apenas estava prestes a ser jogada no ventilador, mas também a encher o aeroporto até o teto. Até que todos nas imediações sofressem uma morte lenta, fedida e agonizante pelas mãos de vovó.

— E lá está ele... — A voz de vovó ficou mais baixa quando Jace entrou apressado atrás deles, fugindo dos paparazzi, até que Travis e Jake o resgataram. Os seguranças tiraram o restante dos paparazzi do aeroporto.

— O que você fez? — perguntei.

Vovó tomou outro gole de café.

— Ele ainda não me quer.

— Quem?

— O cara lá de cima. — Ela suspirou. — Parece que meu trabalho por aqui ainda não terminou.

Era de se imaginar que Ele já estaria satisfeito. Quer dizer, eu praticamente salvei o mundo.

— E como você fez isso? — Eu precisava ouvir essa. Afinal de contas, eu estava tentando curar o câncer; como ela poderia ter feito algo melhor?

— Salvei o mundo das DSTs. Do jeito que aquele meu neto andava, ia acabar criando uma nova doença. Estou falando sério. Maldito galinha. — Ela deu um suspiro. — Mas eu o amo. Posso ter arruinado a vida dele, mas vovó consertou todas as peças quebradas e indecentes. E olhe só para ele agora. — Ela apontou. — Está mais feliz do que pinto no lixo.

— Sei. — Eu me afastei devagar.

Vovó estendeu a mão depressa e agarrou meu braço.

— Beba seu café e me siga.

— E eu tenho escolha? — perguntei, olhando ao redor em busca de uma rota de fuga rápida que não me faria ser atropelada.

Vovó parou e olhou bem nos meus olhos.

— Querida, a gente sempre tem escolha. A pergunta nunca é se existe uma alternativa, mas se você vai se sair melhor sozinha ou com a minha ajuda. As escolhas vêm e vão. Mas as chances? Só aparecem uma vez na vida. — Ela deu uma piscadela. — Então, por que você não se joga?

— Não gosto de altura.

— E eu não gosto de gente que respira fazendo barulho. O que não quer dizer que eu sufoque os outros com travesseiros quando estou irritada — brincou ela. — Todo mundo precisa de um empurrãozinho às vezes.

— É isso que você é? Um empurrãozinho?

— Claro que não. — Vovó bufou. — O empurrãozinho é sua consciência. Eu sou uma maldita bomba atômica. E então, você vem ou não?

Eu podia ir para casa. Podia optar pela segurança. Podia escolher as paredes brancas e o ambiente imaculado do meu apartamento. Deveria optar pelo extremo oposto do que ela estava me oferecendo. Mas em uma coisa ela estava certa: eu provavelmente me arrependeria de não aceitar aquela velha mão enrugada. Então, mesmo convencida de que estava cometendo o maior erro da minha vida, contando a vez que decidi descolorir o cabelo, eu me agarrei à vovó como se ela fosse uma boia salva-vidas e rezei para o cara lá de cima, pedindo para não voltar para casa em um caixão.

— Preciso desaparecer por uns tempos.

Tremendo, Jace soltou um palavrão. Ele parecia precisar do café especial da vovó mais do que eu.

Ela soltou minha mão e abriu caminho entre os netos.

— Ouvi alguém falando em fugir?

Um grunhido alto foi seguido de quatro expressões horrorizadas quando vovó foi até o balcão de vendas.

Então ela passou a disparar perguntas sobre as luas de mel dos netos. “Luas de mel”, no plural, porque, além de Travis e Kacey terem acabado de se casar, Char e Jake — aquele a quem vovó Nadine constantemente se referia como “o neto galinha” — também haviam feito seus votos após uma série de eventos estrategicamente planejados. Algumas pessoas haviam sido subornadas, e um padre — que vai sofrer as consequências disso quando chegar ao céu — casara os dois sem que eles soubessem. E a parte mais estranha? Jake e minha irmã estavam tão felizes que me davam náuseas.

Char fora demitida. Não que isso importasse, já que a família Titus tinha mais dinheiro do que Deus. Ela ia sair em lua de mel com Jake Titus, o ex-playboy, eleito o Homem do Ano pela revista *GQ*.

Era óbvio quem era a irmã bonita.

E eu era a irmã inteligente com problemas de visão. Viva.

— Beth! Beth, querida! Venha aqui. Preciso da sua identidade.

Todos os olhos se voltaram para mim. Quem disse que se esgueirar para fora da cama depois de uma noite de sexo casual era... constrangedor estava mentindo. Isso? Passar entre os irmãos Titus na manhã após o casamento com cara de quem ficou a noite inteira acordada em um quarto de hotel com Jace? Vamos dizer que nunca mais quero repetir a experiência. Eu me sentia nua. E não de um jeito bom, quando a pessoa se sente livre, feliz e em paz com o mundo. Não, era de um jeito ruim. Como se as pessoas estivessem apontando para você e dando risada, e você não tivesse com o que se cobrir, só as mãos. E, mesmo assim, só duas. Nem um pouco justo.

Dei alguns passos até vovó e Jace, que parecia preocupado demais para se irritar com as manipulações dela. Talvez fosse esse o plano. Ela fazia você ficar tão acabado que, quando lhe oferecia as migalhas, que gosto de chamar de *porta de entrada para a malucolândia*, você estava tão desesperado para escapar que nem examinava o que era. Só comia de uma vez e pedia mais.

Droga.

Eu estava comendo as migalhas.

Assim como Jace.

— Identidade? — pediu vovó.

Peguei da bolsa a carteira de motorista e lhe entreguei.

Jace esfregou o rosto com as mãos.

— Parece que as únicas poltronas lado a lado são as dos fundos do avião.

A cara franzida da mulher do balcão de vendas me deu a impressão de que eram lugares ruins.

— Vamos ficar com elas — anunciou vovó. — E eu vou na primeira classe, junto dos pombinhos em lua de mel.

Eu não tinha muita certeza de qual era o problema com os fundos do avião. Olhei para Jace em busca de ajuda, mas ele estava ocupado demais lendo as mensagens no celular com cara de quem acabou de tomar um espresso e não sabia lidar com o pico de adrenalina.

— Obrigada, Ilene. Como sempre, você foi de muita ajuda. — Vovó deu tapinhas na mão da mulher e sorriu.

— Você conhece todo mundo? — sussurrei, de forma que só vovó pudesse ouvir.

— Ah, querida. — Ela me entregou a passagem. — Como eu faria o trabalho do Senhor sem contatos para me ajudar?

Fazia sentido. Maldita.

— E-ei! — chamou vovó, e então assoviou.

Fiz careta. Travis soltou um palavrão. Jake balançou a cabeça e pareceu falar alguma coisa em outra língua. E Kacey apenas riu.

— É hora de passar pela segurança. — A velha senhora voltou a atenção para Jake. — Querido, esconda as drogas.

— O quê? — Ele arregalou os olhos.

— Estou brincando. — Vovó deu um beliscão na bochecha de Jake e soltou uma risadinha.

Ninguém mais riu. Esse tipo de comentário podia fazer a pessoa ir presa.

— Ah, sou tão engraçada! — Vovó bateu na perna e voltou a gargalhar. — Às vezes acho que vou morrer de rir!

— Quem dera... — grunhiu Travis. — E nada de ser empata-foda.

Sério que ele tinha acabado de dizer aquilo? Em voz alta? Para a própria avó?

Envergonhada, desviei os olhos. Quem falava com uma senhora daquele jeito? Será que ela ao menos sabia o significado da palavra?

— Querido — vovó vasculhou a bolsa e pegou um batom vermelho —, meu trabalho com você já acabou. Pode fazer quanto sexo quiser. Você também, Jake.

A última vez que corei tanto foi no sexto ano, quando sem querer preendi a saia na calcinha.

— Hã, obrigado? — respondeu Jake.

— Além disso, vocês dois já estão encaminhados. Meu trabalho aqui terminou. Agora suas esposas podem seguir meus passos. Quer dizer, mentira. Se não tiver bisnetos em um ano, posso ter que reavaliar meu planejamento para os próximos cinco. De qualquer maneira. Meus olhos, ou melhor, o Olho de Sauron...

— Ah, citações de *O senhor dos anéis*... é claro — interveio Travis, apontando para Jake. — É

culpa sua, por ter feito vovó assistir a todos os filmes depois do casamento. Agora temos uma mulher de oitenta e seis anos pensando que possui alguma habilidade mágica.

— Como eu ia dizendo, o Olho está fixado nesses dois.

Vovó apontou para mim, e eu podia jurar que senti um raio laser vindo daquela unha pintada.

Eu me escondi atrás de um Jace muito pálido, torcendo para que a mágica do dedo apontado fosse toda para ele e me deixasse em paz.

Dei uma espiada por cima do ombro dele, só para ver que os dois irmãos Titus o olhavam com sorrisos de quem já tinha passado por isso.

— Se quiser um conselho — Travis foi até Jace e deu um tapinha em seu ombro —, não beba nada com gosto esquisito.

— Além disso — intrometeu-se Jake —, lembre-se de que a lei não se aplica a ela. Então, se chamar a polícia, provavelmente quem vai acabar atrás das grades é você.

— Ela gosta de Benadryl — acrescentou Kacey.

— E vai ganhar no fim — completou Char.

— O jogo não tem nada a ver com habilidade. — Jake passou o braço pela cintura de Char. — O

importante é saber admitir a derrota.

— E perder — continuou Travis, rindo —, para aquela ali — ele apontou para vovó, que sorria, em silêncio —, não é uma opção.

— acredite, é melhor apostar todas as fichas de uma vez. — Jake deu um suspiro.

— E depois? — perguntei, a curiosidade me corroendo.

— Ah, sim. — Travis sorriu. — Você vai perder do mesmo jeito. Mas, pelo menos, se for com tudo de uma vez, vai saber o que está perdendo.

— E o que está em jogo? — perguntou Jace, falando pela primeira vez desde que pegara a passagem. — Uma pilha de dinheiro?

— Nada disso — respondeu Jake por Travis. — Algo muito mais valioso.

— A questão — interveio vovó, saltitando na direção do portão de embarque — não é o que se perde. Mas se você se importa em perder isso.

— Acho que todos vocês perderam a cabeça — retrucou Jace, rouco.

Seus olhos cheios de pânico encontraram os meus enquanto ele esfregava a nuca e xingava.

Capítulo 6

— Prefiro não fazer apostas com uma criminosa condenada.

— Condenada? — Vovó ficou horrorizada. — Vire essa boca para lá! Estou apenas de passagem, até esse pequeno mal-entendido acabar.

— Eu não chamaria uma van branca sem placas, um bilhete de resgate e uma quantidade de drogas suficiente para apagar um urso de... — ele ergueu os dedos, fazendo sinal de aspas — "mal-entendido".

— Pode chamar do que quiser. Sou inocente.

— E eu sou o Charlie Sheen.

— Sabia que você era familiar! — Vovó deu uma risadinha. — Diga, como vai aquele seu pai bonitão?

Jace

A primeira coisa em que pensei quando entrei no avião foi álcool. A segunda? Todo o sexo que eu *não estava fazendo* e que a imprensa estava convencida de que eu *estava*. O que era engraçado, porque, àquela altura, se estivesse envolvido nessas atividades extraoficiais com prostitutas, com certeza não agiria de forma tão descuidada.

A única evidência que tinham era uma ex-noiva amarga e Beth aparecendo no aeroporto comigo.

Meu assessor de imprensa tinha mandado uma mensagem dizendo que eu não me preocupasse — até onde a população sabia, eu já planejava tirar férias. Tudo que ele precisava fazer era explicar que eu fora a um casamento e reencontrara uma velha amiga. Uma velha amiga que eu não via fazia dez anos e que então decidira ver sem o vestido de madrinha. O que também era engraçado, já que eu duvidava que alguém além de Beth e eu soubesse que já nos conhecíamos. E que, como eu era convencido o bastante para pensar, de todos os caras que deviam ter babado por ela no colégio, eu dera o único beijo de que ela ainda se lembrava.

Gemi. A verdade era que eu já estava por um fio. Tinha ralado muito para chegar onde estava e ficava apavorado com a ideia de que tudo poderia ir por água abaixo. Eu tinha me formado cedo na faculdade. Havia terminado o mestrado em menos de um ano. Estudara por noites sem fim. Havia gastado milhões da poupança em campanhas. E para quê? Para as pessoas ficarem esperando que eu falhasse? E depois me tirarem do cargo sem cerimônias? Tudo porque acreditavam em uma mulher que... Senti um aperto no coração. Ainda sentia o cheiro da casa.

Eu tinha acabado de voltar de uma reunião em Washington.

Alguém tinha acendido a lareira do primeiro andar. Dava para sentir o cheiro de um assado com batatas no forno.

Eu havia subido dois degraus de cada vez. Estava doido para ver Kerry, para abraçá-la e esquecer tudo por alguns momentos. Sério, era tudo o que eu pedia a ela. Eu a usava para relaxar, e, em troca, ela ficava linda em meus braços.

Meu tempo era precioso. Depois de alguns encontros, começamos a brincar que passar dois minutos com ela era como lhe entregar centenas de dólares.

Para mim, o tempo é a coisa mais preciosa que nós, humanos, possuímos. Queria aproveitar ao máximo cada momento.

Mas talvez não devesse ter feito isso.

Porque, se eu não tivesse subido dois degraus de cada vez...

Se eu não tivesse ido mais cedo para casa...

Minha vida seria diferente. Tudo bem que eu estaria vivendo na ignorância, mas mesmo assim.

Eu não teria essas cicatrizes, não iria querer sair correndo cada vez que uma mulher sorrisse para mim.

Pigarreei e olhei de soslaio para Beth. Ela estava folheando a revista *People*.

O que eu sabia sobre ela, de verdade? Beth beijava bem. Tinha uma bela bunda. E uma risada maravilhosa. A não ser que ela tivesse se tornado uma fumante inveterada, o que faria a risada ficar meio seca. Mas era isso. Até onde eu sabia, ela podia ter sido prostituta em algum momento da vida.

Talvez tivesse alguns segredos obscuros esperando para serem revelados. Quem não tinha? Além disso, como tinha pagado pela faculdade de medicina? Não que eu estivesse raciocinando direito, afinal, estava sob uma enorme pressão dentro do avião. Deve ter sido por isso que, assim que o avião decolou, soltei a pergunta:

— Você é prostituta?

Infelizmente, quando dizem que vão colocar você nos fundos do avião, o que querem dizer é que vão deixá-lo ao lado de todas as crianças gritando e chorando que ninguém quer botar perto da primeira classe, onde estavam vovó e todos os outros, bebendo e rindo.

Se eu respirasse fundo, dava para imaginar que o cheiro de merda não vinha da criancinha à minha frente, mas de algum tipo de... Ah, quem eu estava querendo enganar? Estava no inferno. E

tinha cinco horas para chafurdar naquela lama.

Alguns pais lançaram olhares zangados na minha direção. Eu estava cansado demais para ligar.

Eu tinha dito "prostituta", e daí?

— Prostituta? — repetiu Beth, mais alto do que eu. — E como é que o senhor chegou a essa conclusão, sr. Senador?

— Está bem: se você continuar a me chamar assim, vou passar a chamá-la de Monstro Come-Come, em homenagem ao seu amor por biscoitos.

— Filho da mãe.

— Aceito o apelido. Qualquer coisa é melhor do que "sr. Senador".

Beth revirou os olhos e voltou a ler a revista.

— Vai responder à minha pergunta, ou quer que eu pergunte à aeromoça se eles têm biscoitos?

— Eu pareço uma prostituta? — perguntou Beth, ríspida.

— Bem... — Se eu dissesse que sim, estaria afirmando que ela parecia vulgar. E, se dissesse que não, suspeitava que ela pensaria que eu não a achava bonita o bastante para ser uma. Talvez eu estivesse me preocupando demais. Puxei o colarinho da blusa. — Não.

— Pois é.

Beth pareceu um pouco desapontada, mas só o suficiente para eu reparar. Ela se voltou para a revista, mas não virou a página. Porque não estava lendo, nem mesmo olhando. Estava magoada. Ela ficara magoada com minhas palavras, e eu odiava magoar os outros, especialmente aqueles que não mereciam.

— Veja bem — sussurrei em seu ouvido, fechando a revista —, não estou dizendo que você não poderia ser uma prostituta se quisesse. Você é bem sexy, ok? Não perguntei porque estou tentando insultar você, nem quero ser um babaca. Só preciso saber do seu passado. Se você tem algum segredo, mesmo que seja ter espirrado em cima do professor do ensino médio ou levado um tombo no meio da sala, deixando a calcinha rosa à mostra para os outros alunos, e por isso tenha levado uma advertência por assédio sexual. Preciso saber dessas coisas. Porque eles não vão atacar apenas a mim. Vão atacar você também.

O lábio inferior de Beth começou a tremer.

Eu estava fascinado. Nunca fui um cara ligado em lábios. Era mais do tipo que prestava atenção no conjunto. Mas os lábios dela pareciam macios como algodão, e eu me odiava por não me lembrar da sensação da minha língua entre eles na noite anterior.

— Bem, não precisa se preocupar com isso, Jace. — A voz dela estava um pouco trêmula. — No colégio, meu apelido era Beth, a Chata. Eu tinha três amigos, contando com o rato de laboratório que tive que treinar para a eletiva de psicologia, e meu par no baile de formatura só me convidou por pena. Então, no que diz respeito a assédio sexual, prostituição, vender o corpo ou seja lá como você chame, não tenho nada para contar. Nunca recebi nem mesmo uma multa por estacionar em local proibido. Ou por ultrapassar o limite de velocidade.

O quê? Como era possível? Ela era linda de morrer, e mesmo no colégio me deixava intimidado.

Eu me contorci na poltrona, desconfortável, e tentei abrir a boca para falar, mas ela continuou.

Será que estava falando da mesma menina com quem eu dançara, anos antes?

— Na faculdade, fiquei com dois caras. Um trabalhava no McDonald's. Ele cheirava a batata frita. Odeio batata frita.

Nota mental: *Ela odeia batata frita.*

Quem diabos odeia batata frita?

— O outro adorava alho. Dizia que afastava os vampiros. Como pode ver, só saí com nerds, porque, imagine só, sou uma nerd. Sou química. Gosto de segurança. Gosto de paredes brancas.

Passo os fins de semana tomando vinho e vendo Netflix e já estou de olho em dois gatos do abrigo de animais. Estou a um passo de virar uma solteirona. Agora, por favor, podemos parar com essa conversa? Já foi bem vergonhoso acordar sem lembranças da minha primeira vez, quanto mais...

Tentei não reagir. Mas arfei de surpresa, o que não foi muito bom para esconder o choque.

— Deixa pra lá. — Beth abriu a revista.

— Beth, olha só — umedeci os lábios —, eu não sabia. Quer dizer, eu não... — Ah, merda. Como eu ia me safar dessa? Ou como ia melhorar a situação? Fiz a única coisa em que consegui pensar, ou talvez tenha feito justamente por não pensar. Tirei a revista das mãos de Beth e a beijei.

Vamos relembrar algumas coisas. Estar sob enorme pressão pode levar a pessoa a fazer péssimas escolhas. Obviamente. Porque beijá-la deve ter sido a pior ideia que tive na última hora.

Mas ela parecia triste e acabara de dizer que perdera a virgindade comigo, e seus olhos verdes ficaram marejados. E eu entrei em pânico. Sim, eu, Jace Brevik, senador dos Estados Unidos, entrei em pânico com a visão de uma mulher à beira das lágrimas.

Os lábios dela eram tão macios quanto eu lembrava. Fiz pressão para que se abrissem e gemi quando a língua dela tocou a minha, timidamente.

— Vocês são casados? — perguntou uma vozinha aguda.

Eu me afastei e olhei para cima. Uma garota que parecia ter uns oito anos estava pendurada no encosto da poltrona, olhando para nós. As marias-chiquinhas balançavam enquanto o avião passava por uma leve turbulência.

— Não — respondi, estreitando os olhos, meu corpo ainda pulsando de desejo. Estava beijando uma completa estranha. Mais ou menos. Bem, não exatamente. Merda.

— Mamãe diz que meninos e meninas só podem se beijar depois de casados.

— Sua mãe vive no século passado — resmunguei.

— Não, ela está aqui do meu lado. — A garota se afastou e deu de ombros. — Está dormindo. Às vezes ela bota um pouco de suco mágico no copo para dormir no avião.

— Quero esse suco mágico — murmurou Beth.

A garota deu uma risadinha, mas não se virou. E eu fiquei me perguntando como uma mãe conseguira passar com álcool pela segurança. Por que eu não tinha pensado nisso?

A garota continuou nos encarando.

Para ser sincero, aquilo estava me deixando nervoso. Não me entenda mal. Eu gosto de crianças.

Passava a mão na cabeça delas e beijava suas bochechas para as fotos de propaganda, mas não conseguia pensar em nada mais assustador do que um filme de terror com uma garotinha. Eles me davam calafrios.

E aquela garotinha parecia o tipo que poderia ter o próprio filme de terror.

Pigarreando, tentei desviar o olhar, porque, quanto mais tempo ela me encarava, mais eu me convencia de que ela derrubaria o avião. Em um momento de lucidez, enfiei a mão no bolso, peguei uma bala e a estendi na direção dela.

— Quer uma bala?

— Alerta de estranho perigoso! Polícia! Estranho perigoso! Polícia! — guinchava a garotinha.

— É só um palpite — comentou Beth, com um sorriso divertido estampado em seu rosto bonito

—, mas aposto que a mãe dela também disse que qualquer estranho que oferece doces mora em uma van sem placa perto do rio.

Em segundos, a mamãe-urso se virou e olhou feio para mim e para Beth. Ergui a bala como uma oferta de paz, torcendo para que a mulher não me desse um tapa ou, pior, pensasse que eu ia mesmo sequestrar sua filha. Se eu queria colar uma fita para manter aquela boquinha fechada? Possivelmente.

Mas sequestrar a criança? Claro que não.

— Você ofereceu bala para a minha filha? — perguntou ela, com um grunhido.

— Eu estava tentando ser simpático. — Abri meu melhor sorriso de político.

— Seja simpático com outra pessoa. Estamos cheias disso. E, se você oferecer mais balas para ela, vou votar nos republicanos na próxima eleição.

— Legal. — Beth deu uma risadinha quando a mulher se virou.

— O quê?

— Ela reconheceu você! Viva! Mais um voto! — Ela ergueu a mão, esperando que eu batesse na dela, em comemoração.

Olhei feio.

E foi isso.

Lembrete: A vida não é como nos filmes, e Beth não é como as outras garotas.

Eu tinha acabado de enfiar a língua em sua boca, e não estávamos conversando sobre o que aquilo significava sobre a nossa relação. Ela não estava rabiscando meu nome na revista. Não tinha nenhum passarinho cantando sobre sua cabeça. E, não, não havia começado a tocar nenhuma música da Celine Dion de repente no meio do avião. Em vez disso, ela agia como se estivesse com amnésia.

Agia como se não ligasse para o fato de eu ter acabado de beijá-la.

O que aquilo significava? Por que eu a beijara? Isso queria dizer que dividiríamos o quarto?

Estávamos namorando? Eu não namorava ninguém! Puxei o colarinho da camisa e abri a boca em busca de ar.

Mas que merda.

Eu não estava apenas seguindo os passos de Jake.

Eu estava virando uma mulher.

Estava quase esperando os passarinhos cantarem ao redor da minha cabeça ou animadores de torcida surgirem pulando pelo corredor para me entregar absorventes.

Porque, durante toda a hora seguinte, eu só conseguia pensar em não apoiar o braço no descanso da poltrona, com medo de esbarrar no dela e ela pensar que foi de propósito.

E estava nervoso demais para beber o refrigerante, porque aí teria que ir ao banheiro e, para isso, passar por ela. E ela perceberia que eu estava suando.

Estava perdendo a calma.

E toda a minha carreira era baseada no fato de eu conseguir manter a calma em qualquer situação.

Exceto naquela.

Minha história de amor perdido estava oficialmente sentada ao meu lado para um voo de cinco horas — e era imune a mim. Que nem um maldito antibiótico. Merda. Eu era a doença.

Gemi e apoiei a cabeça nas mãos, sobre a mesinha dobrável da poltrona.

Minha segunda hora no inferno terminou quando a garotinha à nossa frente se virou outra vez e perguntou se eu estava com gases. E disse que, quando tinha gases, também gemia.

Observação: *Nunca vou ter filhos.*

Capítulo 7

— Não estou dizendo que não tive um pouco de ajuda. — Vovó deu de ombros. — Que mulher não quer parecer vinte anos mais jovem? Mas esta velha máquina ainda tem alguma utilidade. — Ela apontou para si mesma e sorriu.

— Desculpe, mas o que isso tem a ver com a segurança nacional? — O agente do FBI tirou os óculos e grunhiu.

— Ah, não tem nada a ver. Eu só estava entediada com essas perguntas bobas sobre sequestro e morte. Que deprimente! Por acaso vocês servem vinho aqui?

Beth

Eu já tinha lido a mesma matéria idiota pelo menos quinze vezes até finalmente perceber que não absorveria nenhuma informação. A única coisa que consegui entender das duas frases que li de novo e de novo foi que houvera outro acidente de avião na Europa. Valeu, revista *People*. Obrigada pelo pânico que você acabou de trazer para minha vida. Como se não bastasse estar sentada ao lado de Jace, o avião podia cair a qualquer momento. Porque, vamos ser sinceros, eu não era a mulher mais sortuda do mundo.

Afinal de contas, tinha acabado de admitir para Jace que ele tirara minha virgindade.

E eu tinha trinta anos. Embora ele não soubesse disso, pelo menos não sabia minha idade exata.

Eu também não usava uma placa no peito com os dizeres “Virgem de trinta anos”.

Se fizessem um filme sobre a minha vida, ele se passaria em uma despensa cheia de biscoitos, salgadinhos e refrigerantes, depois a cena mudaria para eu sentada no sofá com meu querido Netflix em uma sala cheia de pôsteres de *The Vampire Diaries*.

Não haveria mocinho. Os coadjuvantes seriam gatos e uma muda de aloe vera chamada Wally.

Fechei os olhos e desejei que minha mente parasse de pensar e apenas... relaxasse. No entanto, o beijo dele mais uma vez tinha me lembrado o que eu estava perdendo. O que eu obviamente perdera na noite anterior, quando fiquei comendo biscoitos e me jogando para cima dele. Era horrível pensar que eu nunca compartilhara um momento íntimo com alguém e, na única vez que isso acontecera, eu não conseguia lembrar. Pelo menos eu não era mais uma chata! Eu sabia que as pessoas me chamavam de chata por causa da minha profissão. E o fato de esse ter sido meu apelido quando mais nova só piorava as coisas.

Beth, a Chata. Odiava aquele apelido humilhante. Brett me chamou de Beth, a Chata, quando me recusei a lhe dar um beijo de agradecimento depois do baile de formatura. Quando tentou outra vez, ameacei envenená-lo. Fazendo uma careta, coloquei a revista de volta no bolsão da poltrona à minha frente e tentei fechar os olhos.

— Então... fui seu primeiro? — sussurrou Jace.

Abri os olhos. Sim, eu oficialmente era aquele tipo de garota. A garota que abria os olhos quando deveria mantê-los bem fechados, a garota que dizia sim em vez de não, a garota que, tendo a chance de beijar o mesmo cara sexy de novo, o faria sem hesitar.

Ele parecia mesmo o Thor.

E com certeza sabia disso.

Estava quase tentada a dizer isso a ele, mas duvidava de que Jace precisasse ser lembrado de sua bela aparência. Ele ficara ainda mais bonito com o passar dos anos. No ensino médio, ele era um pouco mais magro. Mais fofo. Agora, estava lindo. Com os músculos definidos, seu corpo atingira a perfeição.

Umedecendo os lábios, dei uma olhada rápida de canto de olho. Jace estava encostado na janela do avião, o queixo apoiado na mão, como se imerso em pensamentos. Os lábios cheios e sensuais estavam comprimidos em uma linha reta enquanto ele encarava o assento à frente.

Desviei os olhos depressa, e foi então que senti as consequências das minhas escolhas. Eu estava viajando para o Havaí com um semidesconhecido. E não tinha a menor ideia do que ia fazer.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntei.

Jace virou a cabeça para mim.

— Oi?

— Por que estamos indo para o Havaí? É loucura, e você sabe disso, não sabe?

— Não é, não. — Ele abriu um sorriso. — Parece que estamos saindo de férias com a família.

Assim meu assessor de imprensa vai ter tempo para acalmar as coisas. E, bem, pelo andar da carruagem, parece que vovó não vai desistir tão fácil. Tudo fica melhor quando ela não está fingindo um infarto ou enganando um membro do clero para cometer alguma fraude.

— Parece sensato. — Assenti. — Mas o que vamos fazer quando chegarmos lá? Só tirei uma semana de férias no trabalho quando vovó me convidou para o casamento. — Tudo bem, eu estava mentindo. Tinha tirado duas semanas de folga, mas ele não precisava saber disso.

— Então... fui seu primeiro? — repetiu Jace.

Então era nisso que ele estava pensando tanto? Senti o rosto corar na mesma hora.

— Não quero discutir o assunto.

— Está bem. — Jace se virou na poltrona, os olhos cansados enquanto ele parecia buscar uma solução. — Ligue para seu chefe quando pousarmos e explique a situação, mas não conte a verdade.

Diga que teve uma emergência na família. Seu nome não vazou para a imprensa, e duvido que alguém vá identificar de quem é o rosto nas fotos borradas que estavam divulgando a torto e a direito na televisão.

— Está bem, isso resolve um dos problemas. Mas e vovó?

— Chamaram? — Soou uma voz atrás de mim.

Rezei para que estivesse imaginando coisas, mas, pela expressão irritada de Jace, percebi que a prece não seria atendida. Virando-me devagar, encarei vovó Nadine. Ela segurava uma taça de vinho e parecia animada demais.

— A senhora precisa de alguma coisa? — perguntou Jace, tentando ser gentil.

— Você é bom. — Vovó estreitou os olhos. — Vou ter que ser mais cuidadosa com você do que com os outros dois. Você quase me enganou, Jace Antonio Brevik.

Por algum motivo, senti que estava no meio de uma batalha silenciosa. Uma batalha que, ou Jace ganharia e vovó recuaria, ou vovó ganharia e abriria um buraco no avião, fazendo todo mundo despencar para a morte.

— De qualquer forma — a atenção de vovó se voltou para mim de repente —, sei que isso é bastante inconveniente, mas tenho que

admitir que planejei tudo.

— Não me diga — respondeu Jace, seco.

— Sempre admito meus erros. — Vovó olhou feio para ele. — E foi errado drogar vocês.

— Drogar? — repeti, com a voz fraca. — Quando você nos drogou?

— Querida, você não deveria aceitar bebidas de qualquer um.

— Certo. — Mordi o lábio. — Eu deveria ficar atenta a senhoras de oitenta e seis anos dando golpe de boa noite cinderela? É isso que você está dizendo?

Vovó endireitou a postura, empertigando-se.

— Não posso negar nem confirmar suas suspeitas. Mas vim pedir desculpas. Acho que, de tanto bancar o cupido, acabei exagerando um pouco. Dito isso — ela pareceu infeliz —, gostaria que vocês me deixassem recompensá-los.

— Não vamos nos casar — resmungou Jace.

— Ora, seu! — Vovó deu uma risadinha nervosa. — Gostaria de levar vocês para jantar, quando pousarmos. Só nós três. E então vocês dois podem aproveitar o resto da semana com todas as despesas pagas. Beth, sei que você gosta de fazer trilhas.

— Você faz trilhas? — perguntou Jace, chocado.

Minhas narinas inflaram de irritação.

— Não fique chocado por eu gostar de natureza e exercícios, sr. Senador. Às vezes fico entediada com as paredes brancas do laboratório. Gosto de me aventurar.

Ele arregalou os olhos.

Por instinto, eu me inclinei na direção dele, agarrando o descanso de braço entre nós como se fosse a última barreira antes de eu me jogar em seu colo e arrancar aquela gravata. Sempre quis fazer isso. Atacar um homem de forma selvagem e louca e depois fazer...

— E, Jace — interveio vovó, ignorando nossa conversa particular e minha fantasia de tirar vantagem dele, que devia pensar que eu estava sofrendo um aneurisma —, comer sempre esteve no topo da sua lista. Não tente negar. Você é quase obcecado por jantares e bons vinhos.

— Você degusta vinhos? — A pergunta saiu da minha boca antes que eu conseguisse me conter.

O rosto de Jace se iluminou, e a covinha no canto da boca dele me distraiu a ponto de eu parar de respirar.

— Minha família é dona de algumas vinícolas perto da costa de Oregon. Amo aquele lugar.

Vou me casar com ele só pelo bom vinho. Não me julguem. Garotas têm suas necessidades.

— Interessante.

Eu me aproximei, inspirando o perfume dele, permitindo que sua presença amante de vinhos me dominasse. Então, de repente, Jace se afastou e olhou feio para vovó.

— Eu sei o que você está fazendo.

— O quê? — Vovó examinou as unhas.

— Ela gosta de vinho. Eu gosto de vinho. Ela gosta de fazer trilhas. Eu também. — Jace revirou os olhos. — Ora, vejam só! — Ele deu uma risada seca. — Por acaso tenho um padre só esperando para

casar vocês dois! E uma licença! Bem, isso não vai funcionar comigo.
— Ele estreitou os olhos.

— A senhora devia estar em um asilo.

O olhar gélido de vovó poderia ter posto um fim ao aquecimento global.

— O único asilo a que pertencço é a Casa Branca, e só para garantir que você perca caso tente se candidatar à presidência.

— Quero só ver.

— Você vai.

— Pessoal...

Eu apoiei uma das mãos no peito de Jace e, tenho vergonha em admitir, a deixei ali por alguns segundos a mais enquanto gentilmente tirava as garras de vovó do meu braço.

A expressão de Jace se desfez em um daqueles assustadores sorrisos de político. Sabe, aqueles com dentes demais e que fazem os olhos ficarem muito pequenos.

— Você tem razão, onde estão meus modos? Vamos tentar outra vez. — Ele pigarreou. — Eu não namoro. Eu me recuso a ser enganado por uma mulher que engole comprimidos para controlar a pressão como se fossem balinhas e trapaceia nas partidas de bridge.

— Ora, eu nunca...

— Não vou entrar no seu jogo, e Beth também não vai.

— Já entendemos — intrometeu-se a mulher da poltrona à frente, com a voz irritada.

— Vá beber seu maldito suco mágico — disparou Jace, entredentes, e cruzou os braços. —

Vovó, pare de se meter. Sim, podemos jantar, mas depois isso aqui — ele apontou para nós dois —

vai acabar.

Por algum motivo, fiquei com vontade de chorar. Não sabia muito bem por quê. Quer dizer, eu concordava com cada palavra que ele dizia, mas aquilo não diminuiu a dor de ser rejeitada.

Quer saber uma coisa sobre as mulheres e sobre como pensamos? O que quer que um cara diga sobre querer ou não um compromisso ou um relacionamento estável, lá no fundo todas imaginam que, se ele encontrar a mulher certa, vai mudar de ideia. Então ouvi-lo dizer que tinha me conhecido, me beijado e transado comigo, mas que não mudaria de ideia... Aquilo doía.

Talvez aquela não fosse a intenção de Jace, mas foi assim que me senti. Parecia a sentença de morte da minha última esperança de ter um relacionamento. Se eu não conseguia nem atrair o interesse de um político, que chances eu tinha, de verdade? Engoli em seco e olhei para vovó.

— Beth? Você concorda?

Os olhos dela tinham poderes mágicos. Eu poderia jurar que a senti se enfiar no meu cérebro e tocar a verdade com uma daquelas unhas vermelhas e brilhantes. Então desviei os olhos por um breve momento antes de assentir, dando meu melhor sorriso falso.

— A senhora me conhece, vovó. Estou focada na minha carreira. Um relacionamento agora não está nos meus planos.

— Bem — vovó pareceu chateada —, se vocês dois têm tanta certeza...

Jace segurou minha mão.

— Temos mesmo. Mas agradecemos o esforço.

Está bem, de repente eu senti vontade de socá-lo.

— Jace... — comecei, com uma voz doce e enjoativa.

— Sim?

— Se você não parar de falar por mim, vou usar seu corpo para construir meu próprio Frankenstein quando você estiver dormindo. Entendeu?

Ele se afastou e deu um sorrisinho.

— Entendi.

— Bem. — Vovó deu um suspiro audível o bastante para acordar cada criança com menos de oito anos nos fundos do avião. — Acho que está decidido, então. Mais uma vez, sinto muito pela inconveniência. Vamos pousar mais ou menos na hora do jantar. Já me desculpei com os outros por estragar a lua de mel deles. Eles concordaram em levar as malas de vocês para o hotel enquanto saímos juntos para um jantar agradável, depois nos encontraremos com eles para tomar a saideira.

— Ótimo. — Eu sorri, tensa.

— Tchauzinho. — Vovó acenou e se afastou pelo corredor.

Com um suspiro, eu me recostei de volta na poltrona e tentei pensar pelo lado positivo. Só porque Jace não me queria, isso não significava que eu era um fracasso. Só significava que eu estava... solteira. Ainda solteira. Será que eu era ruim de cama? Era bem possível. Ou talvez eu beijasse muito mal. Quem poderia me culpar,

se só tinha praticado com o Caçador de Vampiros e o Empregado do Mês do McDonald's?

— Ela está tramando alguma coisa.

— Jace — soltei um palavrão —, pare de ser tão...

— Tão o quê?

— Tão... desconfiado. Ela pediu desculpas. Ganhamos uma viagem de férias de graça. Deixa isso pra lá.

— Mas...

— Vou dormir.

— Está bem. — Ele parecia desapontado.

Eu queria ver a expressão dele. Queria dissecar cada olhar, cada nuance, cada suspiro, mas sabia que, no fim, o resultado da equação ainda seria zero. Não importava quantos fatores eu adicionasse, Jace ainda não iria querer o que eu tinha para oferecer.

Porque, no fim das contas, eu nem mesmo sabia o que tinha para oferecer além do meu coração.

E, por trinta anos, nem mesmo isso havia sido o bastante.

Capítulo 8

— *A senhora está me dizendo que ele queria ser sequestrado?*

Vovó assentiu.

— *Sim, isso mesmo.*

— *E drogado?*

— *Mas é claro.*

— *E que ele pediu para a senhora lhe dar um tempo antes de revelar sua localização?*

— *É o que estou dizendo.*

— *A senhora matou o Senador Brevik?*

— *Ora, querido, se eu o tivesse matado... Não teria sido pega. É por isso que estou aqui.*

— *A senhora está aqui porque foi pega.*

— *Eu deixei vocês me pegarem. Para dar um pouco de tempo a ele.*

— *Está bem, vou fingir que acredito. Tempo para quê?*

— *Para o amor.*

Jace

Quando o avião pousou em Honolulu, eu estava mais do que pronto para perder a paciência. A garotinha à nossa frente tinha passado a última hora tagarelando sobre a escola, a vida, a mãe, o problema de gases... qualquer informação que pudesse pensar que nos deixaria interessados. Mas a melhor parte foi quando Beth começou a desenhar com ela.

E eu fiquei assistindo.

Vendo suas mãos deslizarem pelo papel.

Observando seus dedos delicados segurarem o lápis azul.

Vendo seu rosto se iluminar com o elogio da menininha.

E aí arruinei tudo ao fazer uma careta quando as duas comemoraram batendo as palmas das mãos, me deixando de fora.

A irritação perfurou meu peito. Eu estava prestes a perder a cabeça. Cada vez que tentava pensar em um motivo para estar chateado com a falta de atenção de Beth, ficava mais furioso comigo mesmo.

Eu deveria ter pedido desculpas por ter sido tão franco, mas era melhor assim. Ela precisava saber que o que acontecera entre nós fora apenas sexo casual. Sim, ela era linda, mas isso não queria dizer que eu estava pronto para me entregar assim, de bandeja.

Já tinha feito aquilo uma vez. Nunca mais.

E daí se eu parecesse insensível? Eu tinha o trabalho. Amava meu trabalho e pretendia continuar nele.

Liguei o celular e olhei para a tela.

Havia uma mensagem de Rick: *Ligue assim que o avião pousar.*

Em vez disso, ao aterrissar, enviei uma mensagem, pois não queria ser aquele cara chato que começa a falar alto quando todos estão tentando pegar as malas e atravessar o corredor estreito.

Eu: *Pousei. Não posso falar. Tudo bem?*

Rick: *Defina "bem".*

Eu: *O problema acabou?*

Rick: *Se o problema a que você está se referindo é uma mulher muito atraente de trinta anos que trabalha na empresa cujo projeto de lei você acabou de recusar porque disse que não estava bem fundamentado, então sim. Claro. Uma maravilha.*

Eu: *O quê?!*

Rick: Como eu disse, ligue quando puder. Precisamos resolver isso. Os índices de aprovação podem mudar da noite para o dia. Quer boas notícias? As pessoas acham que você vai se casar, e a imprensa está se fartando. Então não chame mais atenção.

Praguejando, guardei o celular de volta no bolso e massageei as têmporas.

— Más notícias? — Beth piscou os olhos verdes de forma inocente.

— Sim, graças a você.

Eu estava entre a cruz e a espada. Não podia voltar e, se ficasse, continuaria perto de Beth. E

quanto mais tempo eu passasse perto dela, mais iria querer atacá-la. E de uma forma completamente reprimida e sexualmente frustrada. Com mordidas, luta e...

— Graças a mim? — Ela ergueu as sobrancelhas.

Tentei parecer irritado, não excitado.

— Alguma chance de você chutar meu saco na frente dos jornalistas e afirmar que é insana em troca de uma quantia absurda de dinheiro?

Beth estreitou os olhos até parecerem pequenas fendas.

— Vou lhe dizer uma coisa: posso chutar seu saco de graça. Quanto ao resto, você pode ir à merda.

— Uau — retruquei, seco. — A química tem personalidade, afinal.

Eu estava sendo um babaca. E sabia disso, mas estava puto. Tinha perguntado se ela possuía um passado negro, se tinha qualquer drama em sua história, e ela nem sequer pensou em dizer que trabalhava para a GreenCom? Tecnicamente, a culpa era minha. Eu

não tinha analisado seu histórico profissional, apenas a carreira. E, para ser sincero, não importava tanto assim. Estava mais chateado com o cheiro daquele perfume maldito que ela usava, que estava arrancando a solteirice de mim.

— Você é um babaca — sibilou ela, passando por mim com um empurrão e atravessando o corredor. O avião já estava quase vazio.

Praguejando, também me levantei e segui pelo corredor.

Tinha sido drogado por uma mulher de oitenta e seis anos.

Não conseguia me lembrar do que acontecera na noite anterior.

Fora acusado de dormir com uma prostituta.

Estava saindo em férias não planejadas e me sentia levemente manipulado e talvez um pouco sequestrado.

E meus índices de aprovação estavam em queda meteórica.

As coisas não poderiam ficar piores.

Finalmente, cheguei ao portão onde Travis, Kacey, Char, Jake e Beth esperavam.

Era óbvio que havia alguma coisa errada, já que todos digitavam desesperados em seus celulares e Kacey parecia à beira das lágrimas.

— O que houve? — perguntei, como um idiota. — Alguém morreu?

Todos os olhares se voltaram para mim.

— Não conseguimos encontrar vovó. — Beth parecia tensa. — Ela disse que precisava ir ao banheiro e sumiu.

— Ela deve estar bem. — Tentei acalmá-la. — Afinal, é de vovó Nadine que estamos falando. Eu tenho pena do indivíduo que tentasse atacá-la. Bem, eu assistiria a essa cena comendo pipoca.

O grupo pareceu relaxar um pouco.

Até ouvirmos a buzina.

Então um borrão com estampa de leopardo passou por mim em alta velocidade.

— Acho que a encontrei — comentei.

Vovó freou o carinho motorizado do aeroporto tão bruscamente que quase foi jogada para fora, então saiu.

— Desculpem, queridos, demorei uma eternidade para encontrar um desses.

Fiz careta.

— Vovó, acho que é ilegal dirigir um desses sem a permissão dos funcionários do aeroporto.

Estremeci involuntariamente quando o olhar dela recaiu sobre mim.

— Eu sou a lei.

Puuuuta merda. Em que diabos eu tinha me enfiado?

— Entrem.

Vovó engatou a ré, quase matando dois idosos no processo, então pegou um batom e começou a aplicá-lo com a ajuda do espelho retrovisor.

Ótimo, então ela usava os espelhos para passar batom, não para dirigir. Estávamos em ótimas mãos.

A última coisa que eu queria fazer era ir jantar. Queria dormir, isso sim. Dormir e ouvir Rick dizer que estava tudo bem.

Peguei a mala e avancei até o carro, olhando para Beth, que abraçava Char. Ela estava chorando?

Era culpa minha? Sentindo-me um babaca, tentei ir até ela, mas fui impedido por Jake e Travis, que me encaravam como se preferissem me dar um tiro na cara a me deixar chegar perto de sua família.

— Escuta aqui, mané — começou Jake.

Eu dei risada. Não pude evitar. Mané? Sério? Era disso que ele ia me chamar? Então ele me deu um soco na barriga. Eu me inclinei para a frente com a força do golpe. Não foi um dos meus melhores momentos. Travis me puxou pela camisa e me apoiou na parede, de forma que não parecesse que eu havia acabado de levar um soco na barriga.

— Estou ouvindo. — Olhei feio para eles.

— Vamos acabar com a sua raça. — Travis sorriu como se estivesse animado com a ideia de matar um senador e ir para uma prisão federal. — Então deixe ela em paz.

— Ela? — repeti. — Está falando da vovó?

— Vovó? — Jake bufou. — Aquela mulher pode trucidar você com as mãos nas costas. E digo logo: eu nem mesmo sentiria pena. Estamos falando de Beth.

— Ei — ergui as mãos —, eu não fiz nada.

— Você transou com ela.

— Não tenho muita certeza — respondi, sendo sincero. — Não consigo... me lembrar bem dos detalhes.

Travis cutucou Jake.

— Ficou nervoso com a sua performance?

— Claro que não — disparei. — Acho que estava bêbado demais, ou...

Foi a coisa errada a se dizer.

Levei outro soco na barriga.

Meu estômago tinha caído até minhas bolas, a essa altura. Bem, pelo menos eu não estava mais com fome!

Travis soltou um palavrão.

— Não se meta com ela. Deixe-a passar as férias relaxantes no Havaí em paz. E seja simpático.

— Eu sou simpático — falei, tentando me defender.

— Você é um... *político*. — Jake fez aspas com as mãos. — O que basicamente quer dizer que seu trabalho é ser simpático e fazer todos confiarem em você, mas consigo ver além do disfarce. Via quando você estava interessado em Char, e vejo agora. Deixe. Beth. Em. Paz.

— Ou o quê?

Olhei para os dois com desprezo. Está bem, na verdade eu não iria fazer nada, mas estava irritado com as ameaças.

— Ah, isso é fácil. — Travis se afastou, sorrindo para Jake como se eles compartilhassem um grande segredo. — Se não deixar Beth em paz, vamos deixar você lidar sozinho com vovó.

Ele apontou para o carrinho motorizado no qual a velha senhora sacudia o celular no ar e gritava:

— Estou sem sinal! Maldito país do Terceiro Mundo!

Eu só duraria cinco minutos sozinho com aquela mulher antes de cometer um assassinato.

— Está bem. Mas, para sua informação, eu ia deixá-la em paz de qualquer forma.

— Claro que ia. — Jake revirou os olhos. — É por isso que ficou olhando a bunda dela pelos últimos dez minutos.

Naturalmente, meus olhos foram direto para onde não deveriam, e fui agraciado com outro golpe forte na barriga.

— Que bom que nos entendemos. — Travis deu tapinhas bem fortes na minha bochecha.

— Que merda é essa? Vocês parecem a máfia da vovó.

— Ela daria uma excelente mafiosa. — Jake assobiou e enfiou as mãos nos bolsos. — Ah, aliás: divirta-se no *jantar*.

— Merda.

Derrotado, assisti ao grupo entrar no carrinho motorizado e se dirigir à esteira de bagagens, deixando Beth, vovó e eu para trás.

— Muito bem! — Vovó uniu as mãos. — Isso não é ótimo? Que tal irmos jantar?

Capítulo 9

— *Até quando pretende continuar com isso?* — *perguntou o agente, seco.*

Vovó sorriu e se inclinou para a frente, por cima da mesa de metal.

— *Quanto tempo você vai ficar aqui, querido?*

Beth

Eu era uma idiota chorona. Eu devia estar na TPM, era a única explicação. Char e Kacey me deram alguns abraços e disseram que todos os homens eram uns babacas. Ajudou. Um pouco.

Só pude presumir que elas tinham notado minha cara de choro e estavam tentando oferecer apoio como podiam, o que, para as mulheres, significa basicamente falar mal do cara em questão até a chorona se unir ao grupo.

Mas eu não queria me unir ao grupo. Porque, independentemente de como Jace tivesse tratado meus sentimentos, pelo menos fora sincero.

Com sinceridade eu podia lidar. Eram os homens falsos que me incomodavam. Eu tinha aguentado a sinceridade a maior parte da minha vida adulta. Conseguia lidar bem com isso, explicá-la de forma racional.

Talvez fosse meu cabelo.

Sempre me disseram que castanho era uma cor meio sem graça.

Ou quem sabe meus olhos? Mas, na minha opinião, eles eram a única coisa que eu tinha de bom.

Cílios escuros emolduravam olhos verde-esmeralda, dando a eles uma aparência quase exótica.

Mas isso era tudo. Sério. Era tudo o que eu tinha. Meu corpo era normal, nem muito grande nem muito pequeno. Ok, agora estou oficialmente falando como a Cachinhos Dourados.

— Ele tratou você mal? — Char apertou minha mão. Ela sempre foi o tipo de garota que age primeiro e pergunta depois.

E eu a amava por isso.

— Não — menti. — Ele foi um perfeito cavalheiro. Nada mau para um senador.

— Senador uma ova — sibilou Char. — Aquele lá é uma cobra.

— Achei que você gostasse dele — argumentei.

— Gostava, no passado. — Char fungou. — Gostava antes de ele tirar você da festa de casamento. Gostava antes de descobrir que você ficou colada ao peito nu dele por horas a fio. E

gostava antes de ele começar a olhar para a sua bunda como se ela guardasse segredos de segurança nacional.

— Ele estava olhando para a minha bunda? — perguntei, em uma voz um pouco esperançosa demais. Beth má. Muito má.

— Agora não é hora para isso, Beth. — Char estreitou os olhos. — Lembra-se do que aconteceu com Brett? E Steve? E John?

— Pare de citar os homens do meu passado, antes que eu me mate.

Kacey não falou nada. Ela assistia à conversa, interessada, olhando de Jace para mim com um sorrisinho.

— Ele até que é bonitinho — disse ela, por fim.

Hã, na verdade ele era um deus. Sério, podem perguntar para a Marvel.

— Kace... — disse Char, em tom de aviso. — Bonitinho é adjetivo para filhotes. Não para políticos.

— Vamos lá! — gritou vovó, por cima da briga dos garotos e da risada das mulheres ao meu lado.

— Acabe com ele, garota! — Char me deu um beliscão na bunda. — Dê trabalho para Jace.

— Dar trabalho? — perguntei, inocentemente. Tinha a leve suspeita de que ela não estava falando de trabalho de verdade, como em fórmulas matemáticas para encontrar o X, e sim de algo muito mais difícil, como tentar ser sexy.

A resposta de Char foi cutucar Kacey e dar risada. Eu estava perdendo alguma coisa? Dando de ombros, culpei minha exaustão e ajeitei a bolsa no braço. Jantar. Um jantar. E aí eu iria encontrar um havaiano usando linho para passar óleo de coco por todo o meu corpo e dizer umas palavras grandes, como eletromagnetismo e ligaç... droga. Eu era minha própria ligação iônica. Não importava quantas vezes eu desejasse me ligar a alguma coisa ou alguém, nunca conseguia.

Merda. Eu não tinha carga. Queria *tanto* ter carga! Precisava de carga.

— Tudo bem? — perguntou Jace, assim que passamos a andar atrás de vovó.

— Eu tenho carga?

— Oi?

— Carga — repeti.

— Carga tipo uma bagagem?

— Uma ligação.

— Estou um pouco confuso.

Soltei um suspiro pesado.

— Uma ligação iônica é formada quando partículas de cargas opostas se unem. Acho que não tenho carga.

O rosto de Jace se iluminou com o riso.

— Está sem carga, é? Essa é sua opinião profissional?

— Vou ao banheiro. Maldito vinho! — gritou vovó, então saiu andando, deixando Jace e eu em um lugar bem romântico, que as pessoas gostam de chamar de parede entre o banheiro feminino e o masculino. As descargas eram nossa música de fundo, e o cheiro de comida mexicana pairava no ar.

Mais uma prova de que não tenho carga.

— Então... — Jace se recostou na parede.

— Então?

— É essa sua opinião profissional? Você não tem carga?

— Isso.

Outra descarga. Maravilha. Eu quase queria dar vivas para aquela pessoa. Se ir ao banheiro não é motivo para comemoração, o que será?

— Ótimo. — Ele agarrou meus braços e me puxou para perto. As descargas continuavam a soar, mas me concentrei naqueles lábios em movimento. — Agora, vou dar a minha.

O beijo foi tenro e difícil de definir. Eu me apoiei nele e fui recompensada quando sua boca se colou mais à minha. Sem aviso, ele se afastou.

— Beth. — A voz rouca dele ressoou por todo o meu corpo, provocando calafrios. — Você está olhando para o problema da maneira errada. O problema não é sua carga. O problema é você

nem mesmo perceber que a tem, para começo de conversa. Se não sabe o que tem, como pode usá-la?

Então, você quer formar uma ligação iônica? Duvido. Por que iria querer se ligar à energia de outra pessoa, quando tem a própria? Por que fazer uma ligação, se você compõe um espectro contínuo?

— Você usou palavras científicas complicadas. — Sim, isso era tudo o que eu tinha a dizer depois daquele discurso.

Os olhos de Jace brilharam, divertidos.

— Às vezes acontece. Eu frequentei a escola, sabe.

— É tipo falar sacanagem, só que mais excitante.

Eu me inclinei para mais perto, e o sorriso dele cresceu.

Jace se aproximou, e nossas testas se tocaram.

— Eu sei várias outras.

— Você me chamou de espectro contínuo. — Abri um sorriso largo, me sentindo quente e arrepiada da cabeça aos pés.

— Foi um elogio.

Os lábios dele estavam tão próximos que eu quase sentia o gosto do chiclete de menta.

— Eu sei.

— Beth. — Ele me afastou com gentileza. — Pare de se preocupar em atrair quem você não quer por perto. — Ele pigarreou e passou a mão pelo cabelo loiro e comprido.

Será que ele estava falando de si mesmo? Eu o atraía?

— Pode acreditar, o cara certo vai aparecer, e, quando isso acontecer, vai ser maravilhoso. Até lá, continue sendo essa pessoa incrível. Você é linda, inteligente e tem muito a oferecer. Não seja sua pior inimiga.

Atordoadada, tudo o que consegui fazer foi olhar para ele e desejar... É, estava torcendo, desejando, que ele dissesse "que se dane" e me beijasse outra vez. Eu queria que ele me quisesse e odiava o fato de ser fraca a ponto de precisar que uma pessoa do sexo oposto afirmasse que eu era atraente.

— Bem — vovó saiu do banheiro soltando um palavrão —, algumas pessoas são intolerantes a lactose. Esse é o problema! — Os olhos dela se estreitaram. — O que está acontecendo aqui?

— Aula de ciências. — Jace passou o braço ao meu redor. — Uma pequena aula sobre ligação iônica.

— Malditas ligações. — Vovó jogou a gigantesca bolsa de leopardo sobre o ombro e deu uma piscadela. — O governo liga oferecendo ações, e depois você precisa esperar anos para ver a cor desse dinheiro... Anos, veja bem!

— E uma aula de economia — acrescentei. — Que dia!

— Estou com uma fome de leão. E quase vomitei naquele buraco dos infernos que chamam de banheiro. Vamos embora. — Vovó apontou para a saída e começou a se afastar.

Jace deu uma risadinha e começou a segui-la, e eu fiquei um pouco atrás dos dois. Por que ele não parava de me beijar, se não queria nada comigo? E por que eu me importava? Thor estava me beijando. Isso era motivo de comemoração, não contemplação. Mas, é claro, como uma boa solteirona, tudo o que eu conseguia fazer era me concentrar no fato de que ele dissera que eu era um espectro, o que, infelizmente, foi uma das coisas mais legais que já ouvi de um homem.

Capítulo 10

— *Senhora, o que Justin Timberlake tem a ver com isso?*

— *Justin Timberlake é a resposta para tudo na vida — disse vovó, solene.*

— *Por quê?*

Depois de uma longa pausa, ela respondeu:

— *Porque ele é muito sexy.*

— *Como eu me arrependo de não ter tirado o dia de folga...*

Jace

Então eu já a beijara duas vezes. Grande coisa. Lambi os lábios pelo que deve ter sido a vigésima vez, torcendo, ou melhor, rezando para que ainda conseguisse sentir o gosto dela na ponta da língua. Nossa, Beth tinha um gosto muito bom. Eu não conseguia tirar da cabeça seu cheiro ou seu gosto, mas precisava muito me concentrar em coisas importantes, como colocar minha carreira de volta nos trilhos, em vez de jogá-la no ralo.

Com um gemido rouco, lambi os lábios. Uma última vez. Só para lembrar.

Eu já tinha perdido a conta de quantas vezes havia beijado uma mulher sem sentir nada.

Era vergonhoso admitir que um homem podia ficar tão desapontado com o sexo feminino a ponto de parar completamente de reagir. Era isso que Kerry tinha feito comigo. Graças a ela, eu acabara defeituoso. E eu odiava me sentir como um brinquedo defeituoso, que não funcionava mais direito. Aquilo me deixava puto e me fazia me sentir menos homem.

Mas Beth? Ela fazia eu me sentir vivo. Pena que as coisas que fazem as pessoas se sentirem vivas costumam matá-las. Drogas, álcool, bungee-jump. Está bem, está bem. Eu estava sendo dramático, mas ainda assim. Mulheres são como predadores. Elas não conseguem resistir à vontade de prender os homens e, com o tempo, destruir o relacionamento. Talvez fosse medo, mas eu acreditava que era algo muito mais profundo do que isso.

Casamento arranjado. Esse era o meu futuro. Pelo menos assim eu poderia controlar a situação e usá-la em benefício próprio. Teria a esposa de senador perfeita, e então meu sonho se realizaria.

O único problema? Quanto mais tempo eu passava com Beth e aquela avó maluca, mais distante ficava a realidade dos meus pensamentos. Precisava voltar para casa e ligar para Rick. Beth tirava minha concentração.

Nunca me considereei um romântico. Esse sonho morrera havia mais de dez anos. Eu era jovem, estúpido e ingênuo de pensar que Beth se lembraria da magia do nosso beijo. Do momento mágico que compartilhamos. Eu tinha caído de quatro por ela. Em exatos três minutos eu já havia planejado nosso casamento, enquanto ela não podia esperar para cair fora.

Quando disse a vovó Nadine que a ajudaria a juntar Jake e Char, nunca imaginei que ela me envolveria no drama da família Titus. Nem uma única vez pensei que acabaria na cama com a irmã de Char. Muito menos depois de todos aqueles anos sonhando com isso.

Olhei de soslaio para Beth.

Ela era linda. Mas eu vivia cercado por mulheres lindas, e nenhuma delas, nem umazinha, tinha me dado vontade de lutar por algo.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ela dava.

E eu ficava muito puto por ter, de alguma forma, dado a ela aquele tipo de poder emocional sobre mim. Isso já havia acontecido uma vez, com Kerry: eu tinha baixado a guarda e a flagrado na cama com meu melhor amigo. Mas, mesmo com Kerry, eu não havia sentido a química que sentia com Beth.

Isso me apavorava. Se era tão fácil querer ficar com ela, isso só podia significar que Beth tinha ainda mais poder para me destruir. E a pior parte era que eu provavelmente deixaria, porque, mesmo que eu quisesse ser o cara durão que não dava a mínima, eu não era.

Eu sempre soube que, quando me apaixonasse por alguém — quando começasse a amar alguém

—, isso me destruiria de dentro para fora. Minha mãe sempre falou que eu era um cara de peito aberto. Na minha profissão, aquilo ajudava. As pessoas confiavam em mim de verdade. Gostavam de mim. E, em troca, eu tentava fazer o melhor por elas.

Por elas. Eu precisava lembrar o que eu tinha nascido para fazer. Liderar os outros e me sacrificar. Pelo menos, no fim do dia, eu ainda teria o trabalho. Logísticas, eleições e política eram os tópicos que, dada a chance, tomariam conta da vida de uma pessoa, sem deixar espaço para mais nada. Precisava que minha vida fosse daquela forma para conseguir controlar as coisas.

Gemendo, decidi dar um descanso para minha mente.

Pelo menos pelo resto do dia.

Ia me concentrar em sobreviver ao jantar. Seria difícil o bastante lutar contra as vontades de vovó. Eu precisaria de todas as minhas forças para lidar com aquela mulher. Não sei o que Deus estava pensando quando a criou.

— Chegamos! — gritou vovó, como se estivéssemos na Copa do Mundo.

— Viva. — Beth ergueu o punho no ar e sorriu para mim, cansada.

Coitada. Ela devia estar tão exausta quanto eu. O voo não tinha sido nada maravilhoso. Na verdade, tinha sido o próprio inferno. E realmente me fizera questionar meu desejo de procriar.

— Estou com tanta fome que quase comi o doce que esqueci na bolsa três semanas atrás —

murmurou Beth, de forma que apenas eu pudesse ouvi-la.

— Quê? E nem pensou em dividir?

— Estava coberto de pelos. — Beth suspirou. — Tinha cinquenta por cento de chance de eu morrer de alguma doença causada por fungos.

— Mais papo sobre ciência. — Suspirei também. — Sexy.

— Fungos. Um assunto muito sexy.

— Cadê esse barco maldito? — Vovó pôs as mãos na cintura, andando irritada pelo cais, e eu fechei os olhos e apertei a ponte do nariz.

Vovó gritava obscenidades para o céu noturno, mas eu não estava prestando atenção, já que Beth tinha dado um jeito de se encostar no meu ombro, e meu ombro tinha decidido, naqueles poucos segundos, que gostava disso. Então eu fiquei lá, paralisado com o contato, me perguntando se eu deveria ou não passar os braços ao redor dela ou se era melhor só ficar lá imóvel, como um idiota.

— Crianças, esperem aqui. Isso é muito... — Vovó não terminou a frase. Em vez disso, continuou a gritar e saiu andando pela praia

com o celular na mão.

Beth não se moveu. Em vez disso, se apoiou um pouco mais em mim enquanto eu fechava os olhos e deixava o aroma das ilhas penetrar meus sentidos. O ar parecia mais pesado devido à umidade das flores. Pela primeira vez em dois anos, me sentia quase relaxado.

Isto é, até uma buzina soar ao longe.

Pisquei algumas vezes enquanto encarava o barco. Não, aquilo estava mais para um iate. Bem, tratando-se de vovó Nadine, o que mais eu poderia esperar? Aquela mulher não gostava de coisas pequenas, em nenhum sentido, então se o Titanic de repente se erguesse de seu túmulo nas profundezas do mar e atravessasse o oceano para nos levar até nosso destino... bem, não seria surpresa. Conforme o iate se aproximava, ficava cada vez mais difícil desviar os olhos. Sempre gostei de iates, e aquele era lindo. Branco e luminoso, as luzes refletindo na água. Eu poderia me aposentar e morar nele, vivendo com conforto pelo resto da vida. Na lateral estava escrito *Titus Enterprises*. Será que íamos jantar a bordo? Um homem de camisa havaiana pulou para o cais e fez sinal para que nos aproximássemos.

— Acho que nossa carona chegou — sussurrei no cabelo de Beth, tomando a liberdade de respirar fundo algumas vezes.

— Hum... — respondeu ela, e começou a andar até o iate.

Eu a segui automaticamente, hipnotizado pelo movimento de seus quadris.

O capitão a ajudou a subir no barco. Ela estava cansada, mas eu ainda estava desperto.

— Para onde o barco está indo? — perguntei.

— Você é Jace Brevik?

— Sou?

— E Beth Lynn? — Ele apontou para Beth, que parecia morta de cansaço.

— É...

— Ótimo! — O homem uniu as mãos. — Sou o capitão. Sua avó virá no próximo barco. Ela disse alguma coisa sobre precisar ir ao banheiro outra vez, então fui autorizado a seguir na frente e deixar vocês no restaurante.

— Comida — grunhi. — Ótimo, e fica muito longe daqui?

O capitão me olhou esquisito.

— As coisas são tão distantes quanto as permitimos ser. Agora, sente-se e relaxe. Tem ponche de rum lá na popa. Sirvam-se.

— Álcool. — Assenti. — Ótimo.

— É, como se isso não tivesse causado problema nenhum nas últimas vinte e quatro horas —

zombou Beth, sonolenta.

Ignorando-a, peguei dois copos descartáveis e fui até o frigobar que havia na popa do barco.

Enchi os dois copos até a boca com o líquido rosado, peguei um pacote de batatas chips para dividir com Beth e voltei para onde ela estava sentada.

— Toma. — Eu lhe entreguei os salgadinhos.

— Comida! — Ela arrancou o pacote das minhas mãos e o abriu.

Eu ri.

— Você reage assim a todos os tipos de comida ou só para porcarias, como batatas chips e biscoitos?

Beth fechou os olhos e, bem devagar, colocou uma batata na língua. Então fechou a boca e começou a mastigar. Quem comia batatas chips daquele jeito?

— Todas as comidas — respondeu, ainda mastigando. — Mas amo salgados.

Bem, aquilo explicava o jeito estranho de comer a batata. Ela pegou outra e repetiu o processo.

Soltei um palavrão e desviei o olhar. Qual era o meu problema?

Levei o ponche de rum aos lábios e tomei um gole. O líquido era gelado e doce, mas não doce demais. Tinha uma pitada de gengibre e sabor de paraíso, depois daquele voo.

— É bonito. — Beth suspirou, bebendo o ponche.

— O quê?

— O céu. Os hotéis. A água. — Beth apontou para a costa, onde todos os hotéis da praia de Waikiki brilhavam sob o céu noturno. — Só vim aqui uma vez. Jurei a mim mesma que voltaria depois da formatura, mas aí consegui um emprego, e sabe como é. Dez anos depois, você fica se perguntando por que nunca tirou férias.

Bufei.

— Sei bem como é.

— De qualquer forma... — Beth pigarreou. — Eu andei pensando...

— Isso pode trazer problemas.

— Eu sei. — Ela brincou com o copo meio vazio que tinha nas mãos, girando-o algumas vezes antes de se reclinar no assento. — Sei que a situação não é ideal. Sei que tem muita coisa acontecendo na sua vida. Mas acho que é disso que eu estava precisando. Férias. Fugir um pouco. Só lamento por você ter sido drogado para vir aqui.

Joguei a cabeça para trás e ri.

— Querida, a culpa foi minha. Eu concordei com um plano da vovó, na verdade. — Dando de ombros, continuei: — Eu devia... hã... dar em cima da sua irmã e fazê-la gostar de mim. Havia uma aposta rolando entre vovó, Kacey e Travis. Eles queriam arranjar um bom homem para Char, e vovó queria ganhar o jogo. É óbvio que vovó ganhou. Char e Jake parecem felizes.

— Então você ainda é um cavaleiro de armadura brilhante, aparecendo bem na hora para salvar o dia. — Beth suspirou.

Entrei em pânico.

— Como assim? Cavaleiro de armadura brilhante?

— Eu me lembro. — Ela quebrou uma batata com a mão e a jogou na boca. — No último ano do colégio. Você foi ao baile de formatura com a sua prima.

Minhas mãos ficaram suadas outra vez, então as esfreguei na calça e esperei pelo que ela diria em seguida.

— Você apareceu e dançou comigo quando eu estava sozinha e infeliz.

Eu ri.

— Pode acreditar quando digo que não teve nada a ver com eu ser um cavaleiro de armadura brilhante indo resgatar você.

Ela pareceu desapontada.

— Como assim?

— Falando sério?

Ela assentiu.

— Eu achei você gostosa.

O som da risada de Beth enchendo o ar noturno podia muito bem ter sido uma explosão no meu peito. Eu ficaria feliz em ouvi-la rir a noite inteira.

— Obrigada. — Ela sorriu. — Isso valeu minha noite.

— Que pena. — As palavras saíram da minha boca antes que eu conseguisse me conter. —

Porque, no que diz respeito a elogios, esse foi bem ruinzinho. Espero que já tenham dito que você é mais do que apenas gostosa. Espero que os caras usem elogios melhores com você. Você merece.

Beth abriu um sorriso tenso. Ela deu de ombros e desviou os olhos.

— Char disse que Jake faz bons elogios. É fofo.

Franzindo a testa, deixei o copo de lado.

— Você não parece muito convencida de que isso é fofo. Acho até que você acabou de afundar ainda mais na cadeira e encurvou os ombros. Não gosta dele? Na verdade, eu achava que Jake não passava de um babaca mimado, mas ele está tentando melhorar, e eu o respeito por isso.

— Não é isso.

Beth balançou a cabeça e encarou o maldito copo que tinha nas mãos. Irritado, peguei o copo, obrigando-a a olhar para mim.

— Parece ridículo quando eu digo em voz alta.

— O quê?

Beth revirou os olhos.

— Eu nem conheço você. Não vou ficar toda emotiva.

— Mentira. — Dei um sorrisinho. — Dancei com você por pelo menos três minutos e passamos algumas horas juntos, na cama. E, se você puder se intrometer de novo, acho bem provável que a gente tenha acabado de participar de alguma espécie de tradição de casamento havaiano que diz que dividir o ponche significa que estamos casados.

— É verdade.

— Vou lhe dizer uma coisa. Estou dando a você um passe livre para falar o que quiser. Além disso, estamos em alto-mar. Ninguém pode nos ouvir, nenhum celular vai tocar e não tem nenhum jornalista por aqui. Somos só nós. Se você quiser uivar para a Lua, vá em frente. Acabei de transformar o mar na Suíça.

A boca de Beth se curvou em um sorriso.

— Território neutro? E os senadores têm o poder de fazer isso?

Fiz uma pausa e estalei os dedos.

— Acabei de fazer.

Beth riu.

Segurei o fôlego. Sua risada era linda. Eu não queria arruiná-la fazendo barulho.

— Está bem. — Ela mordeu o lábio, inclinando a cabeça para o lado.
— Acho que é inveja.

— Inveja?

— Travis é apaixonado por Kacey desde que era pequeno. Char era apaixonada por Jake. Os dois casais têm um passado, uma história e um final como o da Cinderela, com uma fada madrinha na forma de uma avó brandindo um batom.

Eu ri.

— E?

— E — Beth se inclinou para a frente e suspirou — eu tenho a ciência.

— Irado. — Assenti, encorajando-a.

Ela me deu um tapa no braço.

— Estou falando sério!

— Pensei que você gostasse do seu trabalho.

— Eu gosto! É só que... — Ela começou a enrolar uma mecha de cabelo nos dedos. — É só que...

às vezes, eu desejo a história da Cinderela. Quero o final feliz. Eu quero... mais.

— Ter mais nem sempre é melhor, Beth. Lembre-se disso. É fácil para quem vê de fora. Ainda mais quando nos sentimos sozinhos. Ora, é fácil pensar que os outros têm uma vida perfeita. Você cria uma fantasia na sua cabeça sobre como elas são sortudas, como são felizes. Mas na verdade a vida é uma droga. É difícil pra cacete. Os casais, em sua maioria, dão suor e sangue para continuar juntos. Esse é o preço para levar um relacionamento. Não é um conto de

fadas. E acho que não é isso que as mulheres querem, para começo de conversa. Vocês podem até dizer que querem uma coisa fácil, mas pode acreditar: preferem quando as coisas são difíceis. Vocês querem um cara disposto a brigar. Querem que ele esteja disposto a encarar tudo por vocês. Não passe nem um segundo invejando uma situação sobre a qual não sabe os detalhes. Em vez disso, fique em paz com sua vida como ela é e saiba que, quando chegar a hora, vai acontecer. E, quando acontecer, vai ser difícil, e você vai ter que se perguntar se vale a pena.

— E você? — perguntou ela, baixinho. — Acha que vale a pena?

Às vezes odeio minha sinceridade.

— Na maioria das vezes. — Engoli em seco e desviei o olhar, sentindo-me culpado pelo que estava omitindo. — Não. Não acho que vale a pena. E, mesmo se valesse, não posso dizer com certeza absoluta que eu ficaria por perto para descobrir.

— Uau — comentou Beth. — Brutal. Mas honesto.

— Quem disse que não existe político honesto? — Fiz piada, mesmo com o coração apertado pela traição. — Espero que não tenha deixado você desapontada. É só o meu jeito. — Mentiras. Só mentiras. Eu já fui assim, em algum momento, mas as pessoas mudam. Coisas acontecem.

— Que jeito?

— De príncipe encantado. — Eu a cutuquei com o cotovelo. — Para mim, pular de cabeça no amor é meio como apostar para perder. Não faz sentido. Por que eu entraria, por vontade própria, em uma situação onde as chances de sucesso são mínimas? Por que correr o risco de as coisas não acabarem com um “felizes para sempre”? Por que não fazer as coisas em que se é bom e ter sucesso nisso? Ser bem-sucedido me deixa feliz, e não preciso de alguém na minha vida

para saber que sou uma boa pessoa. Também não preciso da aprovação do sexo oposto para me sentir mais homem.

— Então... — Beth deu um sorrisinho. — Por você, tudo bem morrer sozinho?

— Se eu não for assassinado primeiro — provoquei.

O iate se aproximou de um cais. A viagem tinha sido rápida. Alguém foi até o barco e ajudou a tripulação a amarrá-lo no lugar. No litoral, havia uma fileira de chalés no estilo tiki com as luzes acesas. O lugar não parecia abandonado, mas não estava lotado de turistas.

— Ela fez a gente viajar um bocado só para um jantar — comentou Beth.

— Isso é porque vocês não vieram apenas para jantar — informou o capitão. — Suas malas virão no próximo barco, junto com sua avó. Já cuidamos de tudo. Aproveitem a estadia.

— Estadia? — repetimos, em uníssono.

— De seis dias. — O capitão coçou a cabeça e checou a prancheta.
— Isso mesmo. Aqui diz que vocês vão ficar na suíte de lua de mel Romeu e Julieta. E o casamento será... Ah, sim, no sábado. Bem, vocês precisam de alguma coisa?

— Casamento?! — gritou Jace.

— Calma. Fica tranquilo, cara. — O capitão deu risada. — Adoro pregar essa peça nos turistas.

Eles sempre caem. Não haverá casamento. Mas a parte da suíte é verdade. Era o único chalé disponível.

— Chalé? — Beth pronunciou a última sílaba com raiva.

— Claro. — O capitão sorriu. — Mas aqui na ilha nós os chamamos de chalés da fertilidade.

— Mas que merda. Vovó está tentando fazer você engravidar. — Eu ri. — Só por cima do meu cadáver.

Beth se virou de repente para olhar para mim e estreitou os olhos.

— Não porque eu não dormiria com você. Quer dizer, acho que podemos dizer que foi...

fantástico. — Ah, se apenas eu conseguisse me lembrar de quão fantástico. Eu queria morrer.

— Lá vamos nós! — O capitão pegou Beth e a ajudou a descer do iate. — É só continuar andando reto que vocês vão chegar ao saguão principal.

No instante em que pisei no cais, o capitão me segurou e sussurrou:

— *Keiki, keiki, keiki.*

O que ele estava dizendo? Kiwi? Keiki?

— Que droga você está fazendo? — Eu o empurrei para longe.

— Você foi amaldiçoado. — O capitão deu tapinhas nas minhas costas e puxou minha orelha.

Juro que quase dei uma joelhada nas bolas dele.

— *Keiki*, você agora está com *keiki*, será feliz por toda a eternidade. Seis dias. — Ele sorriu. —

Por seis dias, está amaldiçoado com o cheiro dela, a risada, o jeito como ela anda e como sorri. Se, no fim desses seis dias, você decidir ir embora, a maldição será quebrada e você não sentirá a dor da separação. Se escolhê-la como companheira, será abençoado.

Fiquei boquiaberto.

— Você está doidão?

— *Keiki*. — O capitão assentiu e bateu nas minhas costas outra vez.

— Boa sorte, meu camarada.

Aloha. — Ele colocou um grande colar no meu pescoço e me deu um beijo na bochecha.

Dei um passo para trás, preparando-me para empurrar aquele homem para o mar, quando Beth gritou meu nome. A brisa aumentou de intensidade quando me virei para olhá-la.

E meu coração congelou.

Seus olhos verdes brilhavam ao luar. Meu corpo reagiu como se ela fosse meu universo; era como se tudo ao meu redor sumisse e tudo o que eu via fosse verde.

Olhos verdes.

Lindos olhos verdes.

O vento aumentou de intensidade outra vez, e o cheiro de coco flutuou pelo ar. Eu podia senti-lo na boca. Nossa, eu podia sentir o gosto dela. Droga, como eu a queria. Eu a queria tanto que meu corpo estava tendo dificuldades para funcionar.

Merda! O homem, o colar, a maldição. Eu me virei para gritar com ele por ter jogado aquele vodu em mim, mas o barco já tinha partido.

Quando me virei outra vez, Beth estava sorrindo.

E eu sabia.

Que era só ela estalar os dedos.

E eu cairia aos pés dela.

E, no fim, eu *iria* embora.

Porque ela merecia alguém melhor do que eu, e eu não acreditava em segundas chances, nem mesmo com nossa história de amor perdido.

Capítulo 11

— *Não temos álcool na delegacia. — O agente esfregou a testa outra vez e grunhiu. — E, mesmo se tivéssemos, eu tomaria tudo em vez de dar à senhora.*

— *Nossa, que falta de educação. — Vovó fungou.*

— *A senhora pode me dizer qualquer coisa útil? Qualquer coisa? Qualquer informação?*

— *Sim. — Vovó suspirou. — Acho que posso, mas terá um preço.*

— *A senhora está tentando subornar um agente do governo?*

— *Eu sequestrei um senador americano. Você mesmo disse. Você acha que a lei se aplica a mim?*

Além disso, acha que eu me importo?

— *Tenho certeza absoluta de que a senhora vive uma ilusão de que não precisa respeitar nenhuma lei ou regra.*

— *Ora, obrigada! Que gentileza. — Vovó se reclinou na cadeira. — Por onde devo começar?*

— *Pelo começo.*

— *Tudo começou com uma maldição.*

— Merda.

— Não se preocupe, foi uma maldição boa. E não era real, mas ele não sabia disso. Veja bem, às vezes só precisamos receber permissão para fazer as coisas. Precisamos que nos digam que não tem problema.

Beth

Jace parecia ter acabado de ver um fantasma. Balancei a mão na frente do rosto dele, que inspirou e começou a tossir e a tentar tirar o colar de contas do pescoço.

— Quando você saiu para fazer compras? — Passei o dedo pelo colar.

— Não toque nisso. Estou amaldiçoado! — gritou ele.

Nunca tinha visto alguém sofrer uma crise nervosa, mas estava quase cem por cento certa de que isso estava acontecendo. Jace puxava o colar no pescoço, quase se enforcando, e não parava de prender a respiração.

— Tira isso de mim! — gritou ele.

— Jace. Respire.

Ele olhava alarmado para todas as direções, menos para mim. Por fim, eu o agarrei e o puxei para um abraço.

— Vai ficar tudo bem. São apenas seis dias.

— Você não pode me tocar. Estou falando sério, Beth. Isso é sério!

— Está bem. Você e esse seu colar estão amaldiçoados. — Dei tapinhas nas costas dele, de um jeito bem maternal. — Você está muito estressado. Não há problema em surtar de vez em quando. Só respire fundo, e vamos arrumar algo para você comer.

— Eu não... — começou ele, ofegante. — Que perfume é esse que você está usando, hein? — Ele se afastou, com um olhar insano.

— Não estou usando perfume.

— Ah, merda! — Jace finalmente se libertou do colar e o jogou no mar, quase deslocando o braço.

— Melhor agora? — Cruzei os braços.

— Muito. — O peito dele ainda subia e descia rápido, resultado de toda a agitação. — Aliás, me desculpe.

— Ah, tudo bem. Eu sempre me perguntei como seria assistir a alguém perder a cabeça de vez.

— Sorri.

Ele me mostrou o dedo do meio.

— Uau, Senador, que modos são esses?

Ele semicerrou os olhos.

— Aquele maldito capitão me amaldiçoou. Ele me amaldiçoou com você!

Irritada, dei um tapa no braço dele.

— Então por que não volta para a sua vida perfeita com aquela fortuna absurda e me deixa em paz? Eu preciso dessas férias, e não preciso de você aqui, todo... — eu o empurrei outra vez —

nervosinho!

— Ótimo! — gritou Jace, então apertou a ponte do nariz. — Quer dizer, você está certa. Eu vou embora. Eu só. Ele só...

— *Aloha!* — Uma mulher se aproximou de nós no cais. — Não quero interromper o que com certeza é uma conversa bem saudável e emotiva, os dois buscando os sentimentos enterrados bem no fundo da alma, e...

— Quem é você? — interrompeu Jace.

A desconhecida estava vestida de preto e usava um crachá que a identificava como *Dra. Z.*

— Sou a gerente deste humilde estabelecimento e estava esperando por vocês. — Ela não devia ter nem um e sessenta de altura, era de ascendência asiática e usava óculos de armação preta que cobriam metade do rosto. — Agora, se puderem me acompanhar até a clínica...

— Clínica? — repeti. — Achei que isso fosse um hotel.

— Ah, é muito mais! Aqui, no Retiro para Casais Brisa do Mar, nos orgulhamos de estar sempre atualizados em matéria de terapia de casal, tratamentos de relaxamento e...

— Pera lá. — Jace ergueu a mão. — Terapia de casal?

— Mas é claro. — A dra. Z assentiu. — É para isso que vocês estão aqui, não é?

— Não — respondi, por nós dois. — Não, não, não, não.

— Que estranho. — Ela cruzou os braços. — Já tenho a reserva de vocês há mais de um mês.

— Um mês! — gritei.

Dessa vez, Jace me conteve quando fiz menção de avançar na inocente doutora.

— Sigam-me. — Ela ignorou minha agressividade. — O jantar será servido em dez minutos, e vocês primeiro precisam trocar de roupa.

— Você está com as nossas malas? — Aquela era a melhor notícia que eu havia recebido o dia inteiro.

— Ah, não. — dra. Z estalou os dedos. Dois homens vieram correndo. Um entregou a ela um pacote, e o outro, uma chave. — Aqui no Retiro para Casais Brisa do Mar... Nossa, que nome longo.

Aqui no RCBM, valorizamos a igualdade. Tanto homens quanto mulheres usam as mesmas roupas brancas todos os dias, para mostrar seu comprometimento com um novo começo.

— Um novo começo? — Jace olhou para mim, nervoso.

— Ah, chegamos. — A dra. Z nos levou por um caminho de pedras até um grande chalé. —

Vocês vão encontrar suas roupas lá dentro. Por favor, apressem-se. Como vocês chegaram depois do esperado, não queremos que o jantar dos dois esfrie.

Com isso, ela fechou a porta, deixando-nos a sós no chalé.

Depois de alguns momentos de silêncio, falei:

— Acho que fomos enganados.

— Ah, você acha? — retorquiu Jace.

— Não venha jogar a culpa em cima de mim! — Dei um passo irritado na direção dele. — Além disso, não tínhamos chance alguma de escapar enquanto você arranhava o peito como se estivesse com pulgas ou algo do tipo. *Meu colar, uma maldição, uma maldição, uma maldição!*

— Não tem a menor graça. Eu fui amaldiçoado!

— É. Foi amaldiçoado com um ataque dos nervos, e agora estamos em uma espécie de retiro para casais infelizes! Quero que você e o conselho que me deu no barco se danem. Eu quero meu conto de fadas, está me ouvindo?! — Apontei para cima. — Eu quero meu conto de fadas, droga!

— Com quem você está falando?

— Com Deus.

— Por quê?

— Para que ele possa dizer a vovó que quero um recomeço.

— Ótimo. — Jace deu um sorriso desdenhoso. — E depois sou eu que tenho ataques.

— Sem gracinhas. — Apontei para o peito dele e ergui o polegar e o indicador. — Falta isso aqui, ó, isso aqui, para eu pirar.

— Bem, não queremos ver como seria, não é? Digo, você pirando. Rápido, escondam os biscoitos.

— Argh!

Eu o empurrei na cama, que deslizou e bateu na parede, fazendo-o cair deitado no colchão. E aí percebi que estava montada nele. Com uma perna de cada lado de seu corpo. E ele era quente. Ah, deuses de Asgard, como meu corpo gostou daquilo!

— Belas coxas. — Ele deu um risinho. — São fortes. Se importa de me soltar, antes que eu perca as duas pernas por falta de circulação?

— Ah, por favor. Como se você estivesse preocupado com suas *pernas*.

Ouvimos uma batida à porta.

— Cinco minutos!

— Ela não vai parar de atazanar — resmungou Jace, embaixo de mim. — Acho melhor a gente trocar logo de roupa, comer alguma coisa e depois ligar para vovó. Podemos pegar o próximo voo para longe daqui e ainda teremos tempo de tirar umas férias tranquilas.

Nós nos levantamos.

— Quanta coragem! Vai sair correndo com o rabo entre as pernas.

— Está dizendo que quer ficar aqui? — Jace ergueu os braços no ar, sem entender.

— Não, não é o que estou dizendo. — Coloquei as mãos na cintura.
— Estou dizendo que consigo me virar. Tenho bolas de aço. E você? Tem o quê?

— Bolas normais. Bolas que gostaria de manter intactas, e, se eu ficar muito tempo aqui, elas voltarão para dentro do meu corpo e eu vou virar um eunuco. Você quer que isso aconteça? Quer ter esse peso na consciência?

— Três minutos! — gritou a dra. Z.

Joguei a muda de roupas brancas em cima dele.

— Você não tem colhões, assim como eu não tenho carga.

— Oi? — gritou ele, levando a mãos à calça.

O que ele queria provar? Estávamos competindo para ver quem tinha a última palavra? Sério?

— Você me ouviu! — Tirei a blusa e a joguei no chão. — Você não quer ficar porque sabe que não vai aguentar o tranco!

— Isso é um desafio? — Ele deu dois passos na minha direção. — É, Beth?

— Só é um desafio quando a outra pessoa tem alguma chance.

— E o que eu ganho se ficar? — Ele passou os olhos, desejoso, pelos meus seios.

Cruzei os braços e olhei feio para ele.

— Não isso.

— Como se eu precisasse pedir.

— Você é um babaca! — sibilei, vestindo a camisa de linho branco e, em seguida, a calça.

— Sou um político, querida. Já fui chamado de coisa pior.

— Acabou o tempo! — disse a dra. Z, batendo outra vez à porta.

— Então, o que me diz? — Estendi a mão. — É uma aposta?

— É um jogo.

— Um desafio.

— Combinado — dissemos, em uníssono.

— Você fica por seis dias, e aí eu ajudo com toda a história de eu ser uma prostituta. Vou dizer o que for preciso para aquelas câmeras adoráveis. Até beijo você em rede nacional.

— E eu... — Jace franziu a testa.

— Você me dá seis dias.

Umedeci os lábios, nervosa. Não tinha pretendido pedir aquilo, mas, quanto mais pensava no assunto, melhor a ideia parecia. Afinal de contas, era o beijo dele que eu não conseguira tirar da cabeça por doze anos. Era o toque dele em que eu pensava cada vez que outro homem me abraçava.

Se havia alguém amaldiçoado naquele chalé dos infernos, era eu. Amaldiçoada com lembranças de um homem que me fez desejar viver um conto de fadas. Eu já tinha passado muito tempo sentindo pena de mim mesma. E Jace devia ter razão. Talvez o conto de fadas não fosse real, mas eu queria experimentar só um pouquinho dele. E Jace seria a pessoa que o realizaria.

— Oi?

— Seis dias pra valer. Sem compromisso. Férias de seis dias com comida, bebida, diversão e...

— Senti minhas bochechas corarem. — Só seis dias. Seis dias sendo uma garota normal em um relacionamento normal com um cara normal. — E, se o cara normal por acaso tiver o abdome tão duro que dê para quebrar pedras nele, melhor.

— Pare de dizer essas coisas. — Jace soltou um palavrão. — Me faz pensar em sexo, e acabei de ver você tirar a blusa.

Senti as bochechas corarem.

— Isso me faz querer jogar você na parede e arrancar suas roupas. Então saiba que, quando pede seis dias, está pedindo seis dias de verdade. Não vou ficar me contendo.

— Beleza. — Meu lábio tremeu. — Só quero um pouco de romance.

— Você quer o conto de fadas — concluiu ele, em voz baixa.

— É. Eu quero.

— Eu topo os seis dias — sussurrou Jace. — Mas não vá me odiar no sétimo, porque eu vou embora.

Bufei.

— Vá com calma, Jace. Você não é assim tão irresistível. E vale o risco. Quero deixar Beth, a Chata, de lado por um tempo.

Além disso, ele já tinha ido embora uma vez. Qual seria o problema de acontecer de novo?

— Beth — Jace suspirou —, você não é chata. Olha, talvez isso não...

Ouvimos um assovio, então a dra. Z abriu a porta.

— Prontos?

Jace estendeu a mão. Eu a apertei, sentindo arrepios pelo corpo todo.

— Prontos.

Capítulo 12

— E a senhora pagou ao capitão do iate para amaldiçoar o senador?

— Mas é claro que não! — Vovó balançou a cabeça. — Não dei dinheiro nenhum para ele.

O agente tomou um grande gole de café.

— No entanto — vovó hesitou —, houve outra forma de pagamento.

O agente engasgou.

— Senhora, prostituição é crime.

— *Eu nunca venderia meu corpo. — Vovó balançou a cabeça com veemência. — Além disso, o capitão já experimentou a mercadoria. Ele é um caso antigo, entende? Ficou muito feliz em... me ajudar na minha empreitada.*

— *A empreitada em busca do amor? — O agente franziu a testa.*

— *Podemos chamar assim. Soa bem!*

Jace

Eu acabara de fazer um pacto com o diabo. Tinha assinado o contrato com sangue, e agora só me restava sobreviver aos seis dias seguintes. E sabe qual era a boa notícia? Eu poderia salvar minha carreira. E Beth estava certa. Ela era a resposta. Eu enviaria uma mensagem para Rick assim que pudesse.

E quanto a dar a ela seis dias de conto de fadas? Imaginei que seria mais ou menos como ficar de babá. Cobri-la de presentes, levá-la para jantar, fazê-la beber enormes quantidades de vinho e colocá-la para dormir à noite. Ok, talvez só fosse como ficar de babá se eu quisesse ir para a cadeia.

Eu só precisava deixá-la feliz e repetir o processo por seis dias, então estaria livre para partir. Não devia ser muito difícil, não é? Ser galanteador com uma mulher? Eu era galante vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana na minha profissão. Mas nunca com pessoas de quem eu era a fim desde meu primeiro baile de formatura.

O outro problema era aquela maldição. Eu não era idiota, não acreditava em maldições, mas aquele homem estava certo. Tínhamos chegado à ilha havia apenas trinta e dois minutos, e por trinta e dois minutos eu não fizera outra coisa além de encarar a boca de Beth, observar suas mãos enquanto ela segurava os talheres e fechar os olhos quando a brisa fazia o cheiro dela invadir meu espaço pessoal.

Merda.

Seis dias.

Menos de uma semana.

Eu podia fazer qualquer coisa por uma semana.

— Jace. — A voz suave de Beth soou do outro lado da mesa. Pelo menos ela não parecia mais irritada. — Você ouviu alguma coisa do que eu disse?

— Claro. — Tomei um gole de vinho.

— Então você concorda?

— Com certeza.

— No pescoço é melhor, não acha?

— Hã... — Era nisso que dava sonhar acordado. — No pescoço parece perfeito.

— E por quanto tempo?

— Pelo tempo que for preciso. — Eu era o rei das respostas vagas. Podia responder a perguntas o dia inteiro sem na verdade dizer nada. Ponto para Jace.

— E a cor?

— Prefiro cores vivas. — Balancei a cabeça. — Acho que... chamam mais atenção. — Dei meu melhor sorriso de político.

— Hum, talvez você esteja certo. — Ela olhou para o papel que tinha nas mãos e começou a escrever. — Amanhã está bom?

— Claro. — Eu me inclinei para ver o que ela estava escrevendo. Mas ela afastou a folha.

— Preciso que você assine.

— O que eu tenho que assinar? — perguntei, dando outro sorriso educado.

— Você disse que estava prestando atenção.

Ela me entregou a caneta.

— Eu estava. Estou.

— Ótimo. Assine aqui.

É vergonhoso admitir que só assinei porque não queria parecer um babaca.

A dra. Z se aproximou da mesa.

— Imagino que vocês já tenham preenchido tudo.

— Preenchemos. — Beth deu um sorriso.

— Ótimo. — A dra. Z pegou a pasta e puxou a folha que eu tinha assinado. Ela arregalou um pouco os olhos. — Que corajoso da parte de vocês!

— Nós também achamos. — Beth segurou minha mão.

Tive uma sensação ruim.

— Tatuagens idênticas de dragão! E no pescoço! Que adorável! O dragão é o símbolo da conexão. É raro que os casais estejam assim tão comprometidos logo no início!

— A gente é comprometido assim — respondi, com a garganta seca.

Como eu ia sair daquela? Eu tinha assinado a droga do documento.

Dei um chute em Beth por baixo da mesa.

Ela fez uma careta enquanto a dra. Z examinava o restante dos papéis.

— Tudo bem. Vou programar o restante da semana e passar o papel por baixo da porta do chalé ainda hoje. Sua primeira sessão será com uma de nossas novas terapeutas. Ela é um amor.

O som dos saltos da dra. Z estalando no chão era como uma corda se apertando em meu pescoço.

— Tatuagem? — Inclinei a cabeça. — Você se acha engraçada, não acha?

— Você não estava prestando atenção.

— Eu estava. — Mais ou menos. Se observar a boca de Beth se mexendo e memorizar o cheiro dela contassem como prestar atenção, então eu estava.

— Não estava, não. Nós combinamos. Seis dias. Não quero que você me ignore. Não quero você mandando mensagens de celular. Quero que pareça real. Só estou pedindo seis dias, poxa. — Ela pareceu um pouco desapontada antes de sorrir para disfarçar.

Merda.

— Você está certa. — Peguei a mão dela. — Vou me comportar melhor. É só que foi um longo dia. — E, se ela continuasse demandando atenção daquele jeito sexy, ia acabar recebendo toda a minha atenção na frente de todo mundo.

— Eu sei. — Beth olhou para nossas mãos unidas.

Eu deveria ter afastado a minha. Deveria ter saído correndo. Em vez disso, coloquei a outra mão em cima da dela e sussurrei:

— Por que não voltamos para o quarto? Vou preparar a banheira para você e cobri-la de atenção.

O que significava que eu seria canonizado por não tentar seduzi-la no instante em que ficássemos a sós.

— Achei que você fosse bom com as palavras.

— É o cansaço. E tem também a maldição. Não espere que eu seja perfeito.

— Quem disse que eu quero que você seja perfeito? — Ela deu uma piscadela. — Só quero o conto de fadas.

— A gente já não teve essa conversa? É tudo a mesma coisa.

— Não — Beth se levantou —, não é. E é por isso que você é tão amargo. Nem sempre é tudo preto no branco, sr. Senador. Agora pode começar com o romance.

— Primeiro dia. — Dei um sorrisinho.

— Primeiro dia — concordou ela.

Segurei a mão de Beth durante todo o trajeto até o chalé.

— *Claro, podemos dançar.*

Ela aceitou minha mão. Eu a levei para a pista de dança, incapaz de tirar os olhos do vestido brilhante ou do belo cabelo castanho. Minha prima ia me matar se eu desse um bolo nela, mas a atração era forte demais.

— *Você é muito bonita. — Eu a puxei para meus braços e tentei agir com naturalidade, mesmo tendo certeza de que minhas mãos*

estavam tremendo. — Qual é o seu nome?

— Beth. — Ela inclinou a cabeça para trás, o bastante para que eu pudesse ver seus intensos olhos verdes. — E o seu?

— Jace. — Minha voz falhou um pouco. Ótimo, tinha acabado de revelar minha idade. Ela sem dúvida estava no último ano e pensava que eu era tão fofo quanto um garoto do sétimo ano com um resfriado.

— Obrigada.

Ela apoiou a cabeça no meu ombro. Pelo menos eu era alto.

— Pelo quê?

— Pelo resgate. — Ela riu. E uma parte de mim que tinha passado a vida inteira dormente acordou para a vida. Deus, como ela era linda!

— Posso resgatá-la a qualquer hora. Dia ou noite.

— Isso é uma promessa?

O sorriso dela era fatal, me fazia querer beijá-la, e a última coisa de que eu precisava era ser visto beijando uma garota que estudava na escola cujo time de futebol americano me dava uma surra em todos os jogos. Aquele era o território deles, não meu.

Mas não pude me impedir de responder:

— É claro.

Fui inclinando a cabeça, e ela me encontrou na metade do caminho. Nossos lábios se tocaram, e eu a beijei com vontade. Com mais vontade do que já tinha beijado qualquer outra garota na vida. Era um beijo de olá e de adeus, porque eu sabia que era algo que não se repetiria. Ela era areia demais para o meu caminhãozinho. Sabia

que estava brincando com fogo ao beijar a garota que devia ser a namorada do quarterback . Mas não consegui me segurar.

— Brevik — disse uma voz masculina atrás de mim, com desdém.

Eu me afastei de Beth e me virei devagar, achando que me depararia com o maior cara da escola.

Em vez disso, dei de cara com o técnico do time de futebol americano. Mas que droga. Ele só me reconheceu porque eu sem querer tinha machucado um de seus jogadores, deixando-o de fora por toda a temporada.

— Você veio aqui com quem?

— Minha prima. — Engoli em seco.

Ele olhou por cima do meu ombro, para Beth, e riu.

— Ela não parece sua prima.

— Não é ela. — Rangui os dentes. — Ela é só uma... amiga.

Atrás dele, minha prima começou a acenar freneticamente.

— Olha, tenho que ir. Meu par está me procurando. — Droga, parecia até que eu estava recebendo informações sobre jogadas secretas ou algo assim de Beth. Eu me virei e apertei a mão dela depressa. — Foi divertido.

Ela assentiu, tristonha, e eu me afastei.

Quando olhei para trás, Beth tinha sumido.

O despertador me arrancou do sonho. Por que eu estava sonhando com aquilo depois de tanto tempo? Esmurrei o alarme e olhei para Beth. Ela estava desmaiada na cama, toda linda, e eu estava cheio de tesão por causa daquele sonho maldito. Eu não deveria ter ido

embora. Deveria ter pedido o telefone dela. Não que fosse mudar alguma coisa. Hoje em dia, as pessoas não namoram durante o colégio e se casam logo depois. Naquela época, eu ainda acreditava em amor à primeira vista. Nossa, eu pensava que tinha sido amor. O restante da lembrança era bastante doloroso. Meu terapeuta disse que minha mente deu um jeito de apagar o que aconteceu. Disse que era comum após acidentes como o meu. Que minha mente estava me protegendo. Mas de quê? Eu não sabia.

Depois daquilo, quando acordei no hospital, eu estava diferente — tudo estava diferente. Meus pais disseram que eu não era mais o mesmo, mas eu não fazia ideia do porquê. Aquilo me deixou ainda mais paranoico, querendo agradá-los, fazer as coisas direito. Ser bem-sucedido em minha carreira.

Por falar em carreira, peguei o celular no criado-mudo e vi que exibia um aviso de pouca bateria. Eu me levantei para pegar o carregador na mala, então lembrei que não tinha uma. A bagagem ainda não chegara.

Meu palpite era de que vovó a fizera refém. Ou quem sabe Jake e Travis. Aqueles malditos já deviam saber de tudo. E como aquela velha dos infernos tinha planejado a situação com um mês de antecedência? Um mês antes eu estava concordando com sua ideia para Char e Jake.

Uma luz se acendeu na escuridão do meu cérebro.

Eu tinha concordado.

Esse foi meu erro. Eu deveria ter me mantido muito, muito longe.

Rússia. Eu deveria ter me mudado para a Rússia.

— Beth. — Eu a cutuquei de leve.

Ela estava deitada de barriga para baixo, ainda com a roupa da noite anterior. Quando ela se espreguiçou, a blusa subiu alguns centímetros, deixando à mostra a barriga chapada e a discreta cicatriz onde um dia estivera seu apêndice.

Ela gemeu outra vez e ergueu os braços acima da cabeça.

A blusa seguiu o movimento.

Assim como meus olhos.

Pisquei algumas vezes, fascinado com o quanto sua pele parecia macia. Eu queria tocá-la... ah, que se dane, eu queria lambê-la. Será que eu havia lambido, na noite anterior?

— Jace.

A voz dela saiu baixa, sexy e rouca. Merda, eu estava com problemas.

— O quê?

— A gente tem mesmo que ir à terapia de casal?

— Ah, querida, já vai desistir? Onde estão suas bolas?

— Não quero bolas. — Ela bocejou. — Só quero uma droga de uma carga. Eu tenho anatomia feminina. Tenho uma boca grande. Uso palavras grandes. Neste momento, eu quero um café grande e um monte de sono bem grandão.

— Pare de dizer “grande”.

Meu corpo respondia àquela palavra de uma maneira *grande*, e já era difícil vê-la bocejar, se espreguiçar e gemer por tudo quanto era lado.

— Está bem. Enorme. Quero um café enorme, um...

Cobri a boca de Beth com a mão.

— Vamos combinar que as manhãs serão silenciosas. Um momento de reflexão, pensamento e...

Ela mordeu minha mão.

— Café.

— Marcas de mordida. — Mostrei minha mão a ela.

— Quero café na cama.

Ela se jogou de volta no colchão, e tive que admitir que gostava daquela atitude meio mandona.

Eu me levantei e comecei a mexer na cafeteira.

Ouvi o chuveiro sendo ligado.

— Estou tão orgulhoso! — gritei, sem me virar. — Você conseguiu ligar o chuveiro sozinha!

Então fiquei *ligado* pensando nisso. Mas que droga de maldição! Eu me sacudi um pouco para me recompor e coloquei a xícara no lugar certo.

— Aaaargh... Filha da...

Tump. Tump. Tump. Tump.

Depois disso seguiu-se um silêncio absoluto e então um grito de estourar os tímpanos:

— Jace!

Corri para o banheiro.

— É muito grande! — gritou Beth.

O chuveiro ficava em um boxe sem cortina, porta ou qualquer coisa para esconder qualquer parte do corpo.

Beth estava encolhida no canto, segurando um frasco de xampu e apontando para o lado oposto do boxe.

A primeira coisa que notei foi que ela estava nua, mas minha atenção foi desviada por outro grito e um frasco de xampu voando por cima da minha cabeça, fazendo outro *tump*.

— Mate!

Uma aranha que mais parecia um lutador de MMA em miniatura foi na minha direção. Bem, eu não era fã de aranhas. Não as odiava, mas isso não queria dizer que gostava da ideia de uma coisa peluda cravando as presas em mim. Então fiz o que qualquer homem racional faria.

Procurei uma arma.

E, quando reparei que não era James Bond nem vivia em um romance policial, peguei a segunda melhor coisa.

O secador de cabelo.

Não estava ligado, mas era grande o bastante para a luta. Esmaguei a maldita até só sobrarem pedacinhos de pernas e tufo de pelo.

— Você matou o bicho? — Beth se aproximou por trás de mim, tremendo.

— Matei. — Sequei a testa com o braço. — Foi uma batalha e tanto. Muitas vidas foram perdidas.

Muito sangue derramado. Mas... eu a matei.

— Meu herói — sussurrou ela, me abraçando por trás.

Eu congelei.

Não porque ela havia me chamado de herói. Por favor, eu não era narcisista a esse ponto. Mas porque ela estava nua. E tinha esquecido que estava nua em uma hora muito oportuna.

Homens do mundo: uma salva de palmas. Eu nem reagi. Nem me engasguei ou tremi. Apenas apreciei o momento.

Apreciar o momento: *Ficar imóvel quando uma mulher se encosta em você de forma tão erótica que tudo o que você consegue fazer é fechar os olhos e sorrir.* Ver também: Euforia.

— Estou pelada.

Beth me soltou. Na mesma hora, meu corpo ficou tenso nos lugares errados e, tenho vergonha em admitir, soltei um gemido ridículo, ou quem sabe um grunhido. *No segundo seguinte, dei meia-volta e a empurrei para debaixo do chuveiro, pressionando-a contra a parede e possuindo-a como se...*

Ótimo, eu não tinha apenas congelado em estado de euforia, também tinha passado a sonhar acordado.

— Obrigada.

Pelo canto do olho, vi Beth entrando de volta embaixo do chuveiro e fechando os olhos.

Era como assistir ao meu próprio comercial de xampu, só que com uma garota mais gostosa e acessível.

Mas não para mim.

Não de verdade.

— Vai ficar me olhando ou vai se arrumar? — perguntou Beth, a água escorrendo pelo rosto.

— Eu tenho escolha? — O tom foi quase de súplica.

— Não, mas vai levar uma joelhada no saco se não sair em cinco segundos. A aranha se foi, você salvou o mundo, agora pegue seu martelo e dê o fora.

— Hã, martelo?

— Martelo, secador de cabelo... tudo a mesma coisa. Cai fora, Thor. Vá colocar a capa. Temos terapia.

Ah, homens. Como somos fáceis. Sério, somos mesmo. Ela praticamente tinha dito que eu era um dos Vingadores, o que, na minha opinião, queria dizer que eu estava dois passos à frente do Homem de Ferro, além de ser muito mais bonito.

Eu me vesti com um sorriso convencido no rosto.

Graças à princesa usurpadora de água, não tive tempo de tomar banho. E a dra. Z tinha nos informado que precisávamos chegar na hora. Sem querer começar a terapia com o pé esquerdo, fiquei sem minha chuveirada pelo bem do grupo.

— A terapia dura só uma hora, depois temos o que a programação chama de *Diversão em Casal* na piscina. — Beth olhou o relógio de pulso e me entregou um mapa do lugar.

Tranquei a porta do chalé e virei o mapa de lado.

— Ao norte — comentei, examinando o círculo vermelho com a inscrição *Círculo da Serenidade*.

— Não gosto desse nome. — Beth bufou. — Parece um lugar para fumar maconha.

— Se lhe oferecerem drogas, basta dizer não.

Enfiei o papel no bolso da frente da blusa de linho horrível e segurei a mão dela.

— O que você está fazendo? — Ela tentou se soltar.

Segurei mais forte.

— O que parece que eu estou fazendo?

— Segurando minha mão.

Ela apertou de volta, então um sorriso de menina apareceu em seu rosto e toda a aura de hostilidade se desfez.

— É isso mesmo. — Eu a puxei para mais perto e inspirei. Nossa, o xampu dela era tão cheiroso! — Você disse que queria seis dias em um conto de fadas. Achei que andar de mãos dadas era um bom modo de começar.

— Ah.

Ela ficou vermelha, e na mesma hora senti como se alguém tivesse batido na minha barriga com toda a força usando um taco de beisebol.

Ninguém nunca tinha caminhado de mãos dadas com ela.

Eu poderia apostar.

As garotas não coram com esse tipo de coisa. A maioria delas não dá a mínima. Que tipo de homem não seguraria a mão dela? Que tipo de homem não tentaria sufocá-la de tanto romance?

Escolhi mal as palavras. Ninguém deveria sufocar outra pessoa com nada, mas enfim.

Suspirando, andamos de mãos dadas até o prédio, e fiz uma promessa a mim mesmo. Uma da qual sabia que me arrependeria na semana seguinte.

Eu ia tentar de verdade. Ia deixar meu passado na porta, entrar no hotel romântico e fazer com que ela se sentisse desejada.

E, quando fosse hora de partir, eu o faria sem olhar para trás. Mas também o faria sem arrependimentos, e aquilo era motivo o bastante para correr o risco.

Capítulo 13

— *Como o senador reagiu à maldição?*

— *Bem, não ficou muito feliz, disse eu sei. Ele jogou meu colar da fertilidade caríssimo no mar!*

— *Uma perda trágica — comentou o homem, seco.*

— *Ah, foi mesmo! — Vovó bateu o punho minúsculo na mesa de metal. — Não dá para comprar colares da fertilidade em qualquer canto!*

— *Eu não saberia dizer.*

— *Bem, eu saberia. — Vovó fungou. — Afinal de contas, passei anos colecionando essas coisas, colocando nos carros, nas casas, nos escritórios e nos barcos dos meus netos...*

— *A senhora está dizendo que é assim há... anos?*

— *Assim como?*

— *Insana.*

Vovó sorriu.

— *Algumas pessoas confundem insanidade com genialidade. O que você acha, Gus?*

— *Meu nome não é Gus.*

— *Você tem cara de Gus. Vou chamá-lo assim.*

O agente olhou desejoso para a janela espelhada.

— *Acho que é hora de fazer uma pausa.*

Beth

Ficar de mãos dadas com Jace era como entrar no ônibus da escola pela primeira vez. A pessoa fica toda desajeitada, sem saber direito ao lado de quem se sentar, meio na dúvida se está no ponto certo, e fica olhando pela janela para não passar direto de casa. E, quando por acaso perde o ponto, a pessoa não se importa nem um pouco, porque já fez amizade com todo mundo e está realmente gostando da viagem.

— *É aqui. — Ele soltou minha mão.*

O maldito ônibus parou.

E eu fiquei com aquela música infantil infame, “O ônibus”, na cabeça, tocando como se fosse um disco arranhado.

— *Acho que é só a gente entrar. — Cerrei os punhos e avancei para bater à porta, quando alguém a escancarou.*

— *Não. Acredito. — Jace soltou um palavrão e chutou a moldura da porta.*

Vovó apontou para o chão.

— *Acho que você matou uma formiga.*

Ele inflou as narinas. Mas não disse uma palavra.

Vovó bateu palmas.

— Ah, bom. Ainda está viva, vejam só. — Ela apontou para baixo.

Jace olhou e bateu o pé em cima da formiga com força umas cinco vezes, antes de recuperar o controle.

— Ah, meu Deus. — Vovó levou a mão à bochecha. — Acho que agora está mortinha da silva.

Jace pisou outra vez, com força.

Vovó com certeza o estava fazendo perder a cabeça. Peguei a mão dele e a apertei. Pelo menos ele parou de bater o pé.

— Entrem, entrem!

Vovó abriu bem a porta e nos levou a um pequeno consultório que tinha uma fonte em forma de cachoeira e dois sofás de couro preto. A janela de frente para a porta ia do chão ao teto e tinha vista para o mar. Minha vida seria completa se meu escritório fosse assim.

— Sentem-se — pediu vovó, com voz doce.

Jace soltou minha mão e se sentou no sofá de couro. Esperei que ele começasse a se balançar para a frente e para trás.

Ele não fez isso.

Soltei o ar que estava prendendo.

— Então — vovó se sentou no sofá à nossa frente —, contem-me um pouco sobre vocês. Por que decidiram se hospedar no Retiro para Casais Brisa do Mar?

Fiquei boquiaberta. Ela só podia estar de brincadeira.

— Você. Nos. Enfiou. Aqui — respondeu Jace, pausada e lentamente.

— Tolice. — Vovó levou uma xícara de chá aos lábios e deu uma risadinha. — Adoro essa palavra. — Com um suspiro, ela tomou outro gole. — Aceitam chá?

Eu aceitei só para ter o que fazer.

Jace tomou um grande gole e fechou os olhos. Devia estar tentando se manter sereno, encontrar o ponto de equilíbrio, ou seja lá qual for o nome que as pessoas dão a isso.

— Estão com problemas no quarto?

Jace cuspiu o chá em cima da mesa.

— Ah — vovó pareceu desapontada —, deve ser muito difícil, Beth, ter um homem que não consegue... — Ela pigarreou e depois falou “comparecer” apenas com movimentos labiais.

— Já chega.

Jace partiu para cima de vovó, mas eu segurei seu braço e lhe entreguei o chá outra vez, como uma mãe entregando uma bola para o filho para mantê-lo distraído.

— Ouça, vovó... — Usei minha voz calma, que parecia muito com minha voz irritada, mas não era tão aguda. — A senhora nos drogou, nos trouxe aqui sob falsos pretextos, nos forçou a ficar em um retiro para casais onde precisamos fazer terapia como se fôssemos um casal de verdade, e agora isso? A senhora é nossa terapeuta? Desculpe se não parecemos muito felizes.

Vovó pôs a xícara de chá na mesa e suspirou.

— Vovó Nadine não está aqui neste momento. Esperem um segundo. — Ela abriu a bolsa e puxou uma echarpe com estampa de leopardo, então a enrolou no pescoço, passou batom outra vez e jogou uma balinha de canela na boca. — Muito bem, agora podem me tratar por vovó Nadine.

Preciso separar os dois títulos por questões de ética profissional, entendem?

— Está bem. Vovó — cerrei os dentes —, a senhora disse que deixaria de se intrometer, mas está pior do que nunca!

— Entendo que você esteja confusa. — Vovó balançou a cabeça. — Peço desculpas por ter drogado vocês e os trazido até aqui para protegê-los da imprensa e terem a chance de aproveitar as férias. E ainda por cima ter usado meu próprio dinheiro para proporcionar a vocês uma estadia em um dos dez melhores lugares para passar a lua de mel nos Estados Unidos. Será que esqueci alguma coisa?

Fechei a boca.

Jace estreitou os olhos.

— Ninguém disse que vocês eram obrigados a ir à terapia. — Vovó deu de ombros. — Eu só achei que faria bem. É pegar ou largar.

— Vamos largar — respondeu Jace, levantando-se.

— Tudo bem. Vou informar à dra. Z que vocês recusaram o tratamento. — Vovó sorriu para o chá.

— Espera aí. — Ergui a mão. — O que acontece se a gente recusar o tratamento?

— Ah, nada, querida. Não fique tão aflita. — Ela umedeceu os lábios e escondeu o sorriso por trás da xícara de chá.

— Jace — eu o puxei pela camisa —, sente-se.

— Não, eu não vou...

— Sente-se ou juro por Deus que vou ressuscitar a aranha Golias e colocá-la no seu travesseiro.

Xingando, Jace se sentou.

— Em que consiste a terapia?

— Comunicação — respondeu vovó, tranquila. — Conhecer seu parceiro.

— Mas não somos parceiros.

— Seis dias — sussurrou vovó.

— O quê? — perguntou Jace. — O que a senhora disse?

— Nada. — Vovó bateu palmas duas vezes, o que fez as luzes diminuírem de intensidade e música clássica começar a tocar ao fundo. — Agora fechem os olhos.

Jace soltou outro palavrão.

— Pare de xingar, meu filho, faz você parecer simplório.

— Por acaso ela acabou de me chamar de burro? — sussurrou Jace no meu ouvido, os lábios roçando minha bochecha.

— Pfff. — Vovó deu uma risadinha. — Se eu quisesse chamar você de burro, teria feito isso na sua cara.

— Certo.

— Jace?

— Sim, vovó?

— Você está sendo burro.

Jace soltou outro palavrão.

— Viu só? — Vovó deu um sorriso triunfante. — Agora, fechem os olhos. Vou demonstrar o que a terapia pode fazer por vocês. É pegar ou largar, mas só tomem essa decisão hoje à noite.

Concordam?

— Está bem — respondi, ainda cerrando os dentes.

Jace assentiu.

— Muito bem. — Vovó bateu palmas mais uma vez, fazendo as cortinas da grande janela se fecharem e o cômodo mergulhar na escuridão.

Ótimo, era tudo de que precisávamos. Ficar vulneráveis no escuro com vovó.

— Quero que vocês sintam — instruiu vovó. — Beth, coloque as mãos na perna de Jace.

Devagar, estendi os braços e pousei as mãos nas coxas de Jace.

— Jace, vire-se para Beth para ficar mais confortável.

O corpo dele se mexeu, de forma que ficamos de frente um para o outro no sofá. Minhas mãos estavam paradas nas coxas dele de um jeito meio constrangedor, e dava para sentir o calor emanando de seu corpo através da calça de linho. Quase dava para sentir seu coração bombeando sangue pelo corpo.

— Agora, Jace — continuou vovó, com a voz suave —, quero que você toque o rosto de Beth.

Quero que seja gentil e memorize a sensação do rosto dela.

Senti o calor das mãos de Jace um segundo antes de seus dedos roçarem meu queixo e depois minhas bochechas. Suas mãos passearam pelo meu rosto, um toque tão gentil que era quase doloroso.

Eu me inclinei na direção dele enquanto ele passava as mãos no meu pescoço e nos meus ombros.

— Sinta como o corpo dela responde ao seu — conduzia vovó. — Sinta a pele dela, cada sensação, cada toque. Quero que você memorize o rosto dela tão bem que, se pedirem para desenhá-la, você conseguiria fazer isso de olhos vendados.

Apertei as coxas dele, que continuava a tocar meu rosto, enfiando as mãos nos meus cabelos.

Ofegando, mordi o lábio enquanto ele trazia o rosto para cada vez mais perto do meu.

— Agora, Beth — sussurrou vovó —, quero que você faça o mesmo que Jace, mas comece pelas pernas e suba pelo abdome, até suas mãos estarem apoiadas no peitoral.

Então começou minha tortura, meu inferno. Digo que foi uma tortura porque cada movimento das minhas mãos pelas coxas dele fazia meus hormônios saltarem para níveis alarmantes. Músculos que eu nem sabia que existiam estavam permanentemente gravados na memória. Meu corpo foi ao delírio enquanto minhas mãos abriram caminho até o abdome dele. Era firme. E eu estava pronta para abusar dele simplesmente porque tocá-lo era bom demais.

Quando minhas mãos chegaram ao peitoral, parecia que eu tinha entrado em uma sauna com um casaco de lã e estava tentando

descobrir como tirá-lo. Eu ofegava. Estava tão perto de Jace que sentia seu perfume.

Vovó bateu palmas, e as luzes se acenderam. Eu estava praticamente no colo de Jace. O rosto dele estava a um centímetro do meu, e meu corpo estava tão tenso que parecia prestes a explodir. Eu o desejava — e não me sentia culpada por estar suando mais do que uma pecadora na missa.

— Acabamos. — Vovó bateu palmas outra vez e as luzes voltaram com força total, me levando a me afastar dele.

— Eu diria que a primeira lição foi muito boa. — Vovó se levantou da cadeira.

— Que lição? — perguntei, rouca.

Vovó se virou para o outro lado e riu.

— Tenho certeza de que vocês conseguem descobrir sozinhos.

Jace agarrou minha mão.

— Ela se diverte torturando os outros.

— Não. — Vovó se virou para nós. — Eu me divirto inspirando os outros. E, pelo visto — ela olhou Jace de cima a baixo —, eu diria que você está o mais inspirado possível.

— Piscina — soltou Jace. — Nós devíamos, hã, dar um mergulho.

— Está bem.

Jace me arrastou para fora do consultório e percorreu o corredor a passos largos, puxando minha mão com tanta força que quase arrancou meu braço. Não que ele fosse reparar. Aquele era um homem com uma missão.

Corremos até a área da piscina.

Jace arrancou a camisa e se jogou na água, me deixando para trás, sem fôlego.

— Qual é o seu problema?

— Inspiração — praguejou Jace. — Inspiração demais.

Capítulo 14

— *Você os drogou... outra vez? — O agente coçou a cabeça.*

— *Ora, Gus, o que eu deveria fazer?*

— *Hã, que tal não drogá-los?*

— *Ah, Gus, você não é nada divertido. Diga, alguma vez as drogas fizeram mais mal do que bem?*

— *A senhora está brincando, não está? — O agente olhou em volta.*
— *Só pode ser.*

— *Eu não brinco em serviço. — Vovó fungou. — E não mudei de opinião. Todo homem precisa de uma ajudinha de vez em quando.*

— *Então devo acrescentar à acusação de sequestro que a senhora drogou os dois?*

— *Bem, se faz questão... Não quero que você tenha muito trabalho burocrático, Gus. Não quero incomodar, não mesmo.*

Jace

— Hã, Beth?

Nadei até a borda da piscina e tentei pensar em um jeito de contar a ela sem parecer loucura.

— O que foi?

Eu estava nadando havia uns cinco minutos enquanto Beth ia procurar toalhas, mas, agora que ela estava de volta, tinha que contar. Mas que droga. Vovó maldita!

Sacudi o punho para o céu.

— Tudo bem, Jace?

— Não. — Fechei os olhos, envergonhado. — Acho que tinha alguma coisa no meu chá.

— Como assim?

— Acho que fui drogado.

Beth arregalou os olhos. Ela se aproximou da borda da piscina e se inclinou, ficando de quatro para falar comigo. E, sejamos sinceros: no estado em que eu estava, aquilo tinha consequências piores do que ela poderia imaginar.

— Que tipo de droga? Está se sentindo mal?

— Eu não diria que me sinto mal... — Olhei para baixo. — Só... meio indecente.

— Hã?

— Viagra. Ela botou Viagra no meu chá.

Beth caiu na gargalhada.

— Jace, acho que ela não faria uma coisa dessas. Você é jovem, saudável, viril... — Ela arregalou os olhos. — Ah, meu Deus.

— O. Que. Eu. Faço? — Eu me agarrei à borda da piscina como se fosse um bote salva-vidas.

O sorriso de Beth cresceu.

— Está claro que você tem um probleminha.

— Podemos chamar de problemão? — sibilei. — Você sabe, pelo bem da minha autoestima?

Podemos não nos referir a isso como pequeno, mínimo, miúdo ou...

— Entendi. — Beth ergueu a mão. — Temos um minúsculo problema.

— Merda. Eu devia ter imaginado.

— Só... — Beth acenou — dê um jeito nisso.

— Dar um jeito nisso? Dar um jeito NISSO? Como você acha que eu faria isso, Beth? Em um lugar público? Em uma piscina pública? Sob os olhos vigilantes de Deus? Hein?

— Uau. Calma lá, pecador. Não quis dizer que você devia usar os brinquedos da piscina, nem nada do tipo. Eu só estou... pensando alto.

— Podemos pensar em uma ideia melhor? Uma que deixe os brinquedos da piscina fora disso?

— Não seja tão sensível — retorquiu Beth. — É só esperar o efeito passar.

— Certo. — Assenti. — Ótimo. Então vou passar quatro horas na piscina, torcendo para a situação melhorar. E se não passar? A gente liga para a emergência?

— Bem, eles dizem que se uma ereç...

Cobri a boca de Beth.

— Tem um jeito mais fácil de consertar isso.

Sem pensar nas consequências das minhas ações, eu a puxei para a piscina de roupa e tudo.

Quando Beth voltou à superfície para respirar, gritou:

— Eu não sou uma prostituta de verdade, Jace!

Por sorte, o único outro casal na piscina estava na área do bar, e os dois pareciam bem distraídos.

— Pare de gritar! — Eu a puxei para o canto mais afastado da piscina. — E eu não chamei você de prostituta. Só a acusei de ter um passado negro. É diferente. — Mas, se ela estava pensando em uma mudança de carreira, aquele era um ótimo momento.

— Isso *realmente* não é um conto de fadas.

Beth bateu no meu ombro quando chegamos ao outro lado da piscina, perto da cachoeira.

Então ouvimos o ribombar de um trovão.

E o céu desabou. Não era uma chuva normal. Era uma chuva de Noé. O tipo de chuva torrencial que torna quase impossível ver a pessoa à sua frente sem piscar por causa dos pingos nos olhos.

Beth inclinou a cabeça para trás e gargalhou.

Eu não conseguia rir. A risada morreu no instante em que a vi fechar os olhos enquanto a água escorria por seu corpo. Eu nunca precisaria de Viagra na presença daquela mulher. Nunca.

Era só colocar Beth na frente de todos os homens sendo testados para disfunção erétil. Problema resolvido. Eu deveria ganhar um prêmio.

— Vem cá — grunhi, puxando-a.

Ela não resistiu. Passou os braços ao redor do meu pescoço e as pernas na minha cintura.

Eu gemi quando ela apertou o corpo contra o meu. Eu estava prestes a implorar, tinha chegado ao fundo do poço. Chorar? Com certeza. Um homem crescido ia começar a chorar como um garotinho. E o júri ainda precisaria decidir se ele estava chorando de êxtase ou dor.

— Ainda não vou ajudar você. — Beth sorriu. — Mas tem uma coisa que eu sempre quis fazer.

— Tem várias coisas que eu quero fazer neste momento — respondi, com a voz rouca, pressionando o corpo contra o dela. — Mas que coisa é essa? Diga.

— Quero um beijo na chuva.

Encostei a testa na dela e mordisquei seu lábio, então sussurrei, com a boca a alguns milímetros dela:

— Acho que posso resolver isso.

Nossas bocas se tocaram.

E foi como se um relâmpago tivesse caído na piscina. Meu corpo todo vibrava enquanto a boca de Beth se movia junto à minha. Eu a pressionei ainda mais contra a borda da piscina quando ela gemeu na minha boca.

Meu corpo não apenas ardia de desejo por ela — também queimava de dentro para fora, de fora para dentro. Cada vez que os dentes dela roçavam meus lábios ou a língua encontrava a minha, tudo ficava mais e mais intenso. Prestes a explodir. Eu estava feliz e

satisfeito em beijá-la, e, embora meu corpo quisesse mais, eu sentia êxtase só em tocar sua pele.

A chuva caía em nosso rosto enquanto eu a arrastava pela água, até debaixo da cachoeira.

Tropecei com ela nos braços. Nós dois rimos, e eu consegui nos enfiar na pequena caverna.

Meus lábios estavam prestes a encontrar os dela outra vez quando ouvi uma voz baixa dizer:

— Beth?

Beth levou as mãos à minha calça, então ignorei a voz.

— Beth, é você?

Resmungando, eu me afastei para gritar com a pessoa, mas hesitei quando vi o rosto dela empalidecer.

— B-Brett?

— Oi! — Ele nadou até nós e a puxou para um abraço. — Como vai? Há quanto tempo! — E a soltou.

Puxei Beth para mais perto, protegendo-a com o corpo. Eu teria mijado nela para marcar território se fosse possível. Sério, aquele cara precisava parar logo de intimidade ou eu iria quebrar a cara dele.

— Estou bem. — Ela segurou meu braço com força. — E você?

— Muito bem! Só tirando uns dias de férias. — Ele ergueu a mão. — Espera, você precisa conhecer minha noiva.

Ele se afastou. Beth apertou ainda mais meu braço. Ela parecia ter acabado de ver um fantasma

— e não era um amigável, como o Gasparzinho, e sim um daqueles que sugam as almas de criancinhas.

— Quer tentar fugir? — sussurrei, puxando-a para longe do homem com peito cabeludo demais.

Será que ele tinha feito implante? Homens faziam aquilo? Para parecerem mais másculos?

— Eles vão notar — respondeu ela, com um sorriso falso.

Brett reapareceu com uma gêmea da Barbie usando apenas um biquíni cortininha e um sorriso.

Era uma surpresa atrás da outra.

— Esta é Paris.

— Que nome clássico — comentei, baixinho. Beth me deu uma cotovelada e estendeu a mão.

— Prazer em conhecê-la, Paris. Eu sou Beth.

Paris apertou a mão dela, mas mal olhou para Beth, como se ela fosse um inseto minúsculo. Em vez disso, concentrou toda a atenção em mim e no meu peito nu. É claro. Eu também olharia para mim, se estivesse saindo com alguém que parecia precisar pentear o peito.

— Senador Jace Brevik? — Um sorriso predatório se fez notar no rosto cheio de Botox.

Tive que admirá-la por ainda ser capaz de mexer os lábios, ainda mais abrir um sorriso com a boca tão inchada.

— Sim. Sim, sou eu.

Brett deu risada.

— Bem que você parecia familiar! O que está fazendo por aqui? Nossa, Beth, que legal, você trabalha para o senador?

— Trabalha? — repetiu Beth. — Como assim?

— Bem, você sabe. — Brett fez um gesto de indiferença. — Você sempre foi tão inteligente...

Imaginei que você estivesse aqui para dar suporte ao senador e a sua esposa, amante ou o que quer que seja. Então, onde está sua companheira? — Ele olhou em volta. — Eu adoraria conhecê-la. Seria uma honra.

— Brett também está envolvido com política. — Paris deu um beijo no pescoço do noivo e suspirou. — Ele é o prefeito da nossa cidade.

Que gracinha. Brett achava que ser prefeito significava que ele estava envolvido com política. Eu deveria dar um soco nas bolas dele e acabar logo com aquilo.

— Ah, é? — O lábio inferior de Beth tremia.

Por que diabos ela parecia prestes a chorar?

— É, sou prefeito de Bellingham, mas tenho aspirações maiores. — Ele inflou o peito.

Bellingham, Washington? Certo. Bom para ele. Se ele continuasse assim, poderia concorrer comigo para presidente. Só que não.

— De qualquer forma, não vamos mais tomar seu tempo, mas, se sua cara-metade aparecer enquanto estivermos na piscina, seria legal tirar umas fotos.

— Por que não agora? — ofereci, sem pensar.

— Mas sua namorada...

Eu deveria ter ficado calado. Em vez disso, as palavras saíram de minha boca sem permissão, e passei o braço de forma protetora pelos ombros de Beth.

— Ela está bem aqui.

Paris ficou boquiaberta, e Brett corou bastante. Toma, babaca.

Para completar, Beth escolheu aquele exato momento para puxar minha cabeça e me dar um beijo tão intenso que minha boca ficou quase dormente de tanto prazer. Quando ela se afastou, tentei beijá-la de novo, mas em vez disso ela riu e me abraçou. O Viagra ainda estava a toda, e meu corpo não entendia que não era a hora de atacá-la.

Lancei um olhar para Brett que dizia: *Isso mesmo, mané. Ela é minha. Vai ser babaca em outro canto. Estamos ocupados.*

— Uau. — Brett deu um sorrisinho. — Eu não teria adivinhado.

— Por que não? — perguntei, tranquilo. — Beth é uma das principais químicas no campo de pesquisa e desenvolvimento na GreenCom, graduada com honras em Yale e tem mais educação do que vocês dois juntos. Eu diria que faz sentido.

Belisquei a bunda dela.

Beth pisou no meu pé.

— Além disso, é sexy pra caramba.

— Bem... — Brett pigarreou. — Acho que devíamos tirar aquela foto, não?

Beth me deu outra cotovelada.

Olhei feio para ela.

Beth apontou para baixo.

Soltei um palavrão.

— Algum problema? — ronronou Paris, as garras apoiadas no peito cabeludo de Brett.

Será que ela não tinha medo de ficar com os dedos presos? Ela deu uma coçadinha, e os pelos cobriram as unhas pintadas de rosa. Vomitei um pouco na boca. E meu problema? Se foi. Uau, e pensar que tudo de que eu precisava era uma mulher cheia de Botox tocando o peito cabeludo de outro homem.

— Na verdade — Beth agarrou meu braço —, estávamos voltando para o chalé para descansar um pouco. Mas vamos passar o resto da semana aqui. Tenho certeza de que a gente vai se encontrar por aí.

— Vamos marcar um jantar — sugeriu Brett.

Ele não desistia nunca?

— Hã... — Beth olhou para mim em busca de ajuda.

— Claro — respondi, sem olhar para Brett. — Mas, só para vocês não acharem que estamos esnobando vocês dois, não temos comido muito. Nosso objetivo nessa viagem é nos mantermos hidratados para podermos passar o dia e a noite na cama. Essa é a primeira vez que vejo a luz do dia em horas. E pretendo manter esta aqui... — agarrei Beth e a beijei com vontade — muito, muito ocupada.

— Credo, arranjem um quarto — murmurou Brett.

— Ah, nós temos um. — Dei um sorrisinho. — Com uma cama king-size e piscina particular. A gente se vê depois, Rhett.

— É Brett! — gritou ele.

— Está bem, Rhett! — Eu o ignorei e me afastei com Beth em meus braços até a borda da piscina. — Agora a gente corre.

— Agora? — Beth deu uma piscadela.

— Não me obrigue a correr atrás de você.

— Se você me pegar, ganha um prêmio — provocou ela, saindo da piscina e me chamando com o dedo.

— Gosto de prêmios.

Saí em disparada atrás dela... Bem, saí tão em disparada quanto meu corpo permitia, mas ela era rápida demais. Não ajudou muito o fato de que eu era um homem bastante excitado, graças ao chá.

Infelizmente, minha corrida era mais uma sequência de eu mancando, me curvando, mancando de novo e acelerando. Então eu parecia muito um Corcunda de Notre-Dame bêbado correndo atrás dos sinos da igreja. Pensando bem, a ideia de correr para a igreja parecia muito imprópria, considerando a situação. Certo, era a última coisa na minha cabeça.

— Depressa! — Beth riu.

Então fui atrás dela, torcendo para não esbarrar em alguma pobre alma no caminho e ser preso por assédio.

Capítulo 15

— Quero entender melhor essa história. Além das drogas, o que mais a senhora fez contra o senador?

Vovó esfregou as mãos enquanto os olhos disparavam pela sala.

— Senhora?

— *Ah, está bem! — Vovó deu um grande suspiro. — Posso ter dado uma mãozinha no relacionamento.*

— *Uma mãozinha?*

— *Botei lavanda no chalé, contas da fertilidade debaixo do colchão, um apanhador de sonhos perto da piscina particular, aperitivos de ostra e uma trilha sonora romântica de Michael Bolton.*

— *Michael Bolton? — repetiu o agente.*

— *Não torça o nariz antes de experimentar. — Vovó deu um sorrisinho.*

Beth

Corri para o chalé, me joguei contra a porta, destranquei-a com a chave que tinha em mãos e entrei.

Jace estava bem atrás de mim.

E eu estava sem fôlego.

Mas não sabia se era de animação ou vergonha.

Meu passado estava voltando para me assombrar. Mas não era um passado negro de drogada, ou anoréxica, ou coisa do tipo. Tinha a ver com inseguranças e questões não resolvidas. E esta era a parte chata das inseguranças: nunca iam embora de verdade até você resolvê-las. E eu nunca tinha resolvido as minhas. Nunquinha.

E Brett? Ele tinha acabado de trazer todas de volta à tona.

— *Beth, a Chata, Beth, a Chata, Beth, a Chata! — entoavam alguns dos amigos de Brett, que depois se cumprimentaram com um "toca aqui".*

Então foram embora. Todos, exceto JP.

— Então, Beth. — Ele abriu um sorriso malicioso, e uma mecha de cabelo preto caiu na frente do rosto. — Agora que você sabe que Brett não quer nada com você, já que você se esfregou com um jogador do time rival da escola que nem uma vagabunda... — Ele respirou fundo. — Que tal sair comigo?

— Sair com você? — retruquei, baixinho. — Tipo, em um encontro?

JP deu outro sorriso malicioso, então caiu na gargalhada.

— Foi mal, não consigo. Os caras me pagaram dez pratas para chamar você para sair, mas sua cara é impagável. Eu tenho uma namorada que libera para mim, por que iria atrás de uma nerd virgem de óculos que faz os caras saírem correndo e gritando?

Meu corpo desabou no chão. O piso frio ajudou a aliviar a enorme onda de calor que me envolvera. Tentei inspirar pelo nariz e soltar o ar pela boca, até que senti braços fortes me envolverem e me levantarem.

Eu me aconcheguei junto ao corpo de Jace e fechei os olhos, com raiva de mim mesma por permitir que uma lembrança ruim da escola me deixasse completamente indefesa.

Ele me carregou para fora em questão de segundos, até a piscina particular, onde se sentou.

Continuei em seu colo, os braços ao redor de seu pescoço.

— Obrigada — falei baixinho.

O rosto de Jace estava petrificado, irritado, tenso. Ele cerrou os dentes, desviou o olhar e soltou um palavrão, batendo na água com a mão livre.

— O que aquele cara fez com você?

— Nada.

Tentei me libertar, mas Jace me apertou mais junto a si.

— Beth.

— É tão idiota... — Minha voz falhou. — Acho que nunca fiquei tão constrangida na vida.

Desculpe por ter surtado. É só...

— Beth. — Jace passou a mão pelo meu rosto. — Não precisa ficar constrangida. Mas, se nos próximos dez minutos você não me disser o que aconteceu, serei preso por assassinato. E os senadores americanos não se dão muito bem nas prisões federais.

Dei um sorriso fraco.

— É uma história chata.

— Eu gosto de coisas chatas — sussurrou ele.

Se qualquer outro cara tivesse dito aquilo, eu interpretaria como uma crítica a minha personalidade. Mas o jeito como Jace falou... Bem, ele fez aquilo parecer sincero, como se estivesse dizendo que gostava de mim, que tinha visto além do que os outros viam.

— Ele convidou algumas outras garotas nerds e eu para a formatura, por pena. Eu dancei com ele. Ele foi bem gentil e disse que eu era legal para uma nerd. Então me recusei a dar um beijo de boa-noite nele, e, por algum motivo, ele ficou muito irritado por eu não querer. — Eu não queria contar a verdade, mas não tinha jeito. — Alguns amigos dele viram que você e eu nos beijamos, e Brett ficou com raiva porque eu tinha beijado você, um cara mais novo de outra escola, e não ele.

Então Brett espalhou o boato de que eu tinha dado em cima dele e que ele tinha ficado com pena, mas que tinha me rejeitado. E que eu tinha pedido para ele tirar minha virgindade.

— Que babaca — sibilou Jace, enquanto me balançava para a frente e para trás em seus braços.

— Eu nunca pensei... — Ele suspirou no meu pescoço. — Eu nunca pensei que nosso beijo causaria tantos problemas.

Ah, se ele soubesse como aquele beijo tinha acabado comigo!

— O restante do ano foi um inferno.

Dei de ombros, ignorando a voz na minha cabeça que me dizia para contar a ele como seu beijo realmente me afetara, como ele mudara minha percepção de romances e de esperar pela pessoa certa.

— Pessoas aleatórias começaram a deixar bilhetes no meu armário, me chamando de piranha, rodada, traidora, duas caras. Era como se eu não pudesse ganhar. De repente, eu não me encaixava mais em lugar algum. Meus amigos nerds achavam que aquilo era verdade, já que Brett era muito popular. E os populares achavam aquilo patético. Só me livrei disso quando me formei e fui para a faculdade.

— Beth — Jace roçava o polegar no meu lábio —, diga o que você prefere.

— Hã?

Jace continuou passando o dedo pelos meus lábios.

— Um: eu poderia matá-lo e ir para a cadeia, mas acho que já definimos que só faremos isso em último caso.

Eu ri.

— Dois: um dia eu posso concorrer à presidência e depois pedir para a CIA algemá-lo a uma cama com bichos de pelúcia e algumas revistas pornográficas, destruindo sua carreira na política de vez.

— E qual é a terceira? — Eu me aconcheguei no calor do corpo dele.

— A terceira é minha favorita — sussurrou Jace. — Quer saber por quê?

Assenti, embriagada com seu cheiro.

— Porque envolve você e eu, muitos beijos, talvez algumas drogas e muita diversão. Que tal?

Dei um beijo na bochecha dele.

— Acho que pode ser bom ter vovó por aqui, já que ela parece carregar uma farmácia.

— Excelente — sussurrou Jace, os olhos passeando por meu rosto e parando em meus lábios. —

Vou beijar você agora.

— Não precisa.

Aproximei o rosto mesmo assim. A atração que ele exercia sobre mim deveria ser proibida por lei. Ou então deveriam dar um jeito de engarrafá-la e vendê-la para mulheres solteiras.

— É aí que está o problema, Beth. — Os lábios dele roçaram os meus. — Eu não preciso, mas quero muito, muito mesmo.

— Ah.

Foi tudo que saiu da minha boca antes de nossas línguas se encontrarem. Agarrei seu cabelo comprido e aproximei nossos corpos ainda mais enquanto ele soltava um gemido baixo do fundo

da garganta, as mãos puxando a blusa de linho molhada ainda colada ao meu corpo, depois de ele ter me derrubado na piscina.

Enlacei sua cintura com as pernas e flutuei um pouco enquanto ele tirava minha blusa molhada e a jogava no chão, atacando meus lábios com fervor renovado.

— Você é linda, Beth.

— Jace, só me beije. Você não precisa me elogiar e...

Ele se afastou, os olhos quase negros de desejo.

— Não me diga o que falar ou o que fazer. Se eu elogiar você, agradeça e pronto. Eu não costumo elogiar as mulheres de graça. Já faço isso o bastante no dia a dia. Ora, meu trabalho é fazer as pessoas se sentirem bem. Mas quando estou com você? Não é meu trabalho fazer você gostar de mim. Pretendo fazê-la gostar de si mesma, e não tem a menor chance de eu não tentar fazer você perceber como é uma pessoa bonita, por dentro e por fora, antes de estes seis dias acabarem.

Ele arrancou a própria blusa e me agarrou pela cintura, me sentando na borda da piscina. Sua boca foi de meu pescoço para meus ombros enquanto ele puxava a alça do meu sutiã e me beijava perto da clavícula. Os beijos dele eram um misto de doçura e urgência. Eu não me cansava de senti-los, então decidi que, se eu tivesse apenas vinte e quatro horas com aquele homem, aceitaria sem pestanejar. Eu entraria nisso de cabeça e não me arrependeria.

Como alguém pode se arrepender de algo que sonhou em fazer a vida toda?

As mãos dele acariciaram minhas coxas enquanto ele me puxava para mais perto de si, agarrando minhas pernas e as colocando ao redor de sua cintura, enquanto se movimentava contra mim.

— Olááá! — gritou uma voz.

Jace soltou um palavrão e se afastou.

— Toc, toc! — repetiu a voz.

— É a dra. Z. — Jace estreitou os olhos. — Se a gente ignorar, talvez ela vá embora.

— Está bem — concordei, sem fôlego, enquanto Jace me beijava outra vez.

As batidas na porta pararam, e de repente uma figura apareceu do outro lado da cerca, perto da piscina.

— Aí estão vocês! — A dra. Z balançava a cabeça para cima e para baixo, aliviada. — Estou com a bagagem dos dois!

— Vovó mandou?

— Vovó? — repetiu ela, a testa franzida, parecendo confusa. — Não, essa bagagem foi enviada por um homem chamado Travis Titus.

— Aquele babaca! — Jace bateu na água com a mão outra vez.

Eu ri.

— Obrigada, dra. Z. Pode deixá-la na porta.

— Está bem. E sugiro que vocês usem os trajes de banho em vez das roupas de baixo. — Ela deu uma piscadela e foi embora.

Olhei para baixo. Meu sutiã roxo brilhava como um farol.

— Ops — comentei.

— Ah, por favor. — Jace roçou os dentes nos meus ombros e me beijou outra vez. — Como se isso fosse um “ops” de verdade.

— Pare. — Eu ri, empurrando-o.

— Não ouço essa palavra com frequência. — Ele deu uma piscadela e saiu da piscina, mas não antes de deixar a calça amontoada no chão, ficando nu em pelo. — Ops.

Jace foi até o banheiro e fechou a porta.

Escolhi aquele momento para refletir, mergulhando o corpo todo na água fria.

Capítulo 16

— Deixando de lado o aspecto romântico, o que acontece se esse seu pequeno plano amoroso der errado?

O sorriso de vovó sumiu. Ela pôs as mãos na mesa e se levantou.

— Eu não falho.

— Mas com certeza pensou na possibilidade de...

— Escute aqui, Gus — ela franziu as sobrancelhas desenhadas —, eu faço isso há muito tempo.

Tenho verrugas que são mais velhas do que você, então não precisa fazer tempestade em copo d'água, meu filho. Eu posso ter métodos... — ela acena, fazendo um floreio desdenhoso com a mão — pouco ortodoxos. Mas meu par sempre fica junto. Sempre.

Jace

Banho frio? Não estava funcionando.

Banho frio. Vovó? Homem do peito cabeludo chamado Brett?

Isso funcionou.

Funcionou muito bem.

Eu me recostei na parede de azulejos e me concentrei na respiração, tentando mantê-la controlada. Eu tinha decidido fazer Beth se sentir melhor, e o que ganhara com isso? Estava tão sexualmente frustrado que era capaz de gritar.

Ou talvez quisesse que *ela* gritasse. Meu corpo parecia confuso, porque eu tinha que continuar dizendo a mim mesmo que em cinco dias daria o fora. Até então, não havia me preocupado tanto, já que eu não tinha percebido como Beth precisava daquilo. Da chance de ver como ela podia ser espetacular. Nossa, eu a conhecia fazia apenas alguns dias, e até eu sabia disso. Como era possível alguém se olhar no espelho e ver apenas o que outras pessoas disseram dela a vida inteira?

Beth era maravilhosa. Com lábios carnudos, um lindo cabelo castanho volumoso, olhos exóticos e um corpo que poderia causar guerras — não era de se surpreender que Brett tivesse sido um babaca com ela na escola. Ele ficara intimidado, e aquilo me fazia querer cometer um assassinato.

Eu estava intimidado, e nada me intimidava.

E era assim tão ruim me sentir meio orgulhoso porque, de todos os homens para quem Beth poderia ter pedido ajuda, ela havia me escolhido? Tudo bem, estávamos meio que presos um ao outro, mas ainda assim.

Ela me escolhera.

E eu não falhava. Vovó e eu tínhamos esse traço em comum.

Desliguei o chuveiro e enrolei uma toalha na cintura. Quando abri a porta do banheiro, Beth já tinha buscado nossa bagagem e estava pondo o celular para carregar.

Minha genialidade escolheu aquele momento oportuno para se revelar. Tirei o aparelho das mãos dela e o guardei de volta na mala.

— Nada de celulares.

— Não é justo.

Beth tentou pegar o carregador, mas segurei as mãos dela.

— É justo porque também não vou usar o meu.

Ela não pareceu convencida. Ergueu as sobrancelhas, em choque.

— Sei, e vai se recusar a atender ao telefone depois de a imprensa ter retratado você como um político safado?

— Rick vai cuidar disso — respondi, tranquilo. — Nada de celulares. Só você e eu. Você quer um conto de fadas. Tenho certeza de que o Príncipe Encantado não tinha uma conta no Twitter. Vamos ficar com os aparelhos desligados. A semana toda. Combinado?

Ela estreitou os olhos.

Estendi a mão.

Ela aceitou.

— Beleza, mas nada de trapacear.

— Ora, por favor. Eu não faço esse tipo de coisa.

— Disse o senador — cantarolou ela.

— Golpe baixo.

— Você estava pedindo.

Com um sorriso, ela deu tapinhas no meu peito, e, como se fosse possível eu ficar mais excitado, foi isso o que aconteceu. Tudo porque Beth tinha me dado tapinhas, como uma criancinha, e lá estava eu, prestes a jogar tudo pelos ares e levá-la para a cama.

— Jace?

— Hã? — Levantei a cabeça de repente.

— Almoço?

Peguei meu relógio de pulso no criado-mudo e suspirei, dando tempo ao meu corpo para se acalmar.

— Você tem razão. Ainda está cedo. Vamos lá.

Beth pegou uma folha de papel e franziu a testa.

— O que foi?

— Aqui diz que podemos escolher entre três restaurantes e que faremos uma espécie de degustação hoje à noite, no jantar. O que você prefere? — Ela enrolou uma mecha de cabelo entre os dedos e fez um biquinho.

Caramba. Eu queria puxar aquele cabelo.

É isso o que o Viagra faz com uma pessoa. Faz você pensar em coisas que não deveria fazer à luz do dia. Como questionar se agarrar uma mulher pelos cabelos só para ver a expressão em seu rosto era normal.

Ela franziu a testa enquanto repetia os nomes dos restaurantes baixinho, então mordeu o lábio.

Mudei de ideia. Queria puxar os cabelos e morder o lábio dela. Ou talvez morder o lábio primeiro, depois puxar os cabelos.

— Jace? O que você prefere?

— Sexo. — Soltei a palavra como um menino de doze anos na puberdade.

— O quê? — O papel caiu de suas mãos trêmulas e foi parar na cama.

Cama, cama, cama, provocava meu corpo. Merda!

Fiz uma careta.

— Estou feliz porque vamos sair em vez de fazer, hã, sexo?

Ela não caiu. Sua boca se abriu em um leve sorriso quando ela cruzou os braços e me lançou um olhar bem crítico.

— Sou homem, não posso evitar.

Certo, como se isso fosse uma boa desculpa. Era o mesmo que abaixar a calça e apontar, dizendo “Veja! Mim homem, você mulher” e depois grunhir.

— É o Viagra fazendo outra aparição? — provocou ela.

— Isso, vamos botar a culpa na pequena pílula azul que foi misturada ao meu chá.

Entrei em pânico por um momento, pensando se vovó teria colocado alguma outra coisa na bebida, como uma pílula da idiotice, já que eu com certeza não estou mais perto de ganhar o Nobel.

— Tive uma ideia. — Ela pegou o papel outra vez. — Você escolhe onde vamos comer. Afinal de contas, esse é meu conto de fadas. Não quero saber todas as surpresas.

Beth tinha uma expressão esperançosa, a mesma que fica estampada no rosto das mulheres no Dia dos Namorados, quando

esperam que você seja o cara que lhes dará algo diferente de flores e chocolate.

Sorrindo, apesar da ansiedade e da enorme vontade de impressioná-la depois do incidente do Viagra, peguei o papel de suas mãos e o examinei. Todos os restaurantes pareciam bons. Mas bom não era o bastante. Era só comida. Eu queria mais do que comida e imaginei que ela sentia o mesmo.

Afinal de contas, como uma pessoa pode ser romântica comendo hambúrguer e batata frita? Ainda mais considerando o fato de que ela odiava batata frita? Eu deveria ganhar o direito de puxar os cabelos dela, por ter me lembrado disso.

Beth se espreguiçou, erguendo bem os braços.

Calma, garoto. Precisávamos sair do chalé antes que ele se tornasse o chalé da vergonha depois que eu bancasse o idiota ficando de joelhos e implorando. Amassei o papel e joguei-o no chão, então fui até o telefone e liguei para o concierge.

— Concierge. Como posso ajudar?

— Quero fazer um programa romântico com minha namorada — falei, tranquilo, usando minha melhor voz de político. — O hotel oferece algum passeio?

— Mas é claro. — O homem deu uma risadinha. — Para quando o senhor gostaria de agendar o passeio?

Beth se inclinou para pegar alguma coisa no chão.

— Agora!

— Tudo bem, senhor, não precisa gritar.

— Desculpe — resmunguei. — Achei que tivesse visto uma... tartaruga.

Uma tartaruga? , perguntou Beth, apenas movendo os lábios.

— Senhor, os testudinídeos não são predadores.

— Eu sei, é só que... — Umedeci os lábios, irritado. — E os passeios? Por favor.

O homem ficou em silêncio por um tempo.

— No momento, só temos disponível o passeio de meio-dia para alguns campos de cana-de-açúcar, com um agradável piquenique e um passeio a cavalo pelas cachoeiras.

— Parece perfeito.

— Ótimo. Só preciso avisá-lo de que...

— Dinheiro não é problema — interrompi. — Estaremos na recepção em dez minutos.

Desliguei o telefone com um sorriso convencido. Eu estava humilhando o Homem de Ferro. Um passeio a cavalo? Caminhadas pelos campos de cana-de-açúcar? E um piquenique? Podem me dar o troféu de Príncipe Encantado. Conto de fadas, aqui vamos nós!

— Jace? — Beth segurou meu braço e pisou no meu pé pela segunda vez em cinco minutos. Fiz uma careta de dor. — Desculpe.

— O que foi?

— Acho que estamos perdidos.

— Nós não estamos perdidos. Estamos explorando.

Explorando: *Palavra que os homens usam quando estão perdidos.*
Ver também: Teimoso como uma mula.

— Ah. — Beth suspirou.

Tomei um gole da garrafa d'água e me forcei a encarar a situação. O piquenique tinha sido ótimo, mas, quando estávamos passeando pelas plantações de cana-de-açúcar, em um momento de pura genialidade, eu havia entrado no meio de um dos campos e pedido para Beth me seguir. Afinal de contas, uma plantação de cana não poderia ser muito grande, não é?

Era como estar em uma plantação de milho gigante, só que as aranhas eram maiores que Marte e tinham presas que as faziam parecer pequenos vampiros prontos para devorar nossas almas.

Nota mental: *Plantações de cana são fatais.* Ver também: Inferno.

Empurrei mais alguns pés de cana à minha frente e soltei um palavrão quando percebi que teríamos que voltar pelo mesmo caminho. Não tinha como atravessar o campo e voltar para a van a tempo do jantar. Eu não era nenhum Bear Grylls, e podia jurar que tinha visto uma aranha acenando para mim havia alguns minutos. Nem a pau eu daria a ela a chance de me conhecer melhor.

— Jace... — sussurrou Beth.

— Agora não. Estou tentando descobrir para onde estamos indo — respondi, irritado, e olhei para o céu. Estávamos andando para o norte. O hotel ficava para o sul...

— Jace! — Beth começou a dar tapas nas minhas costas.

— Beth, sério, não interrompa um homem durante a exploração. É algo da nossa natureza, está bem? A gente fica chateado e irritado quando as mulheres tentam ajudar.

Ela deu outro golpe nas minhas costas, dessa vez com mais força.

— Beth, *sério...* — Eu me virei.

Os olhos dela estavam arregalados, e de repente tudo ficou em câmera lenta. Uma perna peluda da grossura de um tronco de árvore entrou na minha linha de visão. Beth gritou e começou a correr na direção oposta, então algo que só posso descrever como uma espécie ainda não descoberta começou a rastejar pelo meu rosto.

O momento em que um homem grita como uma criancinha e começa a arrancar as roupas não é motivo de orgulho.

— Coorreeeee! — gritei.

Beth já havia sumido.

A criatura se balançava na minha frente enquanto eu corria. Tentei dar um tapa para tirá-la do rosto, mas ela conseguiu se pendurar no meu braço. Imaginei as presas minúsculas se cravando em minha pele bem na hora que a plantação de cana-de-açúcar se abriu em uma clareira.

Beth estava curvada, ofegante, e eu ainda sacudia o braço para tentar tirar a criatura, aranha ou o que quer que fosse aquele bicho.

— Shhh... — Um havaiano se aproximou com as mãos estendidas. — Vocês estão assustando o Frank.

— Frank? — Parei de mexer o braço e olhei para a criatura que me atacava.

— É o guardião da plantação de cana, muito velho e sábio.

— Ai, meu Deus.

— Você não pode tirar o Frank daí — continuou o guia, em voz baixa. — Ele sairá quando estiver pronto.

— E isso vai ser antes ou depois de ele me matar? — perguntei. — Só por curiosidade.

— Ele não *mata*. — O havaiano parecia chateado de verdade por eu ter feito tal insinuação. —

Ele traz vida para a plantação de cana e a protege do mal.

— Então eu sou o mal?

— Não. — O homem avançou outro passo. — Ele deve ter sido atraído pelo seu cheiro. Diga, você está excitado?

Pisquei algumas vezes. Aquilo era real? Ou uma alucinação?

— Claro. Que. Não.

Ele estava me acusando de sentir atração por aranhas? Era isso o que estava acontecendo?

— Durante a temporada de acasalamento, os sentidos das aranhas podem ser afetados pelo cheiro de excitação. Por acaso o senhor e sua amiga... — Ele pigarreou.

— Não — intrometeu-se Beth. — A amiga dele diz que não.

— Interessante. — O homem finalmente parou à minha frente. — Mas o senhor quer... com sua amiga?

— Hã... — Ah, que seja. — Sim.

— Pode ser o Viagra — sugeriu Beth.

Lancei um olhar irritado para Beth enquanto Frank agarrava meu braço com mais força.

— Um homem jovem como você? Precisando de Viagra? — O guia deu uma risadinha. — Não

é de se surpreender que Frank esteja preso a você. Ele pode sentir seu desejo.

— NÃO SINTO ATRAÇÃO POR ARANHAS DO SEXO MASCULINO!

É. Eu tinha surtado. Adoraria cair duro naquele momento.

— Ninguém disse que você precisa acasalar com ele. — Beth deu risadinhas.

— Você. — Apontei para ela e fiz um gesto de degolar o pescoço com a mão livre. Não era ela quem estava sendo assediado pela aranha. Nunca pensei que diria palavras desse tipo.

— Talvez Frank possa sentir seu desespero. Talvez você devesse parar de adiar o inevitável e acasalar com sua amiga. — O guia tirou uma cenoura da bolsa e começou a mastigar a ponta. —

Além disso, você só tem cinco dias para decidir seu destino. A maldição deve estar fazendo efeito. É

magia.

— Maldição? — repeti.

— Seu *keiki* está estranho.

— Meu *keiki* está ótimo.

— Frank está chateado — comentou Beth. — Está se apoiando nas patas de trás.

— Merda! — Sacudi o braço outra vez. — Primeiro: Frank ainda está no meu braço. — Apontei para a aranha que me assediava. — Segundo: como é que você sabe por quanto tempo vamos ficar

hospedados? E terceiro: por acaso você está doidão? E foi você que me amaldiçoou?

— Eu distribuo drogas, não abraços. Fica tranquilo, cara. — Ele sorriu e se aproximou da aranha. — A maioria dos hóspedes só fica seis ou sete dias, mas isso é fácil de descobrir. Li na reserva que fizeram hoje de manhã. E meu primo é o capitão do iate. — Ele sorriu, deu outra mordida na cenoura e estendeu a mão para Frank.

A aranha rastejou devagar na direção da mão estendida do guia. Assim que aquele bicho peludo saiu de mim, corri na direção de Beth e sacudi o corpo todo.

Quando me aproximei dela em busca de conforto, ela deu um passo para trás.

— Ah, não, sai pra lá. Pode ter mais Franks na sua calça. Não vou correr o risco de um deles encostar em mim. Quem sabe que vodu aquele Viagra lançou em você?

— Tem tanta coisa errada nessa frase, Beth... Tanta coisa...

— Vá para a liberdade, Frank! — O guia soltou a aranha e se virou para olhar para nós.

— Tchau, Frank! — Beth acenou.

— Pare de acenar. — Puxei a mão dela.

Ela se desvencilhou.

— Calma, ele nem mordeu você nem nada.

— E quando foi que você reparou nisso? Antes ou depois de sair correndo aos berros, me deixando para morrer sozinho no meio da plantação de cana?

Beth estreitou os olhos.

— Você só está irritado porque é o pior explorador de todos os tempos, não sabe nem onde fica o norte e com certeza seria eliminado de *No Limite*.

— Eu prefiro explodir esta ilha comigo aqui do que ter que atravessar outra plantação de cana.

Mas, se quiser se inscrever para o programa, fique à vontade.

O guia pigarreou.

— Se estiver tudo bem com vocês, continuaremos com o passeio a cavalo.

— Vamos lá, caubói. — Com uma piscadela, Beth me deu um tapa na bunda. — Ou você também tem medo de cavalos?

— Vou cavalgar aquele animal tão bem... — Parei de falar. Meu corpo tinha me deixado na mão, mais cedo, e parecia que minha mente estava seguindo o mesmo caminho.

Os olhos de Beth reluziram, divertidos.

O guia trouxe os cavalos. Imaginei que o pangaré baixinho e feio que parecia ter cem anos fosse de Beth, mas ela já estava montando outro, me deixando com o Burro de *Shrek* e uma sensação de que um de nós não sairia vivo dali.

Capítulo 17

— *A senhora se sente culpada?* — *perguntou o agente.*

— *Pelo quê?*

— *Por ter colocado pessoas inocentes em risco com seus esquemas e planos?*

— *Sinto muito. — Vovó balançou a cabeça. — Não entendi a pergunta.*

Jace

— Como vai o burro? — perguntou Beth, virando-se para trás, quando soltei mais uma série de palavrões na direção das árvores.

— Irritado.

— Talvez ele esteja com fome.

— Não, acho que está irritado mesmo. Eu também ficaria bastante puto se um cara de noventa quilos estivesse me cavalgando.

— Talvez você devesse passar um tempo quieto. — Ela riu. — Não está dizendo coisa com coisa.

— Aquela história das aranhas em época de acasalamento me deixou confuso.

— Mais uma vez, parece que estou certa. Talvez esse deva ser o momento de você ficar em silêncio, olhando para mim com desejo, depois dizer que sou linda, irresistível e...

— Podemos trocar de cavalo? — resmunguei, enquanto o Burro relinchava outra vez e soltava um peido que cheirava a galinha morta e *enchilada*. Que tipo de passeio romântico era aquele?

Ela se virou e sorriu enquanto Burro fazia outro barulho e tentava manter o passo.

— Não.

— Por favor...

— Seja o príncipe, Jace!

— Meu garanhão é mais velho do que vovó! Preciso de um garanhão!

Burro soltou outro peido, dessa vez me presenteando com o aroma de rosas — se rosas cheirassem a carne queimada.

— E que garanhão. — Beth deu risadinhas.

Ela mantinha a postura perfeita enquanto o cavalo trotava, o que a fazia parecer uma espécie de princesa invadindo o castelo em busca de vingança.

Merda. Então eu era a donzela?

— Beth... Imagino que a situação não seja muito impressionante e que não esteja se sentindo em um romance açucarado.

Ela parou o cavalo e se virou.

— Tire a camisa. Aí podemos conversar.

— Não. — Balancei a cabeça com veemência. — Eu tenho um limite. Não vou ficar sem blusa montado em um burro velho pela selva havaiana.

— Conto de fadas — disse Beth, disfarçando entre tossidas. Seus malditos olhos brilhavam, divertidos, enquanto os meus se estreitaram com raiva de mim mesmo, derrotado. — Ah, sim, jornalistas do noticiário do Canal Seis, eu sou uma prostituta. Querem ver minha lista de clientes?

Ah, o senador Brevik? Ele é tão indecente!

— Boa jogada. — Com movimentos bruscos, consegui fazer Burro parar de andar e tirei a camisa. — Feliz agora?

— Bastante. — Ela suspirou, contente. — Mais rápido, cavalo.

— Você não está em um trenó puxado por cachorros — avisei a ela.

— Então como os obrigamos acelerar? O guia já está lá na frente, e não quero me perder de novo.

— Não sei. Peça “por favor”?

Eu realmente não tinha experiência com animais ou natureza. As caminhadas que fiz foram perto do rio Columbia, não no território das aranhas.

Metrossexual híbrido: *Um homem que gosta mais de banhos do que de lama, mas ainda sabe fumar charutos e cortar lenha.* Ver também: Tom Hardy.

— Vamos! — Beth puxou as rédeas e bateu com os calcanhares na lateral do cavalo.

É claro que ele empinou.

E é claro que ele disparou.

Ela queria um final de contos de fada?

— Burro! Corre! — Bati os calcanhares na minha montaria. Ele virou a cabeça e me olhou como se eu fosse uma espécie de mosca irritante zumbindo ao redor de suas orelhas grandes demais.

— Burro! Corre! Ah, *merda*.

Burro zurrou e partiu a galope atrás de Beth. Eu me segurei o melhor que pude enquanto a corrida quase fazia meus dentes baterem. Sério? *Merda* era a palavra para ele sair correndo?

— Beth! — Burro diminuiu o passo. — Merda, Burro, merda!

Opa, eu a alcancei.

— Jace! — gritou ela, olhando para trás. — O que eu faço?

O guia tinha parado seu cavalo e estava assistindo à cena. Ele pegou uma maçã na bolsa e mordeu, o suco escorrendo pelo queixo.

— Que tal uma ajudinha?! — gritei quando Burro decidiu diminuir bem o passo.

— O cavalo vai parar quando quiser parar — gritou o guia, em resposta.

Guia uma ova. Por acaso a gente tinha assinado termos de responsabilidade?

— Beth, puxe as rédeas!

Burro estava se aproximando dela. Ok, mentira. O mofo podia crescer mais rápido do que aquele animal era capaz de se mover.

— Puxe-as para trás e grite "eia"!

— Eia! — gritou Beth, puxando as rédeas.

O cavalo empinou outra vez, o que fez Beth cair da sela e aterrissar bem em uma poça d'água.

Mas, pelo lado positivo, o cavalo parou. Então isso conta como uma vitória.

— Opa, garoto, opa.

Burro derrapou até parar, ou, para quem estava assistindo, deu um último passo bem lento e começou a comer a grama ao lado do pé de Beth.

Desmontei em um pulo e corri até ela de um jeito bem parecido com o príncipe resgatando a bela donzela. Quer dizer, se o príncipe

andasse de burro e usasse um secador de cabelo para lutar com aranhas, eu era mesmo um.

— Você se machucou?

— Acho que não. — Beth levou as mãos às têmporas e sacudiu a cabeça algumas vezes. — Mas vou ficar com um hematoma enorme na bunda por pelo menos um mês.

Eu não consegui mais segurar o riso.

— Um passeio e tanto, não é?

— É — ela estreitou os olhos —, um passeio e tanto.

Ela me puxou para a poça e jogou água em mim.

Rindo, eu a peguei nos braços e a beijei. Parecia o momento certo — sabe, com Burro olhando e peidando e nós dois cobertos de lama.

— Eu me levantaria daí se fosse vocês. — O guia surgiu de repente, com seu cavalo e sua maldita maçã parcialmente comida.

— Ah, é?

— É. — Ele mordeu a maçã outra vez, fazendo bastante barulho. — Poças são áreas de procriação de mosquitos, e, por aqui, as picadas incham e ficam do tamanho de umas melancias.

Beth e eu nos levantamos em um pulo. O menino de dez anos que havia em mim queria empurrá-

la outra vez na poça, apontar e rir. *Conto de fadas, conto de fadas.* Cerrei os dentes. Eu precisava começar a me esforçar mais. Quanto mais cedo as coisas se saíssem bem, mais cedo eu poderia deixar para trás aqueles seis dias de aranhas, burros e acasalamento de mosquitos.

— Bem — o guia coçou a cabeça —, acho que vocês precisam se lavar. A cachoeira é logo depois daquele rochedo. Vou esperar com os animais enquanto vocês exploram. Voltem em meia hora, para a gente chegar ao hotel a tempo do jantar.

— Ótimo. — Estendi a mão. — Vamos lá, Beth. Acho que o Burro não vai querer carregar nós dois e não confio no cavalo.

Ela segurou minha mão. Caminhamos em silêncio enquanto eu a guiava ao longo do rochedo, até a cachoeira.

— Uau. — Beth suspirou. — É linda!

A cachoeira devia ter pelo menos dez metros, com pedras pontudas na base. Havia uma piscina natural atrás, com alguns degraus que levavam até lá.

— Hã, isso é bem bacana. — Apontei. — As pessoas devem vir aqui para... Ai, meu Deus.

— O que foi? — Os olhos de Beth seguiram na direção em que eu apontava.

Um homem bem grande e peludo tinha acabado de aparecer na lagoa. Devia estar mergulhando, porque, da primeira vez que olhei, a água não estava se mexendo.

E com certeza estava se mexendo agora.

— Hã... — Beth roeu a unha. — Estou tentando decidir se vale a pena ficar limpa.

Olhei para baixo, para a calça jeans cheia de lama e os braços cobertos de terra.

— Vale a pena.

— Tudo bem. — Beth tirou a blusa. — Mas saiba que, se sair no noticiário das seis que você foi visto tomando banho de cachoeira com um homem gordo e peludo, não vou salvar você.

— Obrigado — murmurei.

Enquanto desabotoava a calça jeans, o pânico me atingiu em cheio por um momento. Eu ia mesmo pular na água pelado? E por que diabos tinha ficado nervoso com isso?

— O último a entrar é a mulher do padre! — gritou Beth.

Olhei para cima. E quase tive um infarto quando vi seu corpo perfeito se lançar para a água em um salto gracioso.

— Ah, merda — murmurei.

Ouvi Burro zurrar a distância.

Ótimo. Meu parceiro era um burro. Pelo menos tinha boa audição.

Tirei a cueca e me juntei a Beth na água.

O homem havia sumido outra vez debaixo da cachoeira, nos deixando sozinhos na parte principal da piscina.

Beth surgiu na superfície da água, mas, no meu estado de ilusão, tudo acontecia em câmera lenta.

Ela balançou a cabeça. Enquanto filetes de água percorriam seu corpo, ela mordeu o lábio e piscou para tirar a água dos olhos antes de me olhar de forma sedutora.

Maravilha.

Eu me senti como o Peter Pan sendo resgatado pelas sereias. Não importa para que homem você pergunte — todos dirão que as sereias da história eram muito gostosas.

Nota para os pais: *As crianças só gostam dessa história porque não há regras na Terra do Nunca e as sereias são gostosas.*

Que se dane a Sininho. Eu só quero as sereias.

Ou Beth.

Beth fantasiada de sereia.

Beth fantasiada de sereia em uma cachoeira segurando uma garrafa de...

— Jace? — Beth estalou os dedos na frente do meu rosto. — Você está passando mal ou algo assim? Está todo vermelho.

— É o Viagra. — Assenti. — Ainda deve estar no meu organismo.

— Você sabe que essa desculpa está ficando velha, não sabe?

— Sim, estou ciente — falei baixinho, estendendo a mão para tocar sua pele macia e lisa. —

Também estou assustadoramente ciente da sua presença.

— Assustadoramente? — repetiu Beth. — Isso é um elogio? Ou quer dizer que estou com uma aparência pavorosa?

— Você está linda — respondi, sincero. — Tão linda que dá medo. O tipo de beleza que os homens têm receio de tocar. O tipo de beleza que faz os homens quererem arriscar tudo só para provar, só por um toque, por uma noite. E, juntando isso com sua inteligência, você vira a epítome de por que os homens entram em guerras.

O sorriso dela iluminou meu mundo.

— Você está dizendo que homens lutam por causa de inteligência tanto quanto por beleza?

— Sim — sussurrei, puxando seu corpo contra o meu e nos levando para perto da cachoeira. —

Porque, quando você assume sua inteligência, ela vira parte da sua beleza. Não dá para separar as duas. Admiro ambas. Eu me sinto atraído por ambas.

A respiração dela ficou acelerada, e um leve tom rosado surgiu em suas bochechas.

— Belas palavras.

— Palavras verdadeiras. — Segurei o rosto dela. — Você pode até estar pedindo o conto de fadas, mas eu não mentiria para fazer você se sentir melhor.

Ela tentou se afastar de mim. Mas mantive seu rosto cativo.

— Se você pudesse ver o que eu vejo... — deslizei a ponta dos dedos pela mandíbula dela —

entenderia de vez por que é a mulher mais assustadora que já conheci.

— Eu vejo o que você vê. — Beth deu um suspiro. — Esse é o problema.

— Discordo.

— Que novidade...

— Preste atenção. — Eu a puxei para mim. — Você vê uma garota entediante. Eu vejo uma mulher maravilhosa. Você vê cabelo castanho. Eu vejo cabelo castanho com mechas cor de mel. Você vê lábios rosados comuns. Eu vejo chiclete.

— Chiclete? — Ela deu um sorriso malicioso.

— Você tem gosto de chiclete. — Mordisquei seu lábio inferior. — Um chiclete que nunca perde o sabor. Eu poderia passar o dia inteiro sentindo o gosto da sua boca e ainda assim continuaria desejando sua doçura.

Eu estava travando uma luta entre minha honestidade e meus sentimentos. Queria que ela se visse como eu a via, mas, ao mesmo tempo... Dizer tudo aquilo para ela? Não mudava o que eu faria. Eu iria embora. Eu iria. Iria. Não podia parar de dizer isso a mim mesmo.

— E por que não faz isso?

— Fazer o quê? — Saí do meu estupor.

— Por que não conduz um experimento?

Ela passou os dedos pelo meu peito. Senti a carícia em todos os lugares que estava tentando ignorar, para manter sua virtude intacta. Saber que um homem peludo de meia-idade devia estar nos observando era, literalmente, a única coisa que mantinha minha excitação sob controle.

— Que tipo de experimento?

— Um teste de degustação.

Ela abraçou meu pescoço, o que fez nossos troncos ficarem colados, me permitindo sentir a maciez dela.

— Eu gosto de degustar.

Minha boca se colou à dela antes que eu pudesse pensar em qualquer outra coisa. Não sabia dizer se eu é que tinha me inclinado, se Beth tinha feito isso ou se eu ainda estava sob o efeito das drogas da vovó.

Naquele momento, eu não queria ser honrado. Queria muito ser um galinha como Jake. Queria ser o cara que não pedia desculpas o tempo todo. Não queria ser o senador americano pomposo que era odiado por metade do estado. Não queria ter que me preocupar com alguém me vigiando ou destruindo minha reputação.

Eu só queria tê-la para mim.

E era egoísta o bastante para desejar possuí-la de todas as formas possíveis, mesmo que isso significasse não oferecer nada em troca. Estar disposto a começar algo daquela magnitude sabendo que não continuaria o relacionamento fazia de mim o pior tipo de homem. Eu podia até não estar mentindo sobre minhas intenções, mas sabia que nossas ações ajudam as pessoas a formar suas opiniões, e minhas ações a levariam a crer que eu queria mais do que aqueles dias — e isso era a última coisa que eu podia me dar ao luxo de ter. Um relacionamento que durasse mais do que os poucos dias que tínhamos.

— Desculpem interromper essa pequena cena de amor — disse nosso guia, da margem. — Mas, se vocês quiserem chegar a tempo de jantar, precisam acelerar isso. De quanto tempo mais vocês precisam? Cinco, dez minutos?

Eu me afastei de Beth e grunhi.

— Sério, cara, cinco minutos?

— Pelo menos meia hora. — Beth, abençoada fosse, deu uma piscadela. — Mas teríamos que cobrar pelo show, então acho melhor irmos embora de uma vez.

— Droga, eu gostaria de um showzinho — intrometeu-se outra voz, atrás de nós.

Eu me virei devagar para ver o enorme homem peludo, que sem dúvida tinha uma aranha peluda como Frank como bichinho de estimação. Ele estava sorrindo de orelha a orelha. E, mais uma vez, a excitação foi embora tão depressa quanto aparecera.

— Vamos embora agora. — Beth agarrou meu braço.

— Se vira! — falei, mal-humorado, para o homem, que ainda assistia.

Ele riu.

— Vou afogar você.

Ele ficou de pé e tinha pelo menos dois metros de altura.

Engoli em seco.

— Vou morrer tentando afogar você.

Ele deu um sorriso irônico, mas se virou, dando a Beth uma chance de sair da água e se vestir.

— Que ridículo — sussurrou ela, enquanto eu vestia a camisa e a calça jeans.

— O quê?

— Você ameaçando um homem com o triplo do seu tamanho.

— Não vamos exagerar. Ele deve ter o dobro do meu tamanho.

— Tudo bem, se isso fizer você se sentir melhor.

— Vamos! — gritou o guia, esperando no rochedo.

— Merda! Merda! — gritei.

— O que você está fazendo?

Sorri.

— Chamando meu burro.

Burro, o burraldo, apareceu, contornando o rochedo, e zurrou.

Beth deu tapinhas no meu ombro.

— Você percebe que está montando um burro e é democrata, não é? E ainda grita merda em vez do nome dele?

— Admita. — Dei uma cotovelada nela. — Se você estivesse indecisa, com certeza votaria em mim se eu tivesse um burro chamado Merda.

— Votaria. Se estivesse indecisa — admitiu ela.

— Viu só?

— Mas foi mal, senador. Sou republicana.

— O quê?

— Vamos! — gritou o guia, outra vez.

— Ah, merda.

IH-OH!

Capítulo 18

— A senhora disse que o senador ficou... incitado? — O agente pigarreou. — Como assim?

Vovó examinou as unhas.

— Da mesma maneira que você fica quando começa a babar por aquela agente loira que me algemou.

— A senhora é boa.

— Eu sou a vovó. — Ela abriu um sorriso enorme.

— Devíamos mandá-la para a Coreia do Norte.

— Um povo adorável. — Vovó assentiu. — Adorável.

Beth

Está bem, então talvez eu não fosse realmente republicana. Era indecisa. O tipo de pessoa que odiava irritar os outros, então apenas dava de ombros e dizia que preferia não tomar partido. O que irritava ainda mais as pessoas, porque aí elas diziam que eu era uma covarde. Mas, na verdade, eu odiava conflitos, e sempre que alguém começava a falar de política, sempre terminava em briga, gritaria ou as duas coisas.

A volta para o hotel foi silenciosa.

Bem, exceto pelo burro.

Ei, a culpa não é minha se sempre falo *merda*.

O pobrezinho zurrou até ficar rouco, e quando chegamos ao resort eu tinha bastante certeza de que Jace estava prestes a fazer um sacrifício animal.

Só tínhamos alguns minutos para trocar de roupa, então tomei um banho rápido, dei um jeito no cabelo e coloquei meu tomara que caia branco com um salto plataforma bege. As instruções que a dra. Z nos entregara diziam que só podíamos nos expressar com roupas diferentes no jantar e nos passeios. Aceitei a sugestão. Já estava cansada das calças e blusas de linho branco sem graça.

— Pronto? — Entrei no quarto à procura de Jace.

Ele estava do lado de fora, apoiado no muro da varanda, observando o mar. As costas musculosas estavam viradas para mim, e parecia que ele estava fumando um charuto.

Meu Thor do céu.

Esta seria minha nova divindade para exclamações: Ai, meu Thor. Meu Thor do céu. Meu bom Thor! É, eu usaria bastante aquilo.

Seus músculos se contraíam ao sol, e posso ter babado um pouco enquanto assistia, como a pessoa esquisita e entediante que era.

Como é que eu, Beth, a Chata, tinha conseguido convencê-lo a encenar um conto de fadas comigo? Graças a Thor ele concordara.

Pelos meus cálculos, restavam apenas cinco dias.

Cinco dias com ele. Depois, de volta à realidade.

Então fiquei olhando por mais tempo do que era apropriado. E, quando ele tragou o charuto e exalou a fumaça, cheguei a sentir o gosto daquela língua em meus lábios.

Era raro as pessoas serem tão bonitas assim ao vivo. A maioria dos atores era baixa, e os modelos, mais magros do que eu, mas Jace? Cada pedacinho dele era tão bonito ao vivo quanto na TV, se não mais.

Talvez, no que dizia respeito a Jace, eu não estivesse indecisa. Eu provavelmente entraria na cabine de votação e quebraria a ponta do lápis ao marcar meu voto ao lado de seu nome.

— Pronta? — perguntou ele, sem se virar.

Assenti.

Idiota, ele não podia me ver.

Ele se virou.

O abdome tanquinho piscou.

Eu acenei.

— Beth? — Jace franziu a testa, preocupado.

— Oi. — Finalmente consegui desgrudar os olhos do tórax de Jace para encarar seu rosto. —

Estou pronta. Coloque uma blusa para a gente ir.

— Você não quer que eu vá sem?

— Não. — Eu ri. — Não quero que as outras mulheres comecem a fantasiar que estão traindo o marido. Seria bem injusto com os outros homens se você aparecesse lá sem camisa.

As bochechas de Jace ficaram vermelhas antes que ele conseguisse colocar rapidamente a blusa branca e cobrir o peito musculoso.

Desde quando linho deixava os caras irresistíveis?

Ah, claro. Desde que Brad Pitt usou. Foi mal, Brad, mas você foi substituído.

Jace segurou minha mão e a beijou. Tentei não suspirar nem dar a impressão de estar nervosa.

Naquela noite, tudo parecia mais real. Talvez fosse porque tínhamos nos beijado várias vezes, ou talvez porque ele parecia estar realmente gostando de passar um tempo comigo.

Parecia um encontro.

Mas, pensando bem, qualquer coisa pareceria um encontro depois de todo o incidente na plantação de cana-de-açúcar. Sorri outra vez para ele e guardei a animação que sentia na parte mais profunda do cérebro.

— Afinal, a qual restaurante nós vamos? — perguntou Jace. — Você não disse.

Ele pegou minha mão quando viramos a esquina na direção do Blu.

— Hibachi Grill.

Jace pôs o braço na minha cintura de um jeito protetor enquanto me guiava para desviarmos de um casal andando devagar à nossa frente. Então pegou minha mão outra vez. Para ele, aquilo não exigia o menor esforço.

Mas nenhum cara fizera isso por mim até então. Eu já tinha visto acontecendo. Um cara agindo de forma protetora sem nem reparar. Andando na calçada do lado dos carros, para a garota se sentir segura e protegida. Mas vivenciar a experiência? Era fantástico. Eu me sentia... preciosa. Merda. Não podia esquecer que não era real. Ele até podia se sentir atraído por mim, até podia pensar que eu era a melhor coisa do mundo depois do Netflix... mas, no fim das contas, não ficaria me esperando como o Mr. Darcy.

Jace pigarreou.

— Amo o Hibachi.

Era impressão minha ou as coisas estavam esquisitas entre nós? Ou eu estava me preocupando demais?

— Beth... — Jace parou de andar e me virou para encará-lo, colocando as mãos em meus ombros. — Preciso dizer uma coisa.

— Está bem.

Minha garganta estava começando a se fechar. Ele ia desistir. Ia dizer que não conseguia continuar. Ia me abandonar, eu era chata demais. Sabia que deveria ter puxado assunto. Qual era o meu problema? Por que eu não conseguia ser interessante...

Ele colou a boca na minha, e suas mãos seguraram meu rosto, me puxando para o beijo, sugando todo o pânico de mim.

— Você está... — Ele balançou a cabeça e soltou uma série de palavrões. — Vou tentar outra vez.

— Ele pegou minhas mãos e olhou para baixo, para nossos dedos entrelaçados. — Você está...

deslumbrante.

Não consegui disfarçar o sorriso.

Meu sorriso provavelmente podia ser visto do espaço.

E eu não estava nem aí.

— Obrigada — respondi, recuperando a voz.

— Não. — Jace soltou minhas mãos e inclinou meu queixo de forma que meus lábios ficassem a um suspiro de distância dos dele. — Eu

que agradeço.

— Não entendi.

Dando uma piscadela, ele soltou meu queixo e segurou minha mão outra vez, voltando a andar.

— Amo branco.

— Ok?

— E amo salto plataforma.

— Ah, você sabe o que é salto plataforma. Muito bem.

Ele fez careta.

— Não conte a ninguém.

— Vou levar isso para o túmulo.

— Você deixou o cabelo torcido.

— Torcido? — Eu ri. — Quer dizer ondulado?

Ele corou e umedeceu os lábios.

— É, foi isso que eu quis dizer.

— Imaginei.

Jace balançou a cabeça e passou o braço ao meu redor quando abriram a porta para nós, no restaurante.

— Fiz uma reserva no nome de Brevik.

— Por aqui, senador.

A garçonete tinha cabelo preto bem curto e um piercing no nariz. Ela parecia ter uns vinte anos, e na mesma hora quis fazê-la tropeçar, por ter olhado para Jace por mais tempo do que o necessário.

E como ela sabia que ele era senador? Tive o cuidado de reservar a mesa sob o nome sr. Brevik, não senador Brevik. Ele era tão famoso assim?

Duvido, já que era de *Oregon*, não da Califórnia.

Jace puxou a cadeira para mim. Havia oito lugares ao redor da grelha. Gostaria que fosse uma mesa privada, mas, pela disposição dos lugares, logo estaríamos socializando. O que me lembrava o primeiro dia de faculdade, quando os calouros participam de jogos bobos para tentar conhecer melhor o restante da turma. Eu odiava esses jogos. Sempre acabava sendo a esquisitona ou, pior ainda, a chata que terminava com a cartela em branco no "Bingo de Socialização".

O restaurante parecia bem vazio. Talvez não fosse ficar assim tão cheio. A esperança morreu na hora em que ouvi uma voz conhecida.

— Então, conseguiram?

Brett deu um tapinha nas costas de Jace e se sentou, deixando Paris puxar a própria cadeira. A pobrezinha teve dificuldades para conseguir se sentar, porque seu vestido de lycra era tão apertado que ela não conseguia levantar as pernas direito. Uma pessoa boa teria ajudado.

Dei um sorriso desdenhoso.

Não porque não fosse uma pessoa boa.

Mas porque ela não tirava os olhos de piranha de Jace.

— Hã, sim. — Jace passou os braços pelos meus ombros e me puxou para mais perto. —

Achamos que precisávamos de um pouco de comida para continuar.

Será que ele podia não ser o político polido uma vez na vida? Dei um chute na canela dele.

— Continuar? — Brett deu um sorriso malicioso.

— Parecemos coelhos — respondi, sem pensar. Para ser sincera, eu estava falando do coelhinho da Duracell, mas é claro que não foi assim que entenderam.

Jace, que tinha levado a taça de água aos lábios, engasgou.

Brett estreitou os olhos enquanto nos analisava.

— Boa noite. — Uma garçonete se aproximou com um carrinho de chás. — Eu vou servi-los esta noite. A chef virá cumprimentá-los em breve.

— Coelhos, é? — Brett deu uma risadinha, ignorando a garçonete e a noiva e também o fato de que a conversa estava indo ladeira abaixo direto para o inferno. Era melhor eu me acostumar; não via como a situação poderia melhorar nas horas seguintes.

— É. — Agarrei o braço de Jace, enfiando as unhas na pele. Ele soltou um “Ai” e baixou a taça.

— Mas chega de falar da nossa vida sexual muito satisfatória... O que vocês fizeram hoje?

— Passamos um tempinho na internet. — Brett deu outro sorriso malicioso.

— Ah, merda.

Fiquei imóvel, pensando por um momento que ia ouvir Burro. Em vez disso, meu sangue gelou quando percebi o que Brett devia estar procurando na internet. Ele sabia que aquilo tudo era uma farsa. Ele sabia que não estávamos juntos.

A rejeição era uma merda.

Queria chorar.

Não era justo! O único cara que me rejeitara no ensino médio achava que eu era uma prostituta mentirosa? Vamos esquecer a insegurança — eu agora só sentia vergonha.

— Quanto ela cobra? — perguntou Brett, com toda a calma, abrindo um guardanapo no colo.

— Como é? — Olhei ao redor, furiosa, procurando uma faca para apunhalá-lo.

— Pelos seus serviços. — Brett deu um sorriso presunçoso. — Não que eu esteja interessado, já que estou muito feliz com meu noivado. Além disso, não sou fã de DSTs.

Paris pegou uma lixa e se concentrou nas próprias mãos como se o mundo fosse acabar se ela não fizesse as unhas.

Suspirei.

— Sua definição de felicidade é bem diferente da minha.

— Você não conseguiria pagar por ela — retorquiu Jace, irritado.

Bem, não foi o resgate que eu estava esperando, mas serviu.

— Eu tenho dinheiro. — Brett revirou os olhos. — E não ia querer ficar com ela, de qualquer jeito.

— Chega. — Jace se levantou e agarrou Brett pelo colarinho. — Beth, nós já voltamos. Brett e eu vamos ter uma conversinha particular e tomar uns drinques, está bem?

— Tudo bem. — Minhas mãos tremiam quando tentei pegar a taça d'água.

— Bem-vindos ao Blu Hibachi! — disse uma voz feminina, quase gritando.

Olhei para cima, horrorizada.

Lá estava vovó, com uma faca enorme na mão, um terninho preto e uma echarpe de leopardo amarrada na cabeça.

— Você pode... — apontei — carregar facas? — Ou qualquer outra coisa que pudesse feri-la ou a qualquer outra pessoa a menos de um metro dela?

— É claro. — Ela jogou a faca para cima. Quase desmaiei, até que ela a pegou com a outra mão e deu uma piscadela. — Passei anos estudando para aprender a arte do Hibachi. — Ela pronunciava a palavra com muito mais ênfase no *chi* do que imagino que os japoneses julgariam apropriado. —

Onde está Jace?

— Batendo um papo. — Suspirei.

— Com os punhos — interveio Paris.

Ah, uau. Então a cabeça de vento sabia falar. Bacana.

— Punhos? — Vovó começou a colocar vegetais e todo tipo de carne na grelha quente. No instante em que ela despejou óleo no metal, fui atingida por uma onda de calor que podia ter queimado minhas sobrancelhas. — Ele está brigando com alguém?

— O noivo dela — expliquei, apontando para Paris. — Um velho... amigo.

— Ah, por favor — Paris bufou —, ele disse que você era, tipo, a garota mais nerd da escola.

Duvido que tenham sido amigos.

Não sabia se queria pegar a faca da vovó para esfaquear Paris ou a mim mesma.

Ela riu.

Brincadeira.

Paris. Eu queria esfaquear Paris.

— Deixe que vovó cuide dessas coisas. — Ela jogou outra faca para o ar. — Afinal de contas, você está de férias, Beth, e só tem mais alguns dias.

— De férias — completei.

— Não, você só tem mais alguns dias para fazê-lo perceber que o que ele trabalhou a vida inteira para ter está bem na frente dele. As avós sabem dessas coisas.

— Vovó. — Eu me esforcei para impedir que as lágrimas escorressem. — Eu não sou essa pessoa. Não sou o pinguim, a lagosta, ou seja lá como você queira chamar, dele. Ele é uma ilha, e tive a sorte de virar naufraga por alguns dias, isso é tudo.

— Espero que não — comentou Jace, atrás de mim. — Eu estava torcendo para ser mais do que uma ilha.

— E o que você quer ser? — Tentei soar como se fosse piada.

Ele agarrou meu rosto com força e me beijou.

— O mundo. Prefiro ser o mundo.

Vovó pigarreou.

Paris revirou os olhos e continuou a lixar as unhas. *No meio da mesa*. Sério. Torci para que um pedaço de unha caísse na comida dela e não na minha, porque cabeças iriam rolar se eu mastigasse algo crocante que não fosse uma cenoura.

Além disso, Jace tinha acabado de dizer que queria ser meu mundo. Quase morri quando minha mente absorveu aquelas palavras, curando feridas que eu nem sabia que existiam.

— Onde está Brett?

— Ah, Brett. — Jace fez uma careta. — Ele está passando meio mal.

Paris pegou a bolsa.

— Acho que essa é minha deixa, não?

— Não, ele vai voltar. Eu disse a ele que adoraria aproveitar o jantar na companhia dele, nesta bela noite.

Estreitei os olhos.

Paris deu de ombros.

— Tudo bem. Vou ao banheiro. Se ele voltar antes de mim, diga que quero alguma coisa com camarão.

Ela saracoteou para longe, os saltos estalando no piso e a bunda quase saindo do vestido.

Soltei um suspiro de alívio.

— Ops! — Vovó deixou um pouco de camarão cair no chão. Ela os pegou e os botou de volta na grelha. Então tirou alguma coisa do

bolso e pingou algumas gotas no molho para o camarão.

Dei uma tapa em Jace.

— Faça alguma coisa! Ela vai drogar...

Parei.

— O que você estava dizendo? — Jace deu risada. — E daí se a mulher vai comer camarão ruim? Veja se pareço preocupado. Não posso matar o cara, tecnicamente, mas isso não quer dizer que quero me sentar aqui e comer com eles. Quanto mais cedo vovó se livrar dos dois, mais cedo podemos voltar ao romance.

— Romance? Você começou a usar essa palavra mais livremente?

Ele sorriu.

— É um hábito.

— Então agora eu sou um hábito?

— Ah, querida, você não faz ideia.

Fiquei desapontada.

— Ele pensa que eu sou uma prostituta, não é?

— Não. Ele vai pensar o que eu disser a ele para pensar.

Levantei a cabeça de repente.

— O que você fez? Lavagem cerebral?

— Querida — sussurrou Jace na minha orelha —, às vezes ser um político tem suas vantagens.

Brett é um homem fraco. Meu plano não tinha nada a ver com socá-lo ou mentir, e sim com o que poderia fazer por ele. O cara acha que estamos saindo juntos e que essa história é só uma forma de cobrir outro escândalo no meu passado.

— E o que você precisou fazer? Para convencê-lo?

— Paguei cinquenta mil.

Fiquei boquiaberta.

— Estou brincando... — Jace riu, seu hálito quente perto da minha orelha. — Eu disse a ele que te amo.

Meu mundo caiu. Ele não fazia ideia, certo? De que aquelas palavras tinham acabado de me deixar em pedaços? Porque eu queria que fosse real. E ele tinha acabado de me lembrar que não era.

— Estão com fome? — Vovó colocou alguns camarões limpos nos nossos pratos. — Comam tudo!

Capítulo 19

— *A senhora é mesmo chef e terapeuta?* — *perguntou o agente.*

— *Sim.* — *Vovó assentiu, animada.* — *Também sou piloto.*

— *Com brevê?*

— *Por que você insiste em perguntar se tenho licença? Eu não pareço inteligente o bastante para ter vários talentos e hobbies?*

— *Por que a senhora achou que precisava de todas essas... habilitações?*

— *Porque conheço meus netos. Em certo momento, achei que precisaria aprender a lutar MMA, mas graças aos céus isso nunca*

aconteceu. — Vovó mudou de posição na cadeira. — Além disso, um bom líder sempre sabe de uma coisa.

— Que coisa?

— Se quiser algo bem-feito, faça você mesmo.

Jace

— Se disser um "ai" para ela, não vou parar até fazer picadinho de você.

Era isso que eu deveria ter dito em vez de:

— Eu amo aquela mulher.

Brett riu.

— Certo. Você sabe que metade do mundo acha que você está de férias com uma namorada nova, e a outra metade tem certeza de que você está com uma prostituta.

— Bem, obviamente, já que eu a amo, ela não é uma prostituta. Não há dinheiro envolvido nesse relacionamento. Não que você entenda isso. — Olhei para ele com desprezo.

— Vou expor você — ameaçou Brett. — Afinal de contas, que tipo de cidadão responsável eu seria se deixasse um senador sair impune por se envolver com prostituição?

— Pode tentar. Não tenho segredos. — Olhei irritado para ele, sentindo que perdia o controle. —

Mas deixe Beth fora disso. Você não acha que já fez bastante mal a ela?

Brett franziu a testa.

— Ela contou sobre a escola? Isso é meio patético, se quer saber. Quer dizer, ela tem quantos anos, trinta? E ainda está chateada por uma coisa que aconteceu há doze anos?

— Você é um babaca. E, aliás, era eu.

— Você?

— No baile. — Inflei o peito. — O garoto que beijou Beth. Era eu, então enfie essas suas acusações naquele lugar, antes que eu faça isso por você. Somos amigos há muitos anos. E eu. Amo.

Aquela. Mulher. Eu. A. Escolhi. Cuide da própria vida antes que eu pague ao amigo de um amigo para sabotar os freios do seu carro.

— Você está me ameaçando?

— Claro que não. Foi só brincadeira. Você só está meio bêbado depois de todos os shots —

peguei a bebida no balcão e a joguei na cara dele — e um pouco cambaleante depois de entrar numa briga de bar. — Eu dei um soco em seu queixo e o peguei pelo colarinho mais uma vez, endireitando seu corpo para poder socá-lo de novo. — Não é?

O rosto dele assumiu cem tons diferentes de vermelho antes de ele me empurrar, colocando as mãos no meu peito.

Recuei um passo e dei um sorriso irônico.

— Agora, ou você pede desculpas, ou vai se arrepender.

— Vou correr o risco. — Brett estalou os dedos e preparou um soco.

Eu desviei e o acertei no rosto.

Bem forte.

— Filho da mãe! — Brett quase caiu para trás. — Você nem a ama de verdade! Vocês só estão saindo. Tem alguma coisa errada nessa história.

— É sério. E, sim — minha voz falhou com a mentira —, eu amo aquela mulher.

No instante em que as palavras deixaram meus lábios, senti que havia traído alguma coisa especial entre mim e Beth. Como se, de algum jeito, tivesse estragado tudo por ter dito aquilo cedo demais. Mas eu não ia dizer que a amava na frente dela, não é?

Tomei outro gole de uísque e fiz careta quando a bebida desceu queimando. Eu não deveria ter contado aquela parte para Beth. Deveria ter mantido segredo.

Em vez disso, parecia que eu tinha acabado de dizer que queria tacar fogo no Burro e comer um cachorrinho no jantar.

— Comam, comam! — instruía vovó, aos berros.

Eu estava surpreso por não ter quebrado a mão — nunca havia batido em alguém com tanta força na vida.

— Camarão? — ofereceu vovó quando Brett se sentou no lado oposto da mesa, a uma boa distância de mim.

— Aceito. — Os olhos dele foram do prato à cadeira vazia ao seu lado. — Cadê Paris?

— No banheiro — respondi, ao mesmo tempo em que Beth murmurava:

— Vomitando.

— Ótimo.

Vovó jogou uma faca para cima e depois fatiou alguns cogumelos, espalhando-os em formato de leque. Para uma pessoa de oitenta e seis anos, tinha mãos ágeis.

Eu não havia perguntara por que ela era nossa chef pelo mesmo motivo que não perguntara por que ela era nossa terapeuta. A mulher era doida. Portanto, tê-la cozinhando o jantar não era algo tão surpreendente assim.

Parte de mim até esperava que ela fosse o guia no passeio daquele dia, e eu não teria nem ficado surpreso se ela entrasse no quarto alegando ser a faxineira. Acho até que se ela dissesse que era presidente de um país eu apenas me serviria de um copo de uísque e perguntaria qual país.

Brett comeu alguns camarões, alternando-se entre lambe os dedos e usar a língua para acasalar com os bichos.

— Ele está comendo ou seduzindo a comida? — sussurrou Beth, ao meu lado.

Dez minutos depois, Brett fechou os olhos e soltou um gemido, agarrando a mesa com a mão.

— Orgasmo induzido por camarões? — concluí. — Acho que nunca mais vou comer.

Na verdade, Brett não estava excitado com os crustáceos, mas gemendo de dor. Ele caiu da cadeira, desabando no chão com um baque.

— Merda, vovó matou o cara — murmurei entredentes, empurrando a cadeira para longe da mesa para poder ajudá-lo, ou quem sabe apenas chutá-lo. Ainda não tinha decidido.

— Eu, hã... — Brett arrotou e tentou pegar a taça d'água — não estou me sentindo muito bem.

— Você é alérgico a camarão? — perguntou vovó, a preocupação em pessoa.

— Não. — Ele bateu no peito e arrotou outra vez.

— Ah, meu Deus! — Vovó deixou a faca cair na mesa e correu para o lado dele. — Acho que é!

Acho que você está entrando em choque anafilático! Depressa! Precisamos levá-lo para o hospital.

— Sério? — Ele agarrou a mesa outra vez. — Minha voz está mesmo meio esquisita...

Vovó assentiu, enfática.

— Vou chamar o gerente. Levaremos você para o hospital rapidinho!

Entretido, observei vovó mentir para Brett por todo o trajeto até a porta. Paris saiu do banheiro a tempo de presenciar a cena. Pelo visto, tinha esquecido de se olhar no espelho. Havia pó branco brilhando perto de seu lábio superior.

— Não estava vomitando, estava se drogando. Que mulher elegante.
— Tomei um longo gole do uísque e assisti à noite deles ir ladeira abaixo até o inferno.

Paris bateu nas costas de Brett por ter arruinado a noite dela. Brett, tendo sido exposto a uma substância desconhecida que ele acreditava estar prestes a matá-lo, começou a ter um enorme ataque de pânico enquanto os dois corriam para fora do restaurante até o táxi.

Vovó acenou para se despedir, voltou ao seu posto e continuou fatiando a comida. Sem dar nenhuma explicação. Sem pedir desculpas. Nada.

— Então — Beth pigarreou —, o que você deu a ele?

— Nada. — Vovó continuou fatiando.

— Não minta.

— Avós não mentem nunca. — Ela apontou a faca para Beth.

Eu desviei, o que me rendeu um soco no braço.

— Nós apenas omitimos, ou, como gosto de falar, encobrimos a verdade.

— Encobrir a verdade? — Eu ri.

— Mas é claro. Em uma das mãos eu tenho a verdade... — Ela abriu um cogumelo em leque e apontou. — Na outra, o molho. Eu coloco um pouquinho de molho no cogumelo e... *Voilà!*

— Estou confusa — disse Beth.

— Você ainda consegue ver o cogumelo? — perguntou vovó.

— Sim.

— Mas também consegue ver o molho.

— E daí? — Beth apontou para o exemplo. — Eu vejo os dois, então como é que o molho consegue esconder alguma coisa?

— Está encobrindo, minha querida. — Vovó pegou os cogumelos e o molho e os serviu em um prato. — Quando der uma mordida e descobrir a verdade nos sabores, que o molho é só alho e que, na verdade, os cogumelos é que são o prato principal, não vai mais ligar. Quer saber por quê?

— Por quê?

— Porque é gostoso. — Vovó deu uma piscadela. — Encobrir a verdade é só isso. Pode soar desonesto, pode parecer falso, mas, assim que descobre a verdade, a pessoa não se importa mais.

Porque ela estava bem diante dos seus olhos — ela começou a fatiar um pedaço de carne — o tempo todo.

Por que ela estava olhando para mim como se quisesse me apunhalar com a faca?

Enfiei um cogumelo na boca e fiquei só um pouquinho irritado por estar uma delícia.

— Então... — Vovó fatiou um pouco da carne de porco. — Por que vocês não pedem uma boa garrafa de vinho enquanto termino de preparar o jantar? O que acham?

— Você vai drogar nossa bebida? — perguntou Beth.

— Até considerarei — admitiu vovó. — Viu? Eu sei ser honesta. Então, vamos pedir o vinho?

— O que acha? — Cutuquei Beth.

Ela piscou algumas vezes, depois deu de ombros. Era oficial: eu me odiava. Como era possível que mais cedo ela estivesse desabrochando em uma mulher linda e maravilhosa e agora estivesse tão fechada? Era minha culpa. Eu a tinha feito duvidar de si mesma outra vez.

— Tudo bem? — perguntei, como um idiota, sabendo que ela não estava bem, mas querendo ouvi-la falar para não ficar louco.

— Acho que só estou cansada. — Beth forçou um sorriso.

— Quer voltar para o quarto? — ofereci.

Ela afundou ainda mais na cadeira.

Merda, como é que eu consegui piorar ainda mais a situação?

— Tenho uma ideia. — Desesperado, falei a primeira coisa que me veio à mente. Afinal de contas, ela estava doida para se divertir, não era? Não queria deixar de ser chata? — Vamos comer logo e então sair para dançar.

— Dançar? Você? — O sorriso de Beth voltou.

Só que, dessa vez, ela estava zombando de mim.

— Só porque sou político não quer dizer que eu não saiba dançar.

— Ah, eu sei. — Beth deu tapinhas na minha mão. — Eu ia dizer que é porque você é branquelo.

— Homens brancos não sabem dançar?

— Bem, tem o Justin Timberlake. — Beth assentiu. — Ele sabe dançar.

— Ele é um deus — intrometeu-se vovó.

— Eu sei dançar como Justin Timberlake.

Vovó riu.

— Ei, qual é o seu problema? — Olhei feio para ela.

Vovó apontou a faca para mim e continuou fatiando com a mão esquerda.

— Não, Jace, você não sabe. Você... — Beth balançou a cabeça. — Não seria possível. Não seria justo com a humanidade dar a você esse rosto e esse corpo e também a habilidade de mover os quadris no ritmo. Sério, eu precisaria ter uma palavrinha com Deus.

— Espero que você queime a língua. — Dei um beijo na bochecha dela.

— E se isso não acontecer?

Não respondi. Em vez disso, rezei para que todas as mulheres com quem saí na faculdade não tivessem mentido descaradamente.

Capítulo 20

— *Deixe-me ver se entendi. A senhora sela a carne dos dois lados e depois coloca o vinho?*

— *Isso. — Vovó assentiu. — Assim o centro fica macio e suculento.*

— *Interessante.*

Alguém bateu no vidro.

O agente do FBI se endireitou na cadeira e pigarreou.

— *Então, onde estávamos?*

— *Em algum lugar entre as drogas, a dança e o Justin Timberlake.*

— *Isso deveria estar no YouTube.*

— *Ah, eu adoro o Tube! E o Facebook. E o Twitter!*

— *Por que a senhora usa o artigo antes dos nomes?*

— *Para demonstrar respeito. — Vovó ergueu as sobrancelhas ao máximo. — A gente não se refere ao presidente apenas como presidente. Falamos "o presidente".*

O agente fez uma pausa.

— *Ok, você me pegou.*

Beth

— Muito bem, quero ver! — gritei, mais alto que a batida da música.

Eu tinha trinta anos, havia sido drogada por uma velhinha e estava em uma boate. Ah, sim, e também tinha sido acusada de prostituição. Legal, eu tinha oficialmente chegado à crise da meia-idade. Pelo menos eu tinha Thor. Mas, pensando bem, podia ser apenas minha imaginação. Eu podia estar ligada a um enorme computador, tipo no filme *Matrix*, criando meu próprio mundo dos sonhos.

Eu quase não havia bebido no jantar. Imagina.

Mordi o lábio, deixando a dor me distrair por um breve momento enquanto meu coração continuava a martelar. A última vez que eu dançara tinha sido no baile do colégio. Sem brincadeira.

Eu não dançava. Não dancei nem no casamento da minha irmã. Tomei vinho e escondi o Kindle sob a mesa, para ler quando ninguém estivesse olhando. E, adivinha: ninguém estava olhando até Jace aparecer.

Ele estava gingando. Você sabe como é. Aquele andar sensual que só um homem que sabe ter sido abençoado com todos os dons conhecidos pela humanidade pode ter. Boa aparência, dentes brancos, corpo atlético. Ah, meu bom Thor, ele estava uma delícia.

Naquela noite eu deixei meu melhor amigo no chão.

Meu Kindle. Eu o havia derrubado sem querer e ficado de boca aberta quando Jace estendera a mão e perguntara se eu queria dançar. Tinha recusado. Bem, na verdade, só tinha balançado a cabeça e suspirado, porque eu me lembrava dele, e era como estar no meu próprio conto de fadas. O

Príncipe Encantado tinha ido até mim no meio da multidão e me escolhido. É, eu tinha adorado. Em vez de dançar, tomamos alguns drinques, que foram entregues com muita alegria pelo Expresso de Drogas da Vovó.

— Vamos lá. — Jace umedeceu os lábios e me puxou mais para perto enquanto atravessávamos a multidão de casais felizes.

Estar assim tão perto dele não me distraía do fato de que, dali a cinco míseros dias, eu diria adeus ao único cara por quem me apaixonei de verdade.

Thor idiota.

Cabelo loiro idiota.

Abdome tanquinho maldito! Ergui o punho mentalmente.

— Vamos. — Jace pegou minha mão e me conduziu pela multidão de gente se agarrando na pista de dança.

Eu nunca dançava. Porque dançar era só mais uma maneira que as pessoas tinham de rir de mim.

Começou a tocar “Burn”, da Ellie Goulding.

Meu coração disparou quando Jace riu e me puxou para junto dele. As luzes diminuíram de intensidade, e ele me girou e então puxou minha perna para sua cintura.

Ai. Meu. Deus.

Era uma versão remix da música, ou a versão para boates, então era mais rápida do que a que eu costumava ouvir no rádio.

Jace me soltou e começou a dançar ao meu lado.

E era oficial: eu estava em um dilema. Ou me mexia e tentava dançar com ele, ou ficava olhando seu corpo se mover em perfeita sincronia com a música. Eu teria uma palavrinha com Deus, depois daquilo. Quer dizer, como é que um cara tão bonito podia ter tudo?

A música ficou mais lenta.

Jace aproximou nossos corpos.

Passei os braços em volta do pescoço dele, e suas mãos deslizaram para o meu quadril, forçando-me a me mover no mesmo ritmo que ele. Fechei os olhos e desisti.

Desisti de me sentir triste.

Desisti de sentir vergonha.

E dancei.

Até que começou a tocar uma música do Jay-Z, e eu fiquei perdida outra vez. Não conseguia entrar no ritmo da música.

Finalmente desisti e tentei me afastar de Jace, mas ele me puxou de volta e sussurrou:

— Ninguém coloca Baby no canto. Ninguém.

Sorri de orelha a orelha quando ele me girou. Sim, ele me girou ao som de um rap, depois me deixou de costas para ele e começou a passar as mãos pelo meu corpo. Jace dançava colado a mim, o abdome junto às minhas costas, me abraçando por trás. Cada movimento causava fricção o suficiente entre nós para fazer a boate inteira pegar fogo.

A música acabou cedo demais.

Suada, eu me afastei dele.

— Isso foi... legal.

— Legal?

Ele inflou as narinas, me segurou pelos ombros e passou a língua pelo meu lábio inferior. Ele tinha gosto de suor e pura masculinidade. Aquele era meu fraco? Bastava uma lambidinha para eu ficar prestes a pular no colo dele e gritar "Thor" bem alto?

— Isso foi...

Fiquei sem palavras. O que eram palavras, mesmo? E frases? Substantivos? Verbos? Qual era mesmo meu nome?

Ele me deu um tapa tão forte na bunda que ardeu.

— Vou mostrar para você o que é legal.

Duas horas depois.

É oficial: eu era aquele tipo de garota. O tipo que voltava descalça para o quarto, cambaleando por causa da desidratação e do excesso de bebida.

Jace não desistira até fazer minha cabeça.

"Só mais um shot. Só mais uma música." E como ele não parava de sorrir e estava tão lindo, eu só assentia e sorria.

Quando aquele homem botava alguma ideia na cabeça, não desistia fácil. A noite inteira ele tentara me mostrar como podia ser legal. Fez tudo o que pôde, de me empurrar contra a parede e dançar se esfregando em mim até tomar um shot direto da minha barriga — algo que levarei para o túmulo, porque foi, ao mesmo tempo, a coisa mais constrangedora e mais erótica que já aconteceu na minha vida — e me agarrar perto dos banheiros. Parece que temos uma queda por barulhos de descarga. Era nossa música, ou coisa do tipo.

Eu cambaleei e me senti um pouco enjoada. Mas não chata. Definitivamente nada chata. Embora eu achasse que um banho cairia muito bem, assim como mais toques *legais* de Jace.

Era muito provável que eu me arrependesse dessa decisão na manhã seguinte.

— Agora sei por que vovó, ou melhor, aquela terapeuta que se parecia demais com vovó, nos fez fazer aquele exercício — sussurrou Jace, depois de tomarmos banho e deitarmos na cama.

Eu me virei para olhar para ele.

— Por quê?

— Porque — ele tocou minha bochecha — eu memorizei seu corpo. Eu o desenhei em minha mente, o tracei com as mãos, e, quando dançamos... era como se você fizesse parte de mim, como uma extensão um do outro. Não éramos duas pessoas separadas, éramos um.

— Como uma ligação! — quase gritei.

Jace caiu na gargalhada e me abraçou, me puxando para mais perto de seu corpo quente.

— Sim, minha pequena nerd cientista, como uma ligação.

— Uma ligação covalente. — Suspirei, feliz.

— Parabéns, Beth, você não é mais uma pessoa sem carga.

— Como você sabe?

— Porque se uma lâmpada encostasse na gente, explodiria.

— Sr. Senador, estou certa em pensar que você acabou de me chamar de gostosa?

— Chamei mesmo — respondeu ele, me beijando. — E, se quer saber, você fica ainda mais gostosa me chamando de sr. Senador na cama.

— Ah, então você *tem* fome de poder.

— Não — os olhos dele escureceram —, só tenho fome. Muita. Fome. Mesmo.

Ele estava falando de mim ou de comida?

Ele puxou a alça do meu sutiã da Victoria's Secret e soltou um palavrão.

— Quem sabe em outras circunstâncias... Se eu não tivesse ido embora.

— Como assim?

Ele se afastou de mim devagar e massageou as têmporas.

— Se a gente tivesse se reencontrado depois da escola, antes de meu coração ser partido em milhões de pedacinhos. Quem sabe, se a gente tivesse se encontrado naquela época... eu ainda teria um coração intacto. Que pudesse oferecer a você. Mas não posso.

Meu lábio inferior tremia. Toda aquela honestidade ainda acabaria comigo. Engraçado, já que, pela profissão dele, era de se esperar que fossem as mentiras.

— E é por isso — ele suspirou e virou de costas para mim — que eu vou dormir agora. Vou manter as mãos longe de você e deixá-la dormir também.

— E se eu não quiser um cavalheiro? — perguntei, em um sussurro esperançoso, a voz falhando de tanta emoção.

— Você quer, Beth. — Ele deu um longo suspiro. — De que adianta um conto de fadas se, no final, a garota está tão arrasada que não consegue nem terminar a maldita história?

Tentei a sorte mesmo assim.

E me aproximei, montando na cintura dele. O gemido que Jace soltou foi todo o encorajamento de que eu precisava, então tirei a camisa dele e a joguei no chão.

— Beth, nós não devíamos...

— Shhh...

Passei os lábios pelo queixo dele, que apertou mais meus quadris. Pensei que ele fosse me puxar para mais perto. Em vez disso, ele me ergueu gentilmente e me fez sentar ao seu lado.

Com a voz rouca, ele sussurrou:

— Eu quero, Beth. Quero muito, mas não posso. Você bebeu demais, e isso é... Isso não é o conto de fadas que você queria, meu bem.

— Mas eu quero você. — Fiz menção de subir nele de novo.

Ele me abraçou junto ao corpo e beijou minha testa.

— Durma.

E foi assim que dormimos.

Os dois cobertos por um silêncio frio. Cheio de coisas não ditas. Eu o queria, ele me queria, mas ainda assim admitia, como todos os outros homens da minha vida, que, embora eu fosse boa, não era boa o bastante. Ou talvez com Jace fosse diferente. Ele gostava de mim. Até poderia me entregar seu coração, mas pelo visto já fora entregue a outra pessoa, havia muito tempo, de forma bem leviana.

E, pelo que eu sabia sobre corações, depois que eles encontravam um dono...

Era quase impossível esquecer.

Meu peito doía por saber que era possível que cada dia que eu passasse com Jace ele levaria outro pedaço do meu coração sem nem perceber. E eu o entregava por vontade própria. Torcendo para, no fim, aquilo não me destruir.

Capítulo 21

— Maldição! — Vovó bateu o punho fechado na mesa. — Estou tentando contar uma história, Gus! Pare de me interromper!

— Só estou tentando entender como essa história de amor termina com um sequestro, senhora. Só isso.

— Não, você está esgotando minha paciência, Gus, e não vou tolerar isso. Tenho oitenta e seis anos, e, embora eu pareça forte, isso me desgasta! Isso...

— Senhora? — sussurrou o agente. — Senhora?

Ele se levantou devagar e cutucou vovó no ombro.

Com um ronco, ela abriu os olhos.

— Ah — ela se espreguiçou —, que soninho gostoso. O que você estava dizendo?

Jace

— Vovó. — Pigarreei, o que só serviu para deixar minha garganta mais obstruída quando ela me ofereceu papel e lápis. — Ainda não entendi o que a senhora está me pedindo para fazer.

Durante a última meia hora, vovó havia nos ensinado como manter um relacionamento saudável... na cama. Minhas orelhas ardiavam, e eu tinha quase certeza de que, dadas as circunstâncias, alguns dos meus espermatozoides tinham desistido de viver e cometido suicídio.

Não podia culpá-los. Até eu desejei morrer quando ela começou a descrever em detalhes sua intimidade com o marido já falecido, Bill. Ao que parecia, em seus últimos anos de vida ele ficou cego do olho direito, mas vovó queria que nós entendêssemos que problemas físicos não deveriam nos impedir de participar do que ela, por mais estranho que parecesse, chamava de Jogos de Mímica.

O que se seguiu foi um gráfico sobre zonas erógenas que despertavam quando outras partes do corpo eram fisicamente... comprometidas. Essa tortura infernal terminou com imagens. Não imagens normais, porque isso seria muito fácil. Ela empunhou — sim, foi uma péssima escolha de palavra —

um quadro com bonecos de feltro que eu podia jurar que minhas professoras de catequese usavam para nos contar histórias bíblicas, então contou uma história sobre Antônio Aborrecido e Anna Alegre, e sobre como Antônio Aborrecido se transformou em Antônio Admirado quando Anna Alegre aprendeu a seguir os conselhos de vovó.

E havia um poema.

E, finalmente, uma música, que foi cantada com a melodia de “Mary tinha um carneirinho”.

Eu nunca mais comeria carneiro.

Pensei que a tortura havia chegado ao fim, até que vovó nos ofereceu lápis e papel e disse que aplicaria um teste surpresa. As perguntas deviam ser a coisa mais idiota que já me perguntaram, e eu já tinha ouvido muitas perguntas idiotas. Fazia parte do meu trabalho.

- Escrevam as respostas no papel e discutam.
- Mas as perguntas são idiotas.
- Você também é, e eu não fico dizendo isso em voz alta, fico?
- A senhora já disse — argumentei. — Duas vezes.
- É verdade — intrometeu-se Beth.

Vovó me dispensou com um gesto.

- Primeira pergunta.
- Merda.
- Ah, como vai aquele burro? — Vovó deu um suspiro feliz. — Ele é bem velho, sabe?
- Sabemos. — Beth suspirou. — Podemos ir logo com isso? Estamos desperdiçando luz do sol, e preciso muito de um bronzeado.
- Ela precisa mesmo — concordei. — Está branca como um fantasma.
- É, Viagra, vá jogando pedras com esse seu telhado de vidro aí... Vamos ver se essa história vai acabar bem.
- Crianças! — Vovó bateu palmas. — Honestamente, qual é o problema de vocês dois hoje?

Beth pareceu desapontada.

- Nada. Desculpe, é que não dormi muito bem.

Ela estava mesmo irritada porque eu não tomara a iniciativa na noite anterior? Sério? Ela achou que tinha sido fácil me virar e dormir

sabendo que ela queria que eu fizesse o oposto? Eu ouvi cada suspiro que escapou de seus lábios, cada vez que ela inspirou, cada gemido, cada maldita vez que se mexeu ou se virou. Quase fui dormir no chão.

Quebrei o lápis ao meio e fiz careta quando vovó jogou outro na minha cabeça. Quase não consegui pegá-lo antes de ele se cravar na minha bochecha.

— Primeira pergunta. — Vovó fungou. — Qual era o personagem de desenho animado com quem vocês mais se identificavam quando crianças?

Grunhindo, anotei a resposta.

— Segunda pergunta. — Depois de uma pausa professoral, aquele tipo de pausa que os professores fazem para deixar os alunos nervosos antes de irem para a próxima pergunta, vovó falou: — Descreva o momento em que mais se sentiram em segurança, quando mais novos.

Fiz uma careta. O lápis ficou pairando acima do papel. Eu realmente não sabia como responder.

Passara a infância inteira tentando obter a aprovação dos meus pais. Eu me sentia seguro do amor deles, mas não seguro do meu sucesso. Quando tinha seis anos, tive pesadelos em que meu pai dizia que não tinha mais orgulho de mim.

Escrevi a resposta e esperei.

— Última pergunta — anunciou vovó. — Se você fosse uma comida, qual seria? E por quê?

Revirei os olhos.

— Isso é sério ou só mais um dos seus planos para nos fazer... —
Balancei a cabeça, desistindo de terminar a frase.

— Ah, Jace, está com medo de responder errado? Não é uma prova
— zombou Beth. —

Responda logo, para a gente poder ir embora.

Revirando os olhos, respondi à última pergunta e entreguei o papel para vovó.

— Entendi.

Vovó leu minhas respostas e as comparou às de Beth, o que era um pouco humilhante. E se as respostas dela fossem melhores do que as minhas? E se as minhas fossem idiotas? E por que eu me importava com isso?

— Ótimo. — Vovó abriu um sorriso enorme. — Ótimo mesmo. Vocês estão dispensados.

— O quê? — perguntamos, em uníssono.

— Podem ir. — O sorriso de vovó se alargou.

— Mas... — cocei a cabeça e dei uma risada nervosa — a senhora nem nos disse como nos saímos. Quer dizer, esse exercício tinha algum objetivo?

— Não. — Vovó tomou um gole de chá. — Eu só estava curiosa. Vocês me conhecem, eu vivo a vida com leveza. — Ela deu risada. — Tchauzinho. Usem protetor solar!

Beth se levantou do sofá, mas mantive os olhos fixos em vovó. Alguma coisa estava errada. Ela estava me passando a perna, mas eu não sabia como. Quanto mais olhava, mais malicioso aquele sorriso ficava. Então ela mandou um beijinho e deu uma piscadela.

— Você é má.

— Obrigada. — Ela abriu um sorriso enquanto a porta se fechava atrás de nós.

Beth estava alguns metros à frente, avançando na direção da piscina.

— Vá mais devagar! — gritei, atrás dela.

— Vá mais depressa! — Foi sua resposta.

— Você pode — agarrei o braço dela — parar um segundo?

Ela parou de andar e colocou os óculos escuros. Droga, será que isso queria dizer que estava chorando?

— O que houve?

— Eu só quero relaxar ao sol. É pedir muito?

— Sim — disparei. — Quer dizer, não.

— Jace. — Beth botou as mãos na cintura. — O que você quer?

— Quero que você pare de gritar. Quero parar de ir à terapia com uma velha senil de oitenta e seis anos com bonecos de feltro. Quero minha vida de volta, mas o que mais quero é beijar você. É

isso o que eu quero.

— Sua vida de volta?

Agarrei-a pelos ombros e a empurrei contra a parede.

— A segunda parte.

— Um beijo?

— Eu quero mais do que um beijo, Beth. Você não entende? Estou tentando protegê-la. Estou tentando fazer a coisa certa. Eu quero você. Não entende que eu quero você? Me dê uma razão para não querer...

— Meu personagem de desenho animado era a She-Ra.

— Hã?

— Eu queria ser uma princesa guerreira.

— Isso não ajuda muito.

— Achei que fosse deixar você assustado...

— Você de armadura e espada? — Eu ri. — Não ajuda nem um pouco.

— Minha lembrança de quando me senti mais segura foi quando tirei o segundo lugar na feira de ciências. Meus pais não puderam ir, então vovô foi. Ele me disse que, desde que meu coração acompanhasse meu cérebro, ficaria tudo bem. Ele me disse que o coração e o cérebro não devem trabalhar separados, mas juntos. — Os olhos dela estavam marejados. — Ele me disse que eu era inteligente, mas me deu um beijo na bochecha e disse que o mais importante era que ele amava meu coração.

Peguei a mão dela.

— Ele, hã, morreu no dia seguinte. Infarto.

Eu a abracei e a beijei na cabeça.

— E eu odeio vegetais. — A voz dela estava abafada, a boca apertada contra meu peito. — Se tivesse que virar um, pediria para me colocarem em uma sopa, para sofrer uma morte vegetal. Odeio

verduras. Sei que deveria gostar. Sei que deveria ser a senhora saudável, mas, poxa, Jace, às vezes eu só quero um biscoito!

— Isso eu acho que consigo lhe dar.

— Sério? — Ela se afastou e enxugou as lágrimas.

— Sim. — Passei o braço em volta dos ombros dela e beijei sua testa outra vez. — Vou comprar quantos biscoitos você quiser. E, se seu plano era me deixar um pouquinho mais apaixonado, você conseguiu.

— Ah, é? — Beth fungou. — Por quê?

Vovó era uma espiã dos infernos e provavelmente tinha investigado minha infância.

— Eu queria ser o He-Man quando era pequeno. O momento em que me senti mais seguro foi quando meu pai disse que estava orgulhoso de mim quando virei Presidente do Corpo Estudantil. Ele disse que todos os líderes precisam ter a cabeça no lugar, mas que devem liderar com o coração. —

Minha mão tremia só um pouquinho quando apertei o ombro de Beth. — E estou em uma greve de vegetais desde o quarto ano.

— Um rebelde.

— Ah, sim. Toda vez que minha mãe colocava cenouras na minha lancheira, eu as trocava pelo lanche da garota que se sentava ao meu lado. Cheetos e cenouras? Os dois são da mesma cor. Ficava mais fácil por ela ser cega de um olho, além de ter uma quedinha por mim. Eu pedia a ela que fosse buscar leite para mim. Quando ela voltava, os Cheetos tinham sumido, substituídos por cenouras. Fiz isso por dois anos, Beth, e não tenho orgulho. Mas às vezes um homem precisa fazer coisas terríveis para conseguir o que quer.

— Você roubava Cheetos de uma garota cega. Como isso não foi parar na TV, em vez do fato de estarmos juntos em um hotel?

— Fácil de responder. — Sorri. — Você é mais bonita.

O rosto de Beth ficou vermelho.

— Então, e aquele biscoito?

— Vamos lá.

Peguei a mão dela e não soltei. Logo começamos uma conversa tranquila sobre as aventuras de She-Ra e He-Man, e chegamos à conclusão de que vovó devia ter quebrado leis de segurança nacional para conseguir essas informações. Aquela mulher fizera bem o dever de casa.

— Fechado? — Beth apontou para a placa em um dos quiosques ao longo da praia. — Por que está fechado?

Por que ela estava começando a gritar? Então me lembrei de sua reação aos biscoitos, alguns dias antes. A gritaria, a violência e os objetos sendo atirados.

— Beth, fique calma. Vamos encontrar biscoitos para você. — Dei tapinhas na mão dela.

Ela se virou, seus olhos de gato irritados, brilhando de raiva. Mas que merda. Onde estava Burro quando eu precisava de uma rota de fuga?

— Beth! Jace! Aqui! — Alguém ou alguma coisa estava acenando para nós.

Não consegui ver os rostos por causa do sol, que estava se pondo. Mas nem precisava. Era tarde demais, de qualquer forma. Um punho veio na direção do meu rosto e tudo ficou muito, muito escuro.

Capítulo 22

— *E a senhora fez isso? — O agente parecia irritado.*

— *Fiz o quê?*

— *Quebrou as regras de segurança nacional em benefício próprio?*

Vovó pareceu pensar na pergunta.

— *É claro que não.*

O agente deu um suspiro aliviado.

— *Foi em benefício deles. Não foi para mim.*

— *Senhora, isso continua sendo ilegal.*

— *Achei que já tivéssemos concordado que eu estou acima da lei, Gus. Credo, que memória curta.*

E depois eu é que estou senil!

Beth

— Char? Jake?

Eu estava na dúvida se deveria ver se Jace estava bem, abraçar minha irmã ou revidar o soco de Jake.

— Oi! — Char me abraçou e então empurrou Jake. — Seu babaca, por que deu um soco nele?

Jake estalou os dedos.

— Ele beijou você. Duas vezes. Tentou roubá-la de mim. E estava tocando sua irmã de forma inapropriada.

— Você não foi eleito Solteiro do Ano pela *Playboy*? — perguntou Char. — Só por curiosidade.

— Mas eu mudei, e agora estou muito bem casado. — Jake revirou os olhos. — Você está bem, Beth?

Ignorei a pergunta dele e passei o braço pelos ombros de minha irmã.

— Desde quando esse aí defende a honra feminina?

— O casamento fez dele um novo homem. — Char revirou os olhos. — É uma desgraça, sério.

Ele nem responde mais quando o chamo de *galinha*. Uma tragédia, juro.

— Eu ouvi isso! — retrucou Jake, então derramou um pouco da água de uma garrafa no rosto de Jace, tentando afogá-lo ou acordá-lo, não dava para saber.

— O que estão fazendo aqui?

— Vovó não parava de desligar o telefone na nossa cara. — Char revirou os olhos. — E Rick está tentando falar com Jace e não para de nos ligar. Parece que nosso senador enfiou na cabeça que não é uma figura pública e não precisa manter o celular ligado.

— Isso é meio que culpa minha. — Levantei a mão, tímida. — Mas, para ser justa, nenhum de nós dois sequer tocou em qualquer aparelho eletrônico nos últimos três dias.

— Nós sabemos. — Char deu tapinhas no meu ombro. — Além disso, aquela dra. Z precisa se acalmar. Quando estávamos tentando entrar em contato com vocês, ela não parava de dizer que os dois não deviam ser incomodados. O que, francamente, deixou esse aqui

muito assustado. — Char apontou para Jake, que estava de quatro, dando tapinhas de leve no rosto de Jace.

— Acorda, maldito. Lute como homem.

— Lutar como homem? — grunhiu Jace, sem abrir os olhos. — Desde quando socar alguém de surpresa é lutar como homem?

— Eu respirei bem alto. Você devia ter sentido minha presença.

— O que ele disse faz sentido, Thor — concordei.

— Thor? — perguntou Char, então olhou para Jace. — Hã. Vejam só...

— Ela chama você de Thor? — Jake fez cara de nojo.

— Quer ver meu martelo? — perguntou Jace, erguendo o punho.

— Que engraçado — comentou Jake, seco. — O senador corrupto faz piadinhas.

— Hilário. O bilionário bêbado vem ao resgate.

— Meninos! — gritou Char. — Menos, ok? Mas que saco, essa lua de mel está um inferno.

Jake se levantou e foi abraçar Char.

— Sinto muito, querida.

Ela soltou um longo suspiro com o rosto enfiado no peito dele.

— Tudo bem. É tudo culpa da vovó.

— A economia está afundando? — Jake soltou um palavrão. — É tudo culpa da vovó.

— Não consegue dormir? — continuou Char. — É tudo culpa da vovó.

— Até parece. — Jace tentava se levantar. — Duvido que vocês tenham passado por algo pior do que nós.

— Não conseguiram encontrar nossa reserva no nosso hotel, então fomos para outro. Que também estava cheio, o que era muito conveniente — resmungou Jake. — Então, olha só que maravilha, vovó encontra o lugar perfeito para nós. E com tudo incluso, além de belos chalés...

— Chalés? — Engoli em seco.

— Tem dois lugares como este. — Jake fez careta. — Odeio a terapia de casal idiota. Certas imagens e palavras ficam gravadas em nossa mente para sempre. Preciso de um drinque e de...

— Ela me drogou com Viagra! — disparou Jace.

— Beth Lynn! — gritou Char.

— Não fui eu! — Ergui as mãos, mostrando ser inocente. — Foi vovó.

— Mas vovó estava com a gente — retrucou Jake.

— Não, ela estava aqui com a gente. É nossa terapeuta.

— Não... — Char semicerrou os olhos. — Ela é *nossa* terapeuta.

— Mas que merda. — Jake apertou o alto do nariz. — Vou estrangulá-la. Não me importo com o que você vai dizer, Char. Eu vou. Vou para a cadeia.

— Ah, meu amor, você sabe que é bonito demais para ir para a cadeia. — Char deu tapinhas nas costas dele. — Eles o comeriam vivo lá.

— Alguém quer uma bebida? — ofereci, derrotada. — Sabe, antes de vocês decidirem enterrar a própria avó.

— Ah, que bom — disse uma voz no cais. — Vocês estão todos aqui, conforme o planejado.

Eu me virei devagar para olhar para vovó. Aquela mulher não tinha alma.

— Bem... — Jake pigarreou. — Vamos acabar logo com isso. Por que estamos todos aqui, vovó?

— É — disse uma terceira voz. — Por que diabos estamos todos aqui?

— Oi, Kacey! — Char acenou.

Jake baixou o braço dela e soltou um palavrão.

— Todos os meus bebês. — Vovó bateu palmas e fez algo que nunca a tinha visto fazer antes.

Caiu no choro.

Capítulo 23

— A senhora nunca para de se meter na vida dos outros?

Vovó semicerrou os olhos.

— Não, é claro que não. Eles precisam de mim. E, quando eu terminar de contar a história, garanto que você vai concordar. A vovó sabe das coisas.

— Duvido muito que seus netos concordem.

— Muito pelo contrário. Meus netos me amam.

— *Foi por isso que um deles ameaçou estrangulá-la?*

— *Ah — vovó bufou com desdém —, ele teria que me pegar primeiro.*

Jace

Engraçado como, alguns minutos antes, eu estava pronto para matar a velha senhora, mas, naquele momento, parecia que tinham arrancado meu coração, pisado nele e o colocado de volta no lugar, todo sujo e amassado.

— O que houve? — Kacey puxou vovó para um abraço e lançou um olhar suplicante a Travis.

Ele, em resposta, olhou para Jake, que deu de ombros e me cutucou. Nada. Eu não fazia ideia.

— Ah, eu criei uma confusão! — Vovó secou algumas lágrimas. — Achei que pudesse dar conta, mas... — ela fungou — eu... eu não consegui. O plano era grandioso demais, e as mentes que me ajudavam, muito pequenas.

— Ela acabou de nos chamar de idiotas? — perguntou Jake.

— Não — respondi, sincero. — Se ela quiser chamar você de idiota, vai chamar na sua cara.

— E agora vai ser o fim da carreira dele! — lamentou-se ela.

Tive a terrível sensação de que eu era o *e/le* a quem ela se referia, e que minha carreira fora ralo abaixo, mas, como sempre fui otimista, continuei ouvindo.

— Jace.

Ah, merda.

— Seus índices de aprovação estão baixos, é verdade. Fiquei monitorando os jornais. Todo mundo acreditava que você tivesse saído de férias com sua nova família, mas alguém foi aos repórteres e disse que você inventou essa história para acobertar outra. E, quando Kerry foi entrevistada novamente, ela soltou mais besteiras: que você não é um homem de família e que dorme com prostitutas.

Jake estreitou os olhos.

— É, mané, pode atirar a primeira pedra — disse para ele, praticamente rosnando. — Vamos ver qual de nós dois ela vai acertar primeiro.

Ele balançou a cabeça e cruzou os braços.

— Então por que estamos aqui? — perguntou Travis. — Parece que Jace precisa voltar para Portland para resolver isso. E a senhora tem que ajudá-lo.

— Bem — vovó uniu as mãos —, eu posso ter deixado escapar que ele estava aqui com a noiva e a família dela.

— Mas é claro que a senhora fez isso. — Cerrei os dentes, sem gostar nada de para onde aquilo estava se encaminhando.

— Então isso explica por que a senhora nos ligou e por que Jake e Char entraram em pânico quando Rick não parou de ligar para eles, mas...

— Ah, droga. — Vovó enxugou mais algumas lágrimas. — Vou contar tudo de uma vez.

— Por favor. — Eu estava cerrando tanto os dentes que iam acabar se desgastando.

— Eu disse a eles que vocês planejaram viajar para casar e que as luas de mel eram para acobertar isso e manter a imprensa longe.

Cambaleei. Não me orgulho desse momento.

Vovó continuou:

— Finalmente consegui entrar em contato com Rick, e ele disse que era uma boa ideia, mas que ajudaria se a gente desse um jeito de vazar algumas fotos de nós todos juntos para a imprensa.

— Hum... — Os olhos de Travis se iluminaram em aprovação. — Isso é bem inteligente, na verdade.

— Você acha? — Vovó abriu um enorme sorriso.

Dei um tapa no braço dele. Amigos de verdade não elogiam vovó, nem dão a ela acesso a Benadryl, nem qualquer tipo de encorajamento, pelo amor de Deus.

— O que foi? — Ele deu de ombros. — Vocês não têm que se casar de verdade, ou coisa do tipo.

Quer dizer, vamos lá, Jace, não é como se você fosse casar algum dia, depois do que aconteceu com...

Vovó deu um tapa na nuca dele, que me olhou com uma expressão culpada e deu de ombros, enquanto Jake olhava nervoso de mim para Beth.

Ela ficara quieta durante toda aquela conversa, o que me deixou com vontade de mergulhar na cabeça dela e descobrir o que estava pensando. Em vez disso, ficou lá parada, como uma estátua de gelo, enquanto todos planejavam o que fazer a seguir.

— Vocês ainda vão para a terapia — declarou vovó.

— Que se dane a terapia — argumentou Jake.

— Jake, você é um babaca — retorquiu vovó. — E é por isso que ainda precisa seguir as regras.

Sei como é difícil para você seguir diretrizes, mas, por mim, você irá para a terapia. Pobre Char, tendo que lidar com todos esses seus acessos de raiva.

— EU NÃO ESTOU COM RAIVA! — gritou Jake.

— Não levante a voz para mim — respondeu vovó, calma. — Eu não sou surda, e você vai ouvir o que tenho a dizer, ou vou demiti-lo outra vez.

Ele parou de falar.

— Bem — Travis esfregou as mãos —, acho que só nos resta uma coisa a fazer.

— O quê? — perguntou Beth, baixinho.

— Aproveitar o happy hour. Aprendi há muito tempo que não adianta discutir. As coisas parecem muito mais fáceis após algumas doses de tequila. Não concorda, Jake?

Ele estreitou os olhos, então fez algo muito estranho: corou, e Char deu um beijo em seu pescoço, rindo.

Era óbvio que se tratava de alguma piada interna, mas não importava, porque Beth ainda estava imóvel. Quase sacudi a mão na frente do rosto dela.

— O que você acha, Thor? — perguntou Jake, com as mãos na cintura.

— Se ele é o Thor, eu sou o Homem de Ferro — disse Travis.

— E eu o Arqueiro Verde. — Jake levantou a mão.

— Crianças. — Kacey balançou a cabeça. — É como se estivéssemos em lua de mel com um bando de garotinhos com capas.

— Até parece que ele é legal o bastante para ter uma capa. — Apontei para Jake, e na mesma hora me senti idiota, como se tivesse regredido uns vinte anos.

Era isso que estar perto da família Titus fazia com as pessoas. Uma hora você era um adulto sensato, e no instante seguinte estava discutindo por causa de quadrinhos da Marvel e se esgoelando com uma mulher de oitenta e seis anos enquanto ela passava batom vermelho.

De algum jeito, eu tinha perdido, além da masculinidade, a maturidade e tudo o mais que vinha com isso. Porque eu queria enfiar a porrada nos irmãos Titus apenas por eles estarem discutindo comigo sobre uma coisa idiota, como quadrinhos, e se recusando a admitir que eu estava certo.

Senti a mão de Beth no meu braço.

— Então está decidido. — Travis bateu palmas. — Vingadores... para o bar!

— A melhor ideia que ele teve o dia inteiro. — O sorriso de Char parecia cheio de alegria, o que me fazia sentir um pouco melhor com o fato de que a minha carreira estava nas mãos de vovó.

Naquelas mãozinhas intrometidas e aterradoras.

Rezei em silêncio e segui todos pelo cais e até o bar, enquanto vovó pagava um dos carregadores para levar a bagagem até os chalés reservados.

Reservados. Isso significava que tudo fora planejado. Tinha sido planejado havia muito tempo.

Caramba. Quando Deus criou os céus e a terra, no último dia ele fez vovó e disse:

— Tenho um plano para aqueles homens...

E eu tive a infelicidade de ser incluído nesse plano.

Capítulo 24

— *Como a senhora consegue dormir? — perguntou o agente.*

— *Obrigada pela preocupação. — Vovó tocou o braço dele. — Tomo uma pequena pílula rosa com duas taças grandes de Merlot. Funciona que é uma beleza. Durmo como uma pedra, a não ser quando Charles Barkley fica agitado com meus roncos.*

— *Charles Barkley? — repetiu o agente. — Na sua cama?*

— *Bem, onde mais meu cachorro dormiria? — Vovó revirou os olhos. — É cada um que me aparece...*

Beth

Era o fim das minhas férias. Não conseguia me obrigar a me sentir mal por Jace nem por qualquer outra pessoa. Vovó só estava tentando ajudar, embora suas razões fossem muito, muito escusas. Ainda assim, ela amava a todos, e eu a amava por isso.

Não conseguia nem me obrigar a ficar irritada.

No máximo, estava triste.

Porque ele tinha me prometido seis dias.

E aquilo foi roubado de mim no terceiro. Eu tinha direito a mais três dias de romance, mais três dias de conto de fadas. Em vez disso, ganhei minha irmã, o novo marido dela, o irmão dele e a esposa.

Agora que outras pessoas estavam presentes — gente que sabia muito mais sobre o passado de Jace do que eu —, era o fim dos beijos roubados, das carícias e das discussões sob as estrelas.

Estremeci e fechei os olhos por um breve momento, enquanto me lembrava do gosto dos lábios dele.

Pelo menos eu tinha aquela lembrança.

As mãos dele passeando pelo meu corpo.

A boca, quente e desesperada.

Era bem provável que eu contasse essa história para os meus gatos, quando chegasse em casa e desistisse de vez do sexo masculino. Talvez eu devesse me considerar sortuda por não ter me apaixonado irremediavelmente por ele. Porque, àquela altura, ir embora ainda era possível. Difícil, mas possível. Mais três dias e eu poderia ter ficado arrasada ao ver Jace dar as costas para o que havia entre nós.

— Você está com cara de quem precisa disso. — Char empurrou um copo com um shot de tequila na minha direção. — Tampe o nariz e engula de uma só vez. Não ligo se o gosto é ruim, porque, pela sua cara, parece que acabou de ouvir que *The Vampire Diaries* foi cancelado.

— Não tem graça. — Olhei feio para ela.

— Beba de uma vez — retrucou Char.

Bebi, e fiz careta quando o líquido desceu queimando minha garganta.

— Olé! — gritou Jake, juntando-se a nós.

Aquele homem colocaria à prova a paciência de um santo. Ele tinha lindos olhos cor de mel e cabelo preto — os dois irmãos Titus tinham.

— Beth, sério, se você quiser que eu mate o sr. Senador, basta dizer. Ou assentir. — Como não reagi, ele continuou: — Ou piscar. Porra, só respire. Basta soltar o ar que eu faço.

— Duvido que ela me queira morto, já que consigo fazê-la sentir coisas que aposto que você jamais fez uma mulher sentir em toda a sua vida — respondeu Jace, com a voz tensa, atrás de mim.

Ele apoiou as mãos nos meus ombros e as deslizou pelos meus braços. Estremeci em resposta e ofereci um sorriso arrogante a Jake.

— Então — ele devolveu meu sorriso —, acho que precisamos fazer um brinde.

— Um brinde? — repetiu Jace.

— Ao senador que encontrou o amor. — Ele ergueu o copo.

— Assim como o esquilo que encontrou as nozes. — Jace deu uma piscadela.

— O quê? — Olhei ao redor da mesa.

Travis deu risada.

— Basta entrar na onda.

— Isso parece acontecer bastante — murmurei, erguendo o ponche de rum.

— Verdade. — Kacey bateu o copo contra o meu. — Então, qual é o plano para hoje?

— Plano? — Vovó foi até nós com passos decididos, uma mulher com uma missão. — Já cuidei de tudo. Primeiro vamos fazer uma festa falsa de despedida de solteiro. Jake, tente manter as calças

dessa vez. Não queremos mais nenhuma idosa tendo ataques cardíacos.

Ele semicerrou os olhos.

— Foi só aquela vez.

Vovó o ignorou.

— Seguida de um belo passeio amanhã de manhã, depois da terapia em grupo. É claro que mais tarde teremos um jantar de ensaio. Vocês acreditam que eu já encomendei os vestidos? Ah, e Javier!

Javier! — gritou vovó, rompendo meus tímpanos. — Este é Javier. Ele vai tirar as fotos do casamento.

— Fotos do casamento falso — corrigiu Jace. — A gente não vai dar uma Jake e Char.

— Ah, já somos uma expressão. — Char e Jake se cumprimentaram batendo os punhos.

Ignorei o casalzinho fofo, assim como ignorei a animação borbulhando ao redor. Como seria fazer parte daquela família? Como seria estar tão apaixonada por alguém, tão em sincronia, a ponto de ficar delirante e completamente feliz?

Jake e Char se beijaram e riram juntos.

— É claro que não. — Vovó pôs a mão no peito e suspirou. — Eu nunca faria isso. Pode acreditar, aprendi a lição. É melhor que o amor aconteça naturalmente. De qualquer forma, vamos tirar umas fotos e mentir sobre o casamento, dizendo que é um evento íntimo demais para compartilhar com o mundo.

Jace pegou minha mão.

— Então é faz de conta.

— É claro. — Os olhos atentos de vovó examinaram nossas mãos unidas. — Afinal de contas, vocês têm mais três dias de conto de fadas, não é, Jace? Não podemos arriscar, com maldições e folclore envolvidos na história, não é mesmo?

Mordi o lábio para segurar o riso.

— Quem lhe contou isso? — Ele bateu o punho na mesa.

— Ah, o capitão e eu somos velhos amigos. — Vovó deu um sorrisinho malicioso.

Pedi a Deus para Jace não pedir mais explicações, porque, pelo tanto que ela estava corando, a resposta não devia ser apropriada para o público em geral. Para ninguém, aliás.

— Então, continuando. — Vovó se sentou à mesa. — Já programei alguns passeios para fazermos em família. Javier vai tirar fotos, e todo mundo vai para casa com um sorriso no rosto.

Daqui a três dias, é claro.

— Isso significa que vou ganhar uma nova lua de mel? — perguntou Jake. — Já que a senhora acabou com essa?

— Idem — resmungou Travis.

— Ora, por favor. — Vovó os dispensou com um gesto. — Eu dei a vocês pelo menos três dias.

Achei bem generoso, considerando a situação.

— Ah, VOCÊ ACHOU? — perguntou Jake.

— Jake, pare de gritar. Você devia me agradecer, não brigar comigo.
— Ela se virou esperançosa para todos nós. — Então, temos um acordo?

E por acaso havia opção?

— Tenho uma pergunta — disse Jace, muito calmo. — Se isso era para ser uma empreitada para tirar minha carreira da lama, e eu supostamente estou viajando para meu próprio casamento, meus pais não deveriam estar aqui? E os de Beth?

O sorriso de vovó aumentou.

— Ah, chegou na hora certa, não é, Vossa Excelência?

O rosto de Jace perdeu toda a cor enquanto ele se virava, soltando um palavrão.

— Pai.

— Filho, precisamos conversar.

Capítulo 25

— Acho difícil de acreditar que a senhora tenha conseguido convencer o juiz a fazer uma viagem de última hora para o Haváí para ir ao casamento falso do filho desobediente.

— Ah, foi bem fácil. — Vovó riu. — Afinal de contas, falei que era uma questão de vida ou morte.

E, como isso não funcionou, disse ao juiz que seu filho tinha sido sequestrado por piratas nas ilhas havaianas.

— E ele acreditou?

— Ele não tinha motivo para não acreditar.

— Por quê?

— É maravilhoso o que se pode fazer hoje em dia com um microfone, um software de mudança de voz e um e-mail. Isso nunca

deixa de me impressionar.

— Devo acrescentar isso à sua ficha criminal?

— Minha genialidade?

— Não. Mentir para um juiz.

Vovó suspirou.

— Já que insiste... Mas ele não vai prestar queixa. E acho que isso não importa muito, considerando que o filho está desaparecido.

— O filho que a senhora sequestrou.

— Isso é um mero detalhe.

Jace

Quando criança, sempre detestei levar bronca do meu pai. Raramente acontecia, afinal, minha meta de vida era deixá-lo orgulhoso. Então, quando causei problemas, foi traumático.

Depois do acidente, as coisas só pioraram. Eu acordei sem me lembrar de como tinha chegado ao hospital — meus pais diziam que eu não tinha mais o mesmo brilho nos olhos. E ficava puto por, mesmo depois de todo aquele tempo, ainda estar tentando recuperar o velho Jace. Aquele que acreditava em magia e contos de fadas, aquele que acreditava que era melhor ser otimista do que cético.

Eu ainda sentia o cheiro do escritório mofado do meu pai. Estantes que ocupavam todas as paredes do cômodo, do chão ao teto, e uma poltrona de couro verde, sempre de frente para a escrivaninha de mogno. Meu pai não se virava para me olhar, não até que eu anunciasse minha presença. Então, muito lentamente, ele girava a poltrona, se inclinava aos poucos sobre a mesa e perguntava:

— Está pronto?

Eu assentia enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto, então confessava o que tinha feito de errado. Não era comum precisarem me dizer, eu sempre sabia quando fazia algo errado, fosse desrespeitar minha mãe ou comer biscoitos antes do jantar. Meu pai era sempre justo na hora de dar bronca, sempre me dava a chance de me defender antes de determinar a punição.

De repente, eu tinha dez anos outra vez. Esperando as malditas palavras que sabia que ele diria, a qualquer segundo. Caminhamos pela praia em silêncio enquanto as ondas arrebentavam na margem.

Como uma única semana arruinara minha vida? Eu não podia culpar ninguém além de mim mesmo.

— Mamãe veio?

— Está em um dos chalés — respondeu meu pai, seco, ainda sem olhar para mim.

Assenti, com medo de que minha voz falhasse.

Caminhamos mais alguns metros, afastando-nos de qualquer um que pudesse estar observando e dos banhistas brincando na água. Por fim, me sentei em uma das espreguiçadeiras e esperei.

O silêncio era quase tão pesado quanto o ar carregado do cheiro de flores, denso com toda aquela tensão e vergonha. Ele estava desapontado, e, mesmo que eu tentasse fazer tudo certo desde que comecei a tomar minhas próprias decisões, parecia que ainda não era o bastante. Não que ele dissesse isso — mas dava para ver pelo seu jeito rígido, sempre cuspindo ordens.

— Eu estou... — o rosto enrugado de meu pai se abriu em um enorme sorriso — tão orgulhoso de você!

— Oi?

— Nadine, ou melhor, vovó — ele revirou os olhos — me contou tudo. Como você se apaixonou, como tentou mantê-la longe da imprensa e até decidiu escondê-la de mim e de sua mãe. —

Ele suspirou. — Estou orgulhoso de você, por não ter exposto o relacionamento. Você fez as coisas do jeito certo dessa vez, Jace. O que aconteceu com Kerry... — Ele baixou a voz. — Nós erramos ao encorajar o relacionamento de vocês. Nós devíamos ter visto quem aquela mulher era de verdade.

Devíamos ter feito você esperar, em vez de pressioná-lo a se comprometer para avançar na carreira.

Mas agora, pelo menos, você está fazendo as coisas do jeito certo. E eu o admiro por isso.

Era oficial: o inferno chegara à terra. E, como eu era um idiota, tinha pegado a primeira balsa para lá e agora estava à deriva, sem perceber nenhuma das maquinações de vovó até então.

— O que foi que vovó contou, exatamente?

— Tudo. — Meu pai deu uma risadinha. — Você está apaixonado. Está usando a lua de mel de seus amigos para encobrir o casamento. Devo admitir que, a princípio, ela disse que você tinha sido sequestrado por piratas. Mas, para ser sincero, isso chamou minha atenção. Peguei o primeiro voo para cá, depois da conversa. Aquela mulher é de outro mundo.

— É, é mesmo.

— Então, agora que estamos todos aqui, não há razão para vocês não se casarem. Imaginei que seria melhor agora, já que a imprensa se acalmou por um tempo.

— Casar. — Como é que eu ia sair daquela? — Veja só, pai, acontece que...

Os olhos dele se encheram de lágrimas. Mas que merda. Ele estava chorando?

— Me desculpe. — Ele fungou. — Eu estava tão preocupado com você! Sei que você se importa muito com sua carreira. Até usou um terno para ir à escola no sexto ano!

— Era o dia de interpretar a profissão que eu queria — grunhi.

— Eu sei, filho. — Ele me deu um tapinha no ombro. — É só que finalmente parece que você tem tudo o que sempre quis. Basta agarrar a oportunidade. Basta dizer sim.

— Sim?

— Para seu futuro. — O sorriso meu do pai aumentou. — E então, o que você ia me dizer?

Eu deveria ter dito alguma coisa. Deveria ter contado a verdade. Afinal de contas, tinha sido sincero com Beth a semana toda. Por que estava tendo problemas com aquilo de repente? Ah, certo, porque a verdade destruiria meu pai. Portanto, me destruiria também, pois ele saberia que eu não era o homem que ele pensava. Porque eu tinha ficado com uma garota sob falsos pretextos, enganando todo mundo, e depois havia aceitado um desafio para que ela pudesse mentir para a imprensa sobre suas razões para ficar comigo.

Eu era um babaca.

E ele estava olhando para mim como se eu fosse o filho perfeito. Ele estava olhando para mim como eu sempre quis que olhasse.

E foi por isso que acabei dizendo:

— Eu fico feliz por vocês terem conseguido chegar a tempo para a cerimônia.

Ferrado: *Quando a única saída é a morte.* Ver também: Vovó Nadine.

Capítulo 26

— *Ele sabia de tudo, não sabia? — O agente deu um sorriso convencido.*

— *Ah, Gus, você está começando a me conhecer bem demais.*

— *A senhora enganou seus netos e deu um jeito de convencer um juiz a mentir para o próprio filho. Vocês dois deviam estar desesperados.*

— *O desejo de ter um bisneto é forte nas avós, e parece que nos avôs também. Basta perguntar ao sr. Brevik e à sua linda esposa.*

Beth

— Ele saiu faz um bom tempo. — Mexi distraidamente no canudo do drinque e mantive os olhos fixos na praia, procurando sinais de Jace.

— Por que você se importa? — perguntou Char, em tom inocente. — Tem alguma coisa para nos contar?

Kacey não disfarçou o sorriso. Char a imitou. Os maridos ficaram quietos, e todos os olhos se voltaram em minha direção, quase abrindo buracos em mim.

— Jace! — quase gritei quando ele apareceu, acompanhado do pai.

Mas havia alguma coisa estranha. Ele parecia... quase parecia culpado... e triste. Por que estaria triste? Eu me culpei na mesma hora. Se não o tivesse desafiado a ficar... Se não o tivesse

subornado com sua carreira e o rumor da prostituição... Será que era tão errado assim querer o conto de fadas?

Ele praticamente me fora entregue em uma bandeja de prata. Então eu a peguei, ué! Ouviu só, Deus?

Eu peguei!

— Seja bem-vinda à família! — O sr. Brevik me puxou para um abraço de urso.

Quase vomitei a bebida em cima dele. Família? Eu estava me juntando à família de quem, e por que diabos ele estava tão feliz com aquilo?

— Estamos muito felizes em conhecê-la. Minha esposa logo se juntará a nós, para celebrarmos.

— Hoje é seu aniversário? — perguntei, sem jeito.

— E ainda tem senso de humor! — Ele deu uma cotovelada nas costelas de Jace. — Você tirou a sorte grande dessa vez. E, minha querida — ele se virou de volta para mim —, que trabalho incrível você tem feito para a GreenCom.

— Sim, é meu trabalho. — Assenti. — O que isso tem a ver com a família?

— Lá está ela! — Uma voz alta com sotaque sulista carregado interrompeu minha confusão e a expressão culpada de Jace. Uma mulher com menos de um metro e sessenta foi na minha direção.

Tinha cabelos loiros claros e usava óculos de sol enormes. Se não estivesse de roupas brancas, eu teria pensado que era vovó. — Minha filha!

— Acho que estou confuso — sussurrou Travis, atrás de mim.

— Sempre quis uma filha! E agora tenho! Ah, essa é a melhor notícia do ano! Ela me ajudou a suportar aquela viagem de avião horrorosa. Ah, a quem estou tentando enganar? Se eu tiver um infarto amanhã, morro feliz, sabendo que nosso filho conseguiu ficar com uma mulher tão bem-sucedida!

— Quem vai se casar? — perguntou Jake, inocente, enquanto tomava outro gole da bebida.

— Alguém está morrendo? — Foi o que veio de Travis.

— Um brinde! — gritou o sr. Brevik. — A Jace e Beth!

Vovó surgiu do nada como em um passe de mágica, carregando uma bandeja de drinks.

— Ah, eu adoro quando tudo dá certo no final, e vocês?

Eu me virei para Jace bem devagar.

Ele praticamente tinha as palavras *Babaca Culpado* na testa enquanto ia até mim e me puxava para um abraço apertado, sussurrando em meu ouvido:

— Sinto muito.

Aquelas duas palavras foram como uma faca sendo cravada em meu coração.

Beth, a Chata, não recebia um pedido de casamento. Não, apenas um pedido de desculpas. Essa era eu. Um pedido de desculpas, uma mentira atrás da outra. E era tudo minha culpa. Tudo porque eu estava tentando ter algo que nunca sequer merecera.

— Vou resolver isso, só não agora — continuou Jace.

Então quando ele ia resolver? Antes ou depois de a gente entrar na igreja?

Todos ergueram as taças no ar, mas de repente aquilo começou a me sufocar. Eu queria fugir —

precisava escapar.

— Preciso ir ao banheiro. — Forcei um sorriso e mal consegui chegar ao banheiro feminino antes de cair no choro.

Estava tudo errado.

Não era assim que a história deveria acontecer.

O cara conhece a garota, se apaixona por ela e a pede em casamento. Em nenhum momento da história diz que ele deveria conhecer a garota, dizer que não pode gostar dela, admitir que nunca se casará com ela e depois se casar mesmo assim, só para salvar a maldita carreira.

— Querida? — O perfume de vovó me envolveu, seguido de seus braços. — Ah, querida, tive medo de você ficar chateada.

— Então por que você fez isso? — Limpei as lágrimas do rosto. — Me dê uma boa razão.

— Ele é perfeito para você — respondeu vovó, sincera. — Eu o conheço há um bom tempo. Ele está solitário, Beth. Está com medo, mas ele gosta de você, acho até que a ama. Não negue o fato de ter tido vislumbres de um futuro juntos. E sei sobre o que aconteceu na escola.

— Você não entende? — Peguei um lenço e sequei os olhos. — Isso não é a escola, é a minha vida!

— É por isso que você compara todos os homens que conhece a ele?

— Quem lhe contou isso?

— Sua irmã.

— Aquela maldita! — Mais lágrimas escorreram pelo meu rosto. — E quando ela disse isso?

— Você não é a única com problemas. Ela passou por maus bocados tentando encontrar seu lugar na família, pois sempre se sentia deixada de lado. E eu me pergunto por que você se sente da mesma forma. Engraçado como todos nós queremos ter a vida de outra pessoa e sempre pensamos que estamos em uma situação pior do que a de todos ao redor.

— Aonde você quer chegar?

— Quero que você use vermelho.

— Como uma prostituta?

— Não. — Vovó me puxou para um abraço. — Como a mulher linda, forte e corajosa que é.

Deixe Jace expor esse seu lado. O amor sempre exige que a gente corra riscos, e não vou mentir, querida. Você pode falhar. Mas não prefere tentar e saber que falhou do que passar o resto da vida se perguntando o que teria acontecido se tivesse dado uma chance?

— Vovó — engasguei com as lágrimas no fundo da garganta —, minha vida amorosa não é um jogo. Eu me sinto como se você tivesse arrancado meu coração, o entregado a Jace, e agora todo mundo estivesse esperando para ver se ele vai decidir guardá-lo ou se vai jogá-lo no mar.

— E por que ele não o guardaria, querida? — Vovó me beijou na testa e abriu um sorriso caloroso. — Para que os tubarões iriam querer seu coração?

Revirei os olhos e consegui dar um pequeno sorriso.

— Ele vai jogar, pode acreditar no que eu digo. Ele não para de falar que não pode ficar comigo, que vai embora.

— Eu conheço os homens — sussurrou vovó. — Afinal de contas, Deus me cercou com um monte deles. E sei como eles pensam. Imagino que Jace esteja tentando convencer a si mesmo mais do que a você.

— E o que me resta fazer?

— Imagino — vovó olhou para o espelho, pensativa, e ajeitou o cabelo — que resta a você fazer exatamente o que sempre quis.

— Ficar presa em uma ilha com um político mentiroso? — brinquei.
— Foi mal, vovó, mas essa nunca foi minha fantasia quando criança.

— É claro que não, querida. Era a minha. — Ela deu uma piscadela.
— Sua fantasia sempre foi o cavalo branco, o conto de fadas e o felizes para sempre. Nenhuma história é a mesma. Isso seria muito chato, não? Sempre ter um felizes para sempre? Bem pouco original.
— Vovó segurou meu braço. — Eu quero magia.

As lágrimas ameaçaram voltar.

— Eu quero fazer coisas erradas — continuou ela. — Quero a loucura. Quero vestidos e batom vermelhos seguidos de noites estreladas e fogos de artifício. E, Beth, acho que você também quer isso.

— Você acha que eu quero loucura?

— Eu não acho. — Vovó deu tapinhas na minha mão e começou a se afastar. — Tenho certeza.

Então, o que você vai fazer? Vai arriscar tudo por ele? Ou vai desperdiçar a chance de fazer a única coisa que os contos de fadas não ensinam?

— Que é?

— Lutar pelo seu homem.

— Achei que ele deveria lutar por mim, não?

— Como é que ele vai fazer isso se você não vai nem aparecer para a batalha?

Estreitei os olhos quando vovó saiu saracoteando na direção da multidão. Enxuguei as lágrimas, belisquei as bochechas e fui atrás dela. Jace ergueu a cabeça e me deu um sorriso de tirar o fôlego.

Com as ondas arrebatando atrás dele, Jace parecia uma espécie de deus grego de férias. Ainda sorrindo, ele foi na minha direção, os músculos reluzindo ao sol.

— Ah, meu Thor do céu — sussurrei. — Vou entrar nessa com tudo.

Sorri para mim mesma. Meu bom Thor, eu iria para a luta.

O número de passos que eu dei? Três.

O número de segundos que esperei para meus lábios tocarem os dele? Dois.

Quantos segundos Thor, o Deus do Trovão, levou para reagir? Um.

Abracei seu pescoço e segurei firme enquanto ele me erguia no ar e me girava.

— Qual a razão disso? — Ele me colocou no chão, os olhos azuis brilhando.

— Meu conto de fadas ainda não acabou. — Beije a boca dele outra vez.

— E quem disse que tinha acabado?

Dei de ombros.

Ele encostou a testa na minha.

— Eu dei minha palavra. E cumpro o que prometo.

— Agora eu sei.

— Me desculpe por... tudo. Vou dar um jeito de resolver isso, eu juro.

— Mesmo se não conseguir — dei de ombros —, a graça está na aventura, não é?

— É. — Ele envolveu meu rosto com as mãos e me deu um selinho.

— Mas você merece mais.

— Eu tenho mais — respondi, sincera. — E está na hora de você reparar que também pode ter mais.

Respirando fundo, passei por ele e me juntei aos outros para beber, me perguntando como eu iria sobreviver por mais três dias sem ficar com o coração partido. Porque, depois de tomar aquela decisão, eu lutaria até não poder mais. E, se no fim Jace fosse embora mesmo assim, eu iria desistir dele.

Capítulo 27

— *Que lógica interessante. Primeiro a senhora engana, depois oferece pérolas de sabedoria.* — O

agente assentiu, pensativo.

— *Ora, não sou tão má assim.* — *Vovó balançou a cabeça.* — *Se eu tivesse deixado os dois à própria sorte, eles levariam anos para ficar juntos. Agora olhe só para eles.*

— *Certo. Olhe só para eles. Desaparecidos.*

— *Eu não disse que tinha tudo resolvido. Tenho oitenta e seis anos.*

— *É o que a senhora diz.*

Jace

— Eu vou para o inferno.

— Quando chegar lá, diga a Jake que mandei um oi. — Travis me deu um tapa nas costas e pediu uma cerveja ao garçom.

Decidimos ir a um luau em vez de fazermos uma festa típica de despedida de solteiro ou solteira.

Afinal de contas, só precisávamos das fotos, e foi bem fácil convencer meus pais de que eu não estava interessado naquele tipo de coisa.

Beth pareceu aliviada.

Beth... Só de pensar em seu nome eu sentia uma onda de excitação em todos os lugares errados.

Seu nome me fazia desejá-la, e não apenas física, mas também emocionalmente, o que era ridículo.

Nosso relacionamento tinha apenas três dias e ainda por cima era falso. E lá estava eu, afogando as mágoas na bebida e mentindo não apenas para meus pais, mas também para todo mundo.

— Não sei se isso ajudaria você a se sentir melhor, mas vovó já venceu duas vezes. — Travis me passou uma cerveja.

— *É, não ajuda.* — Tomei um longo gole. — Ainda vou para o inferno por mentir para todos, e duvido que Jake estará lá, já que ele mudou tanto que dá até nojo.

— Não é? — Travis riu. — *É como se ele fosse um novo homem.*

— E você?

— Eu? — Travis ergueu as sobrancelhas, surpreso. — Eu sempre fui o bom moço, não precisava mudar, apenas ser humilhado por vovó de tal maneira que me tornei uma vergonha não só para mim mesmo, mas também para a sociedade.

— Ah. — Fiz careta. — Isso é muito animador.

— Foi mal, sua melhor chance é casar com ela, se apaixonar e produzir o maior número possível de bisnetos.

— Nunca. — Empurrei a cerveja para longe, de repente me sentindo enjoado. — Você sabe que não consigo, Travis. Sabe que não quero me sentir vulnerável daquele jeito outra vez. Eu não quero compromisso.

— Você e Jake trocaram de cérebro? — Travis se inclinou mais para perto de mim. — Ou você está doidão?

Eu o empurrei para longe e revirei os olhos.

— Fala sério.

— Já faz dois anos, Jace. A vida continua. Você precisa se permitir ser feliz.

— Sei como me permitir ser feliz. Só decidi fazer isso sem uma mulher ao meu lado.

— Porque secretamente prefere homens?

— A conversa acabou.

Eu me levantei, mas Travis me puxou de volta para o assento.

— Olhe, eu sei que faz só três dias, mas é fácil invalidar o casamento. Seus pais não vão saber de nada, mas para o mundo

vocês estarão casados. Cada um pode tomar o próprio rumo depois que voltarmos a Portland. Beth pode voltar para a vida divertidíssima dela, brincando com doenças e começando a acumular gatos. E você pode voltar para sua cobertura gigantesca com uma TV enorme.

— Bem, quando você coloca dessa forma...

— Casamento não é um bicho de sete cabeças, e sei que você gosta da Beth. Caramba, todo mundo sabe que você gosta da Beth. E eu, pelo menos, sei que talvez você a ame.

— Ah, essa é boa. Depois de três dias? Vovó colocou alguma coisa na sua bebida?

— Vá com calma, sr. Viagra. — Travis me deu tapinhas nas costas. — Antes do casamento, você e eu fomos jogar golfe. Estava quente pra caramba, então deixamos pra lá e fomos encher a cara.

Aquela história não ia acabar bem.

Ele deu um sorriso malicioso.

— E eu perguntei qual era a sua história de amor perdido.

— Acho que vovó está me chamando. — Eu me levantei.

Travis me puxou de volta.

Com um grunhido, eu me desvencilhei e esperei.

— Você falou...

— Eu sei o que falei.

Travis me ignorou.

— Você disse que não conseguia esquecer o beijo de certa garota. Uma garota a quem todas as outras eram comparadas, até mesmo

Kerry. Na verdade, uma vez você não chamou a Kerry de *Beth*?

— Não — menti.

Sim, eu tinha feito isso. Ela havia me dado um tapa. Se bem que Kerry estava dormindo com meu melhor amigo, então quem era ela para me julgar?

— Você chorou.

— Não chorei, não. — Fiz careta. Acho que tinha chorado. Ou pelo menos derramado uma lágrima bêbada. E daí? Me processe! — Eu estava desidratado, Travis!

— Boa desculpa, cara. Vamos ver se funciona no tribunal. — Ele tomou outro longo gole de cerveja e deixou a garrafa vazia no balcão do bar. — Você disse, e repito: “Se fosse possível ter uma segunda chance, ela seria minha.”

Eu ouvia o sangue latejando em meus ouvidos. Meu corpo parecia ter ficado dormente. Era um ataque de pânico?

— Então você me entregou? Para aquela ali?

Apontei para vovó, que dançava a hula ao redor da mesa onde as garotas estavam sentadas. Ela puxou um dançarino de fogo para uma cadeira e começou a entoar:

— Acende! Acende!

Travis deu uma risadinha e fez careta quando o dançarino começou a chorar. Parecia que a roupa dele não era à prova de fogo.

— Não posso confirmar nem negar suas suspeitas.

— Isso tudo é culpa sua. — Eu o empurrei.

— Estamos todos no fundo do poço.

— Se isso é estar no fundo do poço, não é tão ruim — resmunguei, e me arrependi na mesma hora.

Travis abriu um sorriso.

— Exatamente o que eu queria dizer.

— Você não entende. Eu preciso escolher. — Suspirei. — Minha carreira ou Beth. E sinto muito, Travis, sinto mesmo. Sei que ela é sua cunhada, mas conheço a Beth adulta há apenas três dias. Por que jogaria fora minha vida inteira com base em apenas 64 horas?

Travis franziu a testa.

— Quem foi que disse que você precisa escolher?

— Mas...

— Ninguém mandou você escolher entre a carreira e Beth. Na verdade, a melhor coisa para sua carreira é escolher Beth. Cara, você precisa rever suas prioridades, e, se o que estou tentando dizer não foi comprovado pelo menos umas quatro vezes, olhe para ela. — Ele apontou para o palco, onde Beth e vovó estavam recebendo colares da fertilidade como o que eu tinha recebido ao desembarcar do iate. Com sorte, aqueles não estariam amaldiçoados.

— Jace — guinchou vovó, ao microfone —, venha aqui. Quero oferecer uma bênção ao casal.

— Ou uma maldição — comentou Travis. — Depende do ponto de vista.

— Muito engraçado.

Atravessei a multidão e abri caminho até o palco, torcendo para não estar prestes a ser obrigado a dançar a hula.

Quando me aproximei, vovó colocou o maldito colar no meu pescoço e ofereceu outro a Beth.

— Uma bênção para o casal feliz. Amor é uma combinação de momentos preciosos atados ao círculo infinito da vida. Nunca acaba. Está sempre presente quando nos sentimos fracos e cansados, e nunca falha. Quando queremos parar, o amor continua. Quando queremos chorar, o amor alegra; quando queremos fugir, o amor permanece. Os dois estão usando símbolos de fertilidade, mas é muito mais do que isso. São contas de amor. Elas trazem sorte e felicidade ao relacionamento. Que vocês as usem com sabedoria e que tenham uma vida repleta de amor.

Eu me virei para beijar Beth, mas, naquele exato momento, o vento mudou de direção. Bem devagar, atingiu o cabelo de Beth, que cobriu os ombros. Os olhos dela brilhavam ao luar, e eu não conseguiria desviar o olhar nem se alguém me pagasse.

Eu precisava tocar o rosto dela. Meus dedos roçaram a parte macia do pescoço enquanto eu me inclinava e sussurrava:

— Você está linda.

Ela sorriu e baixou a cabeça.

— Olhe para mim.

Engolindo em seco, ela ergueu a cabeça, encontrando meus olhos com uma expressão penetrante. Vovó tinha falado sobre momentos. Se eu conseguisse me ater àquele, seria feliz por toda a eternidade. Queria guardá-lo. Queria me lembrar do cheiro de Beth. Queria me lembrar de como era tê-la em meus braços.

— Saúde!

As pessoas ergueram os copos, e o flash de uma câmera brilhou. Podia muito bem ter sido uma descarga elétrica percorrendo meu

sistema nervoso. Saí do transe e me lembrei de todos os meus problemas.

Eu podia resolver as coisas para Beth.

E faria isso.

Ela merecia o conto de fadas. Merecia a chance de ter um final feliz.

Eu a acompanhei de volta para a mesa que dividíamos com o restante da família, mais determinado do que nunca a resolver as coisas.

— Lindo discurso, Nadine. — Meu pai bateu o copo no de vovó e beijou a testa de minha mãe.

Talvez minha maldição fosse estar cercado de pessoas felizes até eu parar de fazer merda e tomar uma decisão.

— Ótima festa. — Umedeci os lábios, nervoso.

— É um luau — corrigiu vovó. — Nós, havaianos, não fazemos festas. Nós festejamos.

— A senhora não é havaiana — comentou Jake.

— Sou, sim.

Jake suspirou.

— Como isso é possível?

— Visito todos os anos.

— O que faz da senhora uma turista — Travis tomou um gole de sua bebida —, não uma local.

— Eu me juntei a uma tribo.

— O termo é realmente tribo? — perguntei. — Acho que isso não é politicamente correto.

— Obrigado, sr. Senador — retrucou Jake, seco.

— Qual é o seu problema? — Empurrei a cadeira para trás. — Quer mesmo brigar outra vez?

Quer que eu quebre sua cara na frente de toda a sua família? Porque é isso que eu vou fazer, Jake.

Não me tente. Não aguento mais essa sua atitude.

A mesa ficou em silêncio.

Lutei para controlar a respiração.

Olhei ao redor em busca de apoio. Jake estava sorrindo como um idiota, como se tivesse feito aquilo de propósito. Hã?

Então ele bateu palmas.

— Finalmente.

— Finalmente? — Eu estava rouco. — Explique isso direito, cara, ou vou estrangular você.

— Não é normal ficar calmo o tempo todo — explicou Jake, na mesma voz calma e irritante. —

Se eu não tinha certeza antes, agora tenho.

— Certeza de quê?

— De que você precisa de uma esposa.

— E você precisa calar a boca. Agora.

— Por que eu ficaria quieto se sei que minha voz irrita você? — Ele se levantou. — Vamos conversar.

— Confia em mim o bastante para saber que não vou matar você e construir um castelo de areia para esconder o corpo?

— É claro. — Ele deu de ombros. — Políticos odeiam a cadeia.

Com um suspiro, enfiei as mãos no bolso e segui Jake, o Babaca, até a praia. Ótimo, mais uma conversa sincera com um irmão Titus. Eu fora realmente amaldiçoado, ou quem sabe estivesse sendo assombrado.

Quando chegamos à praia, ele se sentou na areia. Eu o imitei e esperei.

— Todo mundo tem seus problemas. Ninguém é perfeito, Jace.

— Eu sei.

— Não sabe, não. — Jake abriu um sorriso. — Porque, se soubesse, não estaria sendo um babaca com Beth. Não estaria pensando em como essa situação está afetando seus índices de aprovação. Não estaria planejando sua agenda para a próxima semana enquanto ela fica lá, sentada, olhando para você como se você tivesse criado a Lua e as estrelas. E com certeza não estaria sentado à mesa com seus pais, bancando o bacana para a família.

— Uau, você me conhece tão bem — retruquei, seco. — Já acabou?

— Não. — Jake gargalhou alto. — Sei que não costumo ser a voz da razão, mas ouça o que tenho a dizer.

— Você tem cinco minutos.

— Você gosta da Beth.

— Gosto.

— Você a deseja.

— Sim.

— Você gosta da companhia dela?

— Gosto.

— E ainda assim está deixando as pessoas decidirem tudo por você porque quer agradar a todos.

Porque não consegue suportar o fato de que pode desapontar seus pais ou mesmo vovó, que você só conhece há um ano.

— Está me dizendo para eu contar a verdade para todos?

— Não mesmo. — Jake deu de ombros. — Estou dizendo que só alguém muito idiota se preocuparia com o que todos estão pensando quando a mulher de seus sonhos está sentada ao lado.

Então você quer beijá-la? Beije. Quer tocá-la? Toque. Quer fugir daqui com ela? Escapar? Ficar louco? A única pessoa que o impede de fazer isso é você mesmo, com essas malditas ideias sobre perfeição.

— Parece que você está me dando permissão para usar drogas ou transar.

Jake soltou uma gargalhada.

— Bem, drogas não são a resposta. Olhe só para vovó.

Dei um sorrisinho.

— E, embora eu não vá sugerir algo casual... não seria muito ruim beijá-la, em vez de fazê-la chorar.

— Ela estava chorando? — Meu coração começou a martelar martelar.

— Vovó contou para Char, que acabou me contando. O que você vai fazer com essa informação fica por sua conta. Mas quer um conselho? Vovó nunca se enganou.

— Por que as pessoas não param de me dizer isso?

— Porque é verdade.

Ficamos sentados em silêncio.

Grunhindo, Jake me deu um soco no ombro.

— Vamos lá, Thor, saia voando daqui com ela.

— Até você vai me chamar assim?

— É um apelido chiclete. — Ele deu uma risadinha maliciosa.

— Tudo bem por aí? — Vovó quase deu de cara na areia, caminhando feito um marinheiro bêbado.

— Estou enjoado — comentei.

— Foi o peixe? — perguntou ela, baixinho. — Porque, vou lhe dizer uma coisa, o banheiro feminino nunca mais será o mesmo depois que eu fui lá e...

— Ele devia voltar para o quarto. Vou dizer para Beth dar uma olhada nele — interrompeu Jake, indo em meu resgate.

— Mas e a festa? — Vovó moveu os quadris de um lado para outro.

Tive um acesso de tosse.

— Rápido, vovó, ele vai vomitar! — Jake passou o braço ao meu redor e me fez andar depressa para o outro lado da praia. — É melhor correr. Vou mandar a Florence Nightingale atrás de você. Ah, e lembre-se: você me deve uma, por distrair vovó.

— Obrigado.

Corri para o chalé, sorrindo. Quem imaginaria que Jake tinha um cérebro?

Capítulo 28

— *Então seu neto conseguiu enganar a senhora?*

— *Não — respondeu vovó. — Eu deixei que ele pensasse que tinha me enganado. Deixei que soubesse sobre Beth de propósito, torcendo para Jake tomar uma atitude. Sabia que Travis interviria, bendito seja. Ele sempre foi mais coração mole. Mas Jake? Ele tem jeito com as palavras. É honesto e brutal. Acho que o senador precisava ter uma conversinha com ele.*

— *E ouvir o quê?*

— *Que ele precisava parar de fazer merda.*

Beth

Corri para o chalé. Jake tinha voltado sem Jace, dizendo que ele estava enjoado, vomitando peixe.

Não era a imagem mental de que nenhum de nós precisava, já que estávamos comendo o mesmo peixe.

— Será que eu deveria ir ver como ele está?

— Alguém precisa ir! — Vovó fez menção de ir na direção dos chalés, então Travis começou a engasgar.

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. E todas, tenho certeza absoluta, foram estrategicamente planejadas pela família Titus.

— Ah, não! — Kacey bateu nas costas dele. — Travis! Vovó, ajuda!

Travis arregalou os olhos quando vovó gritou e empurrou as pessoas para fora do caminho até conseguir chegar ao neto. Parecia muito uma pantera atravessando a selva. Em questão de segundos, vovó estava lá, com os braços ao redor do peito de Travis, iniciando a manobra de Heimlich.

É claro que aquele foi o momento exato que Jake escolheu para derramar ponche de rum em cima do pai de Jace, empurrar a cadeira para se levantar e acabar atingindo o rosto da mãe de Jace com o copo.

Cadeiras caíram.

Pessoas gritaram.

Eu podia jurar que via gente chorando.

E, no meio de tudo aquilo, Char se inclinou na minha direção e sussurrou:

— Acho que ninguém vai reparar se você for embora.

E foi por isso que corri até o chalé. Não foi por medo de que Jace estivesse mal. Foi por medo de vovó Nadine. Um medo real. Do tipo que impede as pessoas de serem comidas por ursos. Estava correndo para não ser pega.

Parei de repente ao chegar à porta, girei a chave e entrei, então bati a porta atrás de mim e me recostei nela, ofegante.

— Estava sendo perseguida por burros selvagens?

— Não — consegui falar. — Não queria que vovó me seguisse.

— Ah, isso explica o pânico.

— Ela é mais rápida do que parece. — Eu me inclinei para a frente e respirei fundo pelo nariz, algumas vezes. — Acho que preciso fazer mais exercícios.

— Ou comer menos biscoitos — Jace completou.

— E pensar que eu vim aqui cuidar de você, que está passando mal.
— Ergui a cabeça o bastante para olhar irritada para ele, então ergui os braços.

— Tire esse colar, aí pode cuidar de mim o quanto quiser.

— O colar? Por quê? — Segurei o colar marrom e o tirei do pescoço.

— Tenho uma teoria.

— Ah, isso vai ser bom.

— Quer ouvir ou não?

— Quero. — Deixei o colar no criado-mudo e me sentei na cama.

— Se você usar o colar da fertilidade ao mesmo tempo que eu e nos sentarmos na mesma cama, vamos... — Ele sacudiu a mão no ar.

— Dormir?

Jace revirou os olhos.

— Você sabe... vamos... você sabe o quê.

— Seus discursos são sempre assim tão claros, sr. Senador?

— Transar. — Ele tossiu. — E acho que não devemos... não devemos... sexo.

- Não devemos sexo? — repeti. — Muito eloquente.
- Estou mal, peixe estragado. — Ele tossiu outra vez.
- Você é um mentiroso e vai para o inferno.
- Que engraçado, eu disse a mesma coisa ao Travis hoje.
- Nada de sexo?
- Que engraçadinha. — Ele jogou um travesseiro na minha cara. — Não, que eu ia para o inferno.
- Bem, pelo menos vovó não estará lá — comentei, animada.
- Ponto para o Jace. — Ele fechou os olhos e gemeu.
- Você está mesmo passando mal?
- Eu estou com cara de quem está passando mal?

Ele ainda estava vestido, mas havia se deitado. Jace estava pálido e com olheiras.

- Mais ou menos.
- Então estou com uma aparência de merda?
- É claro que não.

Ele suspirou, aliviado.

- Merda lembra o Burro.

Ele fechou os olhos e murmurou um palavrão.

- Isso parece a Ilha dos Brinquedos Quebrados.

— E você é o rei. Parabéns! — Dei um soquinho de brincadeira no braço dele.

— Jace! — Ouvimos uma batida à porta. — Jace, é a vovó! Trouxe um pouco de chá!

— Merda.

— Ôh-ou. — Dei uma risadinha.

— Não é hora de brincadeira, Beth. Eu pago a você. Faço qualquer coisa que quiser. Vou atrás do Frank. Deixo até o Frank me morder... Só não a deixe pensar que estou me sentindo bem. Por favor, não aguento mais isso.

Ele estava digno de pena. Além de muito bonito. E, para ser sincera, eu queria ficar presa no quarto com ele. Queria tê-lo todo para mim.

— Deite-se.

— Espere, o que você está fazendo?

Ele se debateu enquanto eu tirava sua blusa e o cobria com o cobertor até o peito.

— Só um segundo, vovó! — Corri para o banheiro e peguei um pouco de água quente e uma toalha de rosto. Molhei o rosto de Jace e sussurrei: — Febre de 38 graus, seus músculos doem, você perdeu a visão do olho esquerdo, está sensível a barulhos altos e luz e sua garganta dói muito.

— Então estou morrendo? — retorquiu ele.

— Não. Está gripado. Pare de agir como um bebezinho e comece a tossir.

— Ah, se eu ganhasse um dólar cada vez que um médico me dissesse isso...

Dei um sorriso malicioso e lhe lancei um olhar de aviso antes de ir até a porta e abri-la.

— Ah, vovó, fico feliz por você ter feito a gentileza de vir até aqui, mas tenho tudo sob controle.

— Tem? — Ela ergueu a sobrancelha enquanto espiava por cima do meu ombro. — Já tentou mel?

— Hã, não.

— Ou cebolas e mostarda?

— Vovó, ele está doente, não planejando um piquenique.

Vovó me empurrou para o lado.

— E o chá? Você fez chá?

— Ainda não, mas...

— Saia da frente.

Vovó me empurrou para fora do caminho e entrou depressa no quarto, carregando alguma coisa em uma bandeja. Alguma coisa que cheirava a merda, e merda de verdade, não o Burro.

— Então você disse que está doente? — Vovó andou de um lado para outro na frente da cama de Jace. Ele estava com os olhos arregalados, do jeito que as pessoas costumam ficar quando não sabem como mentir para salvar a própria vida.

Fiz gestos bruscos por trás de vovó, agarrando meu pescoço, tocando a testa, e, por fim, cobrindo o olho esquerdo. Infelizmente, ela escolheu aquele exato momento para se virar.

— O que você está fazendo?

— Imitando um p-pirata.

— Ela está interpretando — interveio Jace. — Quando eu era criança, meu pai imitava um pirata para me fazer sentir melhor.

— Ah, que gracinha. — Vovó se sentou na cama. — Pode continuar, Beth.

— Sim, Beth — o rosto sério de Jace se abriu em um sorriso —, pode continuar. Você sabe como isso acalma meu estômago.

Eu ia matá-lo. Não, melhor ainda, ia deixá-lo sob os cuidados de vovó; aí eu queria ver se ele ia gostar de tê-la como enfermeira quando ela enfiasse uma agulha em seu traseiro divino.

— Então? — incentivou vovó.

Coloquei um sorriso no rosto e balancei o braço na frente do corpo.

— Arrr, companheiro. Uma garrafa de rum!

Jace cobriu a boca com as mãos e começou a tossir.

Vovó franziu a testa, preocupada.

— Querida, talvez você não tenha futuro como atriz. Mas quem sou eu para julgar? Se isso faz o pobre Jace se sentir melhor, então... — Ela deu de ombros. — Além disso, se a atuação não funcionar, trouxe meu chá mágico.

— Chá mágico? — perguntei, espiando por cima de seu pequeno ombro. Ela ergueu a tampa da bandeja e apontou para o que havia lá.

— Está vendo as penas de galinha?

Jace arregalou os olhos, horrorizado.

— Bem, sim — sorri —, vejo sim.

— É uma receita que está na minha família há gerações. Primeiro você ferve as penas em água quente e, depois que as penas ferveram por pelo menos oito minutos, bebe o chá.

— Que delícia. — Quase vomitei um pouquinho na boca.

— Demos muita sorte: o restaurante tinha algumas galinhas vivas nos fundos. Arranquei algumas dessas belezuras e as fervei bem

depressa.

— Aposto que Jace está se sentindo muito sortudo.

Ele olhou feio para mim e me mostrou o dedo do meio.

— Aqui, Jace — vovó despejou um pouco do líquido em uma xícara branca e a entregou a ele

—, isso vai fazer você se sentir melhor. Você quer ficar melhor, não quer?

— Sim. — Ele contraiu a mandíbula.

Caramba. Ele ia beber. Ia beber o chá. Eu não queria ver, mas não pude evitar. Ele levou a xícara aos lábios, tomou um golinho e fez careta, antes de cuspir tudo de volta. Uma pequena pena estava colada aos lábios dele.

— Ah, meu querido, era um galo. Sei ver a diferença pela pena. — Vovó tirou a pena dos lábios de Jace e deu uma risadinha. — Aprendi quando eu fazia sexagem de galinhas.

— Sexagem de galinhas? — repetiu Jace, com a voz rouca. — Isso não é um trabalho, vovó.

Duvido que isso exista.

Era de se pensar que Jace já teria aprendido a lição: nunca duvide de vovó. E, quando ela disser alguma coisa que pareça insana, não dê papo. Apenas se afaste e deixe pra lá. Porque é garantido que algo insano, ilógico e, na maioria das vezes, ilegal vai sair da boca da vovó.

— Existe, e é um trabalho. Quer saber como diferenciar galos de galinhas?

— Não. Não, não quero. — Jace balançou a cabeça. — Estou mal. Quero uma boa noite de sono, sem visões da senhora procriando galinhas.

— Só depois que terminar o chá — instruiu vovó, empurrando a xícara para mais perto dele.

Jace pareceu empalidecer quando o chá se aproximou de seus lábios.

Os olhos de Jace encontraram os meus. Eu conhecia aquele olhar. Era medo, puro medo. Tive dó; afinal, ele estava bebendo chá de penas.

— Eu quero saber, vovó. — Agarrei suas mãos e a virei para mim, enquanto, às costas dela, Jace jogava o chá, devagar, no vaso de planta ao lado da cama. Estávamos cometendo um assassinato, e a arma era chá de penas. A pobre planta teria sorte se sobrevivesse aos cinco minutos seguintes, e mais sorte ainda se durasse um dia inteiro.

Na melhor das hipóteses, a planta morreria ou viraria um híbrido de planta e galinha que vovó levaria o crédito por descobrir.

Minha imaginação estava a toda. Eu precisava mesmo de amigos normais.

— Bem, as penas dos galos são arrepiadas, mas as das galinhas são lisas — respondeu ela, muito séria. — Veja bem, a sexagem pode ser feita pelas penas ou eliminando as fezes...

Fiquei sem palavras.

Jace pigarreou.

— Eliminando as fezes?

— Ah, sim. — Vovó deu uma risadinha. — Mas tem um curso para isso.

Senti meus olhos se arregalarem de horror enquanto vovó dava uma risadinha e tirava uma pena da chaleira.

— Afinal de contas, os médicos não terminam o colégio e começam a fazer cirurgias. Precisam estudar. Assim como os procriadores.

— É assim que eles são chamados? — Eu não deveria ter perguntado, mas a curiosidade estava me matando.

— Sim — vovó assentiu —, procriadores. Mas, como eu disse, eu não era uma procriadora de verdade. Só fazia a sexagem através das penas.

Jace comprimiu os lábios.

— A senhora... procriava penas?

— Como é que...?

— Beth. — Jace começou a tossir.

— Ah, querido! — Vovó pegou a chaleira. — Precisa de mais chá?

— Não! — respondemos Jace e eu, em uníssono.

— Dormir. — Jace bocejou. — Beth vai cuidar de mim. Juro.

Ela se virou bem na hora em que Jace lhe estendeu a xícara vazia.

— Ora, muito bem!

Ele abriu um sorriso.

Eu revirei os olhos por trás de vovó.

— Agora vou deixar você dormir. Beth, se a garganta dele continuar doendo, faça um sanduíche de mostarda e cebola. É uma droga se você quiser dar um beijo de boa-noite, mas funciona que é uma beleza. Tchauzinho! — Ela pegou a bandeja e saiu.

— Acho que ela acabou de fazer um buraco no meu estômago. — Jace arrotou, então gemeu: —

Que merda, tem gosto de pena de galinha! Estou morrendo! Ela me envenenou!

— Pare de drama. Ela só estava tentando ajudar.

— Não, aquela mulher é maluca! — gritou ele. — Penas de galinha? Procriar galinhas? Ela estava tentando fazer a gente confessar! Preciso lembrar que ela colocou Viagra no meu chá?

— Bem, você suportou bravamente — respondi, seca. — Foi muito corajoso.

— Diga, Capitão Jack, onde está o rum?

— Arrr.

— Ótimo. — Jace riu. — Você parece um pirata com resfriado. E o sotaque é uma mistura de australiano com um canadense confuso. Bom trabalho, hein?

— Odeio você.

— Você me apelidou de Thor... Você me ama. — Ele sorriu. — Aliás, obrigado por cuidar de mim. E por me ajudar a matar a planta.

Eu deveria ter cortado a garganta dele quando tive a chance. Em vez disso, peguei uma pena.

— Está com sede?

— Isso é uma ameaça? — Ele parecia estar se divertindo com a ideia.

— Sim. É melhor se comportar direitinho, ou vou chamar vovó para cuidar de você.

— Ela me mataria.

— Eu sei.

— Você seria responsável pela minha morte.

— Estou ciente.

— Asfixia induzida por penas.

Dei um sorriso malicioso.

— Senador do estado de Oregon, Jace Brevik, é encontrado morto em chalé havaiano cercado de penas de galinha e Viagra.

O sorriso de divertimento dele desapareceu diante de meus olhos.

— Você não acha que ela colocou mais... coisas no chá, será?

— Por quê? — Engatinhei pela cama e me deitei ao seu lado. — Está se sentindo inspirado outra vez?

— *Inspirado* faz parecer que é algo raro de acontecer, o que é ridículo, porque tenho ficado muito mais inspirado do que o normal.

— Deve ser culpa minha. Ou podem ser as galinhas.

— Não são as galinhas, os brinquedos da piscina, nem nada do tipo.

— Ele segurou minha mão e suspirou. — Beth, me desculpe.

— Pelo quê?

— Por tudo.

O quarto caiu em silêncio, a não ser pelo meu coração idiota martelando. Ele não soltou minha mão, e eu me perguntei se era porque ele queria me dar o conto de fadas ou porque queria mesmo segurá-la.

— Eu não devia ter saído correndo — sussurrou Jace.

— Do que você está falando?

— Do baile de formatura. — Ele apertou minha mão com mais força e me puxou para seu colo.

— Eu devia ter ficado ao seu lado.

— E feito o quê? — Dei uma risada nervosa. — Lutado pela minha honra?

— Algo do tipo.

Ele enfiou a mão quente no meu cabelo e depois acariciou meu pescoço, me deixando toda arrepiada.

— Não é que eu não quisesse lutar... mas odeio desapontar os outros. Soa legal na teoria. Não gosto de desapontar as pessoas, mas isso é só meia verdade. Odeio decepcionar as pessoas, mas só aquelas que acho que merecem minha aprovação. E, como eu não conhecia você, só o gosto dos seus lábios e o calor da sua boca, não valia a pena para mim. Você não valia a pena.

— Está tentando me fazer chorar? — Parecia que um elefante tinha decidido acampar no meu peito e convidado todos os amigos e familiares.

O olhar de Jace se suavizou.

— Estou tentando pedir desculpas.

— Tente com mais empenho.

— É raro ter uma segunda chance.

— A não ser que você seja a vovó e tenha uma ligação direta com Deus. Aí terá quantas chances ela deixar, até que ela mesma o mate.

— É verdade.

O que estava acontecendo, exatamente? Ele estava pedindo desculpas pelo que havia acontecido no colégio ou naqueles últimos três dias? E por que estava olhando para mim como se eu tivesse acabado de declarar meu amor eterno por ele? Sim, eu gostava dele, quem sabe até amasse, agora que o conhecia melhor, mas era um amor irritante. Do tipo que cutuca seu braço até você desistir e aceitar o destino. E eu não estava pronta para admitir aquilo, ainda mais para o cara que eu sabia que iria embora em alguns poucos dias.

— Você é minha segunda chance.

Era oficial: ele tinha jogado a bomba.

Eu não sabia se deveria chorar de alegria ou dar um tapa nele. Seu sorriso era arrogante, como se eu devesse ficar grata por ele finalmente declarar seus sentimentos. Eu não estava grata. Estava irritada. Irritada pelo discurso épico não ser sobre como ele não conseguia viver sem mim, mas sobre como eu, enfim, o vencera, como se eu fosse uma espécie de doença que assumira o controle de seu sistema imunológico.

— Diga alguma coisa.

Ele me beijou.

Eu estava dividida entre beijar Thor ou jogá-lo na banheira com o martelo.

— É só isso? — perguntei, calma.

— Como assim?

— Esse foi *seu discurso*? — Eu me afastei dele e me levantei.

— Não?

— Isso é uma pergunta ou uma resposta?

— Hã... — ele coçou a cabeça e olhou ao redor, sem saber como proceder — eu achei que você gostasse de mim.

— Ah, meu Deus. — Fechei os olhos e apertei o alto do nariz. — É claro que eu gosto de você. É

claro que eu acredito em segundas chances e também aceito suas desculpas por ter nos enfiado nessa situação. Mas, Jace... — Eu me esforcei para manter a voz calma. — Garotas não funcionam desse jeito.

— Como assim?

— Você não pode achar que vai dizer umas palavras e ganhar um tapinha na bunda e um biscoito.

— Que tal só o tapinha na bunda? — Ele deu um sorriso malicioso.

— Estou falando sério! — Quase pisei no meu próprio pé. Boa. — Você acha que vou me jogar aos seus pés porque você pediu desculpas? Acha que vamos transar porque pediu uma segunda chance, mesmo sem ter dito por que a quer? Você falou que ia embora em alguns dias. Isso ainda é verdade?

Jace se levantou e me segurou, as mãos envolvendo meus ombros enquanto ele me puxava para perto.

— Depende de você.

— O quê? Então a gente brinca de estar loucamente apaixonados e, se acabar sendo verdade, você não vai embora? Mas e se as coisas não funcionarem, e aí? Aí eu fico para trás, com o coração partido. Você não entende? O problema não é a segunda chance. O problema é que você quer fazer as coisas do seu jeito e decidir depois se quer isso de verdade ou não. Você quer testar o caminho, porque deseja *segurança*. E eu já estou enjoada, estou farta de *segurança*.

Jace enfiou as mãos nos bolsos, se balançando nos pés como se um fardo do tamanho do mundo tivesse caído em seus ombros.

— O que você quer?

— Perigo — retruquei. — Calor. Loucura. — Meus lábios tremiam. — Quero fazer uma coisa louca. Quero sentir tanto desejo que não consiga pensar em outra coisa. Quero um amor igual ao de Romeu e Julieta. Quero um Mr. Darcy na minha vida. Palavras não são o bastante. Eu também preciso de ações. E acho que mereço.

Jace ficou estranhamente quieto durante meu discurso. Então seu rosto se abriu em um sorriso enorme.

— Pare de sorrir. — Eu estava prestes a estrangulá-lo até a morte. Ele estava rindo de mim?

— Combinado.

— Combinado? — Ergui as sobrancelhas. — Como assim *combinado*? Você vai passar a agir como o Thor e ficar todo romântico?

Ele deu de ombros.

— Vai encontrar um cavalo branco e uma espada?

Ele deu de ombros outra vez.

— Pare de dar de ombros! — Dessa vez, bati o pé no chão. Sim. Eu era uma mulher de trinta anos que batia o pé, pode me julgar. Todos nós temos momentos de fraqueza.

— Vamos. — Ele pegou minha mão.

Fiquei parada.

Então ele me jogou no ombro e marchou para fora do pequeno chalé. E eu odiava admitir que sorri feito uma idiota o caminho inteiro.

Capítulo 29

— A senhora acha que o sr. Brevik sentiu alguma pressão externa para cortejar a jovem?

— Ora, é claro que sim! Deixar aquele homem resolver as coisas sozinho é o mesmo que dar a uma criança quatro doses de espresso. Ele subiria pelas paredes gritando a plenos pulmões.

— Então a senhora acha que o sr. Brevik é uma criança?

— Ele é um homem — respondeu vovó, devagar, para o agente entender.

— E?

— Homens, crianças... São todos iguais. A diferença é que você troca a fralda de uns, enquanto os outros fazem tudo em público.

— Não sei como responder a isso.

— Como eu disse, homens.

Jace

Eu precisaria de muito Gatorade para dar conta de tudo. Ela queria loucura? Eu daria loucura. Lá estava eu, me declarando, como em um filme de Natal, e ela ainda não estava impressionada?

Tudo bem. Continuaría com a sedução, até ela perceber que eu tinha entrado nessa de cabeça. Eu queria uma segunda chance. Bem, não podia culpá-la. Por que ela me daria uma segunda chance depois de eu ter dito que iria embora?

Eu também não confiaria em mim.

E ainda havia o pequeno problema da minha profissão.

— Jace! — reclamou Beth. Eu ainda a carregava. Eu gostava de carregá-la. Não iria colocá-la no chão tão cedo.

— Shhh... — Dei um tapa na bunda dela. — Eu estou pensando. Não interrompa um homem quando ele está pensando.

— Quero lambe-la.

Eu tropecei e quase dei de cara na parede. Todos os pensamentos deixaram minha mente. Todos os pensamentos, exceto a língua dela em mim, minha língua na boca de Beth, lambendo. Lambendo bastante.

— Por que você parou de andar? — perguntou Beth, inocente.

Dei outro tapa em sua bunda.

— Você vai pagar por isso.

— Sim, por favor.

Mais lambidas.

— Mas que droga, Beth! — Bufeí, exasperado. — Pare com isso!

— Com o quê?

— Isso — grunhi, colocando-a no chão. — Agora suba.

— Suba?

Eu a virei de costas para mim e apontei para o penhasco.

— Suba.

— Você está de brincadeira, não é?

Era um penhasco cheio de pedras. Levava a uma saliência a cerca de dez metros do chão. Já tinha visto os havaianos saltarem do topo do penhasco nos últimos dias e imaginei que, se eles conseguiam fazer aquilo sem morrer, também conseguiríamos. Ela queria loucura? Aquilo era insano.

— Não. — Cruzei os braços. — Não estou. Onde está seu espírito aventureiro?

— Devo ter deixado no chalé, com seu chá de penas — respondeu ela, entredentes.

— Estou fazendo um grande gesto romântico. — Virei o queixo dela na minha direção e dei um beijo leve em seus lábios. — O mínimo que você pode fazer é me acompanhar.

— Tudo bem, mas, se eu morrer, vou assombrar você pelo resto da vida.

Eu a ajudei a subir pela trilha e segurei sua mão enquanto avançávamos devagar pelo penhasco.

Por sorte, o caminho estava iluminado por algumas tochas, então não era uma área abandonada e assustadora, com armadilhas ou

coisas do tipo.

Uma brisa quente começou a soprar quando chegamos ao topo. As ondas batiam contra a rocha abaixo de nós. Tive que fechar os olhos.

— O que você está fazendo? — Beth apertou minha mão.

— Eu me esqueci de contar uma coisa.

— O quê?

Merda, eu estava suando.

— Tenho medo de altura.

— Então por que estamos aqui?

— Você disse que queria loucura. Disse que meu pedido de desculpas não era bom o bastante, e, sejamos sinceros, você não tem o menor motivo para confiar em mim.

— Tudo verdade. — Ela lançou um olhar nervoso para a beira do penhasco e de volta para mim.

— Então, o que você está querendo dizer?

— Estou querendo dizer que na verdade você quer me ver vulnerável.

Ela mordeu o lábio e soltou minha mão.

— Você não quer loucura. — Suspirei. — Precisa de alguém louco por você.

Beth ainda se recusava a olhar para mim.

— Tenho medo de altura — continuei. — Se você tivesse me perguntado semana passada qual era meu maior medo, eu teria dito altura. Dois dias atrás, diria que era o Frank.

A risada quente de Beth fez meu estômago revirar.

— Pergunte do que eu tenho medo agora.

Beth olhou nos meus olhos.

— Do que você tem medo?

— De você — sussurrei. — Tenho medo de não ser quem você pensa que sou. Tenho medo de você ter se convencido de que sou uma espécie de herói, quando nós dois sabemos que essa é a última coisa da qual as pessoas me chamariam. Estou morrendo de medo de que, se você me der uma segunda chance, eu estrague tudo. E tenho medo de que você perceba que não me quer. Decida que não valho a pena. Porque a verdade, Beth, é que os caras também querem que alguém lute por eles.

Queremos ser merecedores da mulher amada. Eu quero ser o Romeu, o Mr. Darcy e um Vingador.

Mas é um lugar muito difícil de ocupar, e, por mais que eu adore situações difíceis, não gosto da ideia de que um dia você vai acordar e perceber como é bonita. Você merece todos esses caras e muito mais. Sei qual é o meu lugar nessa pirâmide, e é bem na base, junto com os vermes e tal. Você vai conseguir me ver acenando, lá de cima.

Beth riu.

— Estou falando sério. — Eu a puxei para meus braços. — Estou falando sério quando digo que quero ficar com você. O que diria se eu contasse que você foi a minha história de amor perdido?

— Diria que você é maluco.

— Missão cumprida. E o que você diria se eu contasse que quero mais do que alguns dias?

— Diria que você perdeu a cabeça.

— O que você diria se eu contasse que sou louco por você? O que diria se eu contasse que, mesmo antes desta semana, você aparecia nos meus sonhos?

Beth balançou a cabeça e abriu a boca para dizer alguma coisa.

Eu a beijei com vontade.

— E o que você diria se eu ameaçasse pular?

— Jace...

— Vou pular. Só para provar a você que vou começar a vencer meus medos. Vou começar com o pulo, e então com você.

— Jace, não...

Não escutei o que ela disse enquanto eu pulava, pois meu coração estava batendo tão rápido que eu ouvia o sangue latejando nos ouvidos, e o vento açoitando meu rosto não estava ajudando. Atingi a água bem longe das pedras, afundando no mar quente.

Não tive tempo para saborear meu feito, já que Beth havia se jogado de um jeito que me deixou um pouco preocupado com a possibilidade de ela cair de barriga na água.

Três segundos de palavrões que poderiam ter saído direto da boca de um marinheiro, seguidos de um grito aterrador, e Beth caiu na água ao meu lado. Ela respirou fundo, depois passou os braços ao redor do meu pescoço.

Mas que merda. Ela ia me afogar!

— Beth! — gemi, sem conseguir respirar.

— Não se atreva — ela me sacudiu com as mãos minúsculas — a fazer isso comigo outra vez!

Achei que você fosse morrer!

— Estou vivo, é só você não me matar — respondi, ofegante.

— Eu quero matar você.

Ela me soltou. Graças a Deus.

— Mas estou impressionada demais com seu discurso e seu desejo idiota de morrer.

— Sério? — Inflei o peito.

— Sério. — Beth engoliu em seco. — E agora?

— Nós nos casamos.

— Estou falando sério.

— Nós nos casamos de mentirinha.

— Melhor. — Ela abriu um sorriso.

— Então ficamos quites.

— Hã?

— Vou ter que admitir: vovó sabia o que estava fazendo. Mas duvido que a terapia de casal e o Viagra fossem necessários para nos convencer.

Beth me encarou, em dúvida.

— Está bem. Provavelmente eram necessários, porque sou homem. Feliz?

— Até demais.

— Ficou inspirada? — Eu a puxei para os meus braços.

— Não tanto quanto você. — Beth passou as pernas ao redor da minha cintura e aproximou nossos corpos.

— Mais três dias.

— De conto de fadas — sussurrei. — Adivinha o que acontece no fim?

— O quê?

— O príncipe ganha.

— E a princesa?

— Vive feliz para sempre.

— Em um castelo?

— Apartamento.

— Nada feito.

— Beth... — grunhi.

Ela se soltou de mim e começou a nadar até a margem.

— Vamos lá, Thor. Temos que voltar para o chalé sem que vovó nos veja. Para todos os efeitos, você está passando mal, lembra?

— Por que eu voltaria para o chalé quando tudo o que eu quero está bem aqui? Nos meus braços? — Estendi o braço e acariciei de leve a mão dela, que estremeceu em resposta.

— Foi um bom discurso. — Beth suspirou.

Pude sentir seu coração acelerar enquanto nadávamos de volta para a praia. Quando a água começou a dar pé, eu a puxei para os meus braços e a beijei, passando as pernas dela ao meu redor.

— Eu poderia amar você — sussurrei.

— Eu também poderia amar você.

Finalmente me entreguei. Esqueci minha carreira, esqueci o baile, esqueci Kerry — esqueci tudo, resoluto, focado, concentrado na curva dos quadris dela enquanto a segurava junto a mim, na pele macia pela qual roçava meus lábios. Focado no som de seus gemidos suaves enquanto minha língua provava a água salgada que escorria do pescoço de Beth.

Beth arqueou as costas enquanto eu a beijava, descendo por seus seios, fazendo nossos corpos se encaixarem com perfeição. Ela estava ardente, e eu queria apenas guardar aquela lembrança, já que tínhamos estragado nossa primeira vez.

Ela enfiou os dedos no meu cabelo, tocando na cicatriz do acidente. E, por algum motivo, eu congelei.

Havia algo familiar.

Havia algo errado.

Beth. O acidente.

Beth e o acidente.

— *Tchau, pai! — gritei, enquanto corria para o carro. — Beth — sorri —; sei que vou me casar com ela um dia.*

Eu me afastei como se ela tivesse acabado de me queimar.

— Jace? — Beth segurou meu rosto. — O que houve? Está tudo bem...?

Balancei a cabeça, incapaz de falar. Tinha sido uma lembrança. Eu estava vestindo o mesmo smoking que usei no baile. Mas o que?

— Jace?

— Eu, hã... — Não conseguia recuperar o fôlego. — Acho que estou ficando doente de verdade.

— Tudo bem. — Beth me puxou para um abraço. — Vamos voltar para o chalé, ok?

— Mas...

— Jace, está tudo bem. Além disso, você está muito pálido.

— Certo.

Agarrei a mão dela como se fosse um bote salva-vidas e andei até a margem. A lembrança ainda estava lá. Eu tinha dito o nome dela. Eu tinha voltado para o carro, naquela noite, com o nome dela nos lábios. Por quê?

Capítulo 30

O agente bocejou.

— *Então o senador confessou o que sentia. Que bom para ele.*

— *Não — vovó suspirou —, não é nada bom. Veja só, havia uma coisa com a qual eu não contava, uma pessoa que eu não*

conseguia... — ela deu de ombros — administrar.

— Quer dizer uma pessoa que a senhora não conseguia controlar?

— Prefiro o termo administrar. — Ela olhou feio para o agente.

— Administrar, então.

Beth

Não preguei o olho a noite inteira. Não tinha nada a ver com o fato de que havia um deus nórdico roncando ao meu lado. Eu tinha até me afeichoado aos roncamentos. Viraram uma espécie de ruído branco, um som calmante.

Havia alguma coisa errada.

Eu não tinha certeza se era eu, se era Jace ou se era apenas a situação. Mas, quanto mais pensava no assunto, mais percebia que devia ser a situação.

Tudo estava indo bem até que as coisas esquentaram enquanto nadávamos sob o luar. Era quase como se ele tivesse visto um fantasma. Apoiei o queixo no joelho e suspirei. Era eu? Ou era outra coisa?

Olhei de soslaio para ele, ciente de que estava bancando a pervertida, observando o cara gostoso dormir. Estava dando uma de Bridget Jones. A cicatriz perto do olho dele ficava mais evidente ao luar, o que me fazia me perguntar como ele a arranjava. Talvez jogando futebol americano? Ou quando Travis deu um soco na cara dele? Sorri para mim mesma.

Apenas mais dois dias, e minhas férias chegariam ao fim. O que quer que Jace e eu sentíssemos um pelo outro, esses sentimentos seriam postos à prova.

A experiência quase parecia algo saído de *The Bachelor*. Na verdade, quanto mais eu pensava no assunto, mais a situação toda lembrava um *reality show*. Dos encontros aos passeios. Franzi a testa.

Não sei por que não tinha pensado naquilo antes, mas, no instante em que a ideia surgiu na minha cabeça, quase comecei a chorar.

Vovó tinha nos colocado em um programa de TV. E, sim, eu estava mesmo comparando minha vida a um *reality show*.

Estávamos em um retiro romântico, com ação e aventura, com a terapia boba de casal seguida de um momento vulnerável de Jace. Até mesmo a aparição de Brett. Jace e eu tínhamos sido manipulados de forma tão ridícula que nem tinha graça — nem parecia real.

Nada daquilo era real.

Eu tinha recebido exatamente o que pedira.

Algo falso.

Posso apostar que vovó combinara tudo com os pais de Jace para fazê-lo se sentir culpado. Afinal de contas, ele chegara a escrever em uma folha de papel que jamais queria desapontá-

los. Como aconteceria se não se casasse comigo.

Eu era uma garota esperta. Sempre fui. Infelizmente, tinha passado a última semana ignorando meus instintos e meus sentimentos, que me diziam que havia algo errado naquilo.

Jace e eu, no mundo real? Sob os flashes dos fotógrafos, cercados de gente? O conto de fadas iria pelo ralo e eu seria deixada para trás — voltaria à estaca zero, antes de tudo aquilo começar.

Sozinha. Só que, dessa vez, para piorar, estaria com o coração partido.

Eu estava deixando minhas inseguranças assumirem o controle. Mas não podia evitar, porque aquilo ainda não fazia sentido. Por que ele iria me querer? Por que ele pensaria em mim como um amor perdido?

Jace se mexeu ao meu lado. O cobertor deslizou, expondo sua pele bronzeada. Não era real. Ele não era real. Em que mundo um cara como ele estaria realmente interessado em mim?

Eu estava prestes a quebrar uma promessa.

O mais silenciosamente possível, fui até a mala e peguei o celular e o carregador. Fui até o banheiro na ponta dos pés e tranquei a porta.

A bateria do celular ainda não tinha acabado, então o conectei ao carregador e senti apenas uma pontada de culpa ao digitar o nome de Jace no campo de busca.

Senador Jace Brevik.

A maioria das páginas que abriram descrevia sua infância perfeita, sua fortuna e sua habilidade de encantar qualquer criatura que se movesse.

Alguns poucos parágrafos sobre a ex-noiva, que o acusava de traí-la com prostitutas.

E também uma matéria da véspera...

Fontes próximas ao senador Brevik revelam que ele planejou a viagem por meses e que está de férias com a família enquanto aproveita uma breve folga de seus inúmeros compromissos. Os pais também participarão da viagem. Semana passada, o senador foi

visto entrando em um hotel com uma suposta prostituta. Amigos do senador Brevik identificaram a garota como Beth Lynn, uma amiga que compareceu ao casamento da irmã. O senador também foi ao casamento, no qual foi padrinho de Travis Titus, da Titus Enterprises.

Era isso.

O rumor tinha morrido.

Estava claro que tudo fora resolvido.

Então por que estávamos todos no Havaí, em um casamento falso? E por que vovó ainda estava estimulando a mentira?

Cliquei no link do artigo seguinte, dessa vez de um blog de entretenimento.

As pesquisas de opinião da semana mostram que os índices de aprovação do senador Brevik subiriam caso ele se casasse. Fontes afirmam que ele é astuto o bastante para arranjar um casamento no futuro próximo. Afinal, existe um motivo para o chamarem de galã.

Mentira. Devia ser mentira. Certo? Será que vovó estava nessa também?

De repente, parecia impossível respirar. Desliguei o celular e comecei a andar de um lado para outro no banheiro. E se tivesse o dedo da vovó naquilo? Estavam apenas com pena de mim? Ou eu estava disponível? Era fácil de convencer? A louca dos gatos?

Entrei no quarto batendo o pé e acendi a luz.

— Acorde.

— O qu...

Joguei um travesseiro na cabeça dele.

— Acorde.

— É melhor que você esteja morrendo... — resmungou Jace, em voz baixa, enquanto se sentava na cama e olhava feio para mim. — O que aconteceu?

— Tudo. — O pânico se acumulava em meu peito enquanto eu abria o artigo e jogava o celular na cara dele. Ele o pegou antes que batesse em seu queixo perfeito. Maldito. — Leia.

— Está bem. — Jace olhou para a pequena tela. — Mas não tínhamos combinado que não usaríamos nenhum aparelho eletrônico?

— Combinamos. E agora sei por que você estava com tanta vontade de ficar longe de todo o mundo moderno.

Os olhos de Jace quase saltaram do rosto enquanto ele lia o artigo. Por fim, ele deixou o celular de lado e esfregou o rosto.

— Você acreditou nisso?

— É claro que acreditei! — Eu sabia que estava gritando, mas não conseguia evitar. — Por que mais você teria ficado aqui comigo? Você viu uma oportunidade e a agarrou! Até conseguiu enfiar seus pais nessa!

— O quê? — rugiu Jace. — Do que você está falando? Você acha que eu planejei tudo isso?

Acha que eu a atraí para cá com minha magia vodu de conto de fadas e decidi que, uau, você era perfeita para os meus planos? Meu índice de aprovação não é tão importante assim. Caramba, eu pareço tão desesperado?

Dei um passo para trás, como se tivesse levado um tapa.

— Então você precisaria estar desesperado para se casar comigo?

— Não! — gritou Jace. — É claro que não! Eu disse a você hoje como me sentia. Estava falando sério. Eu gosto de você. Quero uma segunda chance. O que preciso fazer para provar isso?

— Me deixe ir embora.

— O quê?

— Me. Deixe. Ir. Embora. — Dei de ombros. — Quero fugir. Quero pegar o próximo voo de volta para casa.

— Por que eu faria isso? Por que deixaria você ir embora outra vez?

— Ele parecia em pânico, segurando a cabeça entre as mãos. — Acabei de reencontrá-la e... você quer ir embora?

— Porque é o único jeito de eu acreditar em você. Se você me obrigar a ficar, quer dizer que já tinha tudo planejado. Mas, se me deixar ir...

— Não posso fazer isso. — Jace balançou a cabeça. — Se eu deixar você ir embora, pode ser que nunca mais volte. — Ele parecia apavorado.

Mas eu também estava! Precisava saber que podia confiar nele!

— Eu não valho o risco?

— Não sei se eu sobreviveria, Beth. — Ele esfregou a nuca. — Tem alguma coisa estranha.

Alguma coisa errada.

— Eu não valho o risco?

Jace ficou em silêncio, os olhos arregalados, pensativos.

— Ainda bem que não foi você quem se apaixonou, não é? Acho que você estava certo o tempo todo. No fim, um de nós iria embora. Só que, dessa vez, você é que vai ficar olhando enquanto faço o que deveria ter feito no primeiro dia.

— O quê? — A voz dele estava rouca.

— Ir embora.

— Não vá — sussurrou Jace, dando um passo na minha direção. — Vamos dar um jeito nisso.

Só não vá embora. — Os olhos dele tinham um brilho de incerteza.

— Me dê uma razão para ficar. Qualquer coisa. Me conte a verdade.

Jace abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Era aquilo que mais doía. Ele conseguia arranjar palavras quando era de seu interesse. Estava sempre pronto para grandes gestos significativos, mas, quando eu mais precisava, ele simplesmente não conseguia. Jace congelou, porque, no fim das contas, não estava muito certo sobre nós dois. E, se não estava certo naquele momento, nunca estaria.

— Vamos conversar sobre isso — tentou ele, outra vez.

Seu sorriso me deixou enjoada.

— Vamos lá, Beth, não apresse as coisas. Preciso de alguns minutos para organizar os pensamentos. Você me acordou de um sono profundo, sabia?

Ele parecia tão desorientado que quase me senti culpada. *Quase* era a palavra-chave. Ignorando-o, entrei no banheiro e comecei a guardar meus pertences na mala.

— Beth...

Dei a volta, desviando dele.

— Jace? — Mais uma vez, ele ficou sem palavras. — Aproveite o resto das suas férias.

Joguei as roupas na mala e a fechei. O relógio no criado-mudo marcava cinco e quinze da manhã. Com sorte, eu conseguiria pegar o primeiro voo de volta para casa. Mas já fazia muito, muito tempo que eu não tinha sorte.

— Se você for... — A voz de Jace falhou.

— Se eu for o quê?

— Se você for embora, a escolha é sua. Você está escolhendo sentir medo. Está escolhendo desistir de nós.

— E? O que isso quer dizer? — sussurrei, de costas para ele.

— Não vou atrás de alguém que não me quer. Não vou investir em uma garota que nem sequer percebe que vale a pena o risco. Eu me importo com você, Beth, mas, no meu trabalho, confiança é o principal fator para construir um relacionamento. Se você não confia em mim, então não há chance de isso dar certo.

Lágrimas quentes escorriam pelas minhas bochechas.

— Eu sei.

Fechei a porta atrás de mim.

Capítulo 31

— *Você está chorando?* — *Vovó se debruçou na mesa e ofereceu um lenço ao agente.*

— *Um cisco, hã... um cisco caiu no meu olho.*

— *Nos dois?*

— *Então ela foi embora? — O agente fungou. — E a culpa foi sua.*

— *Sim. Para as duas perguntas.*

Jace

Eu quase botei a porta abaixo, até que alguém finalmente a abriu.

— Você tem três segundos antes de eu cometer um assassinato — sussurrou Jake, com a voz rouca.

— Ela foi embora.

— Quem?

— Beth.

— E o que você está fazendo aqui no meu chalé, arruinando minha noite de sono?

— Entrei em pânico. — E também tivera um pesadelo com a noite do baile de formatura, coberto de sangue, naquele maldito carro. Para onde eu estava indo, afinal? E por que estava dizendo o nome de Beth? Fiquei atordoado por não conseguir me lembrar. Queria socar a parede. E depois daquilo tudo ainda acordei na calada da noite e a vi com lágrimas nos olhos. Aquilo quase acabou comigo.

— Ah, meu bom Deus. — Jake abriu mais a porta e me deixou entrar.

Char ainda estava dormindo. Abri um sorriso quando ela deixou escapar um murmúrio baixo durante o sono.

— *Minha* esposa — grunhiu Jake.

— Calma, cara. Você ganhou, lembra?

— Isso mesmo. — Jake bocejou outra vez. — Então pode me explicar o que fez com Beth para que ela fosse embora?

Contei uma versão resumida da história.

— E ela me acordou, eu estava apagado.

— Sei como é.

— E Beth esperava que eu formasse frases coerentes?

— Que absurdo — retrucou Jake, seco.

— Estou falando sério.

— Eu também.

Soltei um palavrão.

— Não sei o que fazer.

Queria ir atrás dela e puni-la por ir embora, depois beijá-la até se arrepender de ter duvidado de mim.

— Bem, pelo menos agora você sabe o que *não* fazer. Não fique encarando uma mulher como se ela fosse louca quando ela pede uma razão para ficar. E não olhe na cara dela e diga...

— Ela estava de costas.

Jake revirou os olhos.

— Não diga a ela, de jeito nenhum, que não vai atrás dela. Qual é o seu problema? Você sempre acorda idiota, ou é uma coisa que vai se desenvolvendo ao longo do dia?

Senti meu estômago se revirar e ir parar no mesmo lugar onde minhas bolas tinham se enfiado.

— Acho que acordei assim hoje. — Foi isso, ou o salto de dez metros tinha mexido com minha cabeça.

Ouvimos uma batida forte à porta.

Soltando um palavrão, Jake correu para abri-la e deu de cara com vovó. Ela estava usando um pijama de seda com estampa de leopardo e tinha uma gosma verde esquisita cobrindo todo o rosto, a não ser os olhos.

— O que você fez?

— Eu? — retrucou Jake. — Que tal ele?

E apontou para mim. Podia muito bem ter colocado um alvo enorme nas minhas costas e dado uma arma para vovó.

— Você. — Ela apontou para mim também.

Comecei a suar frio.

— Eu lhe entreguei a felicidade de bandeja!

Com um gemido, apoiei a cabeça nas mãos.

— E como é que você me agradece? Acabou de deixá-la ir embora!

— Ela já foi? — Fiquei em pé de um salto. — Como é que ela entrou em um barco tão depressa?

Como...

O chute soou como um trovão. Era sério? Eu tinha mesmo acabado de levar um chute da vovó?

Jake fez uma careta, como se soubesse muito bem como aquela senhora de oitenta e seis anos era forte, e assumiu uma postura defensiva, cobrindo as partes íntimas. É, é provável que eu nunca

tenha filhos. Aquele chute era capaz de matar espermatozoides. Ele fez minhas bolas se esconderem tão fundo no meu corpo que eu tinha certeza de que ia passar pelo menos uma semana andando esquisito.

— Você. É. Um. Ba. Ba. Ca! — gritou vovó.

Jake começou a rir.

— Você é pior que Merda!

A risada de Jake se transformou em um olhar confuso.

— Ela está falando do burro — expliquei.

— Esse era seu plano? Deixá-la ir embora quando as coisas ficassem muito difíceis? Quando ficassem ruins? Olhe só o que você fez! Tive todo esse trabalho por nada! Trouxe seus pais até aqui.

Montei seu casamento falso! Espalhei várias migalhas para que você seguisse a trilha, e o que é que você fez?

— Fiz merda? — sugeri, sem jeito.

— Você fez pior do que isso.

— Eu não sei mesmo o que poderia ser pior do que fazer merda na frente dos outros —

comentou Jake.

— Agora não, Jake! — gritou vovó.

— Alguém fez merda aqui no quarto? — perguntou uma voz grogue vinda da cama.

— Char! — uivou vovó.

Char fechou os olhos e se encolheu embaixo das cobertas.

— Char! — chamou vovó, outra vez.

— O quê? — Char suspirou.

— Você não pode deixar Beth ir embora.

— Ela está indo embora? — Char pulou da cama num salto. — Por quê? O que aconteceu? O

plano estava indo às mil maravilhas!

— VOCÊ SABIA? — gritei.

— Ei! — Jake ergueu as mãos. — Não precisa surtar. Todo mundo sabia. Quer dizer, soubemos quando vovó contou, e, para ser sincero, Travis sabia desde o aeroporto, mas, como ele é um babaca egoísta, imaginou que, se vovó estivesse concentrada em vocês, não ficaria mandando mensagens a cada cinco minutos perguntando se Kacey já estava grávida.

— Não há nada errado com um pouco de entusiasmo e encorajamento — disse vovó, fungando.

— Sem ofensas, vovó — Jake revirou os olhos —, mas ter uma senhora de oitenta e seis anos mandando mensagens sobre posições sexuais meio que acaba com qualquer clima. É como uma luta de espadas com miojo. Ninguém vai ser espetado, e vai acabar ficando chato bem depressa.

— Miojo? — Char deu um tapa no braço do marido. — Você está comparando sexo com miojo?

— Olha o foco! — gritou vovó. — Temos que consertar a lambança que Jace fez.

— Eu posso consertar — levantei a mão — se um de vocês me disser para onde ela está indo.

— Esses planos levam meses para se formarem. — Vovó começou a andar de um lado para o outro. — Eu não posso simplesmente estalar os dedos e consertar isso.

Ela parou de andar e sorriu, o mesmo sorriso que eu tinha passado a reconhecer como sua expressão de sabe-tudo. As pessoas deveriam sair correndo quando aquele sorriso aparecia. Países deveriam apenas se render. Era uma luta perdida.

— Você a ama? — disparou ela.

Deveria ser uma pergunta simples, mas, na verdade, me fez ficar ansioso e me sentir estranho, como se eu não estivesse confortável no meu próprio corpo. E me fez ter medo e me sentir um pouco idiota. Dizer sim parecia difícil demais. Dizer não? Fácil demais.

— Ele a ama. — Jake deu um suspiro irritado.

— Como é que você sabe? — retruquei.

— Porque você está todo desconfortável.

— Oi? — indagaram Char e vovó, em uníssono.

— Bem, nós, conquistadores, conhecemos muito bem as regras da conquista. Pode acreditar, ele está todo desconfortável com os próprios sentimentos. É por isso que está se mexendo desse jeito.

Sua mente cria uma resposta física para a incapacidade de se comprometer emocionalmente.

Alguma coisa tinha acontecido naquela noite.

Alguma coisa que, provavelmente, nenhum de nós estava disposto a discutir.

Jake Titus, conquistador do século, não apenas encontrara um coração, mas, em algum lugar escuro dentro de seu cérebro, também encontrara a psicologia.

Aquilo me deixou apavorado.

— Você está bêbado? — sussurrou Char, baixinho.

— Admita. — Jake ignorou a esposa e cruzou os braços. — O que eu falei faz sentido.

— Eu... — Eu estava suando. Definitivamente.

— Jace, se você gosta tanto dela, por que está hesitando? — perguntou vovó, com a voz doce.

— Porque quero fazer as coisas do jeito certo. — Suspirei. — Quero ser quem ela merece, e não acredito que seja. Sei que não sou, porque, se fosse para escolher entre ela e meu futuro, acho que ainda ficaria com a opção egoísta. E aí? Estão felizes por terem descoberto como posso ser egoísta e babaca? Eu escolho a mim! Não quero escolher a garota linda de olhos verdes. Escolho o que trabalhei anos para conquistar. Quero uma segunda chance. Mas só se for nos meus termos.

O quarto ficou em silêncio.

— Ah, querido. — Vovó me puxou para um abraço apertado. — É bom admitir isso.

— É? — Eu me afastei.

— Sim. — Ela deu tapinhas nas minhas costas. — Só quando admitimos nosso maior medo é que conseguimos derrotar nossos demônios. Você tem medo do fracasso, mas, mais importante, tem medo do sucesso.

— Sucesso? — Dei um sorriso sarcástico. — Eu já tenho sucesso.

— Estou falando de sucesso emocional. Nada o deixa mais apavorado do que saber que, no fim das contas, você é o único responsável pela sua infelicidade. Não é uma mulher, não é sua carreira, não é nada além do seu próprio ego teimoso. Acredito, sr. Senador, que você já fez sua escolha. Só espero que, no fim, tenha valido a pena.

— Seu reflexo não vai aquecê-lo à noite — comentou Jake, sem nenhuma provocação na voz.

— Você tem razão. — Baixei a cabeça, derrotado. — Mas não vale a pena o risco.

— Sinto muito. — Vovó enxugou uma lágrima.

— Está tudo bem, vovó, é...

— Não estou falando com você. — A mulher se virou. — É com ela. Sinto muito, Beth.

Foi então que olhei para a porta. Estivera aberta o tempo todo. Beth estava lá, de malas prontas. E

tinha ouvido a conversa inteira. Então ela fugira, mas não para o aeroporto. Ela fugira para a mulher que nos levara até ali, para começo de conversa. Tinha corrido para vovó, torcendo para que ela conseguisse consertar a situação, me consertar. E ela falhara.

— Beth, eu...

— Me poupe. — Ela balançou a cabeça e deu um sorriso triste. — Eu vou só... — Beth se afastou devagar, arrastando a mala.

Esperei pelo soco de Jake. Mas parecia que até ele estava desapontado demais comigo para se dar ao trabalho.

Vovó me deu um beijo suave na bochecha e sussurrou:

— Seja feliz.

O problema? Eu nunca tinha me sentido tão sozinho, tão desapontado comigo mesmo, em toda a minha vida. E ainda precisava contar aos meus pais que eles não tinham sido apenas enganados, mas que eu também os decepcionara.

Capítulo 32

— É uma decepção ouvir que o senador tem tamanha falha de caráter.

*— Ele ainda é um garoto. — Vovó enxugou os olhos com um lenço.
— Quer mijar no mundo inteiro para marcar território, mas esquece que, quando tudo o que temos é uma casa vazia, de que adianta todo o sucesso? Na vida, o sucesso é passageiro, mas a família é para sempre.*

Beth

Sempre tive pena daquelas garotas que vemos nos aeroportos. De seus rostos molhados de lágrimas, se despedindo dos amigos, familiares ou mesmo namorados prestes a sair do país.

Com olhos inchados e malas cheias — como se fosse uma fugitiva —, eu estava tão transtornada que nem reparara que ainda usava o moletom e tinha me esquecido de passar maquiagem.

A conversa que ouvi não foi minha favorita. No desespero, decidi conversar com vovó. Eu sei, eu sei. Ela não era a voz da razão, mas eu queria agradecer pela viagem. Ela não teve a menor dificuldade em arrancar a verdade sobre por que eu estava tão chateada, então me disse que consertaria as coisas. Ela segurou minha mão e me levou até o chalé. Não tinha sido difícil encontrar Jace, a gritaria ajudou. Ela me pediu para esperar do lado de fora.

Ah, como eu queria ter entrado na droga do táxi. Porque, depois de ouvir a voz de Jace, as palavras que saíram de sua boca... Eu sabia a verdade. No fim, ele sempre escolheria a si mesmo. Ele me deixaria ir embora, apesar de ficar triste com isso... Para ele, o trabalho era sua amante, sua esposa, era tudo o que tinha. Mesmo que não tivesse armado a situação, não conseguia admitir o que sentia.

Para mim, aquilo era uma fraqueza. Não ser capaz de dividir seus sentimentos mais profundos com outra pessoa? Não havia como desculpar essa falha, muito menos quando a pessoa em questão o honra dessa exata maneira na esperança de ser correspondida.

Enxuguei outra lágrima e caminhei em direção ao portão de embarque.

— Beth?

Eu queria morrer.

— Beth?

Sério, Deus, pode mandar os raios? Quero virar churrasquinho.

— Cadê o Jace? — Ele segurou meu braço. Tive uma breve visão em que eu me virava, agarrava as bolas de Brett e as torcia até ouvi-las estourando ou sendo arrancadas.

— Não está aqui — respondi, seca.

Brett deu um sorriso sedutor.

— Paris está dormindo.

— E daí?

O quê? Ele queria um biscoito de prêmio, por ter colocado a esposa para dormir cedo? Estou sem nenhum, cara. Foi mal. E, para ser

sincera, mesmo que tivesse um biscoito, eu não o dividiria.

Não estava muito no clima para dividir. A não ser que o biscoito estivesse cheio de veneno. Aí eu enfiaria pela goela dele, sem parar de sorrir.

— Bem... — Brett levou a mão ao meu rosto.

Tentei me afastar, mas ele segurou meu queixo com firmeza.

— Você está aqui. Eu estou aqui. O senadorzinho sumiu, e parece que tenho um tempo livre.

Você era a fim de mim no colégio, e eu sou como um bom vinho. Fico melhor com o tempo...

Podíamos passar umas horinhas juntos. Que tal?

— Você não consegue me bancar. — Olhei feio para ele.

— Diga seu preço.

— Era uma piada. — Finalmente consegui me soltar. — Não sou uma prostituta, seu babaca! E

sinto muito, mas não gosto de maridos infiéis.

— Mas senadores infiéis, tudo bem?

— Oi?

— Ah, por favor. — Ele riu. — Você acha mesmo que é boa o bastante para manter um homem como Jace Brevik na linha? Ele a trairia logo no primeiro ano de casamento.

Vovó ia ter que pagar minha fiança.

Eu me afastei, levantando o braço para lhe dar um tapa, mas nesse momento alguém agarrou minha mão e me virou, puxando-me contra seu peito. Uma boca quente foi colada à minha com força e desespero. Tinha gosto de rum. Jace.

O quê? O que ele estava fazendo ali?

Jace me soltou e se virou.

— Seu desgraçado, maldito. Eu devia matar você.

Então ouvi uma exclamação de dor.

Jace me soltou bem na hora em que Jake dava um soco na cara de Brett, derrubando-o com um só golpe.

— Valeu. — Jace estendeu a mão para Jake. — Belo soco.

— É, bem — meu cunhado deu de ombros —, não é a primeira briga de aeroporto em que me meto.

— Ah, os homens Titus — comentou uma terceira voz.

— Char?

Minha irmã acenou e abriu um sorriso triste e cheio de culpa.

— Aonde você vai? — perguntou Jace, a voz tranquila. — Eu vim oferecer uma razão para ficar.

Preciso que você fique. — Ele envolveu meu rosto com as mãos. — Fique, por mim.

— Ah, essa com certeza é uma boa razão. — Assenti, os olhos marejados.

— Escute... — Ele umedeceu os lábios. — Tenho que contar uma coisa, explicar. Eu mesmo ainda não entendi direito, mas acho que

vai ajudar. Vou ser completamente honesto, vou contar tudo.

Não vá embora.

— Jace, eu não posso...

— Quem é que não vale o risco, agora?

Talvez ele tivesse razão. Talvez eu estivesse fugindo porque tinha medo, afinal.

Aconteceu muito rápido. Os fotógrafos, os flashes, as câmeras disparando. Eu pisquei, e logo estávamos cercados. Eu estava com uma cara horrorosa, e Jace parecia tão pasmo que abriu e fechou a boca três vezes antes de conseguir formular palavras.

— Sr. Senador? Esta é a mulher que você estava escondendo de nós?

— Sr. Senador, ela é uma prostituta? Ou é mesmo amiga da família?

— Sr. Senador, isso era mesmo uma viagem de casamento ou o senhor só agiu de acordo com os boatos para aumentar a aprovação dos eleitores?

Disparavam perguntas e mais perguntas.

Esperei que ele me defendesse, que explicasse exatamente o plano de vovó. Não que alguém fosse acreditar, mas...

Em vez disso, ele olhou bem para mim e disse com a voz triste:

— Ela é uma velha amiga da família. Nada de casamento, nada de prostitutas, só a feliz coincidência de estarmos passando férias no mesmo lugar e com o mesmo grupo. Não é mesmo, Beth?

Ele me encarou, suplicante, enquanto lágrimas me impediam de ver direito. Assenti, de um jeito bem idiota, e lhe dei as costas, sabendo

que dessa vez ele não iria atrás de mim e que dessa vez eu não olharia para trás.

Ele tinha recebido a terceira chance do dia para tomar uma decisão.

E, pela terceira vez, não tinha me escolhido.

Capítulo 33

— *Foi a senhora quem mandou os repórteres? — O agente esfregou a testa e suspirou.*

— *Talvez.*

— *Então isso é um sim.*

Vovó começou a mexer no casaco.

— *Estou velha, minha memória não é mais a mesma.*

— *E como é que dedurar o senador para a imprensa iria ajudar o relacionamento deles? No máximo, piorou tudo.*

— *Não piorou, não. — Vovó deu um sorriso malicioso. — Porque o senador ainda está desaparecido, obviamente, assim como ela.*

Jace

A expressão no rosto de Beth me acertou como um soco no estômago. Tentei recuperar o fôlego, mas cada respiração apenas enchia meu peito com mais desgosto e pânico. Eu tinha acabado de dizer, pela terceira vez no dia, que ela não era o suficiente. Fora para protegê-la — para dar tempo a ela de examinar seus sentimentos por mim. Em vez disso, ela foi embora. Não eu. Ela.

Suas inseguranças deviam estar aflorando, e era tudo culpa minha. Tudo porque eu era um babaca egoísta. Todos os meus instintos me diziam para ir atrás dela, mas que bem isso faria? Era capaz de ela

me dar um tapa e aquilo acabar no noticiário. Então fiquei plantado no chão e fiz meu maldito trabalho: abri um belo sorriso para as câmeras e tranquilizei o público. Nunca na vida tive que me esforçar tanto para fingir que meu mundo não estava desabando ao meu redor.

— Senador — outra repórter enfiou um microfone na minha cara —, sou do Canal Cinco. Você pode me dizer o motivo de sua visita ao Havaí?

Um flash estourou bem no canto da minha linha de visão...

Ouvi pneus cantando outra vez, e cacos de vidro se espalharam por todos os lados. A luz de uma lanterna iluminou meu rosto.

— *Você está bem, garoto?*

Forcei um sorriso.

— Precisava muito de umas férias.

— Mas nossas fontes afirmam que...

— Com licença.

Abri caminho para longe da multidão, indo até Jake e Char. Eles tinham ido me ajudar a convencer Beth a ficar.

Os repórteres me seguiram.

Char abriu a boca, mas Jake a cobriu com a mão.

— Aqui não.

Saímos do aeroporto e pegamos um táxi.

Eu estava tenso pra caramba.

— Por quê? — sussurrou Char.

— O que você queria que ele fizesse, Char? — interveio Jake, em minha defesa. — Discutisse com ela na frente do país inteiro? Disse que os dois estavam juntos? Acabasse com o último resquício de privacidade que ela deve ter? Na minha opinião, ele tornou a fuga dela mais fácil.

— Ela não está fugindo! — retrucou Char. — Ela está magoada!

— E eu também! — gritei, percebendo, tarde demais, que tinha me denunciado.

Char segurou minha mão, mas eu não conseguia sentir. Não conseguia sentir nada.

Disse a mim mesmo que não me envolveria, e olha de que isso me serviu. Estava exatamente na situação que queria evitar. Não estava com o coração partido. Estava com raiva demais de mim mesmo para sentir qualquer coisa.

A raiva não se dissipou. No máximo, ficou mais intensa quando entramos no retiro e vimos meus pais esperando com vovó na recepção.

Eu esperava gritaria e confusão. O que eu não esperava era que meu pai me puxasse para um abraço de urso e me desse tapinhas nas costas, como se ainda estivesse orgulhoso do babaca que seu filho tinha se tornado.

Minha mãe deu um sorriso triste e apertou minha mão.

— Vamos tomar café da manhã e conversar. — Meu pai me levou até um dos restaurantes.

Pedi café preto e fiquei encarando fixamente a xícara enquanto ele pedia comida para nós dois.

— Um mês atrás — meu pai misturou um pouco de leite ao café —, tive uma bela conversa com Travis.

Não era o que eu estava esperando. Um alarme começou a soar na minha cabeça.

— Ele estava preocupado com você, disse que você estava bebendo muito e agindo de forma descuidada. Na mesma hora, imaginei que fosse todo aquele negócio da Kerry voltando para lhe atormentar. Aí Travis disse uma coisa interessante.

— Claro que disse. — Nada. Eu não sentia nada.

— Ele disse que você, quando estava bêbado, contou sobre a melhor noite de sua vida.

Ah, que merda.

— E imagine minha surpresa ao descobrir que não era a noite em que você foi eleito, e sim a noite em que você levou sua prima para o baile de formatura dela.

Mudei de posição na cadeira, desconfortável.

— Uma garota de olhos verdes e cabelos castanhos tinha chamado sua atenção, e por algum motivo, talvez pelo beijo, ou talvez pela forma como ela se encaixava tão bem em seus braços, você se apaixonou.

Comecei a me levantar.

— Sente-se.

Eu me sentei.

— É engraçado — meu pai assentiu —, porque me lembro de a história ser um pouco diferente.

Olhei para as ondas que rebentavam na orla e esperei.

— Sua mãe e eu o forçamos a levar sua prima para a formatura dela. Você se recusou até que eu finalmente bati o martelo. Ela não tinha um par, afinal. Algumas horas depois, você voltou para casa tão desesperado que eu pensei que alguma coisa tinha acontecido.

Semicerrando os olhos, eu o encarei.

— Eu não voltei para casa, pai.

Ele suspirou.

— Voltou, sim. Os terapeutas disseram que contar sobre o que você não lembrava podia causar algum dano emocional, então ficamos quietos. Mas também não achei que seria tão importante.

— Eu não estou entendendo... — Cocei a parte de trás da cabeça, onde ficava a cicatriz da cirurgia.

— De todas as coisas para esquecer, você foi logo se esquecer do acidente e do que o causou.

Mas ainda se lembra do beijo que deu naquela garota, que o deixou abalado.

— E por que você está me contando isso agora?

— Porque vai ajudar. Que Deus me ouça e ajude mesmo, porque essa é sua última chance, mocinho. — Ele deu um sorriso malandro e afetuoso. — Você entrou em casa correndo e disse: “Pai, conheci a garota com quem vou me casar”.

De repente, eu estava outra vez na sala de estar da casa dos meus pais.

A lembrança voltou com toda a força. Tentei enfiá-la de volta onde estava antes. Tentei ignorar a dor no meu peito enquanto ela me

consumia.

— *Pai! — Entrei em casa correndo. — Preciso do celular. E vou pegar o carro emprestado.*

— *Você já voltou? — Ele endireitou a gravata. — Que pressa é essa, filho?*

— *Eu a encontrei — respondi, sorrindo como um idiota. — Você e mamãe estavam certos.*

Aconteceu bem do jeito que vocês disseram. Foi... foi mágico !

— *O quê?*

— *O beijo!*

— *Você beijou sua prima? Jace, sente-se aqui...*

— *Não! — gritei. — Eu beijei Beth. Ela estuda na escola de Macy. Estava lá com um cara e... Eu preciso chegar lá a tempo!*

— *E qual é o seu plano, depois de chegar lá?*

— *Ainda não pensei nisso — admiti. — Mas vai envolver uns beijos.*

— *Calma lá. — Meu pai riu. — E juízo, hein?*

— *Pode deixar! — respondi, e, ao sair correndo, ainda gritei: — Pai, encontrei a garota com quem vou me casar!*

Eu estava dirigindo rápido demais, sem me importar em quebrar as muitas leis que poderiam me fazer perder a carteira. Passei depressa por um sinal amarelo. E foi aí que ouvi o som agudo de metal contra metal.

Meu mundo ficou totalmente escuro.

Acordei do coma três meses depois. E a primeira palavra que saiu da minha boca foi "Beth".

Mas era tarde demais: ela já tinha ido para a faculdade. Não havia se importado o bastante para saber como eu estava. Bom, ela provavelmente não sabia quem eu era, nem que eu era o mesmo cara que ela beijara. Um cara que quase morrera tentando vê-la outra vez.

Eu estava com dificuldade para respirar. Aquele tempo todo, eu pensara que tinha ido embora, mas na verdade havia voltado. Tinha voltado para fazer um grande gesto romântico, porque aqueles poucos minutos tinham sido o bastante para me fazer acreditar em algo que sempre disse a mim mesmo que não era real.

Meu pai segurou minha mão.

— Foi amor à primeira vista.

— Isso não existe — retruquei, puxando a mão de volta.

— Aquela experiência mudou você. — Ele balançou a cabeça, triste.

— Você se esforçou ao máximo nos dois últimos anos da escola e se formou cedo na faculdade. Vivia e respirava trabalho.

— Porque meu trabalho não vai me decepcionar. É consistente. A única vez que corri o risco, quase morri.

— Você está com medo de um comazinho de nada, Jace?

— Meu cérebro ficou inchado por três meses, pai. Eu podia ter virado um vegetal pelo resto da vida, tudo porque fui descuidado.

— Com o carro. Não com o coração.

— Já terminamos a conversa?

— Não me decepcione.

Eu congelei.

— Como diabos eu me afastar de Beth vai decepcionar você?

— Porque eu conheço meu filho. Você tem o peito aberto. Quer arriscar tudo por ela, mas é covarde demais para isso. Diga a verdade a ela. Conte a ela o que aconteceu.

— E se ela me rejeitar, como eu mereço?

— Pense dessa forma — meu pai tomou um longo gole de café —, e se você tivesse chegado à festa? E se tivesse entrado naquele ginásio e encontrado Beth, com aqueles lindos olhos verdes fixos nos seus?

— Eu a teria beijado. E depois, provavelmente, agiria como um babaca.

— Você teria dito que algum dia se casaria com ela.

Eu não respondi. Não podia. Meu peito estava pesado, tão cheio de emoções que eu não conseguia respirar direito. Engasguei, tossi e dei alguns passos para longe do meu pai antes de parar e me virar.

— Você estava envolvido nisso?

— Envolvido? — Meu pai colocou o guardanapo no colo. — Ora, Jace, foi tudo ideia minha.

Sua voz estava tão calma que achei que ele devia estar brincando.

Ele tomou outro gole de café e sorriu.

Mas que merda.

— Vovó?

— Entrou com a experiência. De que outra forma você acha que eu conseguiria botar a imprensa de plantão do lado de fora do hotel? Vovó não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ela colocou alguma coisa nas bebidas de vocês dois, se certificou de que chegariam ao hotel em segurança e eu cuidei dos outros detalhes. Até de mandar a imprensa para o aeroporto.

— Mas...

— Vovó estava com você o tempo todo. — Meu pai riu. — Mandava mensagens de texto com os detalhes para mim.

— E o retiro onde estamos hospedados? Ela é terapeuta aqui.

Meu pai me encarou como se eu fosse idiota. Eu odiava ser olhado daquela forma.

— A Titus Enterprises é dona de várias redes de hotéis. Você está hospedado em um deles. De que outra forma vovó conseguiria se infiltrar de forma tão eficiente?

— Estou meio enjoado.

— Que bom, quer dizer que você finalmente está sentindo alguma coisa.

— Mas...

— Filho... É só no fim da vida que começamos a pensar no começo. Nas escolhas que fizemos, nas coisas que deveríamos ter dito, nas pessoas que deveríamos ter perdoado. Não quero isso para você. Percebi que você ia seguir por um caminho que eu sabia que terminaria em sofrimento. Travis e eu fomos jogar golfe logo depois de você fazer sua confissão sobre querer uma segunda chance.

Foi aí que entendi tudo. Foi um plano simples, e, quando vi vocês dois no casamento, eu soube...

— Você está falando de quando nos drogou no casamento.

— Minha ideia era fazê-los serem surpreendidos em uma situação comprometedoras diante das câmeras, não drogá-los, mandar os dois para o Havaí, obrigá-los a confessar seus sentimentos com uma terapeuta e fazê-lo experimentar Viagra pela primeira vez.

Fiz careta.

— Mas vovó tinha razão em uma coisa. Vocês dois precisavam de um tempo para se conhecer, e ela forneceu um ambiente longe da imprensa exatamente para isso. Minha única pergunta é: funcionou?

— O quê?

— Nosso plano?

Fiquei em silêncio por alguns minutos.

— Jace, você a ama?

— Sim. — Umedeci os lábios, sentindo como se um peso gigantesco fosse tirado dos meus ombros. — Amo muito.

— Então vá atrás dela.

— E se ela não me quiser? Como posso saber se ela teria ficado comigo se eu tivesse chegado à festa?

Meu pai sorriu, matreiro.

— Filho, isso é correr o risco. É como ter fé. Você sabe que algo existe, mesmo sem sentir.

— Eu não tenho fé em mim mesmo.

— Não tem problema. — Meu pai assentiu, os olhos cheios de lágrimas. — Porque eu tenho o bastante por nós dois.

Capítulo 34

— Bem — o agente coçou o queixo —, a senhora sabe guardar segredo. Sabe muito bem.

— Obrigada.

— Mas o senador ainda está desaparecido. E parece que — ele olhou o relógio de pulso — já faz mais de 48 horas.

— Só mais uma hora. — Vovó abriu um sorriso.

— Mais uma hora?

— Aí eu trago de volta o senador e sua adorável esposa.

— Esposa?

Vovó sorriu.

— Bem, não tenho como estar em dois lugares ao mesmo tempo, não é?

— Acho que preciso de mais café.

— Confie em mim, o final da história é minha parte favorita.

Beth

Duas semanas haviam se passado, e eu não tivera notícias de Jace. Mas, como sou sortuda, ficava recebendo olhares de pena de Jake e Char sempre que ia visitá-los.

Jantávamos juntos todos os domingos.

Eles achavam que iam me ajudar a superar a tristeza me alimentando com quantidades enormes de comida e vinho. Jake, que Deus o abençoe, também achava que precisava me dar tapinhas

gentis na mão, volta e meia. Sabe, como se eu tivesse três anos. No restante do tempo, ele só me encarava bem fixo, como se os olhares e a expressão de pena fossem me fortalecer.

Naquele domingo, eu só queria esquecer tudo o que acontecera. Esperava ter uma refeição tranquila, com Jake lançando olhares preocupados enquanto enchia minha taça de vinho até a borda e Char amaldiçoando todos os homens exceto seu marido, que, desde o casamento, virara um santo aos seus olhos.

Então, quando vovó abriu a porta da gigantesca casa de Jake em Lake Washington, quase caí no chão.

Ela me puxou para um abraço e me apertou tão forte que acho que quebrou uma das minhas costelas.

— Ah, minha menina! Como você está?

— Ótima — menti, forçando um sorriso. Emocionalmente, eu me sentia péssima. Como também acabara pegando uma gripe no dia anterior, tudo estava realmente incrível.

Não tinha muita certeza se era o abraço esmagador ou o estresse emocional de encontrar vovó outra vez, mas de repente fiquei com vontade de vomitar. Passei por ela bem a tempo de chegar ao banheiro e esvaziar o conteúdo do meu estômago no vaso de porcelana que devia ser mais caro do que meu aluguel.

— Beth? — Vovó bateu suavemente à porta. — Querida, você está bem?

Dei descarga, enxaguei a boca e abri a porta. Odiava vomitar. Nada era pior do que aquilo.

Odiava o gosto e o modo como meu estômago se contraía, de forma que eu só queria me deitar em posição fetal e morrer. Além disso, vomitar sempre me dava vontade de chorar.

Por que vovó estava sorrindo? Semicerrei os olhos.

— Está um pouquinho gripada? — Seus olhos brilhavam, e ela estava esfregando as mãos.

Assenti, devagar.

— É, estou indisposta há alguns dias.

— Que interessante. — Vovó assentiu, o sorriso cada vez maior. — Com toda a certeza...

Perfeito.

— É perfeito eu estar doente? — perguntei, confusa, enquanto meu estômago se contorcia outra vez.

— Ah, querida, deixe-me cuidar de você. — Ela deu tapinhas na minha mão e depois gritou tão alto que quase estourou meus tímpanos: — Jake! Vovó vai passar umas semanas aqui!

— Nem ferrando! — gritou Jake em resposta, de algum lugar na casa.

— Ele está brincando. — Vovó deu uma piscadela. — Sou SEMPRE BEM-VINDA NA CASA DO MEU

NETO!

— A SENHORA DEVERIA ESTAR EM UM ASILO!

— O QUÊ? VOCÊ COMPROU UMA CASA PARA MIM?

Isso foi seguido de vários palavrões, depois de pratos batendo, até que Jake apareceu no corredor, estreitando os olhos para vovó e depois para mim.

— Você está pálida.

— Jake agora acha que é médico. — Vovó revirou os olhos.

— Por que você está pálida? — Ele estendeu o braço e segurou meu pulso, depois encostou a mão na minha testa. — Você não está quente.

Dei de ombros.

— Acho que não estou com febre.

— Beth vomitou — acrescentou vovó, achando necessário compartilhar a informação.

— Estou bem. — Ia acabar perdendo a cabeça se os dois continuassem me encarando como se eu estivesse exposta em um museu. Eles não podiam me deixar ficar doente e me sentir mal por mim mesma?

— O que tem de errado com Beth? — Char desceu as escadas correndo.

— Ela vomitou — respondeu Jake, exatamente quando vovó declarou:

— Ela está grávida!

— O quê? — perguntamos todos em uníssono, enquanto vovó batia palmas e sorria.

— Não estou! Não estou, não! — Comecei a ficar histérica. — É impossível.

— Você andou fazendo o sexo. — Vovó assentiu.

— Vovó, pare de colocar artigo onde não tem.

Char agarrou a mão do marido.

— Jake tem razão. Isso está começando a ficar estranho. E, Beth, será que precisamos ter uma conversinha sobre como os bebês são feitos?

— Ah, eu tenho um cartaz para isso! — Vovó ergueu a mão.

— Botei fogo nesse cartaz na semana passada. — Jake baixou a mão da avó.

— Mas ele tinha informações organizadas por cores — retrucou vovó, chateada. — Passei horas trabalhando nele.

— Escutem... — Ergui as mãos, mostrando inocência. — Eu não preciso de cartazes, não preciso de ajuda. Não estou grávida. Não fiz *o sexo* com Jace, ou, pelo menos, não enquanto estávamos na...

Minha cabeça começou a martelar. Será que eu era tão idiota assim? Será que Jace era tão idiota assim? Na noite do casamento? Mas que merda. Ergui a mão para me apoiar em alguma coisa e me agarrei a Jake como uma sanguessuga. Ele parecia apavorado enquanto eu segurava a frente de sua camisa.

— Alô? — falou vovó.

Quando me virei, vi que o celular com capa de estampa de leopardo estava colado à orelha dela.

— Sim, Jace.

— Não! — gritei, me atirando em cima dela.

Vovó desligou e deu uma risadinha.

— Ora, isso foi fácil.

A campainha tocou.

Sério. Eu estava alucinando?

Vovó praticamente saltitou até a porta e a abriu.

Era Jace.

Abri a boca para falar, bem na hora em que vovó gritou:

— Beth está grávida!

— O quê? — rugiu Jace, o rosto ficando vermelho. — Quem foi que fez isso, Beth? Juro que vou matá-lo! Vou despedaçá-lo com minhas próprias mãos! Ouviu isso, seu maldito? Vou pegar você!

— Eu não...

— Não é um pouco tarde para bancar o herói? — perguntou Jake, sorridente. — E o que você está fazendo aqui?

— Vim procurar minha esposa.

— Você se casou?! — gritou Char, se jogando em cima de Jace para atacá-lo.

Ele ergueu as mãos em pânico.

— Ainda não!

— Você tem uma noiva?! — gritei, minha voz ecoando pela casa como um alarme de incêndio.

— Ah, estou tonta. Acho que vou desmaiar. — disse Char, enquanto vovó dava tapinhas em seu rosto. Ela cambaleou, o rosto ficando de uma cor branca muito interessante, e desmaiou nos braços de Jake.

— Vamos para o hospital! — exclamou ele.

— Pela última vez, eu não estou grávida! — retruquei.

— MAS CHAR ESTÁ — gritou ele, na minha cara.

— Eba! — Vovó fez uma dancinha da vitória. — Sabia que as contas iam funcionar!

— Alguém pode dar uma mãozinha? — Jake gesticulou para Jace, que já abria a porta e pegava chinelos para Char.

Ela estava começando a acordar. Eu estava preocupada demais para fazer qualquer coisa além de rezar. Por que Char não me contara? Ela devia ter descoberto fazia poucas semanas!

— Eu vim de táxi — explicou Jace, com a voz tensa.

— Garagem. — Com a mão livre, Jake digitou a senha de segurança no alarme da garagem, e o portão se abriu.

Se eu não estivesse em tamanho estado de pânico, provavelmente teria desmaiado. Ele tinha mais carros que uma concessionária, e todos pareciam bem caros.

Em qual deles iríamos?

Jace correu até onde estavam as chaves, pegou uma e destrancou uma Mercedes SUV.

— Entrem — mandou.

Eu me sentei no banco da frente, enquanto os outros três correram para o de trás.

As lágrimas ameaçavam escorrer.

— Ela está acordada? Está confusa?

Jake respondeu, em um murmúrio:

— Sim, acabou de abrir os olhos. Querida, tudo bem? Fale comigo. Sabe onde está?

Vovó se esticou até o banco da frente e me deu tapinhas no ombro.

— Ela vai ficar bem, querida. Isso acontece às vezes.

Jace chegou ao hospital mais próximo em tempo recorde. Eu nem percebi que estava segurando a mão dele até que tentei me sentar e me dei conta de que estava quase no colo dele, de tão perto que estávamos. De repente, eu o soltei e tentei me livrar do toque familiar.

Esposa? Sua esposa?

O homem foi rápido. Duas semanas e já estava partindo para outra?

Jake acompanhou Char e vovó se afastou para ligar para Travis.

— Ela vai ficar bem — disse Jace, confiante. — Ela é forte.

— É.

— Não tenho uma esposa — acrescentou ele, alguns momentos depois.

— Eu não me importo.

— Se importa, sim — retrucou ele, confiante. — E eu estava falando de você, aliás.

— O quê? Nós nos casamos em segredo?

— Ainda não — respondeu ele, calmo. — Mas em breve nos casaremos.

— E por que você acha isso?

— Bem, em primeiro lugar porque eu amo você.

Perdi o fôlego.

— Em segundo lugar: eu não fui embora.

— Eu sei, eu sei. Eu que fui. Mas você não me deu um motivo, e depois negou tudo diante da imprensa! O que eu deveria ter feito?

— Ficado. — Ele se virou na cadeira e segurou minhas mãos. — Você deveria ter ficado.

— Mas...

— EU não fui embora.

— É o que você não para de dizer. — Tentei me desvencilhar dele.

— Dez minutos. É tudo de que preciso. E aí sumo da sua vida. Se eu não conseguir convencê-la em dez minutos, então... — Ele pareceu triste. — Então vou embora, se você quiser que eu vá.

— É por isso que você está aqui? Para tentar me convencer?

— Estou aqui porque eu queria fazer um grande gesto romântico. Queria que você visse que eu não ia sair correndo com o rabo entre as pernas. Mas tive que resolver algumas coisas primeiro. Tive que fazer algumas escolhas. E queria ter certeza de que elas estivessem bem definidas antes de conversar com você. Queria ter certeza de que você soubesse que eu estava comprometido de verdade.

Aquele era um ótimo discurso.

— Foi seu vestido branco. — Ele envolveu meu rosto com as mãos e encostou a testa na minha.

— Você estava perfeita nele. E o jeito como a luz dançava no seu corpo... nossa, achei que estava diante de um anjo. E aí seus olhos... — Ele soltou um palavrão. — Eram viciantes. Eu não conseguia tirar os olhos de você. Sempre acreditei nessa história boba de que, quando você encontra a pessoa com quem quer passar

o resto da vida, sente essa atração incrível, essa força invisível empurrando-o para ela. Dá para saber, tudo parece se encaixar perfeitamente. Foi assim com meus pais. E minha mãe, desde que comecei a entender do que ela estava falando, me convenceu de que seria assim comigo, também. Então, naquela noite, quando vi você, eu soube.

— Soube o quê? — sussurrei.

— Soube que era você. Soube que queria me casar com você. Soube que queria passar o resto da vida vendo aquele sorriso, encarando aqueles olhos. Mas eu tinha dezesseis anos e era idiota, então não posso jogar toda a culpa no amor à primeira vista. Podemos dizer que foi desejo. Eu queria tanto tocar seu corpo que minhas mãos tremiam.

Estremeci quando ele levou a mão ao meu pescoço e o acariciou de leve.

— Jurei a mim mesmo que dançaria com você. Eu perguntaria seu nome, e seria isso.

— Mas você me beijou.

— Não pude evitar — sussurrou Jace, roçando os lábios nos meus.
— Seu gosto era tão bom!

Fiquei viciado no instante em que nossos lábios se tocaram, e aí entrei em pânico. Mas, vamos lembrar outra vez, eu tinha dezesseis anos, então mereço um desconto. Eu não queria ser espancado pelo time de futebol da sua escola, então fui embora.

— Então você *foi* embora. — Suspirei, desanimada.

— Eu voltei — argumentou Jace. — Mas não consegui chegar lá.

— Como assim?

Jace fechou os olhos.

— Você se lembra de quando pulamos do penhasco?

— Sim, achei que você estivesse morrendo.

— E você quase caiu de barriga na água.

— Jace...

— Está bem, parei.

A risada agradável dele fez meu estômago se revirar.

— Quando você me beijou, por alguma razão aquilo fez uma lembrança voltar. Uma que tinha me escapado até então. Meu pai, que, aliás, é páreo duro para vovó, me contou o que de fato aconteceu naquela noite. Voltei para casa correndo, disse a ele que tinha encontrado a garota da minha vida, entrei depressa no carro e saí a toda, então bati em outro carro depois de ultrapassar um sinal de trânsito amarelo.

Levei um susto, levando as mãos à boca enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas.

— Veja bem... — Ele deu um sorriso triste. — Tinha uma garota com lindos olhos verdes brilhantes que eu queria muito encontrar outra vez. Queria beijá-la e dizer a ela como ela era linda.

Queria pedir desculpas por ter sido um babaca e queria contar como seríamos maravilhosos juntos, se ela me desse uma chance. — Ele engoliu em seco, o pomo de adão subindo e descendo. — Em vez disso, acordei de um coma três meses depois.

Lágrimas amargas escorriam pelas minhas bochechas.

— Então é isso, Beth. Você passou a vida pensando que não tinha carga, que os caras não gostavam de você, pensando,

erroneamente, que eu tinha ido embora. E, na verdade, era o oposto.

Quase morri indo atrás de você. E quer saber a verdade? — A voz dele estava falhando. — Eu faria tudo de novo se soubesse que você estaria me esperando.

Soluçando, abracei o pescoço dele, deixando as lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

— Você podia ter morrido!

— Ei, mas olha só. — Jace me abraçou bem apertado. — Eu estou bem aqui. E estou esperando.

— Esperando?

Jace se afastou com um sorriso e tirou o enorme sobretudo, revelando que estava de smoking.

— Pela última dança que nos foi roubada. Quero refazer tudo. Porque é possível que, neste peito frio de senador, bata um coração que acredita em segundas chances e, muito provavelmente, em contos de fadas.

— Você quer recriar o baile de formatura?

— Mais ou menos. — Jace deu uma piscadela. — Sem a parte dos adolescentes cheios de hormônios e espinhas. Eu não planejava dançar com você em um hospital, mas...

As lágrimas escorriam pelo meu rosto, e aceitei a mão dele e começamos a nos balançar juntos.

— Me desculpe — falei, passando os braços ao redor de seu pescoço, me segurando como se ele fosse um bote salva-vidas. — Me desculpe, mesmo.

— Você não fez nada de errado. Tudo o que fez foi ser linda, e eu fui fisgado.

— Aí eu abri a boca e você quis me bater? — perguntei, brincando.

— Não. — O olhar de Jace ficou sério. — Você abriu a boca e eu me apaixonei.

Capítulo 35

— Me desculpe. — Vovó secou as lágrimas com um lenço. — Mas é que eu adoro essa parte. —

Ela assoou o nariz, fazendo bastante barulho, e balançou a cabeça. — Parece que o amor verdadeiro sempre vence no fim, não é mesmo, Gus? — Ela se levantou e bocejou. — Adorei o papo. Deveríamos repetir isso algum dia.

— Sente-se.

— Mas eu já contei tudo o que sabia.

— Sente-se. Agora.

Vovó revirou os olhos, mas obedeceu.

— O fim. Quero saber o fim dessa história, porque é isso que vai me dizer qual será seu destino.

A cadeia? Ou a liberdade?

Jace

Eu ficaria feliz em segurá-la em meus braços pelo resto da vida. Tinha levado um tempo para resolver os detalhes. Afinal, tirar outras férias logo depois de sumir por uma semana? As pessoas não estavam aceitando isso muito bem, mas eu tinha trabalhado pra

caramba nas últimas duas semanas para poder fazer isso, para ir até Seattle e deixar Beth sem chão, do jeito que ela merecia.

Planejava ficar até ela ceder. Eu tinha até mesmo comprado uma fantasia de Thor, na esperança de convencê-la. Se nem isso funcionasse, teria que recorrer ao vinho e, por último, ao Benadryl.

— O que está acontecendo aqui? — inquiriu uma voz feminina.

Eu me afastei de Beth e abri um sorriso ao ver vovó entrar na sala de espera, caminhando bem devagar.

— Estamos dançando — explicou Beth, com um suspiro de felicidade.

Beijei a cabeça dela.

Vovó semicerrou os olhos.

— E vocês estão... juntos outra vez?

— Sim — respondi, por nós dois.

— E o bebê?

— Pela última vez, eu não estou grávida! — guinchou Beth.

— Mas, minha menina, você se lembra da noite que passou com esse aí? Até onde sabe, ele pode ter colocado uma capa de chuva e dado voltas ao redor da cama, cantando, antes de acasalar...

— Ah, pelo amor de Deus, a senhora disse "acasalar"? — questionou Jace.

— É isso o que os animais fazem, e somos animais.

— NÃO. — Beth balançou a cabeça. — Não somos.

— De qualquer forma, acho melhor fazer um teste. — Vovó fungou.
— Além disso, preciso de mais bisnetos.

Eu não ia parar para explicar que, tecnicamente, não seriam bisnetos dela. Tinha a sensação de que jamais conseguiria exorcizá-la por completo da nossa vida, então era melhor ficar quieto.

— Ah! — Vovó bateu palmas. — E fico feliz em anunciar que Char está bem! Era só hipoglicemia! A gravidez faz essas coisas.

— Então ela está grávida?

Jake devia estar apavorado.

— Sim. — Vovó abriu um sorriso enorme. — Bisneto número um, mas eu dei um baita sermão em Travis sobre como está óbvio que ele está fazendo alguma coisa errada na cama, já que Jake e Char vão procriar primeiro.

— Procriar? — repetiu Beth, em um sussurro.

— Não importa. Tenho certeza de que ele vai ficar bem. Expliquei alguns detalhes com os quais ele devia estar meio confuso. Era de se pensar que ele saberia quais são as melhores posições para concepção! Mandei umas fotos.

— De quê?

— Do *Kama Sutra*. — Vovó assentiu. — Achei no Google.

— Ai, que merda — murmurei.

— O quê? — Vovó deu de ombros, aparentando inocência.

— Já que está tudo bem, acho que Beth e eu vamos...

A primeira coisa em que pensei foi: tomar vinho, depois fazer sexo, depois mais vinho e mais sexo, sem nenhuma gravidez não

planejada no caminho, e, quem sabe, finalmente poderei puxar o cabelo dela. Graças a Deus.

— Bem, a imprensa foi à loucura. Estão de olho na casa do pobre Jake como se fosse o Netflix.

A história já vazou, e acho que vocês não iam querer ser pegos no meio disso tudo.

— Ah. — Beth pareceu desapontada.

— Mas não temam. — Vovó alisou o casaco e deu um sorriso matreiro. — Tenho um plano. —

Ela direcionou todo o poder daquele olhar assustador para mim. — Você sabe dirigir van?

Capítulo 36

— *Então a senhora está dizendo que ele sequestrou a si próprio?*

— *É isso mesmo.*

— *Não teve nenhuma substância ilícita envolvida?*

Vovó deu de ombros.

— *Aquela van tem muitas utilidades. Posso ter guardado uns comprimidos embaixo dos bancos para escondê-los da Polícia Federal. Mas, falando sério, Gus? Entrei em pânico!*

— *Então onde está o senador? Um repórter viu a van indo embora. Eles viram a senhora entrar nela.*

Vovó revirou os olhos.

— *É claro que entrei na van. Prometi aos dois que os levaria ao aeroporto!*

— Aeroporto?

— Sim. — Vovó deu um bocejo. — Sério, foi muito bom conversar com você, e estou falando de coração, Gus. Mas tenho mais o que fazer do que ficar aqui sentada contando histórias de amor. Se não acredita em mim, ligue para este número. Acho que, a essa altura...

— Ela olhou o relógio de pulso. — Sim, a essa altura, já acabaram os três dias.

— Três dias?

— Mas é claro. — Vovó se levantou. — Jace prometeu seis dias de conto de fadas para Beth, mas ela só teve três. Eles estão no Havaí, seu mané.

Jace

— Tem certeza de que está pronta? — perguntei, segurando as mãos de Beth entre as minhas.

— Sim. — Ela abriu um sorriso enorme. — Estou, sim.

— É um risco enorme.

— Vai valer a pena — sussurrou ela.

— Bem, então acho que não tenho mais nada a dizer. — Abri um sorriso. — Merda, merda!

Burro avançou, carregando Beth no lombo. Parecia muito feliz com o fato de que, caso estivesse apostando corrida com uma tartaruga, perderia feio. Ele seguiu na direção do pequeno altar.

Decidi andar ao lado de Beth e daquele burrinho chato. Parecia certo que ela não fosse até mim, ou que eu ficasse esperando por ela, e sim que fizéssemos a jornada juntos. Porque às vezes é assim que o amor funciona. Não é um cara correndo atrás de uma mulher, nem

um homem invadindo um castelo, nem uma mulher esperando o amor acontecer.

São duas pessoas assumindo um compromisso. Duas pessoas percebendo que estão com a chave para a própria felicidade nas mãos. O problema é que a maioria das pessoas esquece que tem o poder de transformar a vida em um conto de fadas. Eu tinha me esquecido disso e, no fim das contas, me dispusera a abrir mão do meu futuro.

Beth também tinha esquecido.

Então, caminhamos de mãos dadas. Ela montada em Burro, e eu ao lado deles, sabe, só para o caso de aquele merdinha se assustar e sair correndo com minha futura esposa na garupa.

— Vejo que você o encontrou. — O rosto do capitão do iate se iluminou com um sorriso enquanto ele ajudava Beth a desmontar do animal e a entrar no barco.

— Encontrei?

— Seu *keiki*.

— *Keiki?* — repetiu Beth.

— É uma longa história — murmurei, subindo no barco.

O capitão nos levou para o meio do mar e desligou o motor.

— Tudo bem, vamos fazer isso rápido, beleza?

— Ele não é muito romântico, não é? — Beth deu uma piscadela.

— Eu disse a ele para fazer isso depressa — admiti.

— Por quê?

— Porque não me importo muito com as palavras, só quero que você entenda o que significa para mim. Estou farto de palavras, Beth. As palavras foram minhas ferramentas durante toda a minha vida profissional. Acho que é hora de um pouco de ação, não concorda?

— Sim — respondeu ela, sem fôlego.

— Você aceita esta mulher como sua legítima esposa? — perguntou o capitão.

— Sim. — Minha voz saiu alta e clara no ar quente da tarde. — Aceito.

— E você aceita este homem como seu legítimo esposo? — O capitão pigarreou. — Não precisa fazer isso, sabe.

— Aceito. — Beth sorriu e murmurou: — Thor.

— Com o poder a mim conferido pelo estado do Havai, eu os declaro marido e mulher. — O

capitão pegou dois lindos colares havaianos e colocou um em cada um de nós. — Que o amor de vocês dê frutos — completou, feliz.

— Hã... Não precisa se empolgar tanto. — Dei uma risada nervosa.

— Vovó disse que, para quebrar a maldição, eu deveria abençoá-los.

— O capitão deu um sorriso malicioso. — Eu os abençoo com filhos... um montão de filhos.

— Retire o que disse! Tire este colar de mim!

— Deixa pra lá — sussurrou Beth. — Afinal, é melhor só concordar, quando o assunto é vovó.

— Está bem — resmunguei, mexendo naquela droga de colar da fertilidade.

— Veja pelo lado bom. — Beth passou os braços ao redor da minha cintura. — Se um casamento vai melhorar a opinião pública, imagine o que crianças vão fazer. Além disso, isso quer dizer que vamos poder fazer *o sexo*.

— Para sua informação — pigarreei —, se você ficar citando vovó, vou precisar de uma daquelas pílulas azuis mágicas para cumprir meu papel.

— Ah, tadinho, está sem inspiração?

— Nenhuma — grunhi.

— Tenho certeza de que consigo resolver isso. — A boca de Beth, quente, se encontrou com a minha, a língua tentando abrir passagem entre meus lábios.

— Para onde vamos? — perguntou o capitão.

Peguei Beth no colo e apontei para a costa, sem querer me separar de sua boca por nem um maldito segundo. Eu ia amá-la, honrá-la e respeitá-la e ia me lembrar muito bem daquele momento!

— Muito bem — o capitão deu uma risadinha —, de volta para o chalé, então.

Capítulo 37

— No Haváí? Esse tempo todo? A senhora está dizendo que conseguiu despistar o FBI e nos fazer seguir pistas falsas só porque queria dar ao senador tempo para...

— Se divertir. — Vovó se espreguiçou. — Mas é claro. Todos os casais merecem um tempo para descobrir um ao outro. Eu garanti esse tempo a eles.

— Mas nós somos o FBI.

— *E eu sou a vovó. — Ela deu uma piscadela. — Ponha-se no seu lugar. Ah, e, querido... — Ela suspirou. — Pode fazer a gentileza de dizer ao presidente para me ligar quando estiver livre? Um homem tão adorável...*

O agente piscou e se levantou.

A porta da sala se abriu.

— *Deixe-a ir. A informação procede.*

— *Mas...*

— *Nadine, sentimos muito pela inconveniência.*

Vovó deu tapinhas nas costas dele.

— *Não é nada. Fico feliz pela chance de passar um tempo com Gus. Adoro uma boa história de amor.*

Ele abriu um sorriso enquanto vovó saía saracoteando do prédio federal.

— *Ela é louca — comentou o agente, com seu superior.*

— *Essa mulher nos ajudou a vencer a Guerra Fria. "Louca" é até pouco.*

Beth

Jace bateu a porta do chalé e avançou na minha direção. As mãos dele passaram pelo vestido branco e desceram pelos meus braços nus.

— *Você por acaso gosta muito desse vestido?*

— *Hã? Por que a pergunta? — Tremi.*

— Sim ou não?

— Não.

— Ótimo.

Ele arrancou o vestido do meu corpo, rasgando-o. *Você só pode estar de brincadeira.* Aquele tipo de coisa acontecia fora dos filmes. Eu era testemunha.

Que isso fique de lição para todas as mulheres: quando seu homem se parece com o Thor, ele tem superpoderes na cama.

O vestido caiu ao redor dos meus pés, o que me deixou apenas de sapatos de salto alto brancos e a roupa de baixo de renda.

Meu corpo inteiro parecia pesar com o desejo.

Ele estendeu a mão e brincou com a renda, os dedos roçando meus seios, fazendo meu corpo latejar de desejo reprimido. Os olhos de Jace escureceram, e ele voltou a perguntar:

— E desse conjunto? Gosta muito dele?

— N-não.

— Ótimo.

Com um puxão, ele fez meu sutiã e minha calcinha virarem um montinho no chão.

— Meu bom Thor.

— O quê? — Mas que merda! Eu tinha falado aquilo em voz alta? — Você disse “Meu bom Thor”?

Em vez de horrorizado, Jace parecia... olhei para baixo... bem inspirado com aquilo.

Aparentemente, vovó tinha sumido da cabeça dele.

— Sim, eu disse.

— Hum. — Ele mordeu o lábio e abriu um sorriso. — Acho que gosto disso.

— Ah, é?

Eu me senti corar. Não estava só parada diante dele, nua como vim ao mundo. Eu também tinha acabado de transformar nossa primeira experiência sexual, da qual iríamos nos lembrar para sempre, em algo meio constrangedor.

Umedeci os lábios, nervosa, e esperei que ele me tocasse.

Em vez disso, ele me encarou.

Eu estava ficando cada vez mais inquieta. Por que ele podia continuar vestido? Tentei cruzar os braços, mas ele afastou minhas mãos, saboreando com os olhos cada centímetro da minha nudez, até que eu estivesse prestes a me contorcer. Ele me fazia querê-lo apenas com o olhar. Bastava um olhar, e eu estava pronta.

— Eu teria me lembrado disso... Eu deveria me lembrar. — Jace roçou os dedos nos meus seios e desceu para o quadril, celebrando meu corpo com as mãos enquanto me puxava para si. — Com ou sem drogas, um homem nunca esqueceria algo tão perfeito.

— Eu também não lembro — respondi, tímida, passando os braços ao redor de seu pescoço. —

Só me lembro dos biscoitos.

Essa minha boca. Eu queria morrer.

— Você se lembra dos biscoitos, mas não de mim? — Ele abriu um sorriso.

— Eles eram bons, ok?

— Vou mostrar a você o que é bom.

— Quero que você me mostre o que é maravilhoso — desafiei.

— Posso fazer isso.

Ele me afastou com gentileza e começou a fazer um strip-tease muito provocante. Tudo bem, podia até não ser tão provocante assim, na verdade, mas era para mim. Cada movimento era lento, me instigando com vislumbres da pele bronzeada e do abdome definido de Jace. Eu queria me beliscar.

Quando a última peça de roupa foi jogada no chão, eu estava quase ofegante.

Então ele me tocou.

Nossas bocas se encontraram.

É, acho que teríamos nos lembrado disso. Não?

Ele mergulhou as mãos no meu cabelo enquanto sua boca descia em círculos lentos pelo meu pescoço. Meus joelhos falharam quando ele me tomou nos braços e me carregou para a cama.

Fechei os olhos quando aquele corpo divino ficou por cima do meu.

— Só vou devagar uma vez. — Sua expressão era contida. — Então vou levar você para a piscina.

— Para nadar? — perguntei, inocentemente.

— É. — Os olhos dele ficaram mais escuros. — Para nadar, e depois vou levar você para o chuveiro, que é uma coisa que eu tenho sonhado em fazer desde aquele dia em que você me abraçou nua.

Fiquei sem ar quando ele começou a entrar em mim.

— Não sou um homem muito paciente no que diz respeito a você. E me parece que tenho três dias inteiros para levá-la à loucura.

Ele foi um pouco mais fundo.

Fiz uma careta de dor.

E congelei.

Jace arregalou os olhos.

— Ora, veja só. — Ele deu um sorriso convencido. — Parece que tudo o que fizemos naquela noite foi mesmo comer biscoitos. Que coisa.

— Mas...

— Então talvez eu devesse ir mais devagar.

— Prefiro que você vá depressa. — Fiz outra careta.

Jace riu.

— Que tal eu fazer você se esquecer da dor?

Ele colou a boca à minha, e eu me senti flutuando quando seu corpo se uniu ao meu por completo. Sim, sim. Eu teria me lembrado daquilo. Eu teria me lembrado da forma como nossos corpos se encaixavam perfeitamente. Teria me lembrado de como queria gemer a cada movimento, mas não de dor, e sim de puro prazer.

— Eu te amo.

A fricção de nossos corpos ia acabar me matando. Era bom demais. Parecia que eu ia explodir.

Em vez disso, me entreguei. Entreguei-me ao meu marido, ao meu futuro, e me juntei a ele no que com certeza seria uma das muitas vezes em que daríamos duro para conseguir um daqueles bisnetos que vovó tanto queria.

Capítulo 38

— A barra está limpa. — Vovó olhou para o relógio de pulso. — Diga, querida, cá entre nós, ele foi bom na cama? Se não, consegui recuperar um daqueles maravilhosos cartazes. Ficaria feliz em marcar uma sessão amanhã de manhã para podermos discutir formas de se comunicar melhor com seu corpo.

— Tchau, vovó.

— Mas, minha querida! Vocês sabem o que estão fazendo?

— Vamos descobrir.

— Beth, sério, seja razoável! Esta velha aqui já está no mundo há décadas! Pode confiar, sei muito sobre como fazer o sexo.

— Vou desligar agora.

— Bem, vou mandar umas fotos só para o caso de você ficar confusa sobre o que vai aonde. Na minha primeira vez, eu...

Beth

Dando uma risadinha, desliguei o telefone e balancei a cabeça.

— Então, era vovó. — Ri. — Ela disse que a barra está limpa.

Eu não ia contar a ele sobre o conselho que ela dera ou sobre as fotos que iriam traumatizar meu telefone para sempre. Falar sobre vovó sempre acabava fazendo meu marido parecer menos divino.

Jace bocejou e se espreguiçou ao meu lado, completamente nu. Graças a Thor.

— E...?

— Ela disse que, se algum dia você for eleito presidente, quer que um cara chamado Gus seja seu vice.

— Diga a ela que vou pensar no assunto. — Ele deu um sorriso malicioso. — E como assim *se eu for eleito*?

— Ah, querido... — Dei tapinhas na barriga dele. — Tenho certeza de que ela estava só brincando.

— Isso mesmo. Tenho que ser presidente, nem que seja só para transformar a vida de Brett no próprio inferno.

— Deixe isso pra lá, meu amor.

— Ninguém mexe com a minha esposa.

— Gostei dessa palavra.

— Qual? Esposa?

— Essa mesmo.

Soltei um suspiro alegre e dei tapinhas no peito dele.

— Acho que estou pronta.

— Tem certeza? — Jace franziu a testa, preocupado. — Quer dizer, é normal querer uma pausa, Beth. Sério, eu entendo.

— Não, já está na hora.

— Certo.

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição.

— Me encha de biscoitos.

Jace pegou um biscoito com gotas de chocolate da caixa e o colocou na minha boca.

— Seu desejo é uma ordem. Nossa, como sua boca é maravilhosa.

— Você já devia saber disso.

Corei.

— É, devia mesmo.

Uma mecha de cabelo caiu no meu rosto. Ele a afastou e deu uma risadinha.

— O que foi? Tem migalhas no meu rosto?

— Não, não é isso.

— O que é, então?

— Posso puxar seu cabelo?

— Você vai fazer isso usando a fantasia do Thor?

— Só se você usar a da She-Ra e fingir que está se afogando enquanto eu salvo você e os biscoitos.

— Beleza.

Epílogo

Cinco anos depois

— Mas que merda, vovó! Falamos que não queríamos pôneis! — Jake parecia prestes a perder a cabeça.

Travis deu uma risadinha e tomou um gole de gemada, sem se importar com o fato de que a casa em que vivia estava um caos por causa de quatro criancinhas, nem por vovó ter mesmo comprado um pônei para cada uma. Dois para as gêmeas de Jake, um para a garotinha de Travis e um para o filhinho de Jace.

Vovó dissera que toda criança precisava de um bichinho de estimação.

Travis esperara algo como uma tartaruga, não um cavalo. Mas não adiantava discutir com vovó

— ela sempre ganhava. E ele estava cansado de brigar, estava exausto demais depois de ficar acordado a noite toda consolando a filha de dois anos, que tivera um pesadelo. Para ser sincero, até o pesadelo era culpa de vovó. Ela havia deixado Arabella comer o equivalente ao próprio peso em biscoitos, e o excesso de açúcar sempre a fazia ter sonhos ruins.

— Quem quer ouvir uma história? — gritou vovó.

Travis fez uma careta.

Kacey juntou todas as crianças em um círculo, mas parecia mais estar arrebanhando um grupo de viciados em adrenalina. Sasha puxava o cabelo de Taryn, Arabella gritava “fornicar” — uma palavra que vovó usara sem querer havia alguns minutos — e o pequeno George comia os enfeites da árvore de Natal.

— Vamos lá, crianças. — Jace ficou com pena de Kacey e a ajudou a reuni-los, enquanto vovó pegava um livro de histórias.

Vovó sorriu. Estava com quase noventa e dois anos, mas ainda era linda.

— Agora vou contar uma história a cada um. Uma história especial, sobre suas mães e seus pais. Vejam só, eles nem sempre foram casados. Muito tempo atrás, em um reino muito, muito distante...

— Portland — comentou Travis, baixinho, recebendo um olhar frio.

— Em uma terra mágica... — vovó estreitou os olhos — havia uma linda vovó, que decidiu que seus netos precisavam de uma mãozinha. Então ela fez o que qualquer avó faria. Criou histórias especiais para cada um deles, e até ficou com pena do tio Jace, quando ele estava triste.

— Por que ele estava triste? — perguntou a gêmea mais velha.

— É, por que ele estava triste? — repetiu Beth, divertida.

— Essa é fácil. — Jace deu um sorriso matreiro. — A tia Beth tinha comido todos os meus biscoitos.

— Não foi a única coisa que ela...

— Vovó! — gritaram todos, interrompendo.

— Onde eu estava? — Ela abriu um sorriso. — Às vezes, crianças, a magia acontece. O amor é igualzinho à magia. É preciso um cuidado especial para descobri-lo, mas, depois que você o tem na palma da mão, ele se espalha por todo o seu coração e por toda a sua alma. Quando vocês encontrarem o amor, têm que agarrá-lo com firmeza. Têm que prometer nunca mais soltá-lo.

A mais velha ergueu a mão outra vez.

— O que foi, Sasha?

— Vovó, e se a gente perder a magia? E se a gente não encontrar a tempo? E se ela passar e a gente não vir? Vovó, o que a gente faz

se não conseguir encontrar ela?

— Ora, minha querida... — Vovó deu tapinhas na cabeça dela. — Isso é fácil. Vovó já sabe onde está sua magia. — Ela cutucou o peito de Sasha. — Está bem aqui, querida. E, se tudo o mais falhar, eu sempre estarei por perto, acompanhando, esperando e ajudando você a cada passo.

— Promete que nunca vai embora? — Ela fungou.

— Prometo. — Vovó deu uma piscadela. — E as vovós nunca mentem. Além disso — ela desviou o olhar para Travis, Jake, Kacey, Char, Beth e Jace —, parece que meu trabalho por aqui ainda não terminou.

Table of Contents

Rosto

Créditos

Sumário

Dedicatória

Nota da autora

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Epílogo

Document Outline

- [Rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Sumário](#)
- [Dedicatória](#)
- [Nota da autora](#)
- [Prólogo](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)

- [Capítulo 26](#)
- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 30](#)
- [Capítulo 31](#)
- [Capítulo 32](#)
- [Capítulo 33](#)
- [Capítulo 34](#)
- [Capítulo 35](#)
- [Capítulo 36](#)
- [Capítulo 37](#)
- [Capítulo 38](#)
- [Epílogo](#)